

Através  
do  
Sertão do Brasil

865



THEODORO ROOSEVELT

Através

do

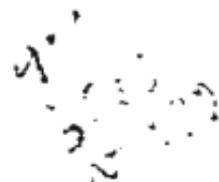
Sertão do Brasil

*Com ilustrações e fotografias de KERMIT  
ROOSEVELT e outros membros da expedição*

★

TRADUÇÃO DE  
CONRADO ERICHSEN

★



1944

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Bahia — Porto Alegre



## NOTA

*Não quis o destino que o tradutor de tão importante livro, para o nosso Brasil, visse o seu trabalho publicado.*

*É em sua memória que ora o fazemos imprimir.*

*São Paulo, 20/10/942.*

ERICO MIRÓ ERICHSEN  
Cap.



A

S. EXCIA. LAURO MÜLLER

Ministro das Relações Exteriores do Brasil e a seus colegas de governo

AO

CORONEL RONDON

Distinto official do Exército, homem de alta  
envergadura mental e moral, explorador intrépido

*e a seus auxiliares*

CAPITÃO AMILCAR, TENENTE LIRA, TENENTE MELO,  
TENENTE LAURIADO, Dr. CAJAZEIRAS, do Exército  
Brasileiro e EUSEBIO DE OLIVEIRA,

*nostros compañeros no trabalho científico e na  
expedição aos sertões*

ESTE LIVRO

*é dedicada com estima, consideração e afeto,*

peló seu amigo

THEODORO ROOSEVELT



## PREFACIO

**E**sta obra é o relato de um reconhecimento zoogeográfico feito através do *hinterland* brasileiro.

O título exato e oficial da expedição, foi o que lhe deu o governo brasileiro: Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Saí dos Estados Unidos com a intenção de organizar uma expedição especialmente destinada a estudos de mamalogia e ornitologia para o Museu Americano de Historia Natural, de Nova York. Ela foi empreendida sob os auspícios dos srs. Osborn e Chapman.

No corpo desta obra descrevo como o objetivo da expedição foi ampliado e como lhe foi dado um caráter geográfico paralelo ao de estudos zoológicos, em consequencia da amavel sugestão do Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Em sua forma assim modificada e ampliada, a expedição somente se tornou exequível mediante o generoso auxilio do governo brasileiro. Neste livro serão encontradas numerosas referencias aos companheiros da expedição, cujos serviços à ciencia me esforcei por focalizar, e aos quais dedicarei sempre a mais cordial amizade e consideração.

THEODORO ROOSEVELT

SAGAMORE HILL.

1 de Setembro de 1914.



## ÍNDICE

### CAPS.

I — A partida .....	15
II — Subindo o rio Paraguái .....	50
III — Uma caçada ao jaguar em Taquarí .....	74
IV — A cabeceira do Paraguái .....	106
V — Subindo o "rio das Antas".....	142
VI — Através do sertão bruto do altiplano ocidental do Brasil .....	176
VII — Através da região dos Nambicuaras .....	209
VIII — O rio da Dúvida .....	246
IX — Descendo um rio desconhecido em plena flo- resta equatorial .....	285
X — Rumo ao Amazonas e à Pátria — Resultados Zoológicos e geográficos da expedição .....	324

## APÊNDICE

A) O trabalho do zoólogo e do geógrafo de campo na América do Sul .....	347
B) Equipamento necessário para viajar no sertão sul- americano .....	362
C) Minha carta de 1.º de maio ao general Lauro Müller	389



## ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

O coronel Roosevelt, em companhia do coronel Rondon, junto a uma anta por ele caçada .....	148
A Cachoeira de Utiariti .....	202
Um grupo de Nambicuaras, encontrados no Juruea, satisfeitos por tornarem a ver o coronel Rondon, mostram-se muito dados e amistosos .....	220
A canoa do coronel Roosevelt e coronel Rondon na de- semhacadura do Rio Bandeira .....	250
Um leito de troncos de árvores deitadas era improvi- sado, através da mata, para conduzir as canoas	264
Os camaradas reunidos em torno do monumento erigido pelo coronel Rondon .....	334



## CAPITULO I

### A PARTIDA

CERTO dia, em 1908, ao findar meu mandato presidencial, o padre Zahn, sacerdote de minhas relações, veio procurar-me.

Fôramos camaradas por algum tempo; éramos, ambos, admiradores de Dante e gostávamos de historia e ciencias. Eu costumava recomendar aos teólogos o seu livro "Evolução e Dogma".

Natural de Ohio, aprendera as primeiras letras à velha maneira americana, numa pequena escola de madeira, onde, por sinal, era tambem aluno Januarius Aloysius MacGahan, mais tarde famoso correspondente de guerra e amigo de Skobeloff. O padre Zahn me contou que, já naquele tempo, MacGahan acrescentava à sua extremada intrepidez uma cavalheiresca simpatia pelos fracos; era sempre o defensor de qualquer menino maltratado por outro mais forte. Mais tarde o padre Zahn frequentou a Universidade de Notre Dame, em Indiana, juntamente com Mauricio Egan, que eu nomeei para ministro na Dinamarca, quando ocupei a presidencia.

Por ocasião de sua visita o padre Zahn acabava de regressar de uma viagem pelos Andes, havendo descido em seguida o Amazonas, e viera propor-me que, terminado o periodo presidencial, fôssemos juntos subir o Paraguai, atingindo os sertões da América do Sul. Naquella ocasião meu desejo era ir à Africa; e assim o assunto ficou de lado. Mas de vez em quando voltávamos

a tratar do assunto. Cinco anos depois, no verão de 1913, aceitei os convites que me foram dirigidos pelos governos do Brasil e Argentina, para pronunciar conferencias em determinadas associações desses países. Occorreu-me então que, em vez de fazer uma viagem convencional de turista, unicamente por mar, em torno da América do Sul, eu poderia vir para o norte, depois de acabar minhas conferencias, pelo centro do continente, até o vale do Amazonas. Resolvi escrever ao padre Zahm, revelando meus projetos. Antes, porem, queria avistar-me com os directores do Museu Americano de Historia Natural, de Nova York, para verificar se lhes interessaria eu levar comigo dois naturalistas ao interior do Brasil, e realizar, durante a viagem, coleta de espécimens para o Museu.

Escrevi a Frank Chapman, chefe da secção de ornitologia do Museu e aceitei seu convite para almoçar no Museu num determinado dia em começos de junho.

Além de varios naturalistas, também encontrei no almoço, com grande surpresa, o padre Zahm. Disse-lhe então que pretendia realizar a viagem à América do Sul. Também ele resolvera empreendê-la e fora procurar o sr. Chapman para ver se este podia recomendar um naturalista para acompanhá-lo. Desde logo declarou que iria comigo.

Chapman ficou muito satisfeito quando soube que nós pretendíamos subir o Paraguái e atravessar o sertão até o vale do Amazonas, porque grande parte da arca que teríamos de atravessar ainda não fora explorada com o fim de se obterem espécimes para coleções.

Entendeu-se com Henry Fairfield Osborn, presidente do Museu, que me escreveu dizendo que o Museu teria satisfação em comissionar, sob minha direcção, dois

naturalistas que Chapman escolheria com a minha aprovação.

Os homens que Chapman recomendou foram os srs. George K. Cherric e Leo Miller.

Aceitei-os com prazer. O primeiro teria de atender, sobretudo, à ornitologia e o segundo à manualogia da expedição, mas ambos deveriam auxiliar-se mutuamente.

Seria impossível encontrar dois homens melhores para uma expedição dessa natureza. Eram ambos veteranos das florestas tropicais americanas. O jovem Miller, natural de Indiana, era um naturalista entusiasta, e com aptidão literaria e científica. Achava-se, na ocasião, nas florestas da Guiana, e reuniu-se a nós em Barbados. Cherric, mais idoso, natural de Iowa, era então fazendeiro em Vermont. Tinha esposa e seis filhos. A senhora Cherric, acompanhara-o por dois ou tres anos, nos primeiros tempos de casados, em suas viagens de coleta pelo Orenoco. O segundo filho do casal nascera num acampamento duas centenas de millias distante de homens e mulheres brancos; e uma noite, poucas semanas depois, foram obrigados a abandonar o local onde pretendiam pernoitar, porque a criança estava impertinente, e com seu choro atraiu uma onça que se pôs a rondar o acampamento, ao escurecer, cada vez mais próximo, até que o casal julgou mais seguro voltar para o rio e procurar outro lugar para dormir.

Cherric passara cerca de vinte e dois anos colhendo materiais nos trópicos americanos. Tal como a maioria dos naturalistas de campo que tenho conhecido, era de um homem excepcionalmente destemido e eficiente: por vontade própria ou por força das circumstancias vira-se obrigado a mudar de profissão varias vezes, chegando a tomar parte em revoluções. Por duas vezes esteve preso em consequencia dessas atividades; passou tres meses no

cárcere de certo país sul-americano, esperando a cada momento de ser fuzilado. Em outro país, como interlúdio às suas ocupações ornitológicas, tomou o partido de um aventureiro político, levando dois anos e meio nessas atividades entrecortadas de imprevistos. O chefe revolucionário a cuja sorte ele se ligou subiu ao poder e Cherie immortalizou-lhe o nome dando-o a uma nova espécie de tordo papa-formigas — detalhe delicioso, por associar duas atividades que normalmente não podem viver juntas: a ornitologia e as guerrilhas.

Em Antonio Fiala, que fora explorador ártico, encontramos um homem excelente para cuidar da organização do equipamento e do embarque. Além dos seus quatro anos de região ártica, Fiala servira na esquadilha de Nova York em Porto Rico, durante a guerra com a Espanha, e nessa ocasião conheceu sua gentil esposa, que era do Tennessee. Ela veio com os quatro filhos do casal para as despedidas no cais. Meu secretário, o sr. Frank Harper, seguiu conosco. Jacob Sigg, que servira tres anos no exército dos Estados Unidos, e que era ao mesmo tempo enfermeiro e cozinheiro, com inclinação natural para aventuras, ia como assistente pessoal do padre Zahm. No sul do Brasil meu filho Kermitt reuniu-se a mim. Trabalhava na montagem de uma ponte, e dois meses antes, quando estava numa enorme viga de aço suspensa por um "derrick", este falseou e ele caiu com a ferragem sobre o leito de pedras. Escapou com duas costelas quebradas, dois dentes arrancados e um joelho em parte deslocado, mas virtualmente já estava restabelecido quando partiu conosco.

Em sua composição, a nossa expedição era tipicamente americana. Kermitt e eu éramos de velha cepa revolucionária, correndo em nossas veias um pouco de todas as espécies de sangue que existiam neste lado do

oceanic nos tempos coloniais. O pai de Cherrie nascera na Irlanda e sua mãe na Escócia; vieram muito moços para os Estados Unidos e seu pai serviu durante toda a guerra civil num regimento de cavalaria de Iowa. Sua mulher era de velha estirpe revolucionaria. O pai do padre Zahm era um imigrante alsaciano e sua mãe, filha de escocês e americana, descendia de uma sobrinha do general Braddock. O pai de Miller viera da Alemanha e sua mãe da França. Os pais de Fiala eram tchecos da Boemia. O pai servira quatro anos na guerra civil, no exército da União. Sua mulher, natural de Tennessee, descendia de revolucionarios. Harper era natural da Inglaterra e Sigg da Suíça. Eramos tão diferentes em matéria de credo religioso, quanto em origens étnicas. O padre Zahm e Miller eram católicos, Kermitt e Harper episcopais, Cherrie presbiteriano, Fiala batista, Sigg luterano, e, quanto a mim, pertencia à Igreja Protestante Holandesa.

Como armamento, os naturalistas levavam espingardas de dois canos calibre 16, das quais uma, a de Cherrie, tinha um terceiro cano, estriado, sob os outros dois. As armas de fogo para o resto da expedição foram fornecidas por Kermitt e por mim, inclusive a minha carabina Springfield, duas carabinas Winchester de Kermitt, uma de calibre 405 e 30-40, a espingarda Fox-calibre 12 e outra calibre 16 e dois revólveres, um Colt e um Smith and Wesson. Levamos de Nova York duas canoas de lona, barracas, mosquiteiros, bastante filó, inclusive redes para chapéus, e camas de vento e redes leves. Levamos cordas e roldanas que nos foram muito uteis em nossa viagem de canoa. Cada qual se vestiu segundo suas preferencias. Minhas roupas eram de pano caqui, como as que usei na Africa, com duas camisas de flanela do exército americano, e duas camisas de seda; um par de sapatos ferrados e perneiras e um

par de botas de couro, com atacadores, que me subiam até os joelhos. Os dois naturalistas me haviam prevenido de que convinha usar ou perneiras ou botas altas como proteção contra cobras; levei também luvas por causa dos pernilongos e mutucas. Pretendíamos, sempre que possível, alimentar-nos com o que pudéssemos encontrar, mas levamos algumas rações de emergência, das que se usam no exército, e também noventa latas, cada uma com provisões diárias para cinco homens, preparadas por Fiala.

O roteiro que me propunha percorrer só pode ser compreendido por quem tenha certo conhecimento da topografia sul-americana. A grande massa da cordilheira dos Andes estende-se por toda a extensão da costa ocidental, tão próxima do Pacífico, que nenhum rio importante nele desagua.

Os rios da América do Sul correm para o Atlântico. A extremidade meridional do continente, inclusive cerca de metade do território da República Argentina, é constituído, principalmente na zona temperada, de campos abertos. Ao norte desses campos e a leste dos Andes fica a grande extensão do continente sul-americano, que se inclui nas zonas tropical e sub-tropical. A maior parte desse território é brasileiro.

A exceção de certas áreas, relativamente pequenas, que são cortadas pelos rios costeiros, essa imensa região da América tropical e sub-tropical, é cortada pelos tres grandes sistemas potamográficos do Prata, do Amazonas e do Orenoco.

As bacias do Amazonas e do Orenoco ligam-se por uma especie de canal natural.

As cabeceiras dos afluentes do Paraguai, que vêm do norte, e dos afluentes do Amazonas, que vão do sul, são separadas por uma grande extensão de planalto, que para

o lado oriental se alonga formando o planalto central do Brasil. Geograficamente esta região é de formação muito antiga, tendo emergido das águas antes da aurora da época dos reptéis, ou, em verdade, antes de qualquer autêntico vertebrado terrestre ter aparecido sobre o globo. Esse platô é uma região em parte formada de campos abertos e saudáveis, embora secos e arenosos, e em parte de florestas. A grande baixada que é a bacia do Paraguai e que constitue o limite sul do grande planalto é vastíssima. E a bacia, ainda maior, do Amazonas, que constitue o limite norte do planalto central brasileiro, é a maior de todas as bacias fluviais do mundo.

Nas bacias, especialmente na do Amazonas, e daí até em muitos lugares ao norte, até o mar dos Caraíbas, existem as maiores áreas de florestas tropicais conhecidas. As florestas tropicais da África Ocidental e as da região mais remota da Índia, são as únicas que lhes podem ser comparadas. Numerosas têm sido as dificuldades a enfrentar na exploração dessas florestas; sob a ação de chuvas torrenciais e do calor escaldante o emaranhado da vegetação torna-se quasi impenetravel e os rios são de navegação muito difficil; os brancos sofrem ainda mais, em consequencia da praga dos insetos e das doenças mortais que a ciência moderna descobriu serem devidas, em grande parte, a mordidas de insetos. A fauna e a flora, entretanto, são de grande interesse. O museu americano interessava-se especialmente por coleções provenientes do divisor das cabeceiras do Paraguai e do Amazonas, e dos afluentes meridionais destes. Nosso objetivo era subir o Paraguai até onde fosse navegavel e daí atravessarmos para as nascentes de um dos afluentes do Amazonas; e, se possivel, descer por esse afluente em canoas fabricadas *in loco*. O Paraguai é regularmente navegavel até onde podem chegar as embarcações. O ponto de

partida para a expedição era Assunção, capital da Republica do Paraguái.

Meu plano exato de operações teria de ser, necessariamente, um tanto indefinido. Mas, chegando ao Rio de Janeiro, o ministro Lauro Müller, que com a maior gentileza manifestara grande interesse pessoal pela minha expedição, informou-me de que havia arranjado as cousas de modo que no alto Paraguái, na cidade matogrossense de Cáceres, eu me encontrasse com um coronel do exército brasileiro quasi indio pelo sangue.

O coronel Rondon tem sido durante um quarto de século o mais destemido explorador do *hinterland* brasileiro. Naquella ocasião estava em Manáus, mas seus subordinados se encontravam em Cáceres e foram avisados de nossa chegada.

Mais importante ainda foi o sr. Lauro Müller, que além de um eminente homem público, é também um espirito dotado de grande cultura, possuindo traços que me faziam lembrar John Hay, se propôs me auxiliar no sentido de dar à minha viagem muito maior alcance do que eu havia a principio planejado. Tomado de vivo interesse na exploração e desenvolvimento do interior do Brasil, convenceu-se de que minha expedição podia ser utilizada para difundir no estrangeiro um conhecimento mais geral do país. Declarou-me que cooperaria comigo de todas as maneiras, se eu quisesse chefiar uma expedição que, entrando pela area inexplorada do oeste de Mato Grosso, tentasse descer um rio que corria para rumo desconhecido mas que exploradores bem informados acreditavam ser um rio caudaloso inteiramente desconhecido pelos geógrafos. Pressuroso e satisfeito aceitei a proposta, pois senti que, com tal apoio, a expedição podia ter alto valor científico, e trazer uma contribuição consideravel ao conhecimento geográfico de uma das menos

conhecidas regiões da América do Sul. De acordo com o nosso entendimento, ficou assentado que o coronel Rondon e alguns de seus auxiliares me encontrariam em Corumbá ou em outro local rio abaixo, e que juntos tentariamos a descida do tal rio cujas cabeceiras eles já haviam atravessado.

Eu precisava viajar pelo Brasil, Uruguái, Argentina e Chile, durante seis semanas, afim de cumprir meus compromissos, fazendo conferencias. Fiala, Cherric, Miller e Sigg separaram-se de mim no Rio, prosseguindo para Buenos Aires no navio em que viéramos de Nova York. De Buenos Aires subiram o Paraguái, para Corumbá, onde me ficaram esperando. Os dois naturalistas seguiram na frente, afim de começarem a colheita de material; Fiala e Sigg viajaram com mais vagar, levando a bagagem pesada.

Antes de seguí-los presenciei um fato notavel sob o ponto de vista do naturalista e de possivel importancia para nós, em face da expedição que estávamos iniciando. A América do Sul, mais do que a Australia e a Africa, e quasi tanto como a India, é uma terra de serpentes venenosas. Como na India, embora em menores proporções, essas serpentes são causadoras de uma séria mortalidade. Uma das mais interessantes provas do progresso no Brasil é a instalação, em São Paulo, de um instituto especialmente destinado ao estudo das serpentes venenosas, de modo a serem obtidos antídotos para os venenos, e à criação dos inimigos das proprias serpentes.

Queríamos levar conosco, para o interior, alguns tubos do soro anti-oftídico, pois em tais excursões ha sempre certo perigo em consequencia das serpentes venenosas. Em umas de suas excursões Cherric perdera um camarada nativo, por mordida de serpente. O homem

fora mordido quando estava no mato, e, embora alcançasse o acampamento, o veneno já entrara em ação de tal modo, que não pôde dar conta, de modo inteligível, do que havia acontecido, e morreu logo em seguida.

As cobras venenosas pertencem a diferentes famílias, mas, de todas, as mais perigosas para o homem pertencem às duas grandes famílias das colubrinas e das víboras. A maioria das serpentes colubrinas são inteiramente inofensivas; são aquelas cobras comuns que encontramos por toda a parte; outras, porém, são as mais temíveis de todas. A única colubrina venenosa do Novo Mundo é a cobra-coral, do género *elaps*, que se encontra desde o extremo sul dos Estados Unidos, até o sul da Argentina.

A cobra coral não é agressiva e tem dentes minúsculos, insuficientes para penetrar sequer através da roupa comum. Só são perigosas se pisadas por alguém de pés descalços, ou se agarradas com a mão.

Existem serpentes inofensivas, muito semelhantes à coral nas cores, às vezes conservadas como animais domésticos. Mas quem usar tais mascotes deve estar sempre atento ao género a que pertencam.

A maior parte das serpentes venenosas da América, inclusive todas as que são realmente perigosas, pertencem a uma secção da disseminadíssima família das víboras, conhecida como a das víboras "buraqueiras". Na América do Sul elas abrangem duas famílias ou géneros diferentes — como quer que sejam denominadas: famílias, sub-famílias, ou géneros, tudo dependendo, penso eu, dos pontos de vista variáveis de cada classificador, sobre a nomenclatura herpetológica. Um género inclui as cascaveis, cuja variedade brasileira é tão perigosa quanto as do sul dos Estados Unidos. A grande maioria, porém, das espécies e indivíduos das serpentes perigosas da Amé-

rica tropical, estão compreendidas no gênero *Lachesis*; são serpentes ativas, perversas e agressivas, desprovidas de chocalho, e com veneno terrível. Algumas atingem grande tamanho, rivalizando com as maiores serpentes venenosas do mundo, como a cascavel-diamante da Flórida, uma das nambas africanas, e a hamadriada hindustânica, ou cobra comedora de serpentes. A ponta-de-lança, tão temida na Martinica e a igualmente perigosa rainha da mata, da Guiana, estão incluídas neste gênero. Uma dúzia de espécies é conhecida no Brasil, sendo a maior idêntica à rainha-da-mata, da Guiana e a mais comum, a jararaca, quasi idêntica à ponta-de-lança.

As serpentes desse gênero, como as cascaveis, as víboras e as áspides do Velho Mundo, possuem compridos dentes que injetam veneno, dentes esses que ferem através das roupas ou qualquer outra indumentaria humana, exceto o couro espesso. Além disso, são muito agressivas mais do que quaisquer outras serpentes do mundo, com exceção, talvez, de algumas cobras. Como, ainda por cima, são numerosas, constituem fonte de perigo realmente terrível para os homens escassamente vestidos que trabalham nos campos e matas, ou, que por qualquer motivo, ficam ao ar livre durante a noite.

O veneno das serpentes nocivas não é de tipo uniforme. Pelo contrario, as forças naturais — para usar um termo vago mas que é tão exato quanto o permitem nossos conhecimentos atuais — que desenvolveram em tantas famílias diferentes de serpentes aquelas presas que inculam a peçonha, atuaram de duas ou tres maneiras totalmente diferentes. Ao contrario das víboras, as serpentes venenosas colubrinhas, têm dentes pequenos, e seu veneno, embora geralmente seja ainda mais mortifero, produz efeitos inteiramente diferentes e deve sua letalidade a condições totalmente diversas. Mesmo den-

tro de um gênero especificado existem largas diferenças. Na jararaca, uma grande quantidade de veneno amarelo é injetado pelas longas presas do veneno; este veneno é secretado por volumosas glândulas que, entre as víboras, dão à cabeça sua forma peculiar, de ás de espadas. A cascavel produz em muito menor quantidade o seu veneno branco, mas ha compensação na qualidade, pois esse veneno branco é mais mortal. E' a grande quantidade de veneno injetado pelas longas presas da jararaca, da rainha-do-mato e seus similares, que torna geralmente fatal sua mordida. Além disso, mesmo entre esses dois gêneros de víboras as diferenças na ação do veneno são suficientemente acentuadas, de modo a serem facilmente reconhecíveis, e a tornar o mais eficiente soro anti-ofídico destinado a um, um pouco diferente do destinado ao outro. No entanto, são suficientemente semelhantes para tornar essa diferença, na prática, de pouca monta. O mesmo soro póde ser usado para neutralizar o efeito de qualquer dos dois venenos e, como adiante veremos, a serpente imune para uma qualidade de veneno também é imune para a outra.

O efeito do veneno das colubrinas venenosas é totalmente diferente do efeito do veneno da jararaca ou da cascavel, embora seja tão mortífero como aquele. O soro que serve como antídoto à ação do veneno da víbora "buraqueira" é virtualmente inútil contra o das colubrinas. O animal imune contra a mordida de uma das especies não o é contra a mordida da outra. A picada de uma colubrina venenosa é mais dolorosa em seus efeitos imediatos do que a picada de uma das grandes víboras. A vítima sofre mais. Produz maior efeito nos centros nervosos, mas menor inflamação da propria ferida; o sangue da vítima de uma cascavel coagula-se, ao passo que o da vítima de uma serpente elapina — isto é, de uma das

únicas colubrinas americanas venenosas — se torna aquoso e incapaz de coagulação.

As serpentes são altamente especializadas em todos os sentidos, inclusive quanto às suas presas. Algumas vivem exclusivamente de animais de sangue quente, mamíferos ou passaros. Outras se nutrem de batráquios, outras unicamente de lagartos, apenas umas poucas só de insetos. Raras espécies se alimentam exclusivamente de outras serpentes. Nestas se incluye uma formidabilíssima serpente venenosa, a hamadriada indiana ou cobra gigante, e varias serpentes não venenosas. Na África matei uma pequena cobra que tinha na barriga outra, poucas polegadas menor do que ela, mas, tanto quanto me foi dado observar, a principal alimentação das cobras africanas não consistia em serpentes.

As serpentes usam o veneno para matar sua vítima e tambem qualquer possível inimigo que as ameace. Algumas são de boa paz e só atacam se forem atacadas ou ficarem seriamente assustadas. Outras são excessivamente irritáveis e algumas vezes, embora raramente, atacam por sua própria iniciativa, mesmo sem provocação nem ameaça.

Ao chegar a S. Paulo, em nossa viagem do Rio a Montevideu, visitamos o "Instituto Soroterápico", destinado ao estudo dos efeitos dos venenos das serpentes do Brasil. Seu director, o dr. Vital Brasil, tem realizado uma grande obra; suas experiencias e investigações possuem, alem de alto valor para o Brasil, muitíssimo valor para a humanidade em geral, como finalmente ha de ser reconhecido. Não conheço instituto semelhante em parte alguma.

Instalado num belo edificio moderno, excelentemente provido de toda a especie de serpentes, vivas e mortas, com o objetivo de descobrir todas as proprie-

clades dos diversos venenos e de produzir soro anti-ofídico capaz de anular os efeitos dos diversos venenos. Por meio de demonstrações realizadas à vista do público procura-se transmitir a todos os ensinamentos adquiridos nos laboratórios. Resultados notáveis se têm verificado com a diminuição da mortalidade por mordidas de serpentes no Estado de S. Paulo. Em ligação com o Instituto, ao lado do laboratório, existe um amplo serpentário, no qual são conservadas numerosas serpentes venenosas e não venenosas comuns, e algumas das mais raras. O dr. Vital Brasil levou muito tempo trabalhando para descobrir se existem inimigos das serpentes venenosas em seu país e descobriu que o mais formidável inimigo das muitas serpentes perigosas brasileiras é uma cobra não venenosa, inteiramente inofensiva e pouco comum: a mussurana.

De todas as cousas interessantes que o dr. Vital Brasil nos mostrou, a mais curiosa, sem dúvida, foi a oportunidade de assistirmos à ação da mussurana sobre uma serpente venenosa. Começou o director do Instituto por mostrar espécimes de várias serpentes importantes, venenosas e inócuas, conservadas em alcohol. Em seguida exhibiu preparações das diferentes especies de venenos e dos diversos soros anti-ofídicos, presenteandonos com alguns tubos destes, para nosso uso na expedição. Ele conseguiu produzir dois tipos distintos de soro anti-ofídico, um para neutralizar a virulenta mordida da cascavel e outro para anular os efeitos dos venenos das outras serpentes do genero *lachesis*. Esses venenos são um tanto diferentes e além disso parece haver certa diversidade entre os venenos de diferentes especies de *lachesis*; em alguns casos o veneno é quasi incolor e em outros, como no da jararaca, cujo veneno tive oportunidade de ver, é amarelo.

Mas, entre os venenos das víboras e os das serpentes colubrinas, como por exemplo a coral, a diferença é fundamental. Até agora o dr. Vital Brasil não conseguiu preparar um soro capaz de neutralizar o veneno dessas serpentes colubrinas. Praticamente isto é assunto sem importancia no Brasil, porque as corais brasileiras somente são perigosas quando encolerizadas por quem, com a pele à mostra, fique exposto à mordida. Os numerosos accidentes e casos fatais que ocorrem continuamente no Brasil são quasi sempre causados pelas mordidas das varias especies de *Lachesis* e da única especie de cascavel ali existente.

Finalmente, o dr. Vital Brasil, levou-nos à sala de conferencias para mostrar como orientava suas experiencias. As varias serpentes estavam em caixas, a um lado da sala, sob a guarda de um assistente impassivel, que lidava com elas, com a mesma calma, a mesma ausencia de medo com que procedia o proprio doutor.

As venenosas eram tiradas para fora, por meio de um gancho de aço, de cabo comprido. Para isso, basta passar o gancho por baixo da serpente e levantá-la no ar, onde fica incapacitada não só de fugir como de dar o bote, pois só pode fazê-lo enrodilhando-se para obter o apoio necessario ao impulso. A mesa, sobre a qual as serpentes são colocadas, é bastante larga e polida, em nada diferente de uma mesa comum.

Eramos um grupo um tanto numeroso na sala, incluindo dois ou tres fotógrafos. O dr. Vital Brasil colocou primeiro sobre a mesa uma serpente colubrina não venenosa, muito poderosa e agressiva. Dava befes a torto e a direito, procurando atingir-nos. Então o dr. Vital Brasil agarrou-a, abriu-lhe a boca, mostrando que não tinha presas, e deu-ma para pegar. Também lhe abri a boca, examinei-lhe os dentes e larguei-a; em seguida, mos-

trando-se muito irritada, por duas ou tres vezes procurou picar-me. Com a sua atividade, essa serpente é quasi tão aggressiva como as mais irritaveis das cobras venenosas. Ainda assim, é inteiramente inocua. Um dos numerosos misterios da natureza que ainda são atualmente insolúveis é o fato de algumas serpentes serem aggressivas e outras tão plácidas e mansas.

Depois de retirar a serpente brava e inocua, o doutor recomendou que nos afastássemos da mesa e seu assistente depôs sobre ela, sucessivamente, uma *lachesis* muito grande, do gênero das rainhas-da-mata, chamada coatiara, e uma grande cascavel. Cada uma delas se enrodilhou, formidável e ameaçadora, pronta a atacar a quem se aproximasse. Então o auxiliar baixou destramente o gancho de aço sobre o pescoço de uma, e depois sobre o da outra — agarrou-as exatamente por trás do pescoço — e levou-as para o dr. Vital Brasil. As bocas de ambas foram escancaradas e as suas grandes presas ficaram erectas e bem visiveis.

Não seria possível manter nessa posição uma cobra *pescoço de anel* africana, porque ela esguicharia o veneno através das presas nos olhos das pessoas presentes.

Naquele caso, porem, não havia tal perigo, e o doutor introduziu uma proveta rasa na boca da cobra, atrás das presas, deixou-a expelir o veneno e ele mesmo espremeu o resto contido nas bolsas de veneno, através das presas. Da grande *lachesis* saiu grande quantidade de veneno amarelo, líquido, que rapidamente se tornou em numerosos e pequenissimos cristais. A cascavel forneceu muito menor quantidade de um veneno branco, que o dr. Vital Brasil afirmou ser muito mais ativo do que o veneno amarelo da *lachesis*. As serpentes foram em seguida devolvidas às suas caixas, sem serem mais molestadas. Em seguida o doutor trouxe uma caixa e mostrou uma elegante

e bonita serpente quasi preta, individuo da especie denominada mussurana. A meu ver, é talvez a serpente mais interessante do mundo. É uma grande cobra de mais de um metro de comprimento, às vezes maior ainda, quasi preta, mais clara na barriga, dotada de um natural plácido e pacato. Vive exclusivamente de outras cobras e é completamente imune ao veneno dos grupos das lachesis e das cascaveis, que compreendem todas as serpentes realmente perigosas da América.

O dr. Brasil contou-me que tinha feito muitas experiencias com aquella interessante serpente. Não é muito comum e prefere lugares humidos para viver. Põe ovos e a femea fica enrodilhada sobre eles — não para aquecê-los, ao que parece, mas com o fim de evitar evaporação excessiva. Não come quando muda a casca, nem no inverno. Exceto em tais occasiões, necessita comer uma cobra pequena em cada cinco ou seis dias e uma grande por quinzena.

Há profunda diferença tanto entre as serpentes venenosas como entre as não venenosas, não só quanto à excitabilidade e irascibilidade, como em relação à capacidade de se adaptarem a um meio estranho. Muitas especies de cobras não venenosas, inteiramente innocuas para o homem ou para qualquer outro animal, exceto para suas pequenas victimas, são aggressivas e truculentas, procurando picar a torto e a direito, à menor provocação — era o caso da especie cujo espécime o doutor tinha posto anteriormente sobre a mesa. Alem disso, muitas cobras, algumas venenosas, outras innocuas, são tão agitadas e assustadiças, que só com muita difficuldade se pode conseguir que se alimentem; a menor perturbação ou interferencia impedirá que o façam. Ha outras cobras, das quais a mussurana é talvez o melhor exemplo, que são prisioneiras doces e ao

mesmo tempo muito mansas, completamente indiferentes a serem observadas ou seguradas enquanto se alimentam.

Existe nos Estados Unidos uma cobra bonita e atraente, a cobra-rei, com hábitos muito semelhantes aos da mussurana. É amistosa para com a espécie humana, não tem veneno, de modo que se pode facilmente lidar com ela. Alimenta-se de outras serpentes e mata uma cascavel tão grande quanto ela mesma, sendo imune ao veneno dela. O sr. Ditmars, do Jardim Zoológico de Bronx, tem feito numerosas experiências com essas cobras-reis. Eu mesmo as tive em minhas mãos. São mansas e geralmente pode-se lidar com elas impunemente; mas sei que elas picam, ao passo que o dr. Brasil me informou que é quasi impossível uma mussurana picar um homem. A cobra-rei se alimenta gulosamente de outras serpentes em presença do homem — tive ciência de um caso em que uma quasi enguliu outra cobra quando ambas estavam no bolso de um menino. É imune ao veneno das víboras, mas não imune ao das colubrinas. Ha dois anos fui informado de que uma dessas cobras-reis foi posta em um recinto fechado, com uma serpente indiana comedora de cobras, hamadriada, quasi do seu tamanho. A primeira matou a hamadriada, mas não mostrou desejo de a engulir e em breve sentiu os efeitos do veneno da colubrina. Acredito que depois morreu, mas infelizmente perdi minhas notas sobre o caso e não posso agora rememorar pormenores do incidente.

O dr. Brasil me afirmou que a mussurana, tal como a cobra-rei, não era imune ao veneno das colubrinas. Uma de suas mussuranas que havia matado e comido varias cascaveis e representantes do genero lachesis, tambem matou uma coral venenosa, mas logo depois morreu em consequencia do veneno desta. Um dos enigmas da natureza é este fato das serpentes americanas que matam cobras venenosas serem imunes ao veneno das mais perigosas ser-

pentas americanas venenosas — as víboras, e não o serem ao veneno das corais, que existem comumente nos lugares em que vivem. Ainda assim, a julgar pelo caso citado por Vital Brasil, elas atacam e dominam as corais, embora, no fim, a luta lhes acarrete a morte. Seria interessante verificar se esse ataque foi excepcional, isto é, se a mussurana, como espécie, aprendeu ou não a evitar a coral. No caso de não ser o ataque excepcional, o fato seria não só muito curioso por si mesmo, como também explicaria plenamente porque a mussurana não se torna abundante. Para aqueles que não estejam a par do assunto, mencionarei que o veneno de uma serpente venenosa não é perigoso para sua própria espécie, a menos que seja injetado em altíssima dose, cerca de dez vezes a que seria injetada em uma picada; mas é mortal para todas as outras serpentes, venenosas ou não, salvo com relação às poucas espécies que comem serpentes venenosas. A hamadriada indiana, ou cobra gigante, é exclusivamente devoradora de serpentes. Evidentemente ela distingue as cobras venenosas das que não o são, pois o sr. Ditmars referiu que, no Jardim Zoológico de Bronx, dois exemplares habitualmente alimentados com serpentes não venenosas, e que valentemente as atacavam recusaram-se a atacar uma cabeça-de-cobre, lançada à sua gaiola, atemorizados, evidentemente, por essa víbora. Seria interessante verificar se a hamadriada se recusa a caçar todas as víboras, e também a sua parenta, a cobra verdadeira, porque pode bem ser que, mesmo não imune ao veneno das víboras, seja imune ao da sua próxima parenta.

Esses e muitos outros problemas seriam resolvidos pelo dr. Brasil, se ele tivesse oportunidade de os estudar.

Devenos lembrar, ademais, que seus estudos são, não somente de eminente valia sob o ponto de vista puramente científico, como também são de real valor prático.

Ele está agora reunindo e criando mussuranas. A caça favorita da mussurana é a mais comum e mais perigosa serpente do Brasil — a jararaca, conhecida na Martinica como *fer-de-lance*. Em toda a Martinica essa serpente é objeto de terror, pois chega a constituir, às vezes, verdadeira praga. Seguramente valeria a pena as autoridades da Martinica importarem espécime da mussurana para aquela ilha. A mortalidade por mordidas de cobras, na Índia Britânica, é muito elevada. Por certo valeria a pena que o eficiente Governo da Índia imitasse o Brasil e criasse instituto semelhante àquele de que o dr. Vital Brasil é o diretor.

À primeira vista parece extraordinário que ofídios venenosos, tão temidos por muitos animais, para os quais são irresistíveis, sejam tão completamente vulneráveis para as poucas criaturas que lhes dão caça. A explicação é fácil. Qualquer criatura altamente especializada, quanto mais acentuada for sua especialização, fica sujeita a se tornar proporcionalmente vulnerável, uma vez que seus processos peculiares especializados sejam efetivamente anulados por um adversário. Evidentemente é o que sucede às mais terríveis cobras venenosas, nas quais uma especialização de recursos defensivos e ofensivos foi levada ao mais alto ponto. Elas confiam, para o ataque e a defesa, unicamente em suas presas envenenadas. Todos os outros meios e métodos de ataque e defesa se atrofiaram. Não esmagam nem dilaceram com os dentes nem constringem com o corpo. Os dentes do veneno são finos e delicados; tirante a ação do veneno, os ferimentos que produzem são de caráter trivial. Em consequência, ficam inteiramente indefesas em face de qualquer animal ao qual o veneno não afete. Existem vários mamíferos imunes à picada de cobras, incluindo-se várias espécies de ouriços, porcos e mangustos. Os mamíferos que as ma-

trm fazem-no caindo sobre elas de surpresa, ou evitando seus botes por meio de simples rapidez de movimento; provavelmente é este o caso de muitas aves que comem cobras. O mangusto é muito agil, mas em alguns casos, pelo menos — mencionei um no livro "Carreiros de Caça Africanos" — deixa-se picar por cobras venenosas, com inteira indiferença pela mordida. Deviam ser feitas experiencias demoradas para verificar se o mangusto é imune tanto aos venenos das víboras como ao das colubrinas. O ouriço, como está verificado por experiencias atuais, não dá a menor importancia ao veneno das víboras, ainda quando picado em partes moles como a lingua e aos labios, e come a cobra como se fosse rabanete. Até mesmo entre os animais não imunes ao veneno as diversas especies são muito diversamente afetadas pelos diferentes tipos de venenos ofídicos. Não só algumas especies são mais resistentes do que outras a todos os venenos, como também existe grande variação no grau de immuidade que cada uma evidencia para um dado veneno qualquer. Uma especie pode morrer rapidamente sob a ação do veneno de um tipo de serpente e ser perfeitamente resistente ao veneno de outro tipo, ao passo que em outras especies as condições podem ser completamente inversas.

A mussurana que o dr. Brasil me entregara era um belo espécime, medindo, talvez, um metro e quarenta de comprimento. Tomei em minhas mãos o corpo liso e flexivel da cobra e deixei que ela se enrolasse de modo a ficar à vontade em meus braços; ela deslisou de um lado para outro, em todo o comprimento, com a graça sinuosa de sua especie, e não mostrou o mais leve sinal, quer de medo, quer de irritação. Enquanto isso, o dr. Brasil mandou trazer para a mesa uma grande jararaca, ou pontade-lança, talvez quasi de um metro e vinte e dois centímetros — cerca de vinte centímetros menor do que a mussu-

rana. Esta, que eu continuava a suster em meus braços, comportou-se com amistosa e impassível indiferença, movendo-se facilmente de um para outro lado, em minhas mãos, escondendo uma ou duas vezes a cabeça debaixo da manga de meu paletó. O dr. Vital Brasil não estava muito seguro do modo como a mussurana se portaria, pois esta havia comido recentemente uma pequena cobra e, a menos que sinta fome, não dá a menor atenção às cobras venenosas, ainda quando estas a atacam e mordem. Apesar disso, ela mostrou bom apetite.

A jararaca estava alerta e zangada. Parcialmente enroscada sobre a mesa, ameaçava as pessoas presentes. Eu larguei a grande cobra negra sobre a mesa, metro e vinte e metro e meio distante da inimiga e virada em sua direção. Assim que a larguei ela deslisou para o lugar onde ameaçadora, de aspecto terrífico, a ponta-de-lança estava semi-enroscada. A mussurana não mostrou o menor sinal de excitação. Ao que parecia, confiava pouco em sua vista, pois começou correndo a cabeça ao longo do corpo da jararaca, projetando a língua vibrátil, para tactear sua posição exata, enquanto rastejava para o lado da cabeça de sua antagonista. Seus atos eram tão placidos que a principio não supúz que ela pretendesse atacar, pois não dava a menor demonstração de raiva ou excitação.

Foi a jararaca que iniciou o combate. Não mostrava o menor receio do inimigo, mas sua tèmpera irritadiza foi despertada pela proximidade e pelo contacto da outra. Instantaneamente recuou a cabeça e atirou o bote, enteriundo as presas na parte dianteira do corpo da mussurana. Imediatamente esta retribuiu o bote. O contra-ataque foi tão súbito que era difficil ver exatamente o que tinha acontecido. A jararaca debatia-se e lutava tremendamente. Então, levantando o novelo constituído pelas duas serpentes enroscadas, vi que a mussurana tinha abocanhado

a jararaca pela queixada inferior, metendo inteiramente a cabeça na fauce escancarada da cobra venenosa. As longas presas da vítima estavam exatamente acima da cabeça da mussurana. Parecia, tanto quanto me foi dado ver, que mais uma vez se enterraram na última, mas sem o menor efeito. Então as presas venenosas foram recolhidas para a queixada, fato que particularmente notei, e a cobra venenosa desistiu de qualquer esforço ofensivo.

Enquanto isso, a mussurana apertava firme, e gradualmente, pouco a pouco, ia mudando a mordida de posição, até que apanhou o alto da cabeça da jararaca em sua boca, ficando a queixada desta torcida para um lado.

A serpente venenosa estava dominada; o monstro terrível para a bicharada do nato, o mortal inimigo da espécie humana, estava por sua vez nas garras da morte. Seus olhos frios e iristes de serpente brilhavam com a maldade de sempre. Mas estava morrendo. Em vão se debatia e lutava.

Uma ou duas vezes a mussurana passou uma volta no meio do corpo da adversaria, mas não parecia apertar muito; aparentemente utilizava estas voltas para obter maior firmeza no esmagamento da cabeça da antagonista, ou para manter esta imóvel. O esmagamento era feito pelos dentes. Dava botes sucessivos com tanta força, que os músculos lhe saltavam no pescoço.

Em seguida ela deu duas voltas no pescoço da jararaca e tentou, deliberadamente, quebrar-lhe a espinha, torcendo-lhe a cabeça. Com este objetivo, virou a cabeça e pescoço de modo que a parte mais clara ficou para cima; em certo momento parecia ter dado volta completa, em espiral, com seu próprio corpo. Não afrouxava por um momento sequer a mordida, senão para mudar ligeiramente a posição da garganta. Em poucos minutos a jararaca estava morta, de cabeça esmagada, embora o corpo continuasse a se mover convulsivamente.

Quando verificou que a adversaria estava morta, mussurana começou a esforçar-se para a engulir pela cabeça. Foi um processo um tanto difícil, por causa do ângulo em que pendia a queixada da jararaca. Finalmente a cabeça foi abocanhada e engulida. Depois disso, a mussurana continuou calmamente, mas com inalterada rapidez a engulir a sua adversaria, pelo simples processo de rojar-se avançando por fora do corpo desta que continuava a contorcer-se e debater-se até o fim. Durante a primeira parte do repasto, a mussurana fez cessar essas contorções descansando o peso de seu proprio corpo sobre o de sua presa; mas, para o fim, o resto do corpo que ficou para fora se podia torcer à vontade.

A mussurana mostrava não somente total indiferença pela nossa presença, como também ao fato de a tocarem enquanto a refeição progredia. Varias vezes empurrei os combatentes para o incio da mesa quando tinham rolado para a beirada, e, finalmente, quando os fotógrafos viram que não podiam obter boas poses, mantive a mussurana contra um fundo branco, com a jararaca parcialmente engulida na boca: e o banquete continuou sem interrupção. Nunca vi mais frio ou mais despreocupado proceder; e a facilidade e segurança com que a terrível serpente venenosa foi dominada, inspirou-me o mais cordial respeito e simpatia pela serpente docil, mansa e muitíssimo eficiente que eu havia tido em meus braços.

Nossa excursão não tinha o carater de expedição científica. Antes de iniciar a expedição propriamente dita, enquanto viajava pela Argentina, obtive certas informações de primeira mão que merecem citação, concernentes à historia natural da onça e do puma. Os detalhes sobre a onça não constituem novidade, embora sejam interessantes; mas as informações sobre o comportamento do puma

em uma região da Patagonia eram de grande interesse, porque revelavam um aspecto inteiramente novo de seu modo de proceder.

Viajava comigo naquela ocasião o dr. Francisco P. Moreno, de Buenos Aires. O dr. Moreno, atualmente membro da Direção Nacional do Ensino da Argentina, é homem que tem trabalhado por todos os meios em benefício de sua patria, especialmente, talvez, das crianças; por isso, quando me foi apresentado, o foi como o "Jacob Riis da Argentina", porque sabiam de minha profunda e afetuosa intimidade com Jacob Riis. É também eminente homem de ciencia, autor de uma obra admiravel como geógrafo e geólogo. Em certa época trabalhou durante anos na Patagonia, em comissão para a demarcação das fronteiras entre a Argentina e o Chile. Foi autor da extraordinaria descoberta, numa caverna da Patagonia, dos fragmentos da pele e outros restos do milodonte, do singular cavallo conhecido como *nohipidium*, do enorme tigre sul-americano e do *macrauchenia*, todos esses animais extintos.

Esta descoberta veio mostrar que alguns dos representantes estranhos da gigantesca fauna sul-americana do pleistoceno haviam persistido até relativamente poucos milhares de anos, até ao tempo em que o homem existia no continente tal como os espanhóis o encontraram.

Incidentemente, a descoberta contribuiu para provar que esta fauna perdurou na America do Sul por muito maior tempo do que faunas semelhantes em outras partes do mundo; portanto, contribuiu para contrariar os juizos formulados pelo dr. Ameghino sobre a extrema antiguidade geológica daquela fauna e do homem no continente americano.

Certo dia, o dr. Moreno trouxe-me um exemplar do "The Outlook" contendo uma descrição feita por mim de

uma caçada no Arizona, dizendo-me ter notado que eu parecia não acreditar muito que o cuguar atacasse o homem, embora declarasse explicitamente que tais ataques algumas vezes ocorriam.

Sim, disse-lhe eu, pois eu havia verificado que o cuguar era virtualmente inofensivo para o homem, sendo tão excepcionais os seus ataques autenticamente indubitáveis que podiam ser considerados como nulos. Em seguida mostrou-me o dr. Moreno uma cicatriz no rosto, e contou que ele proprio fora atacado e bastante maltratado por um puma que, indubitavelmente, procurava devorá-lo, demonstrando assim ter iniciado a carreira de comedora de gente. Esse fato era para mim de grande interesse.

Muitas vezes encontrara pessoas conhecedoras de outras que tinham ouvido individuos contar haverem sido atacados por pumas; mas era aquella a primeira em que eu encontrava um homem que fora, ele proprio, atacado. O dr. Moreno, como eu disse, alem de cidadão eminente, é tambem um eminente homem de ciência, e o seu relato sobre o ocorrido é, sem duvida, uma perfeita exposição dos fatos. Dou-a exatamente como ele contou, parafraseando uma carta que me enviou e incluindo uma ou duas respostas a perguntas que lhe dirigí. Relatou-me incidentemente que havia conhecido o sr. Hudson, autor d' "O Naturalista no Prata" e que este absolutamente nada conhecia de experiencia propria, sobre pumas, accitando como fatos coisas que não passavam de fábulas sertanejas.

Sem dúvida, disse-me ele, o puma na América do Sul, como na do Norte, é geralmente um animal que, além de nunca atacar o homem, raramente emprega defesa eficiente quando atacado. Os caçadores indios e brancos não lhe temem a presença, e sua inofensividade

para o homem era proverbial. Mas existe uma zona no sul da Patagonia onde os cuguares, como sabia o dr. Moreno por experiencia pessoal, têm sido, durante anos, perigosos inimigos do homem. Esta curiosa modificação local de hábitos, seja dito de passagem, tem precedentes no que se refere aos animais selvagens. Em trechos de seu campo de ação, segundo informações do sr. Lord Smith, o tigre asiático difficilmente pode ser compelido a lutar com o homem, e nunca o devora, ao passo que em grande parte daquele campo é animal perigosíssimo, e muitas vezes se converte em comedor de gente. Do mesmo modo, tambem existem aguas onde o tubarão é comedor de homens e outras onde ele nunca lhes toca; e ha rios e lagos onde os crocodilos ou jacarés são muito perigosos e outros em que são virtualmente inofensivos — como tive occasião de verificar na África.

Em março de 1877, o dr. Moreno, com um grupo de homens que trabalhavam na comissão de limites e alguns indios cavaleiros da Patagonia, estava acampado por algumas semanas junto ao lago Viedma, que havia um seculo não era visitado por homens brancos e raramente o era pelos proprios indios. Certa madrugada, pouco antes do nascer do sol, ele deixou o acampamento, pela praia sul do lago, a fim de fazer um esboço topográfico deste. Estava desarmado, mas levava uma bússola prismática num estojo de couro com a'ça. Fazia frio e ele agasalhou o pescoço e a cabeça com o poncho de couro de guanaco. Tinha andado algumas centenas de metros quando um puma saltou em cima dele, por trás, derrubando-o. Ao pular, procurou alcançar-lhe a cabeça com uma pata, e feriu-o no ombro com a outra. Rasgou-lhe a boca e as costas, mas caiu de cambalhada com ele, e, com a violencia da queda, separaram-se antes que ele pudesse cravar-lhe os dentes. O dr. Moreno se pôs de pé,

e, segundo refere, precisava pensar rapidamente. O puma também se erguera e, sentado sobre os quartos traseiros, como um gato, olhando para ele, agachava-se para novo pulo. Enquanto isso ele desembrulhou o poncho, e, quando o animal saltou, ele abriu-o e em seguida bateu-lhe na cabeça com a caixa da bússola segura pela a'ça. O puma ficou evidentemente surpreso com o poncho, pois, virando-se, foi ficar de um lado, sob um arbusto, para tentar atacá-lo por trás. O dr. Moreno enfrentou-o, encarando-o sempre, andando às arrecuas. A fera seguiu-o por espaço de trezentos ou quatrocentos metros. Duas vezes, pelo menos, a fera avançou para atacá-lo, mas, cada vez que ele abria o poncho e gritava, ele, no último momento, recuava. Frequentemente ele tentou obter vantagem com os acidentes do terreno, esgueirando-se para o lado ou por trás dele para atacá-lo. Finalmente, quando se aproximava do acampamento, o puma abandonou a perseguição e entrou numa moita de arbustos. O doutor deu o alarma; um índio veio a galope e ateou fogo na moita do lado para onde soprava o vento. Quando o puma saiu de entre os arbustos, o índio correu atrás dele e atirou-lhe o laço de boias, que se lhe enrolou nas pernas traseiras; enquanto ele esperneava para se libertar, o índio, com o seu segundo laço de bolas, acabou de subjugá-lo. Os ferimentos do explorador eram mais dolorosos do que graves.

Vinte e um anos depois, em abril de 1898, o dr. Moreno se achava acampado junto do mesmo lago, mas na praia do norte, ao pé de um penhasco basáltico. Estava em companhia de quatro soldados, com os quais viera do estreito de Magalhães. Durante a noite foi acordado pelos gritos de um homem e pelos latidos de cães. Quando os homens, sobressaltados, despertaram, viram um grande puma saltar fora da zona iluminada pelo fogo e mergu-

lhar na escuridão. Tinha saltado sobre um soldado de nome Marcelino Huquen, enquanto este dormia, e tentara arrastá-lo. Por sorte, o homem estava tão enrolado nos cobertores, por causa do frio da noite, que não ficou ferido. O puma não foi encontrado, por isso não o puderam matar.

Na mesma ocasião, certo agrimensor da turma do dr. Moreno, um sueco chamado Arneberg, foi atacado de modo semelhante. O chefe não estava com ele no momento, Arneberg dormia no mato, próximo ao lago San Martin. O cuguar não só o mordeu, como enterrou-lhe as garras, rasgando-lhe a boca e arrancando-lhe tres dentes. O homem foi socorrido, mas esse puma também escapou. O dr. Moreno verificou que nessa zona os índios que, em qualquer outra região não davam atenção ao puma, não permitiam que suas mulheres saíssem à cata de lenha, a menos que fossem duas ou tres juntas. E isso porque, em varias ocasiões, mulheres sozinhas foram mortas pelos pumas. Evidentemente, naquela região, o hábito de comer seres humanos, a principio ocasional, se tornou crônico para uma especie que em outra qualquer parte é a mais covarde e, para o homem, a menos perigosa dentre todas as especies de grandes felinos.

Estas observações do dr. Moreno têm muito valor, porque tanto quanto me é dado saber constituem o primeiro relato verídico de um ataque do cuguar ao homem, salvo em casos de tão excepcionais circunstancias, que torneem o ataque de significação pouco superior ao de occurrencias similares, também excepcionais, de ataques por varias outras especies de animais selvagens normalmente não perigosos para a nossa especie.

O jaguar, por sua parte, de ha muito é conhecido como perigoso inimigo, não só quando atacado, como também por se tornar, às vezes, comedor de gente. Conse-

quentemente, as occurências de semelhantes ataques que me foram relatados, são meramente de valor corroborante.

No excelente Jardim Zoológico de Buenos Aires, o diretor, dr. Onelli, naturalista notável, mostrou-nos um grande jaguar macho que tinha sido apanhado no Chaco, onde já havia iniciado carreira de comedor de gente, matando tres pessoas. Duas destas foram devoradas e o animal foi apanhado em consequencia do alarme levantado pela morte de sua terceira vítima. Era um jaguar muito feroz, ao passo que um jaguar novo, que estava em uma gaiola com um tigre também novo, se mostrava brincalhão e tratável, o mesmo acontecendo com o tigre. O official argentino Vicente Montes, que me acompanhou na visita ao Museu de La Plata, relatou-me um episodio succedido durante sua estada no rio Paraná, entre a Argentina e Brasil. Havia provisão de carne seca no acampamento. Por diversas vezes, um jaguar entrara no acampamento à procura dessa carne. Finalmente, conseguiram escondê-la de modo que o jaguar não pudesse alcançá-la. O resultado foi desastroso. Em nova visita ao acampamento, à meia noite, ele agarrou um homem. Todos dormiam e o jaguar veio tão cauteloso que iludiu a vigilancia dos cães. Sentindo-se agarrado, o homem gritou, mas teve morte immediata; o jaguar enterrara-lhe no cranio suas presas possantes. Seguiu-se uma cena de confusão e de gritos. O jaguar foi forçado a largar a presa e a fugir para o mato. Na manhã seguinte perseguiram-no com a ajuda dos cães, conseguindo finalmente matá-lo. Era um macho grande, de estampa magnífica. O único pormenor que merece atenção, nestes dois incidentes, é que em ambos o comedor de gente era um animal possante, em plena juventude, ao passo que frequentemente acontece que os jaguares que se tornam comedores de gente são

animais velhos, já inativos ou enfraquecidos, incapazes de apresar suas vítimas usuais.

Durante os dois meses anteriores à partida de Assunção para nossa expedição ao interior, estive tão ocupado que me era escasso o tempo para pensar em história natural. Mas, numa terra estranha, quem se interessa por pássaros e animais selvagens, sempre se vê e ouve alguma coisa nova e interessante. Nas densas matas tropicais, próximas do Rio de Janeiro, ouvi em fins de outubro — primavera nas proximidades do trópico de Capricornio — cantos de muitos pássaros que não pude identificar. A mais bela música, porém, era a de um arisco sabiá do mato, de cor escura, que vive próximo ao solo, na mata densa, mas canta alto entre os ramos. A grande distancia podíamos ouvir um som de campainha, musical, prolongado, de doçura penetrante, que ocorre a espaços no canto; mas, quando me aproximei do cantor, verifiquei que aquelas notas que soavam até longe apareciam disseminadas num canto continuo de grande melodia. Nunca ouvi outro canto que mais me impressionasse. Em diversos pontos da Argentina vi e ouvi o xexéu argentino, que não difere muito do nosso e é também um delicioso e notavel cantor. Mas nunca ouvi o admiravel xexéu de lista branca, considerado por Hudson, que bem conhecia os pássaros, tanto da América do Sul como da Europa, o rei dos cantores, entre todos os demais.

A maior parte das aves que notei enquanto passava apressado pela região, eram, está claro, as de mais viva coloração. Os quero-queros de esporas, as grandes, mansas, gaivotas, em toda parte eram vistos; são muito ativos e barulhentos, tão curiosos quanto atrevidos e têm um habito muito curioso de dançar. Ninguém precisa procurá-los; eles nos procurarão; e, quando nos encontram apre-

goam ruidosamente o achado para o mundo inteiro. Nos banhados do baixo Paraná vi bandos de chupins de cabeça vermelha no tope dos juncaes; as fêmeas são tão notavelmente coloridas quanto os machos; sua plumagem, de um negro profundo e cabeça vermelha brilhante, torna impossível passarem inobservadas no seu habitat. Nos campos ocidentais vi bandos dos belos estorninhos de peito rosado. Diferentes dos chupins, de cabeça vermelha, que pareciam ousadamente e atraíam a atenção, esses estorninhos procuravam escapar à observação deitando-se no solo, de modo a ficar escondido seu peito vermelho. Havia chupins de brejo, de asa amarela, nos alagadiços e abundavam os pintassilgos.

Os pássaros mais vistosos que eu vi, eram, na maioria, membros da família dos tiranos papa-moscas, dos quais o nosso proprio pássaro-rei é o exemplo mais comum. Essa família é abundantemente representada na Argentina, tanto em especies como em individuos. Algumas especies são tão notaveis, em colorido e em habitos, que atraem a atenção até mesmo dos indiferentes. O menos vistoso, e, não obstante isso, muito vistoso dentre os que observei, foi o bentevi, que é pardo nas costas, amarelo por baixo e com uma cabeça fortemente marcada de branco e preto, com uma crista amarela. É muito ruidoso, encontradiço na vizinhança das habitações, e constrói um grande ninho em forma de bola. É realmente um grande e pesado pássaro-rei mais ferroz e possante do que qualquer pássaro-rei do hemisferio septentrional. Eu os vi atacarem não só os pequenos como os grandes gaviões, valentemente, obrigando-os a fugir em vôo de mergulho. Não só apanham insetos, como também preiam ratos, pererecas, lagartixas, e pequenas cobras, depredam os ninhos furtando os filhotes e caçam girinos e também peixes miudos.

Observei dois tiranos semelhantes e outros dois com os quais fiquei familiarizado no Texas. A tesoura é comum através da região escampa, e as longas plumas da cauda, que às vezes parecem atrapalhar-lhe o vôo, chamam a atenção do viajante, quer esteja voando, quer pousado numa árvore. Ocasionalmente sobe muito alto no espaço, descendo depois em voltas e espirais. Vi o papa-moscas escarlata em jardins e pomares. O macho é um passarinho fascinante de preto de carvão nas costas, ao passo que a cabeça empenachada e o ventre são de um vermelho brilhante. Ele lança no ar seu trinado musical rápido e velado, subindo com as asas vibrantes a uma altura de cem pés, adejando enquanto canta e em seguida caindo em vôo para o solo. A cor do pássaro e o caracter de sua acrobacia atraem a atenção de todos os observadores, pássaro, animal ou homem que o possam alcançar com a vista.

O papa-moscas de dorso vermelho é inteiramente diverso de qualquer outro de sua especie nos Estados Unidos, e, antes que o descobrisse na ornitologia de Sclater e Hudson, nunca sonhei que pertencesse a essa familia. Ele — pois só o macho é tão brilhantemente colorido — é preto cor de carvão com as costas vermelho escuro. Vi estes pássaros a 1.º de dezembro, perto de Barilloche, nas planuras desoladas da Patagonia. Comportavam-se como os pavoncinos, correndo irrequietos pelo solo, e com a mesma agitação e a mesma especie de vôo. Mas os pavoncinos passam despercebidos, ao passo que os dorsos-rubros imediatamente atraem a atenção pelo contraste de seu colorido com os tons pardacentos ou amarelados do solo sobre o qual eles correm. O tirano bico-de-prata, entretanto, chama ainda mais a atenção. O macho é preto retinto, com asas e bico brancos. Corre pelo chão como um pavoncino mas tambem pousa sobre algum arbusto,

para dali, em vôos intermitentes, romper em seus trilos. Fica imóvel, corpo erecto e mesmo então sua cor negra, anuncia-lhe a presença a quasi meio quilometro de distancia. Mas poucos minutos depois, salta no ar à altura de oito a dez metros com as asas rebrilhando em contraste com o corpo negro, chilha, gira, e após volta de repente à sua primeira posição e reassume sua creta attitude de expectativa. É difficil imaginar uma ave mais espalhafatosa do que o bico-de-prata; mas o último papamoscas do qual falei a seguir, possui o mais vistoso colorido que vi em regiões descampadas; e esse vistoso colorido pertence aos dois sexos e perdura por todo o ano. É todo de um branco brilhante, exceto as penas longas das asas e as pontas da cauda, que são de um preto retinto. O primeiro que vi, ao longe, pareceu-me albino. Pousa no topo de um arbusto ou arvore, negaceando a presa, e brilha ao sol como um espelho de prata. Todo o gavião, felino, ou homeni não deixa de o perceber; ninguém pode deixar de vê-lo.

Esses pássaros, comuns da Argentina, cuja maior parte vive no descampado e todos com vistosos coloridos, são interessantes por sua beleza e seus costumes. São também interessantes porque oferecem exemplos da verdade de que muitos dos pássaros mais comuns e numerosos, não só são desprovidos de alguma cor que lhes permita dissimular sua presença, como também, pelo contrario, possuem colorido altamente vistoso. As cores e hábitos de muitos desses pássaros são tais, que todas as aves de rapina, ou quaisquer outros inimigos dotados de boa visão terão sua atenção atraída para eles. Evidentemente, no caso desses pássaros o colorido ou qualquer hábito de dissimulação nele baseado, não constitue fator de sobrevivencia, embora vivam numia zona em que abundam as aves de rapina que se alimentam de pássaros. Entre os vertebrados mais elevados, existem muitos

fatores conhecidos que têm influencia no desenvolvimento e preservação das especies, alguns em um grupo de casos e outros em outro grupo. Coragem, intelligencia, adaptabilidade, poder de dissimulação, vigor, ligeireza, espreiteza, habilidade na construção de abrigos para proteger os filhos enquanto ainda indefesos, fecundidade — todas estas qualidades e muitas outras, têm a sua varia influencia. E além de todas estas causas visíveis, atuam outras causas muitas vezes mais poderosas, sobre as quais até agora a ciencia nada pode dizer.

Algumas especies muito devem a um dado attributo que pode ser inteiramente desituido de influencia para outras especies. E cada um dos attributos acima enumerados é um fator de sobrevivencia para algumas especies, ao passo que para outras não oferecem qualquer valor para a sobrevivencia. Em outras ainda, embora favoráveis, não o são suficientemente para superar as vantagens conferidas a rivais ou inimigos por attributos totalmente diversos. A intelligencia, por exemplo, está claro que é um fator de sobrevivencia; mas hoje existem multidões de animais que, embora dotados de muito pouca intelligencia, têm persistido através de imensos periodos geológicos, de modo inalterado, ou, pelo menos, sem qualquer mudança no sentido de maior intelligencia. Durante sua vida como especie, têm visto desaparecer incontaveis especies dotadas de muito maior intelligencia, mas sob outros aspectos menos aptas ao triunfo no conjunto mesológico. A mesma afirmação pode ser feita a respeito de muitos outros fatores conhecidos de desenvolvimento, desde a fecundidade até a coloração dissimuladora; ao lado deles existem forças ante as quais escondemos nossa ignorancia com o uso de altissonante nomenclatura — como quando usamos algum termo conveniente, mas bem longe de satisfatorio, tal como ortogênese.

## CAPÍTULO II

### SUBINDO O RIO PARAGUÁI

NA tarde de 9 de dezembro deixamos a atraente e pitoresca cidade de Assunção para subir o Paraguái. Com generosa cortesia, o governo paraguáio havia posto à minha disposição a canhoneira-liate do proprio presidente, vapor fluvial muito confortavel, de modo que os primeiros dias de nossa expedição foram absolutamente agradaveis. O alimento era bom, nossas acomodações asseadas, dormiamos bem, embaixo ou no convés, usualmente sem mosquitoeiro. Durante o dia o convés, sob o toldo, era agradavel.

É claro que fazia calor, mas estavamos vestidos de modo adequado, com nossas roupas de exploração e caça e não ligávamos importancia à temperatura. O rio estava baixo, em consequencia da seca. A julgar pelas informações vagas e contraditorias que obtive, as expressões *estação seca* e *estação chuvosa* eram muito clásticas naquela parte do Paraguái. Sob o céu brilhante, navegávamos regularmente, subindo o rio. Apoiados no parapeito de bombordo, víamos o crepúsculo; chegada a noite, a lua quasi cheia, suspensa no céu, transformava a agua numa torrente de radiantes cintilações. Nas terras baixas, lamacentas, nos bancos de areia e nos verdes das enseadas e ilhotas, pousavam solenes palmípedes: flamingos vermelhos e colhereiros roseos, ibis de cores escuras e cegonhas brancas com asas pretas. Martins-pescadores, de longo pescoço de cobra e bico pontudo, esta-

vam pousados nas arvores à beira do rio. Garças niveas tatalavam as asas através dos alagadiços. Os jacarés eram comuns e diferiam dos crocodilos que tínhamos visto na África em dois pontos: não se assustavam com os tiros das carabinas quando alvejados e jaziam com a cabeça erguida e não estendida na areia.

Durante tres dias, enquanto navegavamos para o norte, em direção ao trópico de Capricornio, e ainda depois de passado este, estavamos ainda nos limites da República do Paraguái. À direita, para o oriente, desdobrava-se uma região bela e povoada, onde eram cultivadas bananeiras e laranjeiras, assim como outras plantas dos climas quentes. Margeavamos por vezes pequenos povoados, ou víamos alguma casa de fazenda proxima da orla do rio; chegávamos mesmo a parar a fim de obter generos em algum pequeno povoado. Do outro lado do rio, para oeste, ficavam extensas areas planas, pantanosas e férteis, chamadas Chaco, ainda entregues aos indios bravios, ou destinadas à criação de gado, em escala gigantesca. O largo rio corre serpeando entre barrancas lodosas, nas quais as linhas dos aterros marcavam os sucessivos períodos das enchentes. Uma restinga de florestas garante cada margem, mas não tem largura superior a duas centenas de metros. Por trás dela fica o descampado; do lado do Chaco, havia uma vasta planície, coberta de pastagens, entremeada de altas e graciosas palmeiras. Em certos pontos a orla da mata desaparecia e a planície salpicada de buritís chegava até à beira do rio. O Chaco é uma região ideal para criação de gado e não é realmente insalubre. Ficará coberto de estancias em dias não longinquos.

Os pernilongos, porém, e outras pestes aladas, constituem legiões. Cherric e Miller andaram por lá durante uma semana reunindo mamíferos e aves antes de minha

chegada a Assunção. Embora, veteranos dos trópicos, habituados às pragas dos insetos da Guiana e do Orinoco, declararam que nunca haviam sido tão maltratados como no Chaco. O mosquito "pólvora" esgueirava-se através das malhas do mosquiteiro e impedia-os de dormir; se durante o sono um joelho encostasse no mosquiteiro, os pernilongos caíam nele de tal sorte, que parecia pontilhado a chumbo fino. As noites eram um suplício. Apesar disso, fizeram bom serviço, reunindo cerca de duzentos e cinquenta espécimes de aves e mamíferos.

Não obstante, por motivos ainda inexplicáveis, o rio serve de barreira a certos insetos que são uma ameaça para os criadores. Estava comigo, a bordo, um velho amigo do Oeste, do Panhandle e do Alaska, e varios outros lugares intermedios: Tex Rickard. Ele possuía então um vasto trecho de terras no Chaco, com cerca de trinta e cinco mil cabeças de gado, em frente a Concepcion, a cidade em que ia ficar. Contou-me que os cavalos não se dão bem no Chaco, mas que o gado prospera; e, ao passo que na margem oriental do rio abundam os carrapatos, na outra margem não existem. Vezes sem conta havia ele atravessado o rio com rebanhos de gado coberto com os repugnantes hematófagos, mas nuns dois meses todos os carrapatos morriam. Os peores animais inimigos do homem, em verdade os únicos inimigos perigosos, são os insetos, e isto é especialmente verdade na zona tropical. Por fortuna, ao passo que certas diferenças mínimas, ainda sem explicação para nós, tornam alguns insetos mortais para o homem ou para os animais domésticos, (ainda que outros de formas proximoamente iguais são inofensivos) esses insetos, devido a causas que ainda desconhecemos, são pela maior parte limitados por causas geográficas e outras. A guerra contra o que sir Harry Johnston chama o demonio realmente material, o demonio

da perversa natureza selvagem da zona tórrida, tem sido empreendida com acentuado bom êxito somente durante os dois últimos decênios. Os homens, nos Estados Unidos, na Inglaterra, França, Alemanha, Italia — os homens como o dr. Osvaldo Cruz no Rio de Janeiro e o dr. Vital Brasil em São Paulo — que trabalham experimentalmente fora dos laboratórios em sua cruzada contra os microbios e insetos portadores da morte, são os verdadeiros maiores na luta para se tornar a zona tropical habitavel para o homem civilizado.

Muito tarde, no segundo dia de nossa viagem, pouco antes da meia noite, chegamos a Concepcion. Nesse dia, quando paramos para receber lenha e conseguir provisões — em lugares pitorescos, onde mulheres moradoras em choças cobertas de sapé e de paredes de barro lavavam roupas no rio, ou cavaleiros maltrapilhos nos miravam, parados na barranca, ou estancieiros morenos e bem trajados estavam em frente de casas cobertas de telhas, — apanhamos muitos peixes. Pertenciam eles a um dos mais temíveis gêneros de peixes que existem no mundo: a piranha ou peixe canibal, que devora o homem quando se dá oportunidade. Mais para o norte existem especies de piranhas miudas que andam em cardumes. Naquele trecho do Paraguái, as piranhas não pareciam andar em cardumes regulares, mas fervilhavam em todas as aguas, attingindo um comprimento de dezoito polegadas ou mais. São os peixes mais ferozes do mundo. Até os peixes mais formidaveis, como os tubarões ou os barracudas, atacam geralmente seres menores do que eles. Mas as piranhas atacam habitualmente seres muito maiores do que elas. Arrancam um dedo à mão incautamente mergulhada na corrente; mutilam os nadadores — em todas as cidades do Paraguái, existem homens que foram assim mutilados; e estraçalham e devoram qualquer pes-

soa ou animal ferido. O sangue na agua excita-as até a loucura. Despedaçam os passaros selvagens que caem feridos e arrancam as caudas dos peixes grandes, quando estes já estão fisgados.

Antes que eu chegasse a Assunção, Miller recebera funda mordedura de uma delas. Algumas das que apanhamos cortavam às vezes o anzol, ou o fio duplo de cobre que prendia o anzol à linha e escapavam. As que atiramos sobre o convés viveram ainda durante muitos minutos. Na maioria os peixes predatorios são compridos e afilados, como o lurio e o peixe-espada. Quanto à piranha é um peixe grosso, de corpo largo, com cara aspera e uma forte queixada inferior avançada, que se escancara largamente. Os dentes em navalha são cuneiformes, como os do tubarão, e os musculos das mandibulas dotados de grande vigor. Aos botes raivosos e iamintos, enterram os dentes através de carnes e ossos. A cabeça, com seu focinho curto, olhar maligno e fixo, e mandibulas ameaçadoras armadas de dentes crueis, é a personificação da ferocidade e os atos desse peixe se harmonizam com sua apparencia. Nunca testemunhei uma exhibição de tal furia impotente e selvagem como a que demonstravam as piranhas quando se debatiam no convés. Quando logo ao sairem da agua eram atiradas sobre o assoalho, emitiam um guincho extraordinario. Enquanto se debatiam, mordiam com irada gana tudo que se lhes deparava. Uma delas enrolou-se num pano e abocou-o com a firmeza de um bull-dog. Outra agarrou uma de suas parceiras; outra abocanhou um pedaço de pau e nele deixou funda a marca dos dentes. Constituem a praga das aguas e é preciso ser-se muitissimo cauteloso, seja nadando, seja vadeando aguas nas paragens onde elas existem. Se o gado é compelido a entrar na agua ou se nela entra por sua propria vontade, não é geralmente molestado. Mas

se por acaso algum individuo mais feroz ou mais possante destes peixes apavorantes morde uma vez rasgando um pedaço de orelha ou talvez de uma teta do úbere de uma vaca, o sangue atrai todos os membros do voraz cardume que se ache nas proximidades, e, a menos que o animal ferido possa escapar para fora d'agua, será devorado vivo. No Paraguái os nativos têm-lhes grande respeito, ao passo que não temem os jacarés. A única circumstancia atenuante para elas, é serem saborosíssimas, embora com muita espinha. Na madrugada do terceiro dia, vendo que ainda estavam atracados ao largo de Concepcion, fomos á terra em canoa e perambulamos pelas ruas da bonita e pitoresca cidade antiga que, como Assunção, foi fundada pelos conquistadores, tres quartos de século antes dos nossos antepassados inglezes e holandeses desembarcarem onde hoje existem os Estados Unidos. Os jesuitas tomaram então, virtualmente, posse completa do que é hoje o Paraguái, dominando e cristianizando os índios, e elevando suas florescentes missões a um apogeu de prosperidade a que nunca atingiram missões em qualquer outra parte. Foram expulsos pelas autoridades civis (impedidas pelos outros representantes da autoridade ecclesiástica) cerca de cinquenta anos antes de a América Espanhola se tornar independente. Mas já haviam transformado a lingua indigena em lingua culta, reduzindo-a a idioma escrito e nela imprimindo livros religiosos.

O guaraní é uma das mais divulgadas dentre as linguas indígenas, sendo encontrada originariamente sob formas proximamente semelhantes, não só no Paraguái como no Uruguái e na maior parte do Brasil. Ela ficou, ao menos aquí e ali, como *lingua geral*, e sem dúvida, em certos casos, como lingua original entre as tribus selvagens. Em grande area do Brasil, tanto no interior do Pará como de S. Paulo, deixou seus traços nos nomes de lugares;

mais foi inteiramente suplantada pelo português, como lingua corrente. No Paraguái o guaraní existe, lado a lado com o hespanhol, como lingua das classes baixas e lingua familiar às classes superiores. O sangue da população é misto, e sua linguagem é dupla; nas classes baixas predomina o sangue indio, com uma mistura de branco, ao passo que as altas classes são predominantemente brancas, com um alto coeficiente de sangue indio. Não existe caso paralelo a este, nos avais da colonização europeia. Os habitantes de Goa, na India, têm uma lingua latina e a religião portuguesa, ao passo que em varios estados hispano-americanos o sangue indigena é predominante e a maioria da população fala uma lingua nativa, que talvez tenha sido outrora, como acontece com a dos quichuas, uma lingua aperfeiçoada de tipo arcaico. No Paraguái, uma lingua afinal eliminará outra? Caso isso aconteça, qual das duas será a vitoriosa? Ainda é cedo para se poder responder a essas perguntas. Os missionarios ingleses e a Sociedade Bíblica publicaram recentemente fragmentos das escrituras em guaraní. Em Assunção um jornal diario é publicado com o texto em espanhol e guaraní, em colunas paralelas — exactamente como o jornal que existia em Oklahoma, publicado em inglês e na lingua que o extraordinario chefe cherokee Sequoia, um verdadeiro Cadmo, transformou em lingua literaria. O Paraguái que fala o guaraní é cristão, e tão herdeiro de nossa cultura comani, como a maior parte das populações camponesas da Europa. Ele não tem parentesco algum com o indio selvagem que o odeia e o teme. O indio do Chaco, selvagem puro, que usa arco, nunca se aproxima do Paraguái oriental e o Paraguái começa apenas a se aventurar no interior, a oeste, longe das barrancas do rio — sob a chefia de pioneiros da colonização como Rickard, no qual, por sinal, os indigenas confiam

por completo e para o qual trabalham com boa vontade e fidelidade. O Paraguái tem grandes possibilidades de futuro progresso, tão logo se possa libertar do hábito das revoluções e adotar um governo estavel. O povo tem boa apparencia. As misturas de sangue branco e indio — produziram bom resultado.

Passamos pelas ruas de Concepcion e atentamente notamos tudo o que era interessante. As casas terreas, tinham janelas munidas de grades de ferro com ornatos. Suas portas, quando abertas, nos permitiam vislumbrar frescos pátios interiores, com arvoredo e flores. Carros de duas rodas, puxados por mulas ou por bois. Algum cavaleiro ocasional, com esporas nos pés descalços e com o dedo grande do pé metido na pequena argola do estribo. Modestos "negocios" e depósitos para mate e couros. Chegamos a uma pequena e agradável hospedaria, de antigo estílo espanhol, mantida por um velho francês e sua esposa, com o pateo, ou vestibulo interno, tão asseado como o de uma estalagem da Normandia ou da Bretanha. Estávamos sertados em torno a uma pequena mesa, para o café, quando chegou o coronel da guarnição, pois Concepcion é a segunda cidade do Paraguái. Declarou-me que me haviam preparado uma recepção! Eu estava com as minhas grosseiras roupas de caça, mas não havia remédio senão acompanhar meus gentis hospedeiros e confiar na sua benevolencia para desculparem minha inadequada indumentaria. O coronel levou-me numa elegante carruagem aberta, com dois bons cavalos e um cocheiro de libré. Era coisa muito mais distinta do que o que se vê em nossas cidades, com exceção das maiores, e, mesmo nestas, provavelmente não a serviço de um funcionario público. Em todos os países sul-americanos, as funções públicas são cercadas de mais pomposo cerimonial do que entre nós. Nas cerimoniaes officiaes os criados de libré,

muitas vezes com polainas e cabeleiras empoadas, são como os que se vêem nas ceremonias européas semelhantes; não existe a simplicidade democrática que melhor se adapta aos nossos hábitos de vida e modo de pensar. Mas os sul-americanos muitas vezes nos excedem, não meramente em pompa e cerimonia, mas, no que é da máxima importância, em cortesia; em civilidade e cortesia, podemos perfeitamente permitir-nos tomar lições com eles.

Visitamos primeiro os quartéis, vimos tropas em exercícios e inspecionamos as armas, a artilharia, o equipamento. Havia um tenente alemão com os oficiais paraguaios, um dos varios oficiais agora contratados para auxiliar os paraguaios na instrução do seu exército. O equipamento e armas estavam em boas condições; os homens alistados constituíam, evidentemente, magnífico elemento humano; e os oficiais trabalhavam com afinco. Vale a pena, para os anti-militaristas, considerar o fato que se dá em cada país da América do Sul onde seja criado um exército de real eficiencia, de o acréscimo de capacidade militar andar de mãos dadas com o decréscimo da ilegalidade e da desordem, e com uma crescente relutancia em resolver pela violencia as discordias intestinas. Estão introduzindo no Paraguái o serviço militar obrigatorio; os oficiais, dos quais muitos estudaram no estrangeiro, estão sentindo, mais e mais, um intenso *esprit de corps*, um intenso orgulho pelo seu exército, e portanto o anelo de ver o exército constituído em guarda da nação como um todo e não servindo como instrumento de qualquer facção ou individuo. Se estes sentimentos se tornarem bastante fortes, serão eles fatores poderosos para proporcionarem ao Paraguái o que ele mais necessita, que é libertar-se de perturbações revolucionarias, dando-lhe oportunidade para conseguir a prosperidade material, base

sem a qual não pode haver progresso em outros e ainda mais importantes setores.

Fui conduzido em seguida ao Paço Municipal, acompanhado pelo intendente ou prefeito, que era um alemão havia muito estabelecido na região e um dos chefes locais. Seguiu-se o almoço. Quando tive de falar tomei como intérprete um jovem paraguaio graduado na Universidade da Pensilvânia. Ele traduziu para o espanhol minhas idéias — sobre assuntos como a liberdade dentro da ordem e os malefícios do hábito das revoluções — com clareza e vigor, porque compreendeu cabalmente não só meu modo de sentir, como o ponto de vista americano no considerar tais assuntos. Os meus homenageadores eram a personificação da gentileza, e muito apreciei aquele inesperado acolhimento.

Continuamos navegando rio acima. De quando em quando cruzávamos outra embarcação — um vapor, ou, com surpresa nossa, um bergantim, talvez, ou escuna. O Paraguai é uma grande arteria comercial. Certa ocasião passamos por uma grande fábrica de carnes em conserva. Casas de estancias apareciam em ambas as margens, poucas leguas distantes uma das outras, e nós parávamos nos portos de lenha, à margem ocidental. Neles trabalhavam índios. Em um desses portos os índios, evidentemente, faziam parte da força regular. Suas mulheres estavam com eles, cozinhando em fogões de uma forma original, construídos ao ar livre. Um menino tinha como brinquedos um periquito e um coati — especie de *racoon* de focinho comprido. Para embarcar a lenha, os índios ficavam em fila, jogando as achas um para outro. Estes índios usavam roupas.

Nesse dia, ingressamos na zona tropical. Ainda mesmo durante as horas mais quentes do dia, o convés, sob o toldo, era agradável; o sol nascia e se escondia em um

esplendor de púrpura; e as noites, com a lua cheia, eram admiráveis. Orion refulgia no alto, e o Cruzeiro do Sul, atrás de nós, mostrava-se num céu rebrilhante de estrelas. Quando, porém, a lua se levantava, empalideciam as constelações; e, claras sob o luar, viam-se as duas margens, compactas de arvores, enquanto navegávamos firme contra a correnteza do grande rio.

Às doze horas do dia doze chegamos à fronteira brasileira. Durante esse dia passamos por colinas baixas, de forma cônica, próximas ao rio. Por espaços, touças de palmeiras irrompiam através das restingas de mato baixo e se estendiam por um ou dois quilômetros, orlando as margens do rio. Às vezes passávamos por gado sobre as barrancas ou sobre os bancos de areia, acompanhados pelos seus tratadores, ou por uma aprazível casa de estância, em meio a um bosque de arvores umbrosas, algumas ostentando um rico manto de flores rubras, outras de rica floração amarela; ou víamos currais entre as arvores, próximos da margem, cheios de animais e com algum camarada descalço, de camisa e calças apenas, encostado na cerca; ou uma ponta de gado entre as palmeiras. Grandes cortumes, engenhos, ranchos de nativos, estavam sempre a surgir à nossa vista.

Paramos em um cortume. O proprietario era um espanhol, e o gerente um "oriental", como a si mesmo se chamava, uruguaio descendente de alemães. Os peões, empregados, que viviam em uma comprida serie de cabanas de madeira, situados atrás da casa grande, eram, pela maior parte, paraguaios, com alguns brasileiros e uma dúzia de feitores alemães e argentinos. Havia tambem alguns índios no estado de selvagem, acampados segundo as precarias condições dos que vivem em torno dos brancos mas que ainda não adotaram seus costumes. A maioria dos homens trabalhava para o cortume.

As mulheres e crianças ficavam no acampamento. Varios individuos de ambos os sexos estavam nus até a cintura. Uma rapariguinha trazia um filhote de ema como brinquedo.

Aves aquáticas abundavam. Vimos grandes bandos de "patos-inoscovitas" (patos do mato). Nossas aves mansas procedem dessas especies selvagens e sua absurda e impropria nomenclatura data da época em que o Perú e a cabaia foram erradamente batizados com os nomes de *turkey* e *guinea-pig*, pois nossos antepassados europeus, (que tinham uma vaga noção de geografia, confundiam a Turquia, a Guiné, a India e Moscou com a América, pelo fato de serem estranhas todas essas terras). Os patos do mato eram muito bons como petisco. Os martins-pescadores e os biguás enxameavam, saltitando nos bancos de areia em grandes bandos e cobrindo as árvores da beira d'agua. Lindas garças niveas pousavam tambem nas árvores, muitas vezes bem distanciadas do rio. Uma árvore bem copada, de folhagem bem verde, com sua copa coroada destes pássaros, como se houvesse de subito florescido em grandes corolas brancas, é um espetáculo digno de ser visto. Aquí e alí, nas praias, avistamos grandes jaburús, e, em certa ocasião, um bando de socós brancos entre as árvores da margem.

Na fronteira brasileira encontramos um vapor de fundo chato, que conduzia o coronel Candido Mariano da Silva Rondon e outros membros brasileiros da expedição. O coronel Rondon imediatamente mostrou seu valor, que superava tudo quanto se pudesse desejar. Era evidente que conhecia a fundo seu officio e era igualmente obvio que seria um compauheiro agradavel. Fora colega do sr. Lauro Müller, na Escola Militar do Brasil. É de sangue indio quasi puro, e positivista -- os positivistas, constituem, realmente, uma forte agremiação no Brasil, como

sucede na França e no Chile. Os sete filhos do coronel, foram todos inscritos como membros da Igreja Positivista do Rio de Janeiro. O Brasil possui, em assuntos religiosos, espirituais e intelectuais, a mesma liberdade completa que nós, para nossa felicidade, desfrutamos nos Estados Unidos. Entre meus companheiros brasileiros havia católicos e também homens sinceros que se diziam "livres-pensadores".

O coronel Rondon passou os últimos vinte anos explorando os planaltos do oeste brasileiro, abrindo caminho, como pioneiro, para as linhas telegráficas e estradas de ferro. Durante aquele período percorreu cerca de vinte e seis mil quilômetros, em regiões cuja maior parte nunca fora dantes visitada por gente civilizada, e construiu cerca de cinco mil e quinhentos quilômetros de linhas telegráficas. Possui excepcional conhecimento das tribus indígenas, e sempre, com grande zelo, se esforçou para as ajudar, e realmente para ajudar a causa da humanidade, onde e quando lhe foi possível. Graças sobretudo aos seus esforços, quatro das tribus bravias da região que explorou começaram a trilhar o caminho da civilização. Deram os primeiros passos para se tornarem cristãs. Pode parecer estranho que entre os primeiros frutos dos esforços de um positivista se conte a conversão, em benefício do cristianismo, daqueles que ele procurou. Mas na América do Sul o cristianismo é, pelo menos, uma crença correspondente à fase teológica. Representa o primeiro degrau indispensável para sair da selvageria. Nas regiões mais pobres e inhóspitas os homens se dividem em duas grandes classes: cristãos e índios. Quando um índio se torna cristão, é aceito pela rude e simples civilização circundante e totalmente absorvido ou parcialmente assimilado; e então não se diferencia de seus novos companheiros.

Na comitiva do coronel Rondon estavam o capitão Amilcar de Magalhães, o tenente João Lira, o tenente Joaquim de Mello Filho e o dr. Eusebio de Oliveira, geólogo.

Os vapores pararam. O coronel Rondon e varios de seus officiaes, corretamente uniformizados de branco, vieram a bordo; à tarde visitei-o no seu navio, para trocar idéias sobre nossos planos. Quando estes já estavam plenamente discutidos, foi servido o chá. Havendo eu contado que um dos nossos naturalistas, Miller, tinha sido mordido por uma piranha, e peixe antropófago constituiu immediatamente assunto da conversação. Curioso foi verificar que um dos taxidermistas brasileiros tambem havia sido fortemente mordido por uma piranha na mesma occasião. Meus novos companheiros tinham casos e mais casos a contar a respeito desse peixe. Havia apenas tres semanas que um menino de doze annos, nadando próximo a Corumbá, fora atacado e literalmente devorado vivo por elas. O coronel Rondon, durante suas viagens de exploração, mais de uma vez soffreu desagradaveis occorrencias a elas ligadas. Havia perdido um dos dedos do pé, devido ao bote de uma piranha. Fora banhar-se e escolhera logar raso, à beira rio, que cuidadosamente examinara até convencer-se de que não havia ali nenhum dos terriveis peixes; mesmo assim, apenas meteu ele o pé na agua, um deles atacou-o e lhe arrancou um dedo. Em outra occasião foi atacado um homem da turma quando vadeava um riacho estreito; os peixes morderam-lhe a coxa e a nadea, e, havendo baixado as mãos, dilaceraram-na tambem. Estava próximo à margem e de um arrauco alcançou-a; agarrando um galho que pendia, içou-se para fora da agua, mas estava muito ferido e precisou de seis meses para se restabelecer de seus ferimentos. Extraordinario incidente occorreu em outra travessia. A comitiva estava

sem alimentos e faminta. Alcançando um arroio, atiraram nele bombas de dinamite e entraram n'agua para apanhar os peixes atordoados que boiavam. Um homem, o tenente Piteneus, com as mãos cheias, procurou segurar mais um peixe, tomando a cabeça deste na boca; era uma piranha, que, embora atordada como os outros peixes, em breve voltou do abalo e lhe arrancou um bom pedaço da lingua. Seguiu-se enorme hemorragia. Somente com grande dificuldade a sua vida foi salva. Noutra ocasião um membro da comitiva saiu só, montando uma besta. A besta voltou ao acampamento sem o cavaleiro. Seguindo-lhe o rasto, chegaram a um vau, onde acharam, dentro d'agua, o esqueleto do homem, com as roupas intactas, e tendo os ossos limpos de qualquer partícula de carne. Foi impossivel verificar se ele se havia afogado sendo depois devorado, ou se foram os peixes que o mataram. Não lhe estragaram as roupas, metendo-se por baixo delas, o que fazia crer que não houvera luta.

Esses peixes antropófagos são verdadeira praga nas aguas que frequentam. Mas não se conclue desse fato, que as piranhas — ou tambem, ao mesmo respeito, os crocodilos e jacarés do Novo Mundo — se mostrem sempre inimigos tão temiveis do homem, como, por exemplo, o crocodilo antropófago da África. Pode acontecer desastres, e existem certos logares onde o banho e a natação são perigosos; mas, na maioria dos outros logares, as pessoas podem nadar livremente, embora tenham habitualmente o cuidado de escolher sitios considerados seguros, ou então o de se conservarem em grupo, fazendo a agua espadanar violentamente. Durante suas excursões o coronel Rondon adquiriu muitos conhecimentos práticos dos animais selvagens. Os jacarés paraguaios geralmente não são perigosos para o homem; mas algumas vezes se tornam comedores de gente e devem ser aniquilados sem-

pre que haja oportunidade. Os grandes jacarés e crocodilos do Amazonas são muito mais perigosos, e o coronel sabia de repetidos sucessos em que homens, mulheres e crianças haviam sido vitimados por eles. Uma vez, quando dinamitava um rio para conseguir peixe para a comitiva faminta, uma sucuri gigantesca ficou aturdida e o coronel matou-a quando ela lentamente se arrastava para fora da agua. Era de tal porte, dizia, que nenhuma outra das sucuris que já vira se aproximava dela em tamanho; em sua opinião, um animal daqueles, acossado pela fome, atacaria sem hesitação um homem adulto. Sucuris da metade daquele tamanho, haviam atacado seus cães; um deles fora arrastado para o fundo da agua — pois a sucuri é uma serpente aquática — mas ele salvou-o. Um de seus homens foi picado por uma jararaca; ele matou a cobra venenosa, mas não foi encontrado e trazido para o acampamento a tempo de lhe poderem salvar a vida. O coronel Rondon verificou que o puma é tão covarde quanto eu sempre julguei, e que o jaguar é um animal formidável que ocasionalmente se torna antropófago, e muitas vezes avança furioso, quando acuado. Sabia ele de um caçador que fora morto por um jaguar perseguido num basto capinzal. Tais inimigos, entretanto, ele os considerava todos como inteiramente banais, comparados aos perigos reais do sertão — o tormento e a ameaça de ataques pelos insetos que enxameiam, pelos pernilongos e pelos ainda mais intoleráveis e minúsculos mosquitos-polvoras, pelos carrapatos e pelas ferozes formigas venenosas que, por vezes, fazem que os seres humanos abandonem aldeias e até regiões inteiras. Esses insetos e as febres que provocam, a disenteria, a fome e a exaustão pela fadiga, os accidentes nas corredeiras, são esses os males que o pioneiro explorador tem a temer. A conversação era para mim de grande interesse. O coronel falava francês tão

bem como eu; mas é claro que ele e os outros preferissem o português e então Kermit servia de interprete.

Pela tarde, logo após o nascer da lua, paramos para receber lenha em Porto Murtinho, pequena cidade brasileira, onde vivem cerca de mil e duzentos habitantes. Alguns edificios eram de alvenaria; uma grande morada particular, com uma torre acastelada, era de pedra; havia casa de commercio e correio, depositos, um restaurante, salão de bilhares e armazem para o mate, que em grande vulto é produzido na região adjacente. Na maior parte as casas eram baixas, com telhados inclinados em rampa, e havia jardins com altos muros, em cujo interior se viam árvores, muitas das quais olerosas. Vagueamos em ruas largas e cheias de pó, caminhando em seus estreitos passeios. Era um anoitecer cálido, e o cheiro dos trópicos impregnava o ar abafadiço de dezembro. Pelas portas e janelas abertas avistamos vagamente os moradores seminus das casas mais pobres; mulheres e meninas ficavam sentadas fora de suas portas, ao luar. Todos a quem falamos foram muito atenciosos: o capitão da pequena guarnição brasileira; o agente executivo, que era um commerciante local; outro negociante e fazendeiro uruguaio, que acabava de receber seu jornal com o meu discurso em Montevideu, e que, segundo pude entender do seu espanhol torrencial, ficou muito bem impressionado com as minhas opiniões sobre democracias, honestidade, liberdade e ordem (assuntos, aliás, muito batidos); e um catalão que falava francês e era acompanhado por sua linda filha, gentil menina de oito a dez anos, a qual, contava ele com muito orgulho, falava tres linguas — a portuguesa, a espanhola e a catalã. Seu pai exprimiu com veemencia seu desejo de terem uma igreja e uma escola naquela pequena cidade.

Quando afinal a lenha foi embarcada, continuamos nossa jornada. O rio era como um espelho. Ao claro

lunar, as palmeiras das barrancas refletiam-se na água tranqüila. Sentamo-nos na proa, e, quando fazíamos curvas, longos estirões prateados do grande rio se desdobravam à nossa frente e os perfis fantásticos dos morros se desenhavam ao longe. Aqui e ali ardiam campos, e o vermelho do fogo lutava com a argentea claridade do luar.

A manhã seguinte estava sombria. Por vezes passávamos algum porto de lancha, ou fábrica, ou rancho, ora na margem oriental, brasileira, ora na ocidental, paraguaia. O rio Paraguai era conhecido dos homens de origem européia; conduziu soldados, padres e mercadores que velejaram e remaram para cima e para baixo nas suas águas; viu pequenas cidades e fortes lhe nascerem nas margens muito antes do Mississipi se converter em via de transporte para os brancos. Agora, no seu curso superior, os estabelecimentos são muito semelhantes aos do Mississipi nos fins do primeiro quarto do último século; e em um futuro que não está longe, ele testemunhará um surto de crescimento e prosperidade muito semelhante ao que o Mississipi presenciou quando os velhos de hoje eram homens muito moços.

Pela manhã, muito cedo, paramos em um logarejo paraguaio, aninhado entre o arvoredado verdejante, no sopé de um grupo de morros baixos, junto à margem do rio. Sobre um dos morros aparecia um pitoresco forte antigo, de pedras, conhecido como Forte Bourbon, nos tempos coloniais da Espanha. Agora flutua sobre ele a bandeira paraguaia e é guarnecido por um punhado de soldados paraguaios. Aí o padre Zahm batizou os dois filhos mais novos de uma vasta família de gente pequena, de pele fina e cabelos louros, cujo pai era paraguaio e a mãe "oriental" ou uruguaia. Nenhum padre estivera no logarejo de tres anos àquela parte, e as

crianças tinham respectivamente um e tres anos de idade. Serviram de padrinhos o comandante local e um casal de austriacos. Respondendo a uma pergunta, de simples formalidade, sobre se eram ou não católicos, os pais declararam inesperadamente que não. Indagações subsequentes revelaram que o pai se dizia "livre-pensador católico" e que a mãe era "protestante católica" e tivera como genitora uma protestante, filha de um imigrante da Normandia. Entretanto, ficou esclarecido que os outros filhos tinham sido batizados pelo bispo de Assunção, e assim o padre Zahn, atendendo às vivas instancias dos pais, consentiu em continuar a cerimonia. Eram boa gente; embora cada qual desejasse ter a liberdade de pensar do modo que lhe agradasse, tambem queriam estar filiados e ter seus filhos filiados a alguma religião, de preferencia à religião da maioria do seu povo. Uma experiencia, embora limitada, da vida em comunidades onde não existe religião alguma, basta para convencer aos mais heterodoxos da absoluta necessidade da existencia de uma crença. Faço ardentes votos para que possa haver um aumento no número de sacerdotes e nos recursos eclesiásticos da Igreja Católica na América do Sul, que permita a permanencia de um bom e diligente sacerdote em cada aldeia ou pequena comunidade no mais longinquo interior. Não existe incoerencia alguma entre este desejo e o subsequente voto que faço para que possa haver uma notavel difusão e progresso das Igrejas Protestantes Nativas, tais como vi criadas no Brasil, Uruguai e Argentina, bem como das Associações Cristãs de Moços, pela razão seguinte: A maioria deste bom povo que pratica a religião continuará a ser católica, mas as necessidades espirituais de uma minoria mais ou menos consideravel serão melhor satisfeitas pelo estabelecimento de Igrejas Protestantes, ou, em certos lugares, até mesmo de alguma Igreja Posi-

tivista ou Sociedade Ética de Cultura. O estabelecimento de tais igrejas é um benefício não só para o corpo político como um todo, como também é um benefício para a própria Igreja Católica, porque sua presença é um constante estímulo para uma atividade e conduta limpas e honestas, e uma constante reprovação da indolência e da relaxação moral. O governo, em cada uma daquelas repúblicas está fazendo o possível para incrementar a causa da educação, e a tendência é para considerar a educação como uma função peculiar do governo e fazê-la, onde quer que ele atue, não sectaria, obrigatória e livre - - doutrina cardinal da nossa própria e grande democracia, à qual estamos presos por todos os princípios de um sadio americanismo. Deve existir absoluta liberdade religiosa, porque a tirania e a intolerância são tão repulsivas em assuntos espirituais e intelectuais, como em assuntos políticos e materiais; e devemos todos, cada vez mais, sentir como realidade que o modo de proceder vale infinitamente mais do que o dogma. Porém nenhuma democracia se pode dar ao luxo de desprezar a vital importância do elemento verdadeiramente religioso, ético e espiritual. Na prática, o indivíduo honesto chega claramente a compreender isso mesmo e a exprimir sua necessidade de forma concreta, dizendo que nenhuma comunidade consegue progredir com segurança, se não tiver uma igreja e uma escola.

Almoçamos — o almoço brasileiro das onze horas — no navio do coronel Rondon. Os jacarés estavam-se tornando mais abundantes. Os feios animais jazem nas praias e nos bancos de lodo como toras de madeira, cabeça levantada, algumas vezes com as fauces escancaradas. São com frequência perigosos para os animais domésticos, são sempre um flagelo para os peixes e é agradável atirar neles. Matei meia dúzia e errei outros muitos — a trepidação do vapor não auxiliava a pontaria.

Passamos matas de palmeiras que se estendiam por espaço de leguas, e vastos pantanais onde se viam socós, garças pardas e jaburús, bandos de biguás e mergulhões sobre as praias, e talhamares e nuvens de lindas andorinhas esvoaçando à nossa frente. Cerca do meio-dia passamos o ponto mais alto do rio que velhos conquistadores e exploradores espanhóis, Iraña e Ayolas, haviam atingido no decorrer de suas maravilhosas viagens na primeira metade do seculo dezesseis — no tempo em que não havia colonização alguma onde hoje existem os Estados Unidos e quando um único capitão inglês se aventurara a atravessar ousadamente o Atlântico.

No decurso do dia seguinte o terreno à margem oriental se tornara um vasto pantanal escalonado, aqui e ali, de coroas de terras mais altas, cobertas de mata. A manhã estava chuvosa, em contraste com o bom tempo que até então havíamos tido. Passamos portos de lenha e fazendas de gado. O proprietario de uma destas, argentino filho de irlandeses, que ainda falava inglês com o sotaque da terra nativa de seus pais, observou que era a primeira vez que o pavilhão americano aparecia no alto do Paraguái, pois nossa canhoneira levava-o hasteado no mastro grande. Tendo, ao começo da tarde, alcançado o ponto onde ambas as margens do rio eram territorio brasileiro, chegamos ao antigo forte Coimbra, da época colonial portuguesa. Está situado onde dois escarpados morros se erguem, um de cada lado do rio (1), e defende a garganta fluvial que entre eles passa. Foi tomado pelos paraguaios durante a guerra havida ha quasi meio século. Alguns canhões modernos foram aí montados e existe uma guarnição de tropa brasileira. O forte alveja ao alto, na encosta do morro, na qual se encastoa, e sobe, terraplano

---

(1) Nota do tradutor: — Este local é chamado "Fecho dos Morros".

após terraplano, com bastião, parapeito e muro ameado. No sopé do morro, na planície ribeirinha, estende-se a antiga vila com suas casas cobertas de folhas de palmeira.

Na vila residem algumas centenas de almas — na maioria oficiais, soldados e suas famílias. Tem uma comprida rua. As casas terreas, com paredes de sopapo, têm abas baixas e cobertas fortemente inclinadas, de folhas de palmeira ou de rachões de tronco de palmeira. Sob uma ou duas árvores antigas, mas pequenas, ha uns bancos rústicos; em grande parte do comprimento da rua, existe um passeio de pedra bruta. Um pequeno cemitério fica em uma extremidade, tendo alguns túmulos muito antigos.

Como passássemos rua abaixo, as esposas e a criança enxameante da guarnição estavam às portas e janelas; havia mulheres e moças de pele tão alva como de quaisquer terras do norte ou outras em que predominava a cor preta. Muitas eram de tons intermedios. Isto tudo existia paralelamente nos homens, e a fusão das cores prosseguia sem dificuldades.

Em torno à aldeia agrupavam-se urubús. Pouco antes de aportar, passamos por algumas árvores verdejantes e copadas com seus topos cobertos de vistosos pelicanos; ao mesmo tempo, mais para o interior, vimos outras árvores coroadas de esplendentes garças brancas.

O rio agora se alargava de tal modo, que em alguns pontos parecia extensos lagos; serpeava em todas as direções, através dos pantanais sem limites, cuja superfície era interrompida aqui e acolá por morros baixos. O por do sol tinha um esplendor que nunca vi excedido. Iamos navegando para leste, ao encontro de nuvens tempestuosas. Fluiu o rio como uma grande estrada de ouro líquido, sob o firmamento flamante; as montanhas, a distancia, se refletiam rubras através do pantanal; como cintas de

verde brilhante, as margens do rio se erguiam de cada lado, contrastando com os tons roseos das aguas ondulantes; e à frente, enquanto prosseguíamos navegando sem parada, caía a noite tropical, escura e vasta.

A 15 de dezembro alcançamos Corumbá. Por espaço de seis a oito quilômetros antes da chegada à margem ocidental em que está situada a cidade, é o terreno elevado e rochoso, assumindo formas de penhascos. A região adjacente era evidentemente bem povoada. Vimos gauchos, boiadeiros, cavalgando ao longo da barranqueira. Mulheres lavavam roupas, seus filhos desnudos banhavam-se na praia; disseram-nos que os jacarés raramente se aventuram em lugares de tanto movimento e que os acidentes geralmente ocorriam nos remansos ou estirões solitários do rio. Varios vapores se adiantaram para nos encontrar e nos acompanhar por umas duas dezenas de quilômetros, com bandas de música a tocar e os passageiros dando vivas, exatamente como se nos estivéssemos aproximando de alguma cidade das margens do Hudson.

Corumbá, situada numa íngreme encosta de morro, tem ruas largas, calçadas de pedra bruta, algumas das quais ladeadas de belas árvores de flores escarlates e casas bem construídas, muitas delas terreas e algumas de dois e tres andares. Fomos homenageados com uma recepção pela Câmara Municipal e nos ofereceram um banquete oficial. O hotel, dirigido por um italiano, era tão confortavel quanto possível — chão ladrilhado, teto alto, grandes portas e janelas, um patio descoberto e fresco e banho de chuveiro. Corumbá, é claro, ainda é uma cidade da fronteira. Os veículos são carros de bois ou carros puxados por muares; não ha carros de praça e tanto os bois como os muares são usados para montaria. A agua de beber provem de um grande poço central; em

torno dele se reúnem os carros-pipas e seu conteúdo é distribuído pelas diversas casas. As famílias mostravam a mistura de raças característica do Brasil; uma mulher, depois que seus filhos foram fotografados em trajes caseiros, pediu que voltássemos para fotografá-los em costume domingueiro, no que foi atendida. Em um ano, a via ferrea que vem do Rio chegará a Corumbá, e então esta cidade e a região adjacente conhecerão um grande progresso.

Neste lugar nos reunimos ao resto da comitiva e muito nos alegamos de os ver. Cherrie e Miller já haviam reunido cerca de oitocentos espécimes de mamíferos e aves.

### CAPÍTULO III

## UMA CAÇADA AO JAGUAR EM TAQUARÍ

**N**A manhã seguinte à de nossa chegada a Corumbá, pedi ao coronel Rondon que inspecionasse nosso equipamento, pois sua experiencia de viagens na zona tropical fora adquirida em um quarto de século de arduas explorações do sertão. Fiala reunira nossos alimentos, barracas, utensilios de cozinha e abastecimentos de toda a especie; ele e Sigg, durante a estada em Corumbá, tinham posto em ordem tudo para nossa arrancada. O coronel Rondon, ao fim da inspecção, declarou que nada absolutamente tinha a sugerir; e que era extraordinario que Fiala, sem conhecimento pessoal da zona tropical, pudesse haver reunido os objetos mais necessarios com o mínimo de volume e o máximo de utilidade.

Miller fizera um estudo especial das piranhas que pululavam perto de um dos acampamentos em que ele e Cherrie tinham estado no Chaco. Tão numerosas eram elas que os membros da comitiva precisavam usar de excessiva cautela ao tirar agua. Miller verificou que elas não eram "canibais" para com sua propria especie; eram-no somente no sentido de comerem carne humana. Quando piranhas mortas e até feridas mortalmente, com o sangue a esguichar, eram lançadas entre o cardume faminto, ficavam incólumes. Alem disso, conforme experiencias de Miller, e ao contrario do que nos haviam informado, o espadauar e o movimentar da agua atraíam as piranhas,

ao passo que raramente atacavam qualquer coisa que se não agitasse, a menos que fosse sangrenta. Pássaros e animais mortos, lançados à agua inteiros e não esfolados, flutuavam intactos, ao passo que o corpo esfolado de um macaco de bom tamanho foi immediatamente agarrado, arrastado para o fundo e completamente devorado pelos peixes desvairados pela vista do sangue.

Um homem que deixara cair algo de valor, entrou na agua até os joelhos, mas caninhou muito manso e sem bulha, evitando qualquer possibilidade de turbação e não se aventurando a por as mãos na agua. Mas ninguem se podia banhar, e até o leve mover-se que se faz ao esfregar-se com força as mãos com sabão, de pronto atraia a atenção das ferozes piranhas, que frechavam para o local onde se faziam tais movimentos, evidentemente na esperança de achar algum animal em apuros. Uma vez em que Miller e alguns indios se esforçavam para lançar um barco à agua, e faziam nela grande reboliço, uma piranha atacou um indio nu e mutilou-o enquanto ele se debatia e esperneava metido na correateza até a cintura.

Quem que não espadana na agua e nem se debate raramente é atacado; mas, se por acaso o for, o sangue na agua enlouquece as piranhas e elas assaltam o paciente com ferocidade aterradora.

Em Corumbá a temperatura era alta. No pateo do confortavel hotelzinho ouvimos as cigarras, mas não ouvi o extraordinario apito chiante da cigarra-locomotiva que eu ouvira no jardim da casa em que estive, em Assunção. Era um som mais notavel do que qualquer outro som de animal que eu já ouvira, exceto o gemido, semelhante aos dos batraquios, do hixax (coelho) das árvores, na África Oriental. Como o mamífero da África Oriental, aquele inseto sul-americano tem uma voz, ou antes, emite um

som que, tanto quanto se assemelhe a qualquer outro som animal, ao começar sugere remotamente afinidades como o coaxar dos batráquios. Mas a parte da emissão parecida ao apito de locomotiva, a nada se assemelha mais do que ao silvo de uma pequena caldeira; quando se ouve pela primeira vez, parece impossível ter sido emitido por um inseto.

A 17 de dezembro, com o coronel Rondon e varios membros de nossa expedição, partimos em um vapor fluvial de pequeno calado para a estancia "Palmeiras", do sr. Barros, no rio Taquarí. Descemos o Paraguái alguns quilômetros e depois subimos o Taquarí. Foi uma bela excursão. O rio, muito raso — encalhamos varias vezes — serpeia através de um vasto pantanal, com trechos esparsos de terra mais alta, onde cresce arvoredo. Havia muitas aves aquáticas. Pululavam os biguás. Mas a ave que se salientava era o solene jaburú. Bandos dessa pernalta branquejavam no pantanal e debruavam as ribanceiras. Não eram ariscas, para tão grandes aves; antes de levantarem vôo, corriam um pedaço e então se lançavam no ar. Certa ocasião, ao meio-dia, um casal voava em largos círculos, ao alto, subindo mais e mais. Outra vez, à hora do crepusculo, um bando passou como pontos brilhantes na luz oblíqua da tarde, e com os jaburús iam colhereiros, que se mostravam roseos no meio de seus alvos companheiros. Caimães, a que sempre chamavam jacarés, formigavam; matamos duzias dessas nocivas criaturas. Eram singularmente indiferentes à nossa aproximação e ao estampido dos tiros. Algumas vezes corriam para a agua, de corpos erguidos sobre suas pernas, assemelhando-se a miniaturas dos monstros das primitivas eras. Um deles mostrou, por seu procedimento, quão pouco um tiro comum é eficaz contra aquellas criaturas de nervos insensíveis e sangue-frio. Quando estendido

na arcia, foi baleado com um projétil 22, comprido. Deslizou para a agua, onde se encontrou no meio de um cardume de peixes. Então esqueceu tudo, exceto seu voraz apetite e entrou a apanhar peixes, um após outro, pondo a cabeça fora d'agua logo que apanhava algum; uma segunda bala matou-o. Alguns dos jacarés, quando alvejados, faziam coisas extravagantes. Nossas armas, note-se, eram boas, exceto a caçadeira de Miller. O equipamento fornecido pelo Museu Americano era excelente — tirante as espingardas e os cartuchos; a de Miller era tão ruim que tinha ele de usar a de Fiala ou a minha Fox calibre 12.

Ao cair da tarde apanhamos um vivente mais interessante do que os jacarés. Kermit tinha a seu cuidado dois cães que devíamos à gentileza de um amigo argentino. Eram animais de grande porte, evidentemente bons na luta e prontamente mostraram a maior afeição para com todos os membros da expedição, mas especialmente para com Kermit, que deles cuidava. Um deles foi por nós chamado "Shenzi", nome que os semi-civilizados carregadores africanos davam aos cães nativos das florestas virgens. Era de boa índole, abrutado e estúpido — daí seu nome. O outro tinha um nome local: "Trigueiro". Chegara a oportunidade de experimentá-los. Navegávamos entre extensos trechos de capinzal aspero, da altura de um metro, quando percebemos do convés uma coisa preta, muito visível no fundo de cor verde. Era um papafornigas gigante ou tamanduá-bandeira, uma das mais extraordinárias criaturas das idades pretéritas. Tem o porte de um urso preto, dos pequenos. Possui focinho muito comprido, é desdentado, e sua lingua pode estirar-se à distancia de tres palmos; é revestido de pelo grosso, preto, com duas listas brancas; tem uma cauda longa e basta, e garras muito potentes nos pés dianteiros. Ca-

minha de lado, sobre estes, com as unhas dobradas sob as plantas dos pés. Usa as garras para cavar em formigueiros; mas o animal é corajoso; em um corpo a corpo é, aliás, perigoso inimigo, apesar de sua boca sem dentes, pois pode desfechar golpes terríveis com aquelas garras. Às vezes levanta o adversario abraçando-o com força. Mas seu método ordinario de defesa é atacar com suas unhas recurvas, longas e fortes, que, brandidas por seus membros dianteiros musculosos, podem rasgar de alto a baixo um homem ou um animal. Varios de nossos companheiros haviam tido cães mortos por esses papa-formigas e encontramos um homem com uma cicatriz muito feia nas costas, onde fora ferido por um que o atacara quando ele se aproximara para matá-lo de perto. —

Logo que vimos o tamanduá-gigante, largamos num bote a remos e desembarcamos a duas centenas de metros de nossa temivel caça. O tamanduá raramente sai da floresta, seu habitat usual, e se torna um animal impotente no campo aberto. Os cães corriam à frente, seguidos pelo coronel Rondon e Kermit, e por mim, mais atrás, levando a carabina. Em um ou dois minutos os cães alcançaram o animal que corria pesadamente e iniciaram a luta. Os combatentes estavam tão enovelados, que tive de esperar algum tempo antes de poder atirar sem o risco de acertar nalgum cão. Conduzimos nossa presa para o barranco e içamo-la para bordo do vapor. O sol occultava-se por trás de montanhas esfumadas, dali a muitos quilômetros, para além do pantanal.

Logo após chegamos a um dos postos avançados da grande estancia que estavam prestes a visitar e atracamos no barranco para o pernoite. Havia ali um embarcadouro, ranchos e currais. Muitos "peões" ou gauchos tinham vindo ao nosso encontro. Depois que caiu a noite, acenderam fogueiras, e, sentados junto a elas, cantaram

cantigas dolentes, acompanhadas por violões. As labaredas rubras dançavam ao fundo de suas rudes figuras acoradas longe do fogo, no ponto de encontro entre a sombra e a claridade. Fazia calor. Não havia vento. Havia pernilongos, é claro; outros insetos de toda a espécie enxameavam em torno de cada luz; mas o navio era confortável e passamos uma noite agradável.

Ao nascer do sol já nos dirigíamos para a "fazenda" do sr. Barros. A bagagem seguiu num carro de bois, que fez a viagem em dois dias; meus objetos chegaram à fazenda um dia depois de mim. Montávamos pequenos e fortes cavalos de campo. A distancia era de umas cinco leguas. A região toda era de pantanal, variada com manchas de terreno mais alto; embora estes trechos subam apenas um metro ou pouco mais acima dos alagadiços, eram cobertos de matagal denso, na maior parte palmitais, ou então de outras palmeiras. Por espaço de uma legua cavalgamos pelos alagadiços; de vez em quando cruzávamos baixadas lamacentas, onde os cavalinhos forcejavam para não ficarem atolados. Nosso guia, de pele escura, ia vestido de camisa, calças e avental de couro franjado, levando esporas nos pés descalços; usava uma corda como redea e tinha dois ou tres dedos do pé metidos num pequeno estribo de ferro.

As lagoas estavam secando no pantanal, cheias de peixes, na maior parte já mortos ou moribundos. As aves se tinham reunido para o banquete. Os convivas mais notáveis eram as grandes cegonhas jaburús; estas solenes criaturas pintalgavam os alagadiços. Mas os socós e garças pardas também abundavam; os primeiros lançavam gritos singulares de irritação quando descobriam nossa presença. Os quero-queros de esporas mostravam-se, como sempre, barulhentos. Os ibis e as papa-moscas não davam a menor atenção aos peixes, mas os negros

urubús se banqueteavam no lamaçal; nos poços que ainda não estavam secos, pequenos aligatores — os jacaretinhas — também se empanturravam. Em muitos locais, o fétido dos peixes mortos era desagradável.

Durante varios quilômetros cavalgamos por uma bela floresta limpa, de altas e elegantes palmeiras carandás, com outras arvores espalhadas entre elas. Periquitos verdes de cabeça preta gritavam ao desprender vôo; papagaios verdes e vermelhos trepavam nas folhas das palmeiras; e grandes araras, algumas inteiramente azues, outras quasi vermelhas de todo, taralhavam pousadas nas árvores ou voando à nossa aproximação. Se uma delas era ferida, sua gritaria mantinha as companheiras circulando em vôo alto. Os naturalistas encontraram ali uma fauna ornitológica totalmente diversa da que haviam coletado na região montanhosa próxima de Corumbá, à distancia de cento e trinta a cento e cinquenta quilômetros. As aves pululavam, tanto em especies como em individuos. A América do Sul possui a mais extensa e variada avifauna de todos os continentes. Por outro lado, sua fauna de mamíferos, embora muito interessante, é, todavia, pobre em número de especies e individuos, bem como no porte dos animais. Tem maior número de mamíferos, somente seus, e característicos em tipos, do que qualquer outro continente, excetuada a Australia; mas eles são de tipos mais variados do que na Australia. Todavia, nada possui que se aproxime da majestade e beleza dos grandes mamíferos da África e, em menor escala, da Ásia tropical; na realidade, nem mesmo se aproxima da vida mamífera similar da América do Norte e da Europa e Ásia setentrionais, embora esta região seja pobre comparada com a vitalidade fervilhante da zona tropical do Velho Mundo. Durante um período geologicamente recente, período que se estende até aquelle que viu o homem

difundir-se pelo mundo em um estágio físico e cultural substancialmente idêntico ao de muitos selvagens ainda hoje existentes, a América do Sul possuía uma fauna variada e admirável de enormes animais — tigrés de dentes de sabre, grandes leões, mastodontes, cavalos de muitas espécies, paquidermes semelhantes a camelos, preguiças gigantes, milodontes do tamanho de rinocerontes e muitas outras criaturas extraordinárias e assombrosas. Por alguma causa, sobre cuja natureza não podemos, no presente, sequer arriscar uma hipótese, esta fauna vasta e gigantesca desapareceu completamente em tremenda catástrofe (cuja duração é desconhecida), não se tendo consumado até uns poucos mil anos, ou algumas duzias de mil anos.

Quando o homem branco chegou à América do Sul, encontrou a mesma fauna mamífera fraca e empobrecida que existe, virtualmente inalterada, na atualidade. Em toda a parte o homem civilizado foi ainda mais destruidor do que seus irmãos bárbaros que muito destruíram da magnificente vida mamífera dos sertões; durante séculos esteve ele eliminando na Europa, Asia e África do Norte as mais elevadas formas da vida animal selvática, e, mesmo em nossos dias, repetiu a façanha, em grandíssima escala, no resto da África e na América do Norte. Na América do Sul, porém, embora seja ele responsável em certas regiões pela ostensiva carnificina das maiores, mais interessantes e mais belas aves, seu advento se traduziu num positivo enriquecimento da vida mamífera selvagem.

Nenhum dos mamíferos herbívoros autóctones, ou graminívoros, se emparelha em porte e beleza às manadas de gado e cavalos selvagens ou semi-selvagens, ou traz, tanto como eles, interesse à paisagem. Ha todas as razões para que o bom povo da América do Sul fique alerta, assim como nós, da América do Norte, embora

tarde, estamos começando a ficar, e como os povos da Europa setentrional — não os da Europa meridional — já parcialmente ficaram, para o dever de preservar do empobrecimento e extinção a vida silvestre — que constitue um patrimonio de tanto interesse e valor em nossos diversos países. Mas a acusação contra o homem civilizado, nesta materia, é de certo modo horrivelmente grave quando se conta a pura verdade.

Depois de cinco ou seis horas de viagem através da região pantanosa e de florestas de palmeiras, chegamos à fazenda que era nosso destino. Na vizinhança havia figueiras gigantescas, isoladas ou em grupos, com densa folhagem verde-escuro. Nas proximidades, brejos recobertos de plantas aquáticas. Campinas alagadas e pastagens meio secas, descampadas ou com manchas de palmares entremeados de árvores dos pântanos, desdobravam-se por todos os quadrantes, por espaço de muitos quilômetros. Existiam cerca de trinta mil cabeças de gado na fazenda, além das manadas de cavalos e varas de porcos e de uns poucos rebanhos de carneiros e cabras. As edificações da sede da fazenda ficavam num quadrilátero, rodeado por uma cerca baixa de paus em pés.

Uma face do quadrilátero era formada pela propria casa de morada da fazenda, terrea, com as paredes caiadas e cobertas de telhas vermelhas. Dentro, salas nuas, com paredes asseadas, caiadas, com madeiramento de palmeira. Sólidas folhas de madeira fechavam as janelas sem vidros. Dormimos em redes e macas e regalamo-nos com deliciosos quitutes brasileiros.

Era outra face do quadrilátero ficava uma construção branca, comprida e baixa, coberta de telhas, que compreendia a cozinha e alojamentos dos empregados graduados, os feitores, o cozinheiro e os caçadores de onças com suas familias: homens de pele escura, mostrando

suas mulheres variadas misturas de sangue branco, índio e negro. As crianças brincavam alegremente no chão e eram carinhosamente tratadas por suas mães.

Defrontando a cozinha, havia uma fila de construções, algumas de adobe caiado, cobertas de zinco, outras de troncos de palmeiras, verticais, cobertas de folhas de palmito. Eram quartos para selas, galinheiro e estrebaria. O galinheiro foi entregue a Kermit e Miller para a preparação de seus espécimes e ali trabalharam esforçadamente; com os couros grandes, como o do tamanduá, tinham que ficar agachados; enquanto isso patinhos e pintinhos disputavam entre si, não só em torno, como em cima do próprio couro, as migalhas de raspas de carne, ou apanhavam moscas.

O quarto lado do quadrilátero era formado por um curral e um grande girau de varas sobre o qual pendiam couros e mantas de carne a secar.

Circunstancia extraordinária: não havia mosquitos na estancia. Qual a causa, não o posso dizer, pois deviam enxamear naqueles vastos pantanais ou paues. Em consequencia disto, apesar do calor era o local aprazível.

Nas proximidades, havia outras construções: ranchos e choças de troncos de palmeiras cobertas de sapé, em que moravam os peões comuns, e grandes currais. Havia no pateo árvores "flamboyants" com suas flores vermelhonas e folhagens de um verde alegre e delicado recorte. Barulhentos "joões de barro" frequentavam essas árvores. Numa palmeira alta do jardim uma familia de periquitos verdes fizera sua morada e estava em preparativos para fazer os ninhos. Charlavam sem cessar, tanto em vôo como pousados, ou trepavam pelos galhos. Tuiuiús e batuiras, grasnando e piando passavam sobre nossas cabeças. Jaçanãs frequentavam os brejos das redondezas; os "peões", com uma simplicidade que a nós parecia sa-

crilega, mas que para eles era inteiramente inocente e destituída de importancia, chamavam-lhes “passarinhos de Nosso Senhor”, porque caminhavam sobre a agua. Havia nas vizinhanças grande riqueza de vida ornitológica estranha.

Viam-se grandes nesgas de paues cobertas de papyrus, mas não chegavam estes a um quinto, talvez nem a um décimo, da altura dos da África. Nestes paues notavam-se muitos pássaros pretos. O trino de alguns me faziam lembrar nosso tordo pretinho (redwing). Outros, com cabeça, pescoço e encontros rubros sobressaíam lindamente; muitas vezes uma duzia deles pousava numa haste inclinada de papiros, que vergava sob seu peso. Existiam nas árvores todas as especies de extraordinarios ninhos de pássaros. O trabalho do colecionador ainda é necessario na América do Sul, mas julgo que, no momento atual, no que diz respeito às aves, é infinitamente mais necessario o trabalho do observador cuidadoso, que, à capacidade de apreciação e observação, alie a de fazer descrições eloquentes, fideis e interessantes — o que quer dizer, como os cientistas tanto como os historiadores aconselhariam — que escrever bem sua lingua é indispensavel para todo o homem culto que deseja fazer sua cultura influir, como deve, sobre seus concidadãos. O naturalista de campo, que estuda a fauna e se dedica de preferencia ao estudo dos costumes e hábitos de vida das aves, animais selvagens, peixes e repteis, e que descreve com verdade e vida tudo quanto viu, poderia fazer obra de muito mais utilidade do que qualquer simples colecionador, naquela região do alto Paraguái. O trabalho do colecionador é indispensavel; mas é uma pequena parte, apenas, do trabalho que deveria ser realizado; e depois que a coleta atingiu certos limites, a obra

do observador de campo, dotado de aptidão para reproduzir o que viu, torna-se de importância muito superior.

Os longos dias gastos em cavalgar pelo pântano foram agradáveis e cheios de interesse. Varias vezes vimos o tamanduá-bandeira, o papa-formigas gigante. Kermit matou um, porque os naturalistas estavam impacientes para obter segundo espécime; depois ficamos desobrigados de toda a necessidade de molestar o estranho e pitoresco animal. Era surpresa para nós encontrá-lo habitualmente frequentando o paul escampo. Estavam sempre em solo pantanoso e nas moitas de papiros; achámo-los em brejos de varias polegadas de agua. Seu estômago tem grossas paredes, como a moela das aves e os dos que matamos continham formigas adultas e suas larvas, principalmente cupins, juntamente com terra preta e fragmentos de folhas, tanto secas como verdes. Sem dúvida o material terroso e vegetal fora tomado por mero acaso, devido a aderir à lingua viscosa do animal quando introduzida nas massas de formigas. Fora, no pantanal descoberto, o tamanduá não podia evitar o ser visto, nem lutar com vantagem, ou conseguir escapar pela fuga. Era curioso vê-lo afastar-se, num trote oscilante, com a grande cauda peluda erguida no ar. Um deles, quando lutava com os cães, atirou-se de repente de costas ao solo, na esperança evidente de abraçar um deles para meter-lhe as garras: às vezes se levantava sobre as patas traseiras para desferir golpes nos assaltantes. Num capão de matagal denso vimos um mono preto gemedor, sentado imóvel no topo de uma arvore. Vimos tambem o veado galeiro ou pantaneiro, de porte semelhante ao do nosso cola-preta. É realmente um animal dos alagadiços, pois encontrâmo-lo muitas vezes entre os papiros, e fora, no pantanal franco, metido na agua até os joelhos, entre as plantas aquáticas.

Os cavalinhos resistentes nos conduziam bem, pantanal afora. Muitas vezes, atravessando lagoas e empocados, a agua lhes subia até perto da cernelha, mas eles, chafurdando na lama vadeavam o obstáculo, e, caso fosse necessario, nadavam para o outro lado.

Os cães formavam uma bravia matilha. Alguns tinham distintamente a apparencia de lobos. Estes, segundo nos afirmaram, descendiam, em parte, do grande lobo vermelho da redondeza, um animal alto e magro, com dentes muito menores do que de um lobo grande do norte. O cão doméstico, sem dúvida, descende de, pelo menos, uma duzia de especies diversas de cães selvagens, lobos, chacais, alguns deles provavelmente pertencentes ao que nós classificamos como generos diferentes. O maior ou menor grau de fecundidade entre especies diferentes varia de modo extraordinario e inexplicavel em diversas familias de mamiferos. Na dos equinos, por exemplo, as especies não são fecundas entre si; ao passo que entre bovinos, especies, ao menos na apparencia tão distanciadas como o cavallo, o jumento, a zebra — especies como o boi doméstico, o bisão, o iaque ou boi do Tibete e o zebú — cruzam entre si e seus produtos são fecundos; o leão e o tigre também cruzam entre si e produzem crias que se cruzam com qualquer das raças paternas; e os cães mansos, nas diversas regiões do mundo, embora todos fecundos entre si, são, em muitos casos, parentes obvios dos vizinhos selvagens, criaturas similares ao lobo ou ao chacal, que são em especie, ou mesmo em gênero, distintas umas das outras. O grande lobo vermelho das planicies da América do Sul não está proxivamente aparentado com os lobos do norte e foi para mim coisa inesperada encontrá-lo em cruzamento com os cães domésticos comuns.

À tarde, depois do jantar, sentavamo-nos na sala desguarnecida da casa, ou fora, sob as arvores, na noite

quente, e falávamos sobre muitas coisas: historia natural com os naturalistas, e todas as especies de outros assuntos, tanto com eles como com os nossos amigos brasileiros. O coronel Rondon não é apenas um official e um cavalheiro, no sentido honrosamente verdadeiro para os melhores officiaes do exército em qualquer bom serviço militar. É tambem um explorador particularmente intrépido e competente, homem dotado de espirito científico, naturalista de campo, intellectual e filósofo. Com ele, a conversação ia da caçada de onças e dos perigos da exploração no Mato Grosso, no grande sertão, à antropologia indigena, aos perigos da civilização puramente industrial materialista e à moral positivista. O positivismo do coronel era para ele verdadeiramente uma religião da humanidade, um credo que lhe impunha ser justo, bom e util para com seus semelhantes, viver sua vida com coragem e encarar a morte, sem se preocupar com crença ou descrença, nem com o que o alem desconhecido possa reservar para ele.

Os caçadores nativos que nos acompanhavam eram homens trigueiros de sangue misto. Descalços e escassamente vestidos, levava cada um seu chuçó tosco e um facão afiado, em cujo manejo são peritos. Às vezes precisavamos abrir picada ao atravessar matagal denso; e era interessante ver algum deles, apesar do embaraço do pesado chuçó, manobrar seu cavalinho semifrouxo, enquanto cortava galhadas. Dos dois que ordinariamente nos acompanhavam, um era mais moço do que o outro e sempre que se nos deparava uma passagem de incomum aspecto duvidoso, ou um trecho de atoleiro, o mais velho mandava sempre o moço à frente, e, sentado no barranco, observava o que succedia ao experimentador. No livro nã tanto inverossimil de nossa mocidade, o "Robinson Suíço", menciona-se um macaco manso chamado Nips, que era

empregado para provar as coisas que pareciam comestíveis, e sobre cujos efeitos os náufragos tinham dúvidas; e, dada a semelhança obvia da função, batizamos o caçador mais moço como Nips.

Nossos guias eram não só caçadores como vaqueiros. O capinzal seco e aspero é queimado para permitir a brotação do pasto verde à custa do qual medra o gado. De vez em quando um dos homens, cavalgando à nossa frente, sem deixar a sela fazia cair um fosforo aceso num tufo alto de palhas secas. Enquanto nós, que seguíamos atrás, iam cavalgando por ali, as linguas de labaredas altas se levantavam e uma queimada de campo estava desencadeada. Certo dia Kermit levou Nips para uma caçada solitaria. Matou dois grandes veados galheiros, um macho e uma femêa, e os conservou para o museu. Estavam no meio dos papiros, mas seus estômagos só continham o capim tenro que cresce na agua e em terra às margens de alagadiços; utilizavam os papiros como abrigo e não como alimento. O macho tinha suas glândulas odoríferas junto às ventas; na femêa elas eram rudimentares. Nesse dia, tambem Kermit topou com uma vara de grandes e ferozes porcos do mato, de beijo branco. Ao ouvir seus grunhidos, Nips esporeou o cavallo e fugiu, explicando que os porcos os atacariam, cortariam os jarretes dos cavalos e matariam os cavaleiros. Kermit entrou no matagal e foi a pé ao encalço dos truculentos porcos selvagens, seguiu-os durante uma hora, mas não conseguiu vê-los.

Na tarde desse mesmo dia, um dos caçadores de onça — apenas camaradas da fazenda sabiam algo da caça ao jaguar — que estivera procurando rastos, chegou com informação de ter achado sinais recentes num local do banhado distante dali a duas leguas e tres quartos. Na madrugada seguinte, levantamo-nos às duas horas e

às tres tínhamos partido para a caça ao jaguar. O coronel Ronçon, Kermit e eu, com os dois rastreadores ou caçadores de onça, formávamos a comitiva, cada um sobre um cavalinho ossudo, habituado a cruzar vastas extensões do pantanal; eramos acompanhados por um rapaz moreno que levava almoço e montava um novilho trotão que ele dirigia com um cordel passado na venta e no labio inferior. Os dois rastreadores levavam toscos e compridos chuços. Nossa matilha era um tanto fraca. Além de nossos dois cães, não habituados à caça ao jaguar, havia os cães da fazenda, quasi imprestaveis, e dois cães onceiros tomados de empréstimo para a ocasião, de uma fazenda sita a seis ou oito leguas distante. Eram estes os unicos nos quais se podia ter alguma confiança e eram levados à trela pelos rastreadores. Um era uma cadela branca, e o outro, o melhor, um cachorro preto castrado. Eram animais magros e semifamintos, de orelhas erguidas e olhar arisco.

Enquanto nossos pobres cavalinhos caminhavam para longe da sede da fazenda, as estrelas brilhavam e o Cruzeiro do Sul pendia alto nos céus, inclinado para a direita. A paisagem era fantástica, à luz da lua que desaparecia. Na primeira corixa rasa, quando os cavalos e os cães atravessavam, um aligador, o jacaretinga, de mais de metro e meio de comprimento, flutuava descuidado entre as patas e os cascos que espadanavam agua; evidentemente à noite não nos temia. Hora após hora seguimos para diante. A noite afinal se foi repassando da primeira claridade cinzenta da madrugada. O céu estava carregado. O sol surgiu rubro e violento, através de telos de nuvens; seu disco flamejava atrás das altas e esbeltas columnas das palmeiras illuminando as planuras de papiros. Os bugios pretos soltavam seu triste lamento. As aves despertavam. Araras, papagaios e periquitos chalayam ruidosamente

vendo-nos passar. Os socós piavam com voz lamentosa e as cigarras trilavam. Vadeamos lagoas e empoçados nos quais flutuavam lírios brancos e uma multidão de flores lilases coloriam o verde banhado.

Afinal, na orla de um capão de mato, achamos rastros frescos de onça num terreno úmido. Os dois cães onceiros deram alarme. Foram desatrelados e acompanharam o rasto, enquanto os outros os seguiam a ladrar. A caçada seguiu direita através do banhado. Era claro que o jaguar não sentia a menor repugnância pela água. Provavelmente andara à cata de capivaras ou de antas, e caminhara contornando poças e longas corixas estreitas, nas quais devera ter precisado nadar o espaço de duas ou tres braçadas. Vagueara também pelas faixas de terreno de mato, formando ilhas, sendo as arvores nestes pontos, pela maior parte, palmeiras e tarumãs; o tarumã é quasi tão frondoso como um carvalho (live-oak), com folhas lustrosas, e frutos parecidos a azeitonas. Aceleramos o passo e nossa variegada matilha rompeu a latir e uivar. Um súbito aumento do alarido indicou que a caça subira numa arvore ou se deixara acuar num cerrado. A primeira suposição era a verdadeira. Os cães haviam penetrado num mato alto, e, ao galoparmos para lá, vimos o jaguar no alto, na forquilha de um pé de tarumã. Era um belo espetáculo — a pelagem pintada do grande, agil e formidável felino reluzia esplêndida enquanto ele rosava desafiando a canzoada em baixo. Eu não confiava na matilha; os cães não eram seguros, e, se o felino descesse e fugisse, era bem possível que o perdêssemos. Por essa razão, atirei logo, a uma distancia de uns sessenta metros. Estava-me utilizando de minha carabina favorita, a pequena "Springfield" com a qual matara numerosas especies de caça africana, de leão e elefante para baixo; as balas eram ponteagudas, com a extremidade de

chumbo descoberta. Alvejado, o jaguar caiu como um saco de areia através da galhada e, embora ainda se levantasse, caiu logo que andou alguns metros. Quando cheguei estava morto sob as palmeiras, com tres ou quatro dos cães mais audazes despedaçando-o.

O jaguar é o rei das caças sul-americanas, emparelhando-se com os mais nobres animais da caça norte-americana, e somente inferior aos enormes e ferozes animais selvagens da África e da Ásia. Era uma fêmea adulta, mais pesada e mais forte do que um cugar macho ou uma pantera ou leopardo africano. Grande e poderosamente constituída, aquela fera dava a mesma impressão de força do tigre rajado e do leão, e que os ageis leopardos e os pumas não dão. Sua carne se mostrou boa para comer, quando a tivemos ao jantar, embora não fosse preparada como devia. Dela provei, porque gostara da carne do cugar. Sempre lamentei não haver provado, na África, a carne do leão, que, estou certo, devia ser excelente.

No dia seguinte foi a vez de Kermit. Tínhamos conosco a matilha mesclada, toda ela divertindo-se muito, mas, embora útil numa caçada de onça, para ganhar acompanhando a fera por espaço de um quilômetro, assustando-a com seu alarido, não era suficientemente boa para ser útil no caso de haver qualquer dificuldade durante a caçada. Os dois únicos cães em que podíamos confiar eram os dois onceiros emprestados. Aquele dia foi do cachorro preto. Pelas dez horas da manhã chegamos a uma sanga comprida, profunda e tortuosa. Na margem oposta estava uma capivara, semelhante a um porco de focinho chato, com o pelo escuro molhado a brilhar. Matei-a e caiu nagua. Verifiquei então que a sanga se estendia por um quarto de legua ou meia legua para cada lado e os dois vaqueiros afirmaram que não convinha atravessá-la a nado de medo ás piranhas. Justamente a esse tempo,

achamos rastos frescos de jaguar. Fazia calor, vínhamos com cinco horas de viagem e os cães estavam cansados, sobretudo o preto, quasi exausto, pois fora trazido atrelado por um dos camaradas. Estava deitado, esfalsado, incapaz de farejar. Kermit jogou-lhe agua, e, depois de bem banhado e refrescado, levou-o a cheirar o rasto do jaguar. O brioso cão velho immediatamente ficou alerta. Ao sentir o cheiro da fera-latiu com força, ainda deitado, Pôs-se em seguida em pé, penosamente, e partiu no rasto, tornando-se mais vigoroso a cada salto. O gatão, evidentemente, não estava muito longe. Logo achamos o lugar para onde ele nadara através da sanga. Com ou sem piranhas, resolvemos então atravessá-la, e a isso procuramos obrigar os cavalos, num lugar que parecia favoravel. O entrançado de plantas aquaticas, com seus tentáculos escorregadios e rijos, formava uma barreira incômoda, pois a agua era profunda, precisando os animais nadar. Kermit meteu seu cavallo através da massa entreverada, e nadando, mergulhando e debatendo-se, a montaria passou. Deixou uma faixa de agua desobstruida, e nós, depois dele, também pusemos nossos animais a nado. Os cães seguiram atrás. Na outra margem bateram no rasto fresco e correram a acompanhá-lo. Levava-nos o rasto a um extenso capão de mato formado sobretudo de palmeiras baixas de naurí, de galhada cheia, palmas longas e inclinadas. De perfil, davam a impressão de bambús grosseiros. Os coquinhos pendurados em grandes cachos pareciam cachos de pequenas bananas verdes. Entre as palmeiras mais baixas havia espalhadas algumas arvores grandes e comuns. Trotamos ladeando por fora a restinga, escutaado os cães lá dentro; súbito, uma explosão de latidos da matilha mostrou que o jaguar estava acuado. Estes poucos minutos são os de real excitação na caçada com cães, quando qualquer grande felino sobe em alguma

árvore. O furioso actuar da cachorrada, os gritos e brados dos homens a galope, estugando-os, o cenário selvático, a certeza da espécie da caça — tudo se junta para tornar o momento de violenta e aguda comoção. Além disso, neste caso havia a possibilidade de o jaguar se deixar actuar no solo, havendo em tal caso um ligeiro elemento de risco, pois seria necessaria precisão de tiro, para evitar-se um ataque. Naquele momento, logo que os longos ganidos e altos ladridos indicaram que o jaguar fora alcançado, nós vímo-lo. Era um macho grande, empoleirado nos ramos de uma grande figueira. Uma bala na volta da paleta, da Winchester 405 de Kernit, derrubou-o, morto, no chão. Era mais pesado que o enorme cuguar matador de cavalos que eu abatera no Colorado, cujo cranio Hart Merriam declarou ser o maior que havia visto: tinha aproximadamente o duplo do peso de qualquer dos leopardos adultos africanos que matamos; e o mesmo peso ou quasi da menor das leoas que abatemos na África. Grande ossatura, solida construção e volumosa estrutura muscular igual à de um leão pequeno; não era flexivel, delgado e comprido como um cuguar ou um leopardo; a cauda, como de todo o jaguar, era curta, ao passo que a grossura do corpo era grande; tinha uma bela pelagem com brilho de setim, e as pintas escuras sobre o dourado do lombo, da cabeça e flancos, competiam apenas com as manchas destacadas contra o branco da barriga.

Era um jaguar muito conhecido. Algumas vezes dava para matar gado; numa ocasião, pelas encheites, elegera morada próximo à fazenda e matara duas vacas e um novillo. Os caçadores perseguiram-no, mas ele escapou e desde então abandonou os arredores. Naqueles banhados cada jaguar tinha uma vasta e irregular area de ação, viajava bastante, passando talvez apenas um dia ou dois em um local, e talvez uma semana, onde a caça abun-

dava. Gostam os jaguares da agua. Bebem com abundancia e nadam facilmente. Naquella zona percorrem durante a noite o pantanal preando ao longo das margens das sangas, apanhando capivaras e jacarés, pois estes caimões das lagoas, os jacaratingas, formam parte de sua alimentação habitual, e um jaguar grande, acossado pela fome, ataca e mata grandes jacarés e crocodilos, se puder apanhá-los a alguns metros de distancia da agua. O jaguar tambem acompanha no pantanal as varas de queixadas; conta-se que ele ataca o mais atrasado do grupo dos ferozes porcos selvagens. Em outros lugares chegava a prear a anta. Entretanto, no mato o jaguar tem que matar a anta ao dar o salto, pois o animal retaco, de couro espesso e corpo em forma de cunha, não respeita o mato, segundo expressão do coronel Rondon, e se atira de cabeça baixa numa corrida cega entre galhos e troncos, de modo que, se não for morto no lugar do salto, larga fora o jaguar cujas garras lhe deixam marcas fundas no couro duro. O gado é muitas vezes vitimado. O jaguar não se mete com touro grande, e evita atacar uma ponta de gado acompanhado de touro; mas às vezes, quando falta caça silvestre, mata qualquer outro animal domestico. É uma fera sedenta, e, quando caçou longe da agua, arrasta muitas vezes a vitima longa distancia até junto de alguma lagoa ou riacho; o coronel Rondon encontrou certa vez um cavallo que um jaguar havia arrastado assim por espaço de um quarto de legua.

O jaguar tambem ronda e mata o veado; naquellas paragens parecem ser menos caçadores habituais de veados do que os cuguares; não sei se será assim em geral. Sabe-se que agarram e devoram grandes sucuris. Nos limites daquela zona os jaguares comuns quasi não molestam o gado e os cavalos, exceto uma ou outra vez, matando bezerros. Só em circunstancias especiais algum

macho velho ocasionalmente dá para matar gado. Em vista da abundancia de capivaras e veados, evidentemente os grandes gatos pintados preferem essas presas mais faceis, quando se apresenta oportunidade, exatamente como na África Oriental, onde vemos os leões vivendo quasi exclusivamente de zebras e antilopes, não molestando o búfalo e o gado doméstico, que em outras regiões da África constituem sua presa habitual. Em algumas outras paragens, não muito distantes, nossos hospedeiros nos informaram que os jaguares viviam quasi só de cavalos e gado. Também nos contaram que os cuguares tinham os mesmos hábitos dos jaguares, com a diferença de que não vitimavam animais de tal porte. Os cuguares naquela estancia nunca molestaram as aves domésticas, fato que me surpreendeu, pois, nos Montes Rochosos, são seus peores inimigos.

Era interessante observar que nossos hospedeiros, os caçadores mestiços e trabalhadores da estancia, associavam conhecimentos especiais de muitos hábitos desses gatos com uma curiosa ignorancia de outros assuntos relativos, sendo faceis de acreditar em fábulas sobre eles. Era precisamente o mesmo que eu observara no caso dos velhos caçadores norte-americanos, ao falarem sobre o puma, o urso e o lobo, e no dos caçadores ingleses e boers da África, quando falavam do leão e do rinoceronte. Enquanto não for adquirido o hábito da exatidão científica na observação e registro dos casos, e até que os espécimes sejam conservados e cuidadosamente comparados, homens inteiramente verazes, habituados ao sertão, aceitam sem quaisquer dúvidas e repetem, como fatos dignos de fé evangélica, teorias que dividem os ursos cinzentos e os pretos de cada localidade dos Estados Unidos, e os leões e rinocerontes pretos da África do Sul, ou os jaguares e pumas de cada região da América do Sul, em varias es-

pécies, todas com hábitos muito diferenciados. Ademais, descrevem esses costumes imaginários com tal sinceridade e minúcias, que ifudem muitos ouvintes; e o resultado é que naturalistas concenciosos perpetuarão essas fábulas, como fez Hudson quando escreveu sobre o puma. Hudson foi um magnífico observador e escritor, quando se ocupou com as aves e mamíferos comuns das regiões muito povoadas perto de Buenos Aires e da foz do rio Nero; mas nada sabia sobre o sertão. Isto não desmerece a sua obra; meus livros prediletos são os escritos por ele, os quais constituem excelentes modelos do que devem ser tais livros; eu só desejaria que existissem centenas de escritores e observadores tais, que nos dessem livros semelhantes para todas as regiões da América. Mas é errado aceitá-lo como autoridade em assuntos que ignorava.

Um incidente digno de interesse ocorreu no dia em que matamos o primeiro jaguar. Almoçamos junto de uma pequena mas funda sanga de agua evidentemente perene. Aproximei-me da beira para fírar um pouco d'agua e o que quer que fosse rosnou ou rugiu para mim, à distancia somente de alguns palmos. Era um jacaretinga ou pequeno caimão de cerca de metro e meio ou pouco mais de comprimento. Naquele momento não lhe dei atenção. Mas logo em seguida, quando nossos cavalos desceram para beber, o jacaretinga ameaçou-os e os espantou; então o coronel Rondon e Kernit chamaram-me para o observar. Estava à tona d'agua, apenas a alguns palmos de nós e nos ameaçava; atiramos-lhes pelotas de barro, ao que ele, batendo as mandíbulas, fazia arrancadas curtas contra nós. E quando atiramos paus, abocanhou-os e os esmagou. Não conseguimos afugentá-lo. Não posso imaginar porque mostrou ele tal truculencia e imprudente attitude, a menos, talvez, que fosse uma femca com a ninhada perto. Em outra lagoa não distante, um jacaretinga mostrou não me-

nor furia quando outro de meus companheiros se aproximou. Roncou, abriu as fauces e bateu a cauda. No entanto estes jacarés das lagoas jamais atacaram até mesmo nossos cães, e muito menos a nós ou nossos cavalos. Nesse mesmo dia, outros da nossa comitiva tiveram um interessante caso com os animais de uma outra lagoa. Um deles era o comandante Cunha (da Marinha Brasileira) desportista completo e magnífico companheiro. Acharam uma lagoa funda, de uns cem metros de comprimento por trinta ou quarenta de largura. Era habitada por pequenos jacarés e capivaras — os maiores roedores conhecidos, grandes cobaias aquáticas, do porte de um carneiro pequeno. Também ali enxameavam piranhas, o peixe voraz de que tenho falado tantas vezes. Sem dúvida os jacarés estavam vivendo dessas piranhas. Mas saia o trunfo às avessas, de repente, se algum jacaré era ferido. Quando uma capivara ferida se atirava nagua, as piranhas imediatamente atacavam-na e dez minutos depois tinham-lhe devorado metade do corpo. Muito mais extraordinário, porém, era o fato de que, sendo ferido um jacaré de metro e meio de comprimento, as piranhas o atacavam e dilaceravam, forçando-o então a sair para a margem e enfrentar seus inimigos humanos. Os peixes a principio dilaceravam a parte ferida; em seguida, como o sangue os enlouquecesse, atacavam todas as partes moles, arrancando com seus dentes terríveis pedaços do couro duro e da carne. Evidentemente, não agrediam jacarés e capivaras enquanto não feridos, mas o sangue as excitava até o frenesi. Seus hábitos são inexplicáveis em certos sentidos. Vimos pessoas se banharem frequentemente sem acidentes; mas havia logares em que isso nunca é seguro, e, em qualquer local, se aparece um cardume desses peixes, os nadadores correm perigo. Um homem ou animal ferido corre perigo de morte se houver piranhas nas vizinhanças. De ordina-

rio, acontece que só por acidente um homem sem ferimento é agredido. Tais acidentes são raros, mas ocorrem com frequência bastante para justificar a máxima cautela ao se entrar em água onde abundam piranhas. Era frequente atravessarmos lagoas onde habitavam numerosas capivaras. Os pesados rôedores, com jeito de porcos, são em toda parte conhecidos como ariscos. Ali são muito mansos. A água era seu lar e refugio. Usualmente, saíam à terra para pastar, fazendo carreiros bem batidos nos banhados, ao longo d'água; mas devem viajar à noite, pois nunca os vimos afastados mais de alguns palmos da água, durante o dia. Mesmo ao meio-dia, muitas vezes topamos com elas paradas junto às sangas ou lagoas. Os cães se atiravam, ferozes, aos animais assim parados, que os esperavam até chegarem a poucos metros de distancia apenas, então lançando-se à água, onde mergulhavam. Os cães também se atiravam de pronto na água e então era realmente engraçado ver a surpresa e desapontamento em que ficavam, ante o completo desaparecimento de sua presa. Era comum uma capivara ficar sentada sobre os quadrís dentro d'água, tendo fora a cabeça curta, com orelhas pequenas, completamente despreocupada de nossa presença. Ao assustar-se, mergulhava, pois as capivaras nadam com igual facilidade por cima ou por baixo d'água; e, se querem ocultar-se, surgem de manso entre as folhas das touças de lírios do brejo, ficando só com as ventas de fora. Nestas águas as capivaras e os jacarés pequenos não se preocupam uns com os outros, nadando e permanecendo muito juntos.

Ambos tinham o mesmo inimigo, o jaguar. A capivara é uma caça somente no mesmo sentido em que o são a lebre e o coelho. A carne é boa de comer, e seus costumes de anfíbio, índole e modo de viver peculiares, as tornam interessantes. Em algumas lagoas a água havia

quasi desaparecido e as capivaras se haviam tornado, provisoriamente, animais do pantano e do fodo, embora sempre pudessem achar pequenas poças limosas para ficarem e se esconderem sob a vegetação de lírios do brejo.

Toda a nossa estada nessa fazenda foi deleitosa. Durante as longas caminhadas, sempre viamos alguma coisa de interesse e com frequencia inteiramente nova para nós. Certa manhã, ainda cedo, encontramos dois tatús — tatús grandes de nove faixas articuladas. Tamos cavalgando com a matilha, por uma região de pastagem seca e arenosa, manchada de caponetes de palmeiras, em torno a cujos troncos crescia um denso espinhal e cardos palmados. Os tatús estavam comendo num espaço descoberto, entre dois desses caponetes, que entre si distavam cerca de cem metros. Um deles achava-se firmado sobre os quatro pés, e o outro agachado, com as mãos erguidas. Suas orelhas compridas eram muito visíveis. Os cães correram para eles. Sempre supúis que os tatús fossem muito leigos e que, quando ameaçados, se enconchavam sob a casca para se protegerem. Fiquei tão surprehendido como se tivesse visto uma tartaruga correr, quando esses dois tatús abalaram a fugir, rápidos como coelhos. Um deles, rumou para trás, para o mais próximo caponete, que alcançou. O outro correu a toda a velocidade — e corria tambem realmente veloz — até quasi alcançar o outro capão de mato, distante cem metros, com os cães em sua perseguição. Em seguida mudando repentinamente de idéia, voltou-se e passou como uma bala pelo meio da cachorrada. Os cães, um após outro, procuraram mordê-lo ou detê-lo, continuando a perseguí-lo; mas seu focinho cuneiforme e corpo encouraçado, adicionados à velocidade da corrida, permitiram-lhe forçar passagem através dos perseguidores, nenhum dos quais o pôde agarrar ou deter, e alcançou a salvo seu espinhoso refu-

gio. Tinha percorrido, a toda a velocidade, cerca de cento e cinquenta metros. Esta exhibição inesperada muito me impressionou; evidentemente essa espécie de arradilhos ou latús só se empolota como último recurso e de ordinario confia na carreira e na proteção que sua forma e couraça lhe garantem na corrida, para atingir sua toca ou outro local de abrigo. Por duas vezes, quando assentava trilhos de via ferrea, proximo a S. Paulo, Kermit havia desenterrado tatús com a escavadeira a vapor.

Havia grandes formigueiros, alguns de vastas dimensões, espalhados pela região. Algumas vezes eram construidos apoiados em troncos de arvores. Alí não encontramos as formigas venenosas ou agressivas que, quando em número suficiente, tornam certas regiões inhabitaveis. Ordinariamente não são muito numerosas, Aquellas que caminham em grandes exercitos, matam filhotes de passarinhos e aniquilam de pronto qualquer animal grande que não se possa afastar de seu caminho. Tem sido aventado que os filhotes em seus ninhos estão de certo modo a salvo do ataque dessas formigas. Mas a experiencia de nossos naturalistas tendia a mostrar que assim não acontecia. E elas invadiam qualquer ninho que topassem e pudessem atingir.

Vimos certa vez um grupo de queixadas — uma fema acompanhada de tres filhos novos. Dizem que elas só parem duas crias, mas nós vimos essa com tres, embora, é claro, seja possivel alguma delas pertencer a outra queixada. O grupo correu para o abrigo de um espinhal no qual os cães não puderam penetrar, e, quando se viram a salvo, ouvimos que emitiam do profundo matagal um curioso grunhido.

Durante uma excursão, passamos por uma moita de palmeiras feericamente enfeitadas com as cores das aves. Havia araras azues esplendidas; papagaios verdes com

manchas rubras; tucanos de plumagem multicolor, negra, branca, vermelha e amarela; xexéus flainantes e tangarás azues e vermelho-escuros. Era uma coleção extraordinaria. Todos taralhavam. Talvez alguma cobra os heu-  
 vesse atraído com sua presença, mas não conseguimos achar cousa alguma. Quando cavalgamos próximo, aquela assembléa se dissolveu, as grandes araras azues partiram aos pares, gritando o seu áspero "ar-rah-h" "ar-rah-h". Tem-se dito que os papagaios no sertão gritam quando em vô. Certamente o fazem, mas os que vimos permaneciam mudos enquanto comiam, e, ordinariamente, quando empoleirados entre os galhos, como não caso dos periquitos miúdos junto à casa, ou quando estavam juntando gravetos para fazer ninhos, eram exatamente tão barulhentos como quando voavam. As aves aquáticas eram sempre um deléite. Abatemos só os dois ou tres espécimes de que os naturalistas necessitavam para o museu. Matei um socó-boi voando, com a pequena e maneira Springfield mas depois perdi toda a confiança que havia conquistado devido a uma serie de erros indesculpaveis de tiro longo, até que afinal matei um jaburú. Kermít atirou tambem um com a Lúger automática. Essas grandes e belas aves, de estatura tão alta como a de um homem, lutavam quando feridas, avançando contra os atacantes, a estalar seu bico formídavel. Um dia achamos um ninho de jaburú numa enorme figueira, à beira de um capão de mato. Era uma grande plataforma feita de gravetos colocada sobre um galho horizontal. Nele havia quatro filhotes crescidos. Passamos de manhã, quando os pais estavam tambem pousados ao lado; o céu achava-se então carregado, não sendo possível fotografá-los com a máquina pequena. Quando, no começo da tarde, ali passamos de novo, o sol estava fora, e cuidamos de obter fotos. Só um dos pais estava então

presente. Não se mostrou arisco. Notei que, enquanto permanecia num galho junto ao ninho, mantinha o bico ligeiramente aberto. Fazia calor, e penso que ele tinha aberto o bico assim como o faz a galinha, em horas de mormaço. Quando nos afastamos, a ave adulta e os quatro filhos continuavam imóveis, ao passo que o outro progenitor voltava ao ninho em vôo planado. É difícil dar uma idéa adequada da riqueza da vida alada naqueles banhados. Seria muito vantajoso a um naturalista permanecer seis meses numa fazenda como aquela que visitamos. Precitaria fazer alguma colheita de espécimes, mas pouca. A observação exhaustiva nos campos é o que se torna agora mais necessario. A maior parte desta estupenda e inofensiva vida alada deveria ser protegida pela lei, e os mamíferos também receberiam uma proteção razoavel. Os livros de maior utilidade seriam atualmente os que tratassem dos costumes e hábitos de vida das criaturas selvagens.

Junto à casa da fazenda vimos anús pretos, grandes, de bico forte, que andavam familiarmente por entre o gado. Alimentam-se dos insetos que com os cascos o gado vai desenterrando; muitas vezes se empoleiram no costado dos bois e comem os carrapatos. Era o fim da estação dos ninhos e não achamos seus curiosos ninhos coletivos, nos quais meia dúzia de femeas põem os ovos promiscuamente. Os socós comuns das lagoas próximas andam de ordinario aos pares, em lugar de bandos, como se dá com o socó do mato — eram muito mansos; também mansas eram as garças noturnas e as garças-reais. Ao levantar vôo, os socós e cegonhas espicham o pescoço para a frente. O jaburú — esplendida ave quando vôa — também estende o pescoço, mas este faz uma ligeira curva na base, o que pode ser devido meramente ao papo. As grandes e esbeltas garças, ao contrario, cobram o longo pescoço para trás, numa linda curva, de sorte que a cabeça fica quasi

entre os encontros das asas. Certo dia vi o que a principio julguei ser um martim-pescador de peito amarelo, adejando sobre uma lagoa, inergulhando nagua afinal, à cata de um cardume de minúsculos peixes novos; mas era um benteví dos grandes. Pica-paus de bico recurvo, pássaros do porte e colorido algum tanto próximos aos dos vira-vira, porein com bicos mais compridos e finos, em forma de foíce, eram comuns no pequeno quintal atrás da casa; tinham os hábitos dos trepadores e se moviam agilmente sob os troncos, e em cima ao longo deles e dos moirões e travessas da cerca, metendo o bico nas fendas em procura de insetos. Os "joões de barro", de porte e aspecto dos tordos do mato, creio que, na intimidade, seriam deliciosos camaradas; têm muita individualidade, não só nas extraordinárias moradas de barro abobadadas que constroem para ninho, como em todos os seus modos, com sua vivacidade, interesse e curiosidade sobre tudo o que se passa, sua rapidez de movimentos um tanto bruscos, e seu chilrear alto e variado.

Os periquitos apesar de barulhentos demais são aves muito atraentes, voando de um lado para outro, e trepando no topo das palmeiras, atrás da casa. Havia ali uma vistosa espécie de passarinho-rei ou tirano papamoscas, preto reluzente com cabeça branca.

Uma tarde, grande número de rezes foi conduzida a um grande curral quadrado junto à casa, afim de serem marcados os bezerros e certo número de garrotes de um a dois anos. Um elemento especial de interesse provinha da presença de uma dúzia de grandes touros que iam ser castrados. A agilidade, coragem e proezas dos trabalhadores da fazenda, vaqueiros ou gauchos, eram dignas de atenção. Os homens de pele escura eram, de maneira evidente, descendentes de índios e de pretos, embora alguns também mostrassem forte dosé de sangue

branco. Vestiam a camisa usual, calças e avental de couro franjado, com chapéus batidos à frente. Seus pés descalços deviam ser literalmente tão duros como cascos, pois quando um deles laçava um touro grande, retezava-se vergando para trás até ficar quasi sentado, enterrando os calcanhares no solo, e o animal que corria era detido nò lugar e virava de todo, ao retesar do laço. Os touros, enfurecidos, e algum novilho ou vaca, avançavam repetidamente com raiva furiosa; mas dois ou tres laços caíam sobre o animal condenado e lá vinha ele ao chão; quando libertado, levantava-se e avançava uma vez mais, com maior furia do que antes, e os homens, rindo e gritando, pulavam para o alto da reforçada cerca.

Permanecemos na fazenda até dois dias antes do Natal. Até então o tempo fora agradável. Durante a noite, véspera de nossa partida, caiu um aguaceiro torrencial. Não era inesperado, pois fomos informados de que a época das chuvas estava atrasada. Na manhã seguinte a bagagem seguiu, em dois carros de bois, para o porto, à margem do rio, onde o vapor nos esperava. Depois de transpostas as derradeiras lombadas de terreno elevado e coberto de arvoredos, os últimos poucos quilômetros se estendiam através de uma planura baixa sobre a qual as águas estagnavam, ora apenas alcançando o tornozelo, ora subindo à cintura de um pedestre. Bem à nossa frente, à distancia de muitas leguas, erguiam-se às montanhas altas e neiras que ficam a oeste de Corumbá. Por trás delas, o sol se escondia, incendiando o céu nublado com um pálido esplendor. Os últimos tons roseos foram depois esmaecendo no alto. Os cavalos chapinhavam cansados, cruzando o alagadiço; para cada lado, desdobrava-se o pantanal, vasto, solitario e desolado, à luz esfumada do crepúsculo. Alcançamos os carros. Os bois vergavam sob as cangas com o esforço empregado; os carreiros, andan-

do nagua, ao lado, brandiam as aguilhadas e soltavam estranhos brados; e os carros iam aos solavancos, com as grandes rodas cortando a água e a lama.

Quando morria a última claridade do dia chegamos às pequenas nesgas murchões de terras secas do porto, onde o pequeno vapor de rodas e fundo chato estava encostado no barranco. Os cavalos e bois fatigados foram soltos afim de pastarem. Havia água nos currais, mas o rancho aberto ficava em chão seco. Ao abrigo deste, os carreiros e "peões" semi-nus e de aspecto abrutado penduraram suas redes e junto a elas acenderam fogo e nele assaram pedaços de pernas de carneiro em espetos de pau.

Na manhã seguinte, com sincera tristeza acenamos nosso adeus aos escuros servidores que ficaram na barranca, agrupados ao redor de um foguinho, junto aos grandes carros de bois vazios. A umas tres leguas para baixo, um barco a remos, com mastro para vela, largou do barranco. O dono, um roceiro que vinha de uma pequena fazenda, pediu reboque para Corumbá. Fizemos-lhe a vontade. Tinha consigo, no barco, sua simpática e morena esposa — que estava fumando um enorme charuto — seus dois filhos, um rapaz, um par de malas e varios outros objetos.

No dia de Natal chegamos a Corumbá, onde nos reunimos aos outros membros da expedição.

## CAPÍTULO IV

### AS CABECEIRAS DO PARAGUÁI

**E**m Corumbá toda a nossa caravana e seus pertences embarcaram no "Nioac", nosso bom vaporzinho fluvial. O dia de Natal nos viu rompendo caminho com firmeza, rio acima, contra a forte corrente, entre as lindas margens verdejantes do alto Paraguái. O vaporzinho, de pequeno calado, estava atulhado com o pessoal, cães, carabinas, peles incompletamente secas, caixas de provisões, ferramentas, munições, material fotográfico, sacos contendo barracas, camas de vento, roupas de cama e vestuários para uma viagem através do "sertão bruto", do "mato grosso" do Brasil ocidental.

Era um dia claro e brilhante. Embora em tal latitude o calor, nessa estação do ano, é claro, fosse intenso mais para a tarde, durante a manhã a temperatura era fresca e agradável.

Sentamo-nos à frente do convés, admirando as árvores das beiradas abruptas do rio, o escuro capinzal luxuriante do pantanal e as numerosas aves aquáticas. Os dois pilotos, um preto e outro branco, se mantinham junto à roda do leme.

O coronel Rondon lia a Imitação de Cristo, Kermit, Cherrie e Miller, de cócoras sobre a caixa de uma das rodas de pás, fora da balaustrada, concluíam o preparo das peles de jaguares. Fiala providenciava para que as caixas e sacos ficassem em ordem. Era provável que o futuro nos reservasse provações, mas aquele

dia era nosso e era um dia agradável. Pela tarde, jantamos no convés da ré, que era aberto em toda a volta e estava enfeitado com palmas verdes e juncos, e bebemos à saude do presidente dos Estados Unidos e do presidente do Brasil.

De tempos a tempos passávamos por pequenas fazendas à beira do rio. A terra ali era fértil e amena, e qualquer colono que quisesse trabalhar poderia ganhar a vida. Existem minas; ha energia hidráulica; o solo é rico e abundante. A região será em breve servida por via ferrea. Oferece magnifico campo para imigração e agricultura, mineração e desenvolvimento comercial. Tem um grande futuro.

Cherrie e Miller tinham apanhado uma coruja pequena, um mês antes, no Chaco, e a levaram num cesto. Era uma ave preciosa, muito mansa e sociavel. Gostava de que a pegassem e acariciassem; e quando Miller, seu profetor especial, entrava no camarote, emitia um pequeno vozeio peculiar, como sinal de que desejava ser pegada e enpoleirada em sua mão. Cherrie e Miller haviam apanhado muitos mamíferos com armadilhas, e entre eles uma tairadoninha, esbranquiçada no dorso e preta por baixo, tão grande e sanguissedenta como um martimpescador; e um pequeno gambá, não maior que um rato. Tinham reunido quatro espécies de gambá, mas não acharam o curioso gambá d'agua. Este é preto e branco, nada como a paca ou a lontra, apanha peixes e mora em tocas que desembocam sob a agua. Cherrie e Miller estavam intrigados para descobrir como se criam os filhos, levando uma tal existencia de constante imersão; um deles, achou certa vez uma femea nadando e mergulhando livremente, com quatro filhos crescidos na bolsa.

Nas margens, vimos anhumas — grandes pernaítas com crista de tipo arcaico, com garras nas asas, bico an-

tes curtos que longos, e sem nenhuma afinidade especial com outras aves. Num prado, junto a uma lagoa, avistamos tres veados galheiros, um macho e duas fêmeas. Fitavam-nos, tendo as caudas de pelo espesso levantadas. Aquelas caudas são negras por baixo, em vez de claras, como no nosso veado de cauda branca. Um dos caprichos dos mimetistas exagerados, tem sido sustentar a hipótese (decerto inteiramente erronea) de que a cauda desse veado é de cor branca por baixo para se harmonizar com o firmamento e desse modo iludir o cuguar ou o lobo no momento crítico, quando desfecham o pulo; mas aquele pantaneiro mostrava um pavilhão negro, em vez de branco, e no entanto tem igual necessidade de proteção contra o jaguar e o cuguar. Na América do Sul as colorações dissimulantes não representam maior fator na vida do veado, tamanduá, anta, porco, jaguar, e puma, adultos, do que representam na África nas vidas de animais como a zebra, o antílope zibelino, o gnú, o leão e a hiena caçadora.

Passamos o dia seguinte subindo o São Lourenço. Era naturalmente mais estreito do que o Paraguai, e a correnteza, redemoinhante e escura, parecia um pouco mais rápida. As estranhas arvores tropicais, densamente erguidas nas margens, eram ligadas entre si por uma cordalha vegetal - - lianas ou cipós — alguns muito finos e compridos. Algumas vezes viamos flores vermelhas e azues, brilhantes, cachos de frutas rubras, numa árvore singular, semelhante às palmeiras, e um toucado de floração branca numa árvore muito maior. Em uma lagoa rodeada de taquaras, um bando de ariranhas se estava divertindo; quando surgiam à tona, abriam a boca como focas, e soltavam um bufo alto e sibilante. As anhumas de cristas pardo-escuras, grandes como perús, pou-savam nos mais elevados galhos das mais altas arvo-

res. Araras azues grasnavam asperamente voando através do rio. Entre as árvores estava o guano, outra ave singular tão grande como um grande galo silvestre, com certos hábitos deste, mas não se assemelhando a nenhuma ave de caça setentrional. A traquéia do macho, muito longa, vai até a extremidade do osso do peito e a ave emite sons guturais típicos. Um jacaré morto flutuava rio abaixo com um corvo a devorá-lo. Capivaras de pé ou sentadas no barranco ora nos fitavam estupidamente, ora mergulhavam à nossa aproximação. A longos intervalos passávamos por clareiras pequenas. Em cada uma havia uma casa de achas de palmeira com a cobertura de folhas de palma, muito inclinada, e perto existiam plantações de milho ou mandioca. Os escuros moradores, às vezes com a família, saíam para a barranca, a ver nossa passagem. Era um dia quente — o termômetro, à sombra, no convés, marcava quasi 38 graus centígrados. Mosquitos vinham a bordo até mesmo quando estávamos no meio do rio.

No dia seguinte já subíamos o rio Cuiabá. Durante a noite começara a chover muito, e o pesado aguaceiro continuou pela manhã. Paramos então em uma grande fazenda de criação para conseguir leite fresco e carne de vaca. Havia varias construções, ranchos e currais junto à margem do rio, e cinquenta ou sessenta vacas leiteiras estavam reunidas em um curral. Tarambolas de espora andavam de mistura com as galinhas. Periquitos e tangaras de cabeça vermelha animavam as árvores sobre nossas cabeças. Uma especie de casa flutuante, primitiva, estava encostada ao barranco. Numa extremidade dela uma mulher fazia o almoço num pequeno fogão. A tripulação estava em terra. A embarcação era uma das que são verdadeiros armazens e viajam acima e abaixo pelos rios, carregadas com o de que mais precisam os habitan-

tes da região, parando nos lugares onde havia fazendas. Eram as únicas casas de comércio que muitos habitantes do interior vêem durante anos seguidos. Rodam com a corrente, rio abaixo e rio acima são levadas a varejão pelos tripulantes. Às vezes conseguem que algum vapor as reboque. A que encontramos tinha uma parte coberta de zinco; outras a têm cobertas de colmo ou de couro.

O rio ia serpeando pelo vasto pantanal, cortado de restingas e mato. Os dois naturalistas encontravam sempre alguma coisa interessante para contar, de sua experiência passada, sugerida por alguma ave ou animal que se nos deparava. Japins pretos e amarelos, com pequena crista, de duas espécies diferentes, eram vistos pelo rio. Fazem ninhos em colonias, e por elas passamos muitas vezes, ficando os compridos ninhos pendentes de galhos de árvores, diretamente sobre a água. Cherrie contou haver achado uma dessas colonias construída em torno a uma caixa de maribondos, de varios palmos de diâmetro. Os maribondos são malignos e irritáveis, e poucos inimigos ousariam aventurar-se a se aproximar de um ninhal que estava sob tão formidável proteção; mas aqueles pássaros nada temiam e era obvio que não corriam perigo de entrar em conflito com seus perigosos protetores. Vimos um escuro jaburú voando em frente à proa do vapor, emitindo seu canto grave de duas notas. Miller contou que no Orenoco aquelas ibis saqueiam os ninhos das tartarugas do grande rio. São muito sagazes para achar o ponto em que a tartaruga põe os ovos e, desenterrando-os da areia, quebram as cascas e bebem o conteúdo.

Era de admirar que se encontrassem tão poucos mosquitos naquelles pantanais. Não eram comparáveis, de modo algum, como tormento, aos mosquitos do baixo Mississippi, na costa de Nova Jersey, do rio Vermelho do

Norte, ou do Kootenay. Lá atrás, na mata próxima a Corumbá, os naturalistas haviam sofrido muito com eles. Cherrie passara dois ou tres dias no topo de uma serra onde não havia mata; julgara que poucos mosquitos haveria ali; mas o capim alto abrigava-os (é comum enxaquarem no capinzal e nos arbustos, mesmo onde não existe agua), e à noite eram uma praga tal, que, logo após o por do sol, tinha ele de se recolher à cama, sob o mosquito. Entretanto, na maior parte dos extensos pantanais eles não eram muito incômodos. Fui informado que de modo algum o eram nas pastagens altas, da região elevada ao norte de Cuiabá, que dali se estende para o oriente até à zona costeira. É certo, aliás, que aquella região interior do Brasil, inclusive o Estado de Mato-Grosso que estávamos atravessando, é uma região salubre, excelentemente adaptavel à colonização; vias ferreas rapidamente ali penetrarão e então haverá progresso assombroso.

Na manhã de 28 chegamos à sede da grande fazenda de São João, do sr. João da Costa Marques. Nosso hospedeiro e seu filho mais novo João, que era secretario da agricultura do Estado, sua escantadora esposa, bem como o presidente de Mato Grosso com varios outros cavalheiros e senhoras tinham descido o rio para nos cumprimentar. Desceram um rio, a varias centenas de quilômetros de distancia. Como sempre, fomos tratados com generosa e cordialissima amabilidade. Alguns quilômetros abaixo da sede da fazenda a comitiva foi ao nosso encontro em um vapor de roda na popa e uma lancha enfeitada com bandeiras. A bela casa da fazenda ficava apenas poucos metros afastada da beira do rio, numa clareira gramada, semeada das nobres árvores que são as palmeiras imperiais. Outras árvores, edificios de toda a especie, jardins floridos, hortas, campos, currais e pa-

tios de altos muros brancos, ficavam próximos à vivenda. Um destacamento de policia do estado, com banda de música, achava-se tomado em frente à casa, e dois mastros haviam sido erguidos, estando um deles já com a bandeira brasileira desfraldada. O pavilhão americano foi hasteado no outro, quando pisei em terra, e a banda tocou os hinos nacionais dos dois países.

A casa apresentava muito conforto, e este era tanto mais apreciado, porque, mesmo portas a dentro, o termômetro marcava 36°C. Para o fim da tarde, caiu pesada chuva que refrescou o ar. Estávamos cavalgando nessa ocasião. Em torno à casa, as aves eram mansas: os papagaios e periquitos se apinhavam, tagarelando, nas copas das árvores; jaçanãs brincavam no chão molhado, atrás do jardim; e do pantanal, a pouca distancia, vinha o alarido dos tuiuiús e anhumas.

Até chegarmos à vista dessa grande casa da fazenda, estivemos atravessando um sertão quente, fértil e agradável, onde as poucas habitações cobertas de folhas de palmeira, cada uma em sua pequena roça de cana de açúcar, milho e mandioca, estavam muitos quilômetros separadas entre si. Uma destas habitações ficava sobre um antigo terraplano indio, exatamente com os que formam os únicos montículos ao longo do baixo Mississipi e que também são de origem índia. Os outeiros índios, construídos em tempos idos, são os mais elevados ranchões de terreno nos pantanais imensos da região do alto Paraguai.

Ainda existem tribus de índios nas vizinhanças. Passamos por uma aldeia de pesca dos índios, à beira do rio, com choças, giraus para secar o pescado, redes e mesas rústicas. Cultivavam pequenas areas de bananeiras e canas de açúcar. Ao largo, num baixio do rio, estava um girau sobre o qual ficavam os índios para flecharem

os peixes. Eram elles criaturas amistosos e pacíficas, e na maioria vestidos como as classes mais pobres entre os brasileiros.

Na manhã seguinte devia haver um grande *rodeio* ou reunião de gado, e resolvemos fazer, antes, uma caçada, pois havia ainda varias especies de peças de caça, antas e queixadas, especialmente, de que os naturalistas queriam espécimes. O sr. João, nosso hospedeiro, e seu filho, nos acompanharam. Familia notavel aquella. Nascido em Mato Grosso, sob os trópicos, tinha o fazendeiro os olhos de um homem do norte; e, embora já avô, tinha muita saude e energia, como poucos homens de qualquer clima ou paragem. Todos os filhos estavam prosperando. O que se achava conosco era homem valente e robusto, companheiro agradável, funcionario público competente, cavalheiro consumado e caçador experiente. Trazia um chuço pontudo, não uma carabina, porque em Mato Grosso, na caçada ao jaguar, o homem do chuço e o atirador avançam juntos para o animal, quando este foi acuado no chão. O primeiro mantem a fera a distancia, caso o primeiro tiro não a derrube, a fim de lhe poder ser dado o outro tiro. Nosso fazendeiro e seu filho lembravam um dos melhores tipos de fazendeiros americanos, cultores de desportos ao ar livre; são homens de negocio completos, e muitas vezes tambem proporcionam ao estado funcionarios públicos capazes e dignos de confiança. Era patriarcal a hospitalidade que pai e filho nos dispensaram: nenhum deles se sentava à mesa com os hóspedes, no começo das refeições de cerimonia; ao invés disso, limitavam-se a fiscalizar os servidores da mesa. Nossa encantadora hospedeira, no entanto, se sentou à cabeceira da mesa.

Às seis horas da manhã partimos todos em bons cavalos. O dia, carregado, ia escurecendo. Uma duzia de

cães seguia conosco, mas só um ou dois prestavam para alguma coisa. Tres ou quatro trabalhadores da fazenda ou vaqueiros nos acompanhavam; eram sobretudo de sangue indio. Em outras regiões do Brasil seriam denominados "peões" ou caboclos, mas aqui eram sempre chamados "camaradas". Foram escolhidos, sem dúvida, dentre os que eram caçadores. Cada um levava seu comprido, pesado e tosco chuço. As redeas e selas dos grandes fazendeiros e das pessoas de qualidade eram geralmente bonitas, caprichosamente ornamentadas de prata. Os estribos, porém, não eram só de prata; tinham tanto metal mais, em passadeiras e argolas ornamentais, que seriam um trambolho para cavaleiros menos experimentados. Em verdade, tais como eram, só serviam para botas de biqueira comprida e fina e eram inadequados para nossos pés; os estribos do nosso hospedeiro eram como que chinelos de prata estreitos e compridos (caçambas). Os camaradas, por outro lado, tinham arreios e redeas de couro cru, e pequenos estribos de ferro enferrujado, nos quais enfiavam os dedos do pé. Todos, porém, senhores e plebeus, cavalgavam igualmente bem, com a mesma pericia e intrepidez. Era um encanto ver esses nossos companheiros galopando a toda a brida em qualquer especie de terreno, na direção do alarido da canzoada com a caça acuada, ou vê-los dirigir seus cavalos num atoleiro.

Era também um prazer apreciar um camarada carregando o pesado chuço, levando um cão à trela e brandindo seu facão para abrir caminho através do emaranhado de cipós num matagal, tudo ao mesmo tempo, e concomitantemente com os arrancos e movimentos excêntricos e agitado comportamento de seu cavallo redomão — porque em uma tal fazenda a maior parte dos cavalos pertencem à categoria dos redomões ou à dos estropeados.

Um camarada escuro, maltrapilho, usava um par de botas sem solas, saindo-lhes dos canos os pés nus, com esporas. Montava ele um cavalo endemoninhado, que seguiu com os olhos vedados por espaço de alguns quilômetros; quando lhe tirou a venda, houve uma exibição de corcovos. Evidentemente nunca ocorrera àquele cavaleiro que não se podia considerar seu animal apropriado para quem ia à caça carregando chuço, facão e outros objetos.

As oito horas que passamos ali foram empregadas principalmente em chapinhar através do pantanal, com incursões, de quando em vez, nos cipoais e capões de mato cerrado. Algumas das corixas que tínhamos de atravessar eram atoleiros incômodos. Precisamos puxar os cavalos através de um deles, vadeando-o nós à frente. Mesmo assim, dois se atolaram, sendo necessário tirá-lhes as selas antes de os poderem por a salvo.

Entre as plantas aquáticas, havia aqui grandes extensões, ali, faixas de caeté. As folhas pavilhões destes caetés recobriam as outras plantas menores do charco. Eram mais altos do que as cabeças dos cavaleiros. Suas duas ou tres largas folhas, semelhantes às da bananeira, permaneciam erguidas a prumo. As grandes flores de cor viva — alaranjadas, vermelhas e amarelas — eram agrupadas num sólido cacho ou fila de forma peculiar. Os beija-flores voavam em torno delas; uma especie desses pássaros tem o bico recurvo especialmente proprio para essas flores, de forma particular, e somente delas tira seu alimento, nunca sendo visto em torno de qualquer outra planta.

Os pássaros eram mansos, até mesmo aqueles admiráveis e belos, que, com a perseguição dos homens, tão facilmente escasseiam e se tornam ariscos. Os grandes jaburís, passezudo altivos pelo charco, com solene dignidade, às

vezes não voavam antes de nos acharmos apenas a uns cem metros de distancia. As anhumas guinchadeiras gritando "curú-curú" e os joões-grandes, gemendo tristemente, deixavam-nos aproximar ainda mais. As esplendidas araras azues, às duas e duas, tres e tres, às vezes nos seguiam durante varias centenas de metros, pairando sobre nossas cabeças e lançando seu aspero vozeio. Em uma restinga do mato, topamos com o bugio preto gemedor. O local fedia quasi como uma jaula. Por descuido rocei num arbusto em que enxameavam venenosas formigas de fogo. Elas queimam a pele como brasas, deixando pequenas feridas. Mais uma vez encontramos nos lugares mais enxutos do pantanal pequenos jacarés que se dirigiam de uma lagoa para outra. Meu cavalo passou por cima de um deles sem que eu o percebesse. As carcassas de outros, mortos, mostravam que em seus passeios encontraram algum jaguar ou inimigos humanos.

Tres horas havia que saíramos, quando um dos cães deu sinal dentro de um grande capão de mato e capinzal, para a esquerda de nossa direção geral no banhado. Os outros cães acorreram aos ganidos e logo depois longos ganidos indicaram que a caça estava cercada ou localizada em alguma toca. Seguimos a pé para o local do alarme. Os cães ladravam, excitados, junto à abertura de um grande tronco oco, caído no chão, e um breve exame evidenciou que havia lá dentro dois porcos do mato, sem dúvida macho e fema. Todavia, precisamente nesse momento, os queixadas saíram por uma abertura na outra extremidade do tronco, e mergulharam na espessura, desaparecendo com toda a matilha correndo em seu encalço. Passaram-se vinte minutos até ouvirmos outra vez a canzoada acuando-os. Com grande dificuldade, e incessante brandir de facões abrimos uma picada no emaranhado de cipós e galhos. Agora só havia um queixada, o macho.

Estava acuado num tronco semi-oco. Os cães encobriam a cabeça do animal, não sendo possível usar-se carabina. Pedi o chuço ao sr. João, filho do fazendeiro, e com ele matei a fera.

Era um animal aparentado ao nosso peccari de co-leira, menor e menos feroz do que seu parente de quei-xada branca. Não obstante, é um animal truculento e valente, e, se tiver oportunidade, pode arrancar de uma dentada, num homem ou num cão, uma posta de carne do tamanho de uma chicara de chá. É encontrado só, ou em pequenos grupos; alimenta-se de raizes, frutas, capim, e gosta de morar em ocos de árvores. Apanhado em pequeno, torna-se um afetuoso e divertido animal doméstico. Quando estavam os dois no oco do pau, ouvimo-los emitir uma especie de gemido, ou longo grunhido ameaçador.

Uma ou duas horas mais tarde, inesperadamente, encontramos rastos frescos de dois jaguares, e, de pronto, soltamos os cães, que abalaram latrando na direção do cheiro. Infelizmente, neste momento exato uma chuva diluviana nos açoitou as faces. Era tão pesado o aguaceiro, que os cães perderam o rasto e nós perdemos os cães. Achâmo-los de novo graças a um de nossos caboclos, um indio de facies mongólico, sem intelligencia alguma que se lhe pudesse descobrir, salvo na sua experiencia no trato com animais selvagens, gado e cavalos. Ele cavalgava envolto numa confusão de trapos, mas nada escapava à sua vista, e montava qualquer animal em qualquer parte. A chuvarada continuou tão forte que previmos a desistencia do "rodeio". Viramos as redeas para a longa jornada de regresso à casa, chapinhando na lama e molhados até os ossos. Através das rajadas de chuva impetuosa mal podíamos ver o caminho. Certa vez a chuva diminuiu e a menos de um quilômetro de distancia, o sol brillhou por uma fresta nas massas de

nuvens escuras. Súbito appareceu nessa fenda rutilante um bando de lindas garças brancas. Com um bater de asas forte e grácil, as aves aceleraram o vôo, com sua plumagem brilhando ao sol. Tendo transposto a faixa luminosa, sumiram-se na obscuridade cinzenta do dia.

Varias vezes os cães levantaram capivaras no pantanal. Onde não havia lagoas de tamanho sufficiente, elas procuravam a salvação na carreira. Corriam bem. Kermitt e Fiala foram a pé, correndo a toda velocidade ao encalço de uma delas, por espaço de dois quilômetros, com dois cães que em seguida a acuuram — sim, acuuram, porque a capivara lutava com a coragem de uma gigantesca marimota. Se a matilha alcançasse uma capivara, era claro que acabaria de pronto com ela; mas um cão isolado de nossa não muito valente coleção, não tinha capacidade para dominar sua adversaria de guincho agudo.

Próximo à sede da fazenda, numa grande árvore, a cerca de quarenta pés de altura, havia um ninho de jaburús com quatro filhotes. Estes faziam exercicios andando solenemente à beira do ninho e abrindo e fechando as asas. Suas cabeças e pescoços eram emplumados por completo, em vez de serem nus como os dos pais. Fiala quis filmá-los, por isso pediu a Harper que atirasse um pauzinho no ninho para fazer os filhotes se erguerem. Assim foi feito, e em consequencia, um jaburuzinho prontamente abriu as asas, da maneira desejada, apanhando ao mesmo tempo o pauzinho em seu bico; mas deixou-o cair sem demora, com um ar de cômico desapontamento, quando verificou que o pau não era comível.

Havia na redondeza muitas aves estranhas. Nunca vi outro pássaro tomar posições tão grotescas e cômicas como o fucano. Nesse dia avistei um pousado no cimo de uma árvore, com o bico enorme apontando direito para cima e com a cauda também levantada perpendicularmente,

O tucano é um farçante de nascença. No rio e nas lagoas vimos o pé-espalhado, um palmípede com os pés como os de um mergulhão, tendo bico e cauda como os do biguá, porém, como succede com tantas aves sul-americanas, sem nenhum parentesco próximo com outras especies. A extraordinariamente rica fauna ornitológica sul-americana abrange muitas especies que parecem sobreviventes de um remotíssimo passado geológico, e cujos parentes desapareceram sob as condições modificadas das eras recentes; e, no caso de muitos deles, como a cigarra e a anhuma, não se encontram similares em parte alguma. Garças de muitas especies pululavam nas vizinhanças. A mais bonita era a garça-tigre, ricamente colorida. As duas outras especies eram tão pouco parecidas às garças comuns, que eu absolutamente não as reconheci como tais, até que Cherric me disse o que eram. Uma tinha um corpo escuro e o pescoço salpicado de branco, ou ocelado, e um bico quasi como de jaburú. A outra parecia branca, mas era realmente arroxcada, com o alto da cabeça preto. Quando pousada nas árvores, ficava como um jaburú; e em lugar de bater de asas compassado que caracteriza o vôo das garças, voava esta com um rápido e vigoroso rufar. Havia tambem mamíferos singulares como as aves. Nos campos Miller apanhou em laços ratos de uma especie inteiramente nova. Na manhã seguinte o céu estava escuro e uma chuva torrencial caiu ao iniciarmos nossa descida do rio. A estação das aguas havia francamente começado. Nossa boa sorte nos permitia ter ainda os camarotes a bordo do navio e a casa da fazenda para secarmos as roupas e calçados encharcados; mas naquele ambiente quente e úmido conservavam-se molhados por muito tempo, e ainda não estavam secos quando os vestimos e calçamos outra vez.

Antes de deixarmos a casa onde fôramos tratados com tão cortês hospitalidade — a melhor casa de fazenda de Mato Grosso, numa enorme fazenda onde existiam cerca de sessenta mil cabeças de gado vacum — o filho mais novo de nosso hospedeiro, sr. João, caçador de jaguar, presenteou-me com dois magníficos volumes sobre as palmeiras do Brasil, obra do dr. Barbosa Rodrigues, ex-diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Os dois livros estavam numa caixa de cedro nativo. Nenhum presente seria mais adequado para que eu pudesse, de futuro, mais estimar como u'a lembrança de minha estada em Mato Grosso.

A chuva continuou durante toda a tarde. Ainda chovia a cântaros quando saíamos do rio Cuiabá passando para o S. Lourenço e subimos por este alguns quilômetros antes de ancorarmos. O jovem sr. João nos acompanhou em sua lancha. O pequeno vapor fluvial era de super-estrutura muito aberta, como é necessario em clima tão quente; e, para se terem as cousas seças, precisava-se também conservar a atmosfera abafada. O taxidermista alemão que vinha na comitiva do coronel Rondon, Rejniseh, boníssimo camarada de Viena, ia sentado em um banco, alternadamente alagado de chuva e de suor devido ao calor, e de si para si murmurava "*Ach, Schweinerei!*"

Dois jacarés pequenos, de especie comum, com olhos salientes, estavam na margem onde encostamos e revelaram uma admiravel e estúpida mansidão. Nem a presença do vapor, nem o barulho feito pelo bater das pás, de qualquer modo os afetaram. Estavam na praia, a menos de dez metros distante de nós, com a metade do corpo fora d'agua; não prestaram a menor atenção à nossa presença e só com relutancia saíram dali quando repetidamente chuçados, depois de varias vezes atingidos por pelotas de lama e pedaços de pau; mesmo assim, um deles

primeiro arrastou-se para a praia, para ver se desse modo se poderia libertar do incômodo que lhe causávamos.

Na manhã seguinte ainda chovia, mas apesar disso saímos a pé para uma caçada. Dois camaradas trigueiros abriam a marcha e o coronel Rondon, o sr. João, Kermit e eu, os seguíamos. O aguaceiro incessante rapidamente nos molhou até a pele. Avançamos lentamente pelo mato a dentro, brandindo os facões para a direita e para a esquerda, acima e abaixo, a cada passo, porque o arvoredo era entrançado de cipós e trepadeiras. Alguns cipós eram grossos como a perna de um homem. A mosquitada zombia em torno de nós, as venenosas formigas de fogo nos mordiam, os espinhos acerados de uma palmeirinha nos rasgavam as mãos — mais tarde alguns dos ferimentos supuraram. Horas sucessivas assim prosseguimos através da floresta brasileira. Vimos macacos comuns, amarelos, de uma especie de *cebús*; dois deles foram mortos para o museu e os outros fugiram por entre os galhos mais altos das árvores. Deparou-se-nos então um bando de coatis, que se assemelham a racoons avermelhados, de focinho e cauda compridos, corpo magro. Estavam no topo de uma grande arvore. Um deles, ao qual atiramos errando o alvo, precipitou-se no solo e correu pelo matagal. Kermit perseguiu-o a correr e apanhou-o. Ao voltar, ele achou-nos a mirar sem esperança por entre a ramagem, procurando ver onde estavam os outros coatis. Kermit resolveu a dificuldade subindo por alguns cipós entrançados a uns quinze metros de altura e observando os galhos mais altos; em consequencia, vieram abaixo outros tres coatis, através da ramaria, sendo um pegado pelos cães; os outros dois escaparam. Os coatis lutam ferozmente, com os dentes e com as garras. Miller contou-nos que vira um coati matar um cão. Alimentam-se de pequenos mamíferos, aves

e repteis, até mesmo de alguns de porte grande, e chegam a matar lagartos. Cherric viu uma caçada barulhenta através do arvoredo; era um coati perseguindo um lagarto a toda a velocidade.

Ouvimos a barulhada de um casal de antas, que abalou à frente dos cães, correndo para o rio, como é seu habito; mas não conseguimos vê-las. Um membro da comitiva matou um veado pardo — animal muito bonito, menor do que o nosso veado de cauda branca, mas aparentado com ele e, sem dúvida, o representante mais meridional do grupo daqueles veados.

O veado de rabo branco — usamos esta expressão para designar um grupo de veados que pode ser designado, quer como um sub-gênero com muitas espécies, quer como uma espécie largamente espalhada, dividindo-se em muitas variedades — foi a única espécie norte-americana que se estendeu pelo interior da América do Sul e tem representantes longínquos nessa região. Tem sido afirmado que essa espécie irradiou-se da América do Sul para o norte. Não penso desse modo; aquele espécime obtido deu uma refutação aceitável à referida hipótese. Era um macho, e havia justamente mudado suas pequenas asas. As asas são, portanto, mudadas na mesma época que no norte, e parece que crescem durante o mesmo período lá e no Brasil. Entretanto esta variedade atualmente habita na zona tropical, ao sul do equador, onde a primavera, época da procriação para muitas aves, cai no tempo que corresponde ao outono norte-americano; setembro, outubro e novembro. Que o veado é um imigrante intruso e ainda não está na América do Sul ha tempo bastante para trocar sua época de procriação, de acordo com o clima, como succede com as aves — geologicamente antiquíssimas moradoras da região, sem dúvida — tornou-se coisa aceitável pelo fato de ser aquilo exata-

mente conforme a regra universal do crescimento dos chifres vigente nas vastas áreas dominadas pelas baixas temperaturas, onde abundam cervídeos de varias especies e onde as formas fósseis revelam que de ha muito têm existido. O veado pantaneiro, que se diferenciou mais extensamente do tipo nordico do que aquele veado mateiro (seus chifres se assemelham aos do veado de rabo preto), muitas vezes conserva estacionarias suas aspas até junho ou julho, embora comecem a crescer de novo em agosto; no entanto, não se deve confiar muito neste fato, pois, identicamente, o alce wapiti e a femea do rangifer conservam ambos suas pontas até a primavera. A especialização do veado galleiro, por sinal, melhor se mostra nos cascos, que, devido ao seu modo de vida semi-aquático, se encompridaram como os dos antilopes pantaneiros africanos similares, tais como o lechwe e o sititunga.

Quando lhe levamos os macacos, Miller contou que as fêmeas, tanto desses macacos como dos bugios, cuidavam dos filhos sem auxilio dos machos, acrescentando que, sempre que encontrava a macaca com filho macho, estava ela isolada dos velhos machos. Por outro lado, entre os saguís, viu os pais se ocupando tanto com os filhos quanto as mães; se a mãe tinha gêmeos, o pai usualmente carregava um e algumas vezes os dois.

Após quatro horas de caminhada, os camaradas se desnortearam; tres vezes caminharam fazendo um círculo completo, sendo preciso que os puséssemos no rumo certo com a bússola. Pelo meio dia, a chuva, que caía quasi sem interrupção havia quarenta e oito horas, fez uma estiada e o sol apareceu dentro de uma ou duas horas. Voltamos para o rio, onde encontramos nossa canoa. Nessa canoa e comitiva e os cães — um bando mesclado e quasi sem préstimo — foram passados para a outra margem, enquanto eu e o coronel Rondon ficamos embarca-

dos, na esperança de que alguma anta fosse levantada e viesse para o rio. No entanto, nenhuma anta foi achada; Kermit matou um queixada e eu atirei uma capivara apresentando uma fase de coloração que os naturalistas desejavam.

Na manhã seguinte, 1.º de janeiro de 1914, levantamo-nos às cinco horas e tivemos um bom primeiro almoço de Ano Bom, consistindo em bolachas duras, presunto, sardinhas e café, antes de sairmos a pé para um dia inteiro de caçada. Eu receava muito que a matilha fosse quasi ou totalmente inutil para caçar jaguares, mas havia nas vizinhanças tres ou quatro dos gatões pintados e parecia valer a pena, mesmo assim, fazer uma tentativa para os apanhar. Depois de uma ou duas horas topamos restos frescos de dois e fomos atrás deles. Nesse grupo se compunha do coronel Rondon, tenente Rogaciano — um homem excelente, natural de Mato Grosso e de velha cepa matogrossense — e mais duas pessoas da fazenda São João. Logo verificamos que, por si mesmos, os cães não seguiriam os rastos dos jaguares; nem os camaradas tão pouco, embora conduzissem chuços. Kermit, em nosso grupo, era quem tinha a necessaria velocidade, resistencia e vista boa, pelo que foi à frente. Dois dos cães seguiam os rastos meia duzia de metros adiante dele, mas não a maior distancia, e dois dos camaradas mal conseguiam acompanhá-lo. Por uma hora atravessamos matagal denso, onde os facões trabalhavam sem parar. Então os rastos se dirigiram direito através dos pantanaes, pois o jaguar nada e vadeia tão facilmente como um veado pantaneiro. Foi uma cansativa caminhada. O sol estava de fora. Estavamos alagados de suor e arranhados pelos agudos espinhos. Achávamo-nos picados de exércitos de formigas de fogo e de mosquitos, sendo que mal notavamos estes nos lugares onde as primeiras se achavam, exatamente

como o medo às formigas era esquecido quando eramos atacados pelos grandes maribondos vermelhos, dos quais uma dúzia de ferroadas inutiliza um homem, e se este for fraco ou doente, lhe ameaçam seriamente a vida.

No charco continuamente caminhávamos na água, que nos subia ora até os joelhos ora até a cintura. Por duas vezes chegamos a corixas tão profundas que tivemos de nadar, levando a arma erguida acima d'água, na mão direita. As massas flutuantes de chamalotes (*marsh grass*) e os tentáculos escorregadios das plantas aquáticas, duplicavam o nosso esforço quando nadávamos com as roupas e calçado encharcados, levando a carabina erguida. Um dos resultados da natação, por sinal, foi que meu relógio, veterano de Cuba e da África, parou indignado. Prosseguimos, embaraçados com o peso da roupa molhada, e com os calçados cheios d'água. Não havia viração alguma. No céu sem nuvens o sol estava quasi a pino. O calor castigava-nos em ondas. Ao meio dia, eu só podia caminhar a passo tardo e dois do grupo estavam peores do que eu. Kermit, com os cães e os dois camaradas nos calcanhares, desapareceu rapidamente através dos pantanais. Afinal, quando o perdemos de vista e era claramente inutil procurar acompanhá-lo, o resto da turma voltou para o local da canoa. Os dois membros da comitiva que estavam exaustos entregaram os pontos e os deixamos sob uma árvore. O coronel Rondon e o tenente Rogaciano não se achavam muito fatigados; eu sentia-me um tanto cansado, mas era perfeitamente capaz de seguir avante por varias horas mais, se não tivesse de andar muito depressa; nós tres dirigimo-nos para o rio, alcançando-o cerca das quatro e meia, depois de onze horas de duro caminhar sem ter nada para comer. Breve chegamos ao vapor. Um grupo de socorro foi buscar os dois homens sob a árvore e logo depois Kermit apareceu com

os cães e seus camaradas se arrastando atrás dele. Tinha seguido os rastos dos jaguares, até os cães ficarem cansados, que, mesmo depois de os haver banhado levando-os a cheirar o rasto fresco, não lhe davam a menor atenção.

Um caçador de pendor científico, um caçador naturalista de campo, ou interessado nos grandes mamíferos, não só teria boas caçadas naqueles dilatados pantanais do alto Paraguái, como também faria trabalho de real valor científico sobre os grandes felinos, mas precisaria dispor de uma matilha de cães como aquela com a qual Paulo Rainey caçou leões e leopardos na África, ou como as matilhas de Johnny Goff e Jake Borah, com as quais eu cacei caguares, lincos, e ursos nos Montes Rechosos, ou grupos de cães como os dos agricultores do Mississipi e da Luiziana, com os quais cacei ursos, gatos do mato e véados nos caniçais do baixo Mississipi.

Um reduzido número de naturalistas, somente, dos que trabalharam nos trópicos, teve alguma experiência dos grandes animais cujos hábitos de vida oferecem tão peculiar interesse. De todos os biólogos que têm estudado seriamente a fauna sul-americana *in loco*, Bates provavelmente foi o que prestou maior serviço; mas parece ter visto insuficientemente os animais com que o caçador se encontra muito familiarizado. Seus interesses, assim como dos outros biólogos de sua especie, estavam em outras direções. Em consequencia, ao tratar da historia dos hábitos de vida das interessantíssimas caças de grande porte, viram-se forçados a confiar, quer nas informações dos nativos, nas quais observações da apurada exatidão andam invariavelmente de mistura com fabulas extravagantes, quer nas observações de acaso, de viajantes ou simples desportistas desprovidos de experiência que lhes permitisse compreender, até mesmo o que seria desejavel observar. Atualmente existe uma crescente propor-

ção de caçadores de caça grossa, de desportistas, que são do tipo de Schilling, Selous e Shiras. Estes homens fazem obra de valor capital para a ciência. O simples carnicheiro dos grandes animais selvagens vai tendendo a desaparecer, como tipo. Por outro lado, o caçador de caça grossa, bom observador e bom naturalista de campo, occupa atualmente uma posição mais importante do que nunca ocupara anteriormente e hoje se reconhece que ele pode fazer trabalho que o naturalista de gabinete não pode realizar. O caçador, deste tipo, de animais de porte, e o naturalista que estuda os hábitos de vida dos grandes mamíferos, têm na América do Sul um admirável campo de trabalho aberto para eles.

As formigas de fogo, de que acima falei, se encontram geralmente em arbustos ou vergontas de caule esverdeado. Encurvam todo o corpo quando mordem, com a cabeça e a parte posterior para baixo. Poucos segundos após a picada o veneno causa dor considerável; mais tarde pode aparecer uma feridinha inflamada. Existe certamente a mais extraordinária variedade nas tretas com que a natureza obtém a perpetuação das espécies. Entre os insetos guerreiros e predatórios a proeza é, em alguns casos, de tipo tal, que torna o agente praticamente imune ao perigo. Em outros casos, a condição do seu exercício pode ser, normalmente, o sacrifício da vida do agente. Ha maribondos que vencem formidáveis aranhas caranguejeiras procedendo, aliás, por instinto, de modo que sua presa nunca consegue virtualmente, seja defender-se, seja reagir ao ataque, sendo dominada e paralisada com infalível precisão, com inteira segurança para o adversario atacante. Por outro lado, as formigas guerreiras, inclusive os soldados, mesmo entre as térmitas, são ávidas de um triunfo que geralmente significa sua morte; a condição de sua eficiencia envolve absoluta indi-

ferença pela própria segurança. Provavelmente a maioria das formigas, que em cada momento se atiram contra um inimigo, sofrem a morte como consequência; não correm meramente riscos, e sim vão ao encontro de uma morte certa.

No dia imediato descemos o S. Lourenço até sua junção com o Paraguá e mais uma vez começamos a subir este último. Em uma estância de gado, onde paramos, os japins ou grandes xexéus pretos e amarelos, haviam construído uma grande colônia de ninhos numa árvore seca próxima da pequena e primitiva casa da fazenda. Aquelles passaros estavam criando; os adultos iam alimentando os filhotes. Nas vizinhanças os naturalistas encontraram muitas aves novas para eles, inclusive um pequeno picapau não maior do que uma corruíra cabeça-de-rubi. Tinham apanhado dois macacos noturnos para a coleção do Museu — macacos noctâmbulos, não tão agéis como os comuns; esses dois foram encontrados ao clarear do dia, por terem ficado fora até muito tarde.

A madrugada era sempre encantadora naqueles rios, e a essa hora viam-se muitas aves e animais de pelo. Uma manhã vimos um veado macho pantaneiro, de cabeça levantada a pôs fitar com sua pelagem vermelha destacando-se sobre o verde do banhado. Outros destes veados nadavam no rio à nossa frente; alvejei-o quando saia da agua e devia ter acertado, mas errei. Como sempre me succedia com estes veados pantaneiros, e tantos outros veados, eu estava impressionado pela qualidade denunciadora de sua coloração vermelha; nada existia em seu *habitat* normal com que essa cor se harmonizasse; tanto quanto ela pudesse de qualquer modo influir, era sempre para o effeito de revelar e não de dissimular. Quando o animal corria, o preto da cauda erguida era uma reveladora marca adicional, embora não tivesse a surpreendente qua-

lidade denunciadora da cauda branca de outros veados. Estes últimos, em uma de suas formas, e com o hábito que lhes era comum de exhibir o branco pavilhão quando correm, eram encontrados na immediata vizinhança dos partaneiros. (1) Têm os mesmos inimigos. É evidente que não ha consequencia alguma, para a sobrevivencia da especie, o fato de o veado, ao correr, exhibir um pavilhão branco ou preto.

Qualquer observador competente de caça grossa ficará impressionado pelo fato de não ser a coloração uma qualidade mimética na grande maioria das especies e de em muitas ter ela propriedades denunciadoras. Ainda mais — se a criz pintada ou listada representa a coloração ancestral, e se, como parece provavel, as pintas ou listas tiverem, em conjunto, algum ligeiro valor para a dissimulação, é evidente que nos hábitos de numerosos destes mamíferos, tanto entre os que preíam como entre os que servem de presa, a coloração mimética não tem sido um fator de sobrevivencia; através das eras durante as quais têm eles sobrevivido, gradualmente foram perdendo o quanto de coloração dissimuladora pudessem ter tido — se é que alguma vez a tiveram — e desenvolveram uma coloração que, nas condições presentes, nenhum valor tem para ocultá-los, tendo talvez qualidade reveladora, e que provavelmente nunca teria tido aquele valor em qualquer “complexo mesológico” em que a especie, como um todo, viveu durante seu desenvolvimento ancestral. Em verdade, parece admiravel, quando se observam esses grandes animais e tambem as grandes aves aquáticas — em seu meio nativo, verificar quão perfeitamente inefficaz é a sua coloração, muitas vezes surpreendente-

---

(1) *Nota do tradutor:* — Parece que o autor se refere ao nosso veado do campo, que vive no descampado e tem cauda branca.

mente denunciadora. É evidente que os outros varios fatores de sobrevivencia, tais como os hábitos de vida, e, em muitos casos, o esconderijo, etc., são de uma importancia tão predominante, que a coloração se torna de nenhuma importância, só raramente constituindo fator de peso.

A confluencia do S. Lourenço e do Paraguái fica a um dia de viagem acima de Corumbá, de onde parte um serviço regular com vapores de pequeno calado para Cuiabá, acima do primeiro entroncamento, e para S. Luiz de Cáceres, acima da segunda bifurcação. Os vapores não têm grande força e a viagem para cada uma dessas pequenas cidades dura uma semana. Ha outras ramificações navegaveis. Acima de Cuiabá e Cáceres, as lanchas prosseguem rio acima em varios dias de viagem, exceto durante os períodos de maior estiagem.

Ao norte daquela planura alagadiça fica o terreno elevado, o planalto, onde as noites são frescas e o clima salubre. Quero porem frisar a minha inabalavel opinião de que os campos pantanosos, embora quentes, são também saudaveis; e, mais ainda, de que os mosquitos, em varios locais, não são numerosos a tal ponto que constituam incomodo serio, embora, é claro, seja necessario usar mosquiteiro durante a noite para nos defendermos deles. A região apresenta excelentes condições para a colonização, e oferece um campo notavel para a criação de gado. Além disso, é um paraíso para as aves aquáticas e muitas outras qualidades de aves e para muitos mamíferos. É, literalmente, um lugar ideal em que um naturalista de campo poderia passar seis meses do ano. De acesso facil, oferece um campo quasi virgem para o trabalho, e a vida seria ali tão saudavel quanto atraente.

Quem dispusesse de uma lancha a vapor poderia percorrer confortavelmente todos os trechos da região, desde o sul de Coimbra até o norte de Cuiabá e Cáceres.

Poderia fazer uma rica colheita de espécimes (evitando-se, aliás, dar-se à colheita o caráter de carnificina) porque a região só foi superficialmente explorada, especialmente no tocante aos mamíferos. Mas, se o naturalista se limitasse ao trabalho de reunir espécimes, deixaria de realizar a parte da obra mais digna de ser levada a cabo. A região oferece extraordinárias oportunidades para o estudo da vida de aves que, pelo seu porte, beleza ou hábitos, são de excepcional interesse. Procurar-se-ia resolver toda a espécie de problemas. Por exemplo, na manhã do dia 3, subindo o Paraguai, vimos repetidas vezes, nas árvores das margens, grandes ninhos feitos de gravetos, para dentro e para fora dos quais periquitos voavam às dúzias. Muitos deles levavam no bico capim seco e pedacinhos de pau. Em alguns dos grandes ninhos, de forma globulosa, conseguimos distinguir várias portas de entrada e saída. Segundo parecia, aqueles periquitos estavam construindo ou remodelando ninhos coletivos; se haviam eles próprios construído esses ninhos, ou apenas se assenhoreado de antigos ninhos, aumentando-os ou modificando-os, não podíamos dizer.

Havia tanta coisa de interesse ao longo das margens que nós continuamente estávamos anelando parar para nos demorarmos dias naqueles lugares. Bandos mistos de aningas e biguás cobriam certas árvores, tanto ao por do sol como ao amanhecer. Embora não existissem florestas extensas em largura, e sim meros capões ou restingas de arvoredo ao longo do rio, ou em nesgas de terreno a distância deste, vimos com frequência macacos nas árvores ribeirinhas — irrequietos macacos comuns, e bugios pretos, de movimentos menos vivos.

Vimos capivaras e jacarés amistosamente próximos uns aos outros, nos arcais do rio. À noite, ouvíamos o grasnar de grandes bandos de patos selvagens. Eram

agora os patos mais comuns, embora os marrecos também abundassem. As tardes não eram quentes, e, sentados no convés, as passávamos agradavelmente. Havia lua crescente. As anhumas figuravam entre as aves mais salientes. Eram barulhentas; pousavam bem no alto das árvores e não em baixo entre os galhos; não eram ariscas. Deviam ser cuidadosamente protegidas pela legislação, porque facilmente se deixam domesticar e então permanecem familiarmente em roda das casas. Do vapor víamos, de vez em quando, lindas orquídeas nas árvores das margens.

Uma tarde paramos na sede ou quartel-general de uma das fazendas longínquas da "Brasil Land and Cattle Company", do Sindicato Farquahar, sob a direção de Murdo Mackenzie — não temos nos Estados Unidos, cidadão melhor, nem mais competente criador de gado do que ele. Naquela fazenda existiam umas setenta mil cabeças de gado. Fomos cordialmente recebidos por McLean, administrador da fazenda, e por seu auxiliar Ramsey, um meu velho amigo do Texas.

Entre os outros auxiliares, todos igualmente cordiais, havia vários belgas e franceses. Os trabalhadores eram paraguaios e brasileiros e, em pequeno número, índios — um grupo de homens destemidos, sempre armados e sabendo como usar suas armas, porque ha frequentes conflitos com ladrões de gado, que vêm através da fronteira boliviana, e a fazenda tem de se proteger por si mesma. Esses vaqueiros eram do tipo a que já nos habituáramos: homens magros, de pele tismada, mal encaçados, chapéus quebrados na testa, camisa e calça surradas, aventais de couro franjado, e pesadas esporas nos pés descalços. São cavaleiros e laçadores magníficos e não temem homens nem feras. Notei um vaqueiro indio, de pé, na atitude exata de um Shilluk do Nilo Branco, com a sola de um pé apoiada na outra perna, acima do

joelho. Aquela região oferece extraordinárias possibilidades para a criação de gado.

Na fazenda, havia cortume, matadouro, seção de entalamento, capela e edificações de varias especies e com todos os graus de conforto para as trinta ou quarenta familias que tinham o local como seu quartel-general. A bela casa branca, de dois andares, erguia-se entre limoeiros e "flamboyants" na beira do rio. Havia toda a sorte de bichos domesticados em torno da casa. O mais interessante era um veadinho malhado que gostava de ser acariciado. Meia dazia de mutuns de especies varias passeavam pelas salas; havia tambem papagaios de diferentes especies, e, logo fora da casa, quatro ou cinco garças, com as asas não aparadas, deixavam que nos aproximássemos até poucos palmos, de distancia, voando então graciosamente para longe; mas voltavam pouco depois ao mesmo lugar. Entre ellas notavam-se pequenas e grandes garças brancas e tambem as de cor arroxeadada e pérola, com a cabeça em parte preta, e o bico multicolor, que voam com um rápido vôo picado, em vez do usual bater de asas compassado das garças.

No deposito, notavam-se duzias de peles de onças, pumas, gatos bravos, jaguatiricas, e uma pele do grande lobo vermelho de dentes miudos. Eram todas trazidas pelos vaqueiros e indios amigos, pagando-se-lhes determinado preço por cada uma, pois devastavam o gado. As onças matavam cavalos e vacas adultas, mas não os touros. Os pumas matavam novilhos. Os outros animais vitimavam ocasionalmente algum bezerro novo, mas ordinariamente só atacavam carneiros, leitões e galinhas. Havia um couro de onça preta; o melanismo é muito mais comum entre os jaguares do que entre os pumas; não obstante, Miller viu um puma preto, morto por um indio. Os desenhos das peles de onças e principalmente os das

peles dos gatos do mato mostravam diferenças sensíveis, não havendo dois iguais. As dos pumas, na maior parte, eram de um vermelho vivo, mas algumas eram de um cinza avermelhado, havendo ali muito do mesmo dicromatismo que observei nos seus parentes do Colorado. As jaguatiricas eram de um cinza pardacento escuro. Todos esses animais, as onças e os gatos pintados, os jaguares pretos monocromos, os pumas vermelhos e as jaguatiricas pardacentas, foram mortos na mesma região, nas mesmas condições ambientes.

Um rápido olhar nas peles e um momento de meditação seria, bastaria para mostrar a todo observador sincero, que, naqueles felinos o padrão do colorido, quer fosse dissimulante, quer denunciante, não tinha importância, para um ou para outro fim, como o fator de sobrevivência. Os padrões malhados não trazem vantagem quando comparados aos pretos, vermelhos e cinza-escuros quasi ou totalmente monocromos.

O estado das peles dos varios animais era igualmente bom, mostrando que seu triunfo na vida, isto é, sua habilidade para apanhar a presa, não fora influenciado pelas diferentes combinações de cores. Com exceção do branco, não ha cor mais seriamente denunciadora do que o preto; no entanto, a onça preta fora um esplêndido animal, vigoroso e bem alimentado. Os padrões malhados, no mato, e talvez mesmo no pantanal, que as onças tão frequentemente percorrem, são *provavelmente* um pouco menos visíveis do que o vermelho e o cinza monocromos, mas o puma e a jaguatirica são difíceis de ser percebidos pela vista, e evidentemente acham tão facil apanhar uma presa como a onça ou o gato do mato.

A pequena corça era pintada; o veado adulto perde as malhas; se realmente as pintas ajudam a ocultar seu possuidor, é claro que para o veado fora de tão pouco

valor a coloração original dissimulante, que ela se perdeu no correr do desenvolvimento da espécie. Quando aqueles grandes felinos e veados são considerados, juntamente com os cães, antas, queixadas, capivaras e grandes tamanduás que vivem no mesmo ambiente mesológico; e quando também consideramos a diferença entre os veados e antas novos e adultos (em todos eles, quando crescem, são substituídas as pintas e riscas primitivas por um completo ou parcial tom monocromo) é evidente que, na vida presente e no desenvolvimento ancestral dos grandes mamíferos da América do Sul, a coloração não é e não foi fator de sobrevivência. Qualquer padrão e qualquer cor pode acompanhar a persistência e o desenvolvimento das qualidades e atributos que constituem tais fatores. Na verdade, parece difícil acreditar que em seu *habitat* ordinário certas cores, como o vermelho vivo do veado pantaneiro, o preto do jaguar preto, e preto com listas brancas do grande tamanduá, não sejam positivamente prejudiciais a seus portadores. No entanto, evidentemente não é o que acontece.

É obvio que os outros fatores para a sobrevivência da espécie são de importância tão preeminente, que a coloração se torna desprezível do ponto de vista de ser ele dissimuladora ou reveladora. Os felinos se moldam ao solo quando se agacham ou se rojam. Tiram partido do mínimo recurso de abrigo. Movein-se com inextinguível paciência e astúcia. Os outros animais que procuram esquivar-se de modo que possam escapar à observação se aproximam mais ou menos do ideal que os felinos realizam quasi perfeitamente. Precaução, sentidos aguçados, imobilidade rígida à menor suspeita de perigo e habilidade em tirar vantagem de abrigos — tudo isto entra em conta. Nas planícies despidas de árvores, abertas e escampadas, sejam elas alagadiças, pradaria ou campos al-

tos, qualquer coisa que fica acima do nível do capim se torna imediatamente visível. Um veado pantaneiro não se esforça para evitar de ser visto; no campo descoberto sua preocupação é ver o inimigo a tempo de abandonar uma vizinhança perigosa. O veado mateiro, da floresta próxima, esconde-se e se imobiliza sob o denso emaranhado das tranqueiras, para evitar descobrir-se. O queixada de beicho branco não recorre ao silencio ou à imobilidade para passar despercebido, confia, para sua defesa, em sua mobilidade e truculencia; o caitetú também confia na ferocidade, mas busca refugio na toca, onde pode enfrentar qualquer atacante com seu formidável aparelho de morder. Quanto ao tamanduá gigante, apesar de sua aptidão para a luta, não consigo compreender como é que, assim tardo e desajeitado, tem conseguido, através dos séculos, viver e multiplicar-se, cercado de onças pintadas e pumas. Falando de modo geral, os animais que procuram evitar ser vistos confiam, em regra, no faro, para descobrir seus inimigos ou sua presa; eles avistam o que se move e não aquilo que está imóvel.

Na manhã de 5 de janeiro ultrapassamos a região dos pantanais. Havia serrotes baixos, aqui e ali, e o terreno era revestido de densa mata. De tempos a tempos transpúnhamos pequenas clareiras com casas cobertas de folhas de palmeiras. Aproximávamo-nos de Cáceres, onde iria terminar a parte mais fácil de nossa expedição. Tínhamos vivido com grande conforto no pequeno vapor fluvial. Havia alimento abundante e boa cozinha. Dormíamos na coberta, em camas de vento ou rédes. Os permilongos raramente nos aborreciam, embora durante o dia fôssemos incomodados por numerosas mutucas vorazes. A vida alada era estupenda. Um dos traços característicos que íamos sempre notando, eram as numerosas cabeças e pescoços de biguás e aningas, projetando-se fora

dagua, e mergulhando quando se aproximava o vapor. Talhamares e andorinhas de bico grosso, eram ali abundantes, no proprio coração do continente. Além da anhuina de espora, característica e muito interessante moradora da América do Sul, achamos minúsculas baturas de pé vermelho, que se multiplicam e vivem bem nos trópicos. Os contrastes nos hábitos de especies proximaamente aparentadas são admiraveis. Entre as anhumas e galinholas, ha especies que vivem quasi no mesmo lugar durante o ano todo, nas regiões tropicais e sub-tropicais; outras formas aparentadas a estas, vagueiam por toda a superficie da terra, passando quasi todo o seu tempo, ora nas regiões árticas de baixa temperatura do extremo Norte, ora nas regiões de frio moderado do Sul.

Estas últimas aves vagabundas, das praias marítimas e das margens dos rios, passam a maior parte da vida em regiões onde quasi sempre brilha o sol. Passam o periodo da procriação, que é no verão nordico, na terra com sol à meia-noite, durante o longo dia ártico. Migram então, por distancias sem fim, através da zona temperada do norte, cruzam o equador onde as noites e os dias são sempre de duração igual, seguindo para o outro hemisferio, e ficam outro verão de dias compridos e longos crepúsculos no extremo Sul, onde as brisas antárticas os refrigeram, enquanto no outro extremo do orbe seu lar de origem está amortalhado sob a implacavel desolação da noite polar.

Ao fim da tarde de 5 chegamos à bonita e antiga cidadezinha de S. Luiz de Cáceres na mais remota extremidade da região habitada do estado de Matto Grosso, a última cidade que veríamos antes de atingir as povoações do Amazonas.

Quando nos aproximávamos, passamos por grupos de lavadeiras pretas semi-nuas à beira d'agua. Os morado-

res, com a banda de música local, estavam reunidos no sopé da íngreme ladeira da rua principal onde o vapor atracou. Grupos de mulheres e meninas, brancas e trigueiras, nos observavam da ribanceira baixa. Suas saias e blusas eram vermelhas, azues, verdes, de todas as cores, enfim. Sigg, que tinha seguido adiante com o grosso da bagagem, veio ao nosso encontro em um improvisado barco de gasolina formado por uma canoa a cuja popa o nosso motor "Evinrude" havia sido adaptado; estava ele proporcionando a varias pessoas de proximencia do lugar um passeio que as enchia de grande satisfação.

As ruas da pequena cidade não eram calçadas e tinham estreitos passios de tijolos. As casas terreas eram caiadas de branco, ou de paredes azues, cobertas de telhas vermelhas; as janelas, com gelsias, vinham dos tempos coloniais; remontando através do Portugal cristão e mourisco, originaram-se de uma remota influencia árabe. Lindas caras, algumas louras, outras morenas, miravam dessas janelas a rua. As mães de suas mães devem ter, por gerações sucessivas, assim mirado o exterior, de janelas idênticas, nos dias coloniais de antanho. Mas ali mesmo em Cáceres o espirito do novo Brasil já ia penetrando; fora construido um belo edificio público para grupo escolar. Fomos apresentados ao director, um homem esforçado que realiza excelente obra, um dos muitos professores trazidos nos ultimos anos para Mato Grosso, de São Paulo, centro do novo movimento educacional que muitíssimo fará em beneficio do Brasil.

O padre Zahn foi passar a noite com os frades franciscanos franceses, que são excelentes companheiros. Eu dormi na confortavel residencia do tenente Lira, uma casa de verão com paredes grossas, portas largas e pateo aberto cercado por uma galeria. O tenente Lira ia acom-

panhar-nos; era um velho companheiro de explorações do coronel Rondon.

Entramos em algumas lojas para fazer as últimas compras, e à noite passeamos pelas ruas poeirentas e sob as árvores da praça; as mulheres e meninas sentavam-se em grupo às portas ou ficavam às janelas. Aqui e ali instrumentos de cordas soavam na escuridão.

De Cáceres para diante penetrávamos no campo das explorações do coronel Rondon. Cerca de dezoito anos estivera ocupado a explorar e a construir linhas telegráficas na região oriental ou na metade da região setentrional do grande estado coberto de florestas, do estado sertanejo de Mato Grosso — no “grande sertão” ou “mato” (the bush), como os australianos o teriam chamado. Começou em 1907 a penetrar na região desconhecida que se dilatava para o norte e o oeste. Era ele o chefe das expedições exploradoras que o governo brasileiro enviou para realizarem pela primeira vez a travessia dessa região desconhecida, fazerem o levantamento dos rios que do mesmo divisor de águas correm para as partes mais altas do Tapajós e do Madeira, dois caudalosos afluentes do Amazonas, e construiriam linhas telegráficas até o Madeira, onde uma serie de colonias nacionais, ligadas por linhas de vapores e via ferrea, aparecem outra vez. Por tres vezes penetrara ele naquele sertão desconhecido, infestado de índios, ausentando-se por um ou dois anos cada vez, sofrendo todas as provações imaginaveis, antes de poder abrir caminho para o Madeira e completar a construção das linhas telegráficas. Os officiais e soldados do exército brasileiro e os cientistas civis que o acompanharam, compartilharam dos sofrimentos e do mérito da tarefa. Alguns de seus homens morreram de beri-beri; outros foram feridos ou mortos pelos índios; ele proprio quasi fora vitimado pelas febres; o total de

sua comitiva ia sendo reduzido aos poucos, até quasi o último extremo, pela fome, pelas doenças e sofrimentos, e pela super-exhaustão devida às fadigas extenuantes.

Ao tratar com os selvagens brutos e nus, empregava uma combinação de audácia cautelosa, de ponderada prudencia e grande paciencia e bondade. O resultado foi que afinal se tornaram seus fieis amigos, cuidando das linhas telegráficas e prestando auxilio aos soldados que eram deixados em pequenos postos isolados e separados por grandes distancias. Com seus auxiliares, organizara o primeiro mapa do Jurueua e do Gi-Paraná, dois importantes afluentes do Tapajós e do Madeira, respectivamente. Esses dois últimos rios, assim como o Orenoco e o rio Negro, têm sido grandes vias de penetração por espaço de dois séculos. O Madeira (como mais tarde o Tapajós), foi a principal via de acesso, ha um século e meio, para as pequenas colonias portuguezas daquela remota região do Brasil; uma destas pequenas povoações, chamada Mato Grosso, foi a primeira capital da provincia. De ha muito abandonada pelo governo, e virtualmente pelos seus habitantes, as ruinas do palacio, dos fortes e das igrejas erguem-se no meio da vitoriosa opulencia da floresta virgem tropical. As embocaduras dos principais afluentes destes rios frequentados eram em regra conhecidas; mas os cursos dos referidos afluentes não eram conhecidos, por isso traçavam-nos ao acaso no mapa. O coronel Rondon verificou, por exemplo, que o curso do Gi-Paraná ficava no mapa dois graus afastado de sua posição real. Ele com sua gente foram os primeiros a descobrir-lhes as nascentes, percorrendo-os na parte superior e medindo-lhes o comprimento. Com seus auxiliares fez o mesmo trabalho para o Jurueua, achando-lhe as cabeceiras, descobrindo e descendo alguns de seus esgalhos, e pela primeira vez traçando uma planta digna de confiança do

proprio rio principal, até sua junção com o Tapajós. Próximo ao divisor das aguas do Juruena e do Gi-Paraná estabeleceu sua estação mais afastada para o este, denominada "José Bonifácio, nome de um dos principais patriotas republicanos do Brasil." A dois dias de marcha dessa estação para o norte, encontrou em 1909 um trecho da corrente de um rio que fluia para o norte, entre o Gi-Paraná e o Juruena; podia apenas conjecturar sobre o ponto onde desembocaria, acreditando ser no Madeira, embora fosse possível que entrasse no Gi-Paraná ou no Tapajós. A região em que corria era desconhecida, jamais havendo o homem civilizado nela penetrado; e, como todas as idéias sobre o que seria o rio, seu comprimento, sua foz nalgum rio frequentado, eram meras suposições, ele havia inscrito esse rio em seus esboços de mapas com o nome de rio da Dúvida.

Entre os officiaes do exército brasileiro e os civis cientistas que o tinham acompanhado, havia não só cartógrafos, fotógrafos e telegrafistas experientes, como também astrônomos, geólogos, botânicos e zoólogos. Seus relatorios, publicados em excelente forma pelo governo brasileiro, constituem uma serie preciosa de volumes que são títulos de honra para os exploradores e para o proprio governo. As narrações do coronel Rondon, de suas explorações, das tribus de indios que visitou e das belas e admiraveis coisas que viu, são dotadas de particular interesse.

## CAPÍTULO V

### SUBINDO O “RIO DAS ANTAS”

**A** pós deixarmos Corumbá, subimos o rio Sepotuba, que no dialeto dos índios da região significa, “Rio das Antas”. Este rio só é navegável para navios grandes quando as águas estão altas. É de corrente rápida, e belas águas claras, que desce das terras elevadas do planalto, e se estende através da floresta tropical da baixada. À nossa direita, ou na margem ocidental, e a espaços na margem esquerda, a mata é interrompida por pastagens nativas e campinas. Num destes locais, chamado Porto do Campo, de 110 a 130 quilômetros acima da foz, existe uma fazenda de boa extensão. Ali fizemos alto, pois a lancha e as duas pranchas — embarcações nativas de comércio, com casa no convés — que ela rebocava, não comportavam toda a comitiva e bagagem. Assim, grande parte da bagagem e alguns do nosso grupo foram mandados à frente para Tapirapoá, ponto onde devíamos encontrar nossa tropa cargueira. Enquanto isso, nós com o resto da comitiva fizemos nosso primeiro acampamento de barracas em Porto do Campo, para aguardar a volta das embarcações.

As barracas ficaram enfileiradas. Ao centro, lado a lado, a do coronel Rondon e a que abrigava a mim e a Kermit. Em frente às duas, em altos mastros, as bandeiras do Brasil e da América; ao nascer e ao por do sol as bandeiras eram içadas e arriadas ao toque de corneta e nós todos nos perfilávamos. O acampamento foi ins-

talado junto à casa da fazenda. Nas arvores próximas, viam-se admiráveis orquídeas violáceas.

Havia muitas aves nos arredores; vi algumas e Cherrie e Miller viram muitas outras. Variavam desde as araras multicolors, papagaios verdes e gralhas grandes e gregarias, até o brilhante maçarico, castanho e verde, de uns 14 centímetros de comprimento, e um minúsculo uirapurú verde e laranja menor do que qualquer pássaro que eu tivesse visto, excepto o beija-flor. Vimos também uma ave cuja coloração era realmente protetora: uma espécie de mocho, que até mesmo a vista apurada dos naturalistas só podia perceber porque ele movia a cabeça. Vimos serelepes de barriga vermelha, com vistosas caudas alaranjadas. Os lagartos eram comuns. Matamos nossa primeira cobra venenosa (a segunda que encontramos), uma jararaca insidiosa que nadava no rio. Vimos também uma cobra inocua, preta e alaranjada, de quasi 2 metros e 40 cm de comprimento, que nos disseram ser parenta da mussurana; e também varias outras cobras.

Certo dia, quando remavamos numa canoa esperando que os cães tocassem uma anta para nós, eles trouxeram para o rio um casal de pequenos veados catíngueiros. Não seria decente matá-los a tiro, por isso apanhamos-os a laço. Os naturalistas queriam obtê-los como espécimes; e nós outros como petisco. Um dos homens foi picado por um maribondo vermelho. Sentiu fortes dores durante vinte e quatro horas e ficou impossibilitado de trabalhar.

Em uma lagoa dois cães tiveram as pontas das caudas arrancadas por piranhas, quando nadavam, e o pessoal da fazenda contou que na mesma lagoa um cão fôra despedaçado e devorado por aqueles peixes vorazes. Foi esse um outro exemplo a mais da variedade de comportamento daqueles monstrosinhos ferozes. Em outras lagoas

deixaram incólumes a nós e aos cães por vezes repetidas. Variam em agressividade conforme o local, exatamente como os tubarões e crocodilos variam em mares e rios diversos.

A 9 de janeiro, pela manhã, saímos para uma caçada de antas. Caça-se a anta em canoas, pois elas moram no mato cerrado, e, quando tocadas pelos cães, vêm para a água.

Naquela região havia extensos pantanais com papiros e grandes lagoas longe do rio. Muitas vezes as antas ruam para elas em busca de abrigo, despistando os cães.

Nesses lugares era excessivamente difícil apanhá-las e nossa melhor oportunidade seria ficar no rio e levar as canoas para o ponto a que a corrida parecesse dirigir-se.

Partimos em quatro canoas. Três delas eram montarias de índios, calando muito na água. A quarta era a nossa excelente canoa canadense, leve, segura e espaçosa, feita de finas fasquias de madeira cobertas de tela revestida de cimento. O coronel Roudon, Fiala com sua câmara fotográfica e eu fomos na canoa com dois remeiros, nativos das classes mais pobres, gente boa. O remeiro da frente era de quasi pura raça branca; o da ré, quasi preto legitimo, e evidentemente era o de melhor caracter entre os dois. As outras duas canoas levavam dois estancieiros que tinham vindo de Cáceres com seus cães. Estas montarias estavam tripuladas com remeiros índios e mestiços; e os fazendeiros, que eram brancos quasi puros, tambem remavam vigorosamente algumas vezes.

Todos vestiam roupas quasi iguais, sendo que as dos "camaradas", isto é, homens mais pobres ou trabalhadores, eram esfarrapadas.

Nas canoas não usavam senão camisa, calças e chapéu, todos de pés descalços. A cavalo punham con-

pridas perneiras que eram realmente simples botas altas, flexíveis, sem solas; usavam esporas nos pés descalços. Havia todas as gradações de raças entre branca quasi pura, a negra e a indígena. No conjunto, havia mais sangue branco nas classes altas e mais de negro e indio entre os camaradas; mas notavam-se exceções em ambas as classes, e não havia distinções por questão de côr. Todos eram igualmente corteses e amistosos. Os cães foram a principio conduzidos em duas das montarias, sendo então soltos sobre o barranco.

Continuamos rio acima, durante duas horas, contra a rápida corrente, fazendo os remeiros vauagem com seus reinos pontudos — a larga pá do remo terminava em ponta, de modo que podia ser fincado em fundo mole, para manter a canoa encostada contra o barranco. A floresta tropical avançava formando uma muralha com as árvores altas amarradas entre si pelos cipós e o espaço entre os troncos preenchido com densa vegetação. Em numerosos pontos só era possível penetrar abrindo brecha a facão. Com poucas exceções as árvores me eram desconhecidas e seus nomes locais nada me diziam. Na maioria delas a folhagem era espessa; entre as exceções, estavam as cecrópias, crescendo de preferencia nas aluviões de formação recente, despidas de outra vegetação, cujos escassos tufos de folhas eram o alimento preferido das preguiças. Vimos um ou dois serelepes entre os ramos, e uma familia de macacos. Poucos areais havia no rio, e nenhuma ave aquática, salvo ocasionais biguatingas. Mas, quando passávamos perto das pontas de ramagens metidas n'água, continuamente espantávamos pequenos bandos de morcegos. Pendiam sobre a agua, agarrados aos galhos e quando nossa aproximação os despertava, zigzagueavam rapidamente à frente por umas poucas braças, mergulhando de novo entre os ramos.

Afinal, saltamos em terra num ponto onde havia mato baixo e onde a floresta era um palmeiral de franco acesso. Era um lindo trecho de floresta. O coronel Rondon seguiu para um lado, voltando uma hora depois com um caxinguelê para os naturalistas. Fiala e eu fomos pelo palmeiral até um alagadiço coberto de papiros. Muitas trilhas se dirigiam para o mato, especialmente ao longo das margens do alagadiço e, embora fossem quasi todos feitos pelo gado, havia neles tambem pegadas de anta e de veado. A anta deixa um rasto muito semelhante ao de um pequeno rinoceronte, sendo um dos singulares ungulados. Podíamos ouvir os cães, de vez em quando, evidentemente espalhados em varias trilhas. Era um lote de cães de fila sem préstimo. Corriam anta ou veado, ou qualquer coisa que deles fugisse, enquanto a trilha fosse facil de seguir; mas não eram perseverantes, mesmo a perseguir animais em fuga e não queriam saber de animais perigosos.

Enquanto parados junto ao alagadiço, ouvimos algo que vinha por um dos carreiros. Em poucos momentos appareceu um garboso macho da maior especie de veado mateiro. Parou e flechou para trás logo que nos percebeu, não nos dando oportunidade de atirar; em seguida avistamo-lo correndo a toda a velocidade no palmeiral. Apontei minha arma para uma abertura entre duas palmeiras. Por sorte o cervo surgiu ali, dando-me tempo a firmar o ponto à frente dele e atirar. Caiu no mesmo lugar. A bala "ponta de umbela" furou-lhe a paleta e indo para a frente quebrou-lhe o pescoço. A parte plumbea da bala, da exata forma do cogumelo ou umbela, parou sob o couro do pescoço, no lado oposto. É uma bala excelente.

Miller desejava, de modo especial, alguns espécimes daquelas varias especies de veados mateiros, pois seus

mutuos parentescos ainda não haviam sido satisfatoriamente solucionados.

Era um veado macho, de aspas em pontas singelas, de 13 a 15 centímetros; eram brancas e antigas, devendo ser em breve mudadas. No estômago, restos de folhas e capim, especialmente das primeiras; era tanto foliófago como graminívoro. Havia também sementes, mas não frutas nem amendoas, como tenho algumas vezes encontrado no estômago de veados. Aquela espécie, abundante nas redondezas, era solitária por hábito, não andando em manadas. Naquela estação a época do cio passara, e os machos não mais procuravam as corças; os filhos não tinham ainda nascido e as crias anteriores já tinham largado as mães, de modo que cada animal usualmente cuidava de si mesmo. Quando acoçados, são muito inclinados a procurar a água. Este instinto que os leva para a água é bem explicável, tanto em relação ao veado como à anta, porque lhes é refugio contra os inimigos naturais da época atual. Mas é um pouco enigmático ver-se a onça subir prontamente às árvores para fugir aos cães, pois já se passaram séculos desde que existiram no seu *habitat* natural inimigos dos quais tivesse de fugir trepando em árvores. É possível, no entanto, que o hábito tenha permanecido desperto, por ter de se refugiar nas árvores ao fugir dos grandes queixadas que figuram entre os animais que ordinariamente lhe servem de presa.

Penduramos o veado numa árvore. O coronel Rondon regressou e com pouca demora um dos remeiros que ficara observando o rio gritou para nós que havia uma anta n'água, a uma boa distancia rio acima, e que duas das canoas estavam no seu encalço.

Pulamos na canoa e os dois remeiros fincaram os remos n'água, impelindo-a contra a forte correnteza, cortando-a de vez para a outra margem. A anta vinha rio

abaixo a grande velocidade, tendo somente a sua característica cabeça fora d'agua, enquanto as pirogas vinham rapidamente alcançando-a, entre gritos dos remeiros. Quando a anta se voltava um pouco para um e outro lado, a tromba comprida ligeiramente erguida e o forte arqueado do alto da cabeça e parte superior do pescoço, davam-lhe um aspecto peculiar e pouco usual.

Não consegui atirar porque o animal estava emparelhado com uma das pirogas que o perseguiam. Subitamente mergulhou, baixando um pouco a tromba, em curva, ao fazê-lo. Não havia mais sinal d'ela; olhávamos atentos para todos os lados. A piroga da frente acostou à nossa canoa e os canoairos esperaram, com os remos prontos. Vimos então a anta subindo o barranco. Tinha nadado sob a agua, em angulo reto com a direção em que vinha, até a margem, surgindo sob a ramaria pensa em um ponto onde um carreiro de caças beberem abria uma brecha na barranca.

Os raios parcialmente ocultavam a anta que ficava na sombra escura. Não se podia atirar bem. Minha bala penetrou-lhe o corpo muito atrás e a anta desapareceu no mato a correr, como se não fosse atingida, embora a bala realmente houvesse acertado o alvo, tirando-lhe a vontade de confiar na velocidade e de deixar a proximidade da agua. Tres ou quatro cães estavam a esse tempo nadando para o outro lado, enquanto os outros ladravam no lado oposto; tão logo alcançaram a outra margem, foram postos no rasto da anta e correram garrindo. Em dois minutos vimos a anta cair n'agua a distancia, rio acima, e fomos ao seu encaço tão rápidos quanto nos permitiam os remos, cortando a agua. Não chegamos a tempo de cercá-la, mas por fortuna alguns cães tinham chegado à beira do rio justamente no ponto onde a anta ia ganhar a terra e repontaram-na para trás. Dois

ou tres cães estavam nadando. Estávamos a mais de meia largura do rio, longe da anta, um tanto rio abaixo, quando ela mergulhou.

Fez desta vez um mergulho surpreendente, muito demorado, nadando sob a agua como se fosse um hippótamo, pois passou sob a nossa canoa e surgiu entre nós e a barranca próxima. Alvejei-a. A bala atingiu-lhe o cranio. Afundou imediatamente.

Nada havia agora a fazer, senão esperar que o corpo flutuasse. Eu temia que a correnteza forte o arrastasse para baixo, pelo leito do rio. Mas meus companheiros asseguraram-me que não era assim e que o corpo ficaria onde afundara até que flutuasse, o que se daria dentro de uma ou duas horas. Tinham razão, exceto quanto ao tempo. Por espaço de duas horas remamos ou paramos a canoa sobre o local, firmando-nos nas galhadas, ou então rodamos por um quarto de legua e subimos de novo costeando a praia, a ver se o corpo havia engastilhado nalgum ponto.

Cruzamos então o rio e fomos almoçar no lugar onde o veado fora pendurado, lugar ideal para piqueniques. Quasi havíamos desistido da anta, quando subito ella surgiu apenas alguns passos abaixo do lugar onde afundara. O corpanzil negro e redondo foi com grande dificuldade içado para a canoa e todos viramos de proa rio abaixo. O tempo estava-se tornando carregado, e agora — já tarde para atrapalhar a caçada ou nos aborrecer — um pesado aguaceiro nos apanhou em cheio. Pouco nos importava, pois a canoa avançava com a anta e o veadão no fundo e um acampamento confortavel e seco estava à nossa espera.

Quando chegamos e o padre Za'im viu a anta, recordou-me elle alguma coisa que eu havia completamente esquecido. Quando, seis anos antes, elle me havia falado

na Casa Branca, em fazer aquella excursão pela América do Sul, eu respondera que não, pois pretendia ir à Africa, mas acrescentei que esperava ir algum dia à América do Sul, e, se assim fizesse, procuraria matar uma onça e uma anta, pois eram as caças de grande porte características da região.

— Bravos! disse o padre. Agora já matou os dois animais a que se referiu!

O temporal continuou pesado até depois do anoitecer. A chuva então cessou e a lua cheia surgiu de entre as nuvens.

O padre Zahn e eu passeávamos para um e outro lado, ao luar, conversando sobre coisas varias, desde Dante e nossos planos de futuro, até as peregrinações dos antigos conquistadores espanhóis em procura do El-Dorado, e dos aventureiros portugueses que com eles então dividiam o domínio dos mares e dos continentes desconhecidos que além deles jaziam.

Aquele acampamento era interessante e atraente por mais de um motivo. Os vaqueiros, com esposas e filhos, estavam alojados nos dois lados do campo onde nossas barracas foram armadas. De um lado havia uma grande casa caiada e coberta de telhas, onde residia o administrador — um homem azeitonado, de constituição delgada e ferrea, com uma esposa também côr de azeitona, e oito pequenos bonitos com lindíssimos cabelos. Geralmente, o administrador andava descalço e suas maneiras não só eram boas, como também distintas. Currais e ranchos estavam próximos àquella casa. No lado oposto do campo ficava a fileira de cabanas de cobertura inclinada de folhas de coqueiro em que os vaqueiros residiam com suas escuras companheiras e os filhos. Todas as noites ouviamos, partindo do lado daquellas choças, os sons amortecidos de uma música que lhes fazia lembrar a ascenden-

cia selvagem, tão próxima no tempo e simultaneamente distanciadíssima; no ar quente e parado, sob o luar brilhante, ouvimos o bater monótono de um tambor e o tanger de algum antigo instrumento de corda. Os pequenos abutres-perús, aqui sempre denominados urubús, eram tão mansos como galinhas junto à casa grande, caminhando no solo ou crapoleirados nas árvores junto ao curral, esperando pelos sobejos do gado abatido. Duas palmeiras perto da barraca estavam cheias de ninhos pendentes e longos de um dos japins caciques. Vivíamos bem, com abundancia de carne de anta, que era boa, e de carne de veado mateiro, que era excelente; e tanta carne comum de gado quanta quisessemos, leite fresco tambem — uma raridade nestas alturas. Havia muito poucos mosquitos e era tudo tão confortavel quanto possível.

A anta que eu matara era das grandes. Não desejava abater outra, exceto, é claro, se fosse isso aconselhavel para obtermos alimento; desejava conseguir alguns espécimes do grande porco selvagem de beijo branco, o “queixada” dos brasileiros (1), que tornariam quasi completa nossa coleção de grandes mamíferos das florestas brasileiras. Os outros membros da expedição mataram mais duas ou tres antas. Um era macho adulto, porem muito menor que o exemplar que eu matei. Os caçadores disseram que era uma variedade diferente. O cranio e o couro foram remetidos com os outros espécimes para o museu, onde depois do devido exame e comparação sua identidade especifica seria estabelecida.

As antas são animais solitários. Raramente se encontram duas juntas, exceto no caso da mãe com a cria.

---

(1) Em inglês pronuncia-se “cashada”.

Vivem no matagal denso, dormindo durante o dia e à noite saindo para pastar, frequentando o rio ou alguma lagoa para banhar-se e nadar.

Daquele acampamento, Sigg levou o tenente Lira de volta a Cáceres, para buscar coisas que ficaram esquecidas. Seguiram numa canoa com o motor de popa e no regresso, à noite, quasi abalroaram uma anta que nadava. Nos lugares não frequentados, porém, as antas pastam e banham-se durante o dia. O estômago de uma que matei continha grandes cocos; foram engulidos sem mastigação bastante para quebrar o caroço, pois, o que a anta apreciava era a polpa externa. Ela corre bem, seu couro espesso e corpo em forma de cunha permitem que vare velozmente densa mataria. Tenta pisar e mesmo morder o inimigo, mas é lutadora desajeitada.

A anta é um tipo muito antiquado de ungulados, não dissemelhante dos animais não especializados do oligoceno.

O cavalo moderno mi-ungulado, altamente especializado, evoluiu de algum tipo ancestral semelhante, enquanto durante os séculos sem fim, que viram o cavalo assim evoluir, a anta continuou essencialmente inalterada. Originariamente a anta existiu no hemisferio norte, onde gradualmente desapareceu; mas aí o cavalo, mais especializado, e até mesmo o rinoceronte, durante longas eras, persistiram enquanto se dava esse desaparecimento, e nos dias atuais as antas sobreviventes são encontradas na Malasia e na América do Sul, longe de seu *habitat* de origem.

As relações do cavalo e da anta, na historia paleontológica da América do Sul, são muito curiosas. Ambos eram, no sentido geológico, imigrantes recentes, e, se vieram em datas diferentes, é quasi certo que o cavalo foi o ultimo a chegar. No correr de um ou dois períodos geológicos, certamente por muitas centenas de milhares de anos, o cavalo prosperou grandemente e se desenvolveu,

não só em espécies diversas, como em diferentes gêneros. Entre os dois, foi o cavalo, de muito, o mais especializado. Nas outras regiões continentais onde ambos coexistiram, o cavalo excedeu à anta em duração; mas, por motivos desconhecidos, desapareceram os varios gêneros e espécies de cavalos, ao passo que a anta sobreviveu. Os animais altamente especializados e desenvolvidos, que representavam um progresso evolutivo tão completo, extinguiram-se, ao passo que seus parentes remotos, menos especializados, que não evoluíram, persistiram vivos e prosperaram; ocorreu naquela parte da América esse fato, embora na América do Norte e no Velho Mundo estivesse acontecendo fato diametralmente contrario. É este um dos inúmeros problemas da historia da vida em nosso planeta, que até o presente têm continuado insolúveis.

Levei dois dias de arduo labor para apanhar o grande queixada de beijo branco — denominação impropria, aliás, pois toda a parte inferior da maxila é branca assim como a parte baixa da cara. Informaram-nos de que a certa distancia, além da outra margem do rio, eles seriam encontrados. O coronel Rondon mandava um de nossos homens, um indio parecí puro sangue, seu antigo companheiro, à procura de rastos. Era um homem excelente que trajava e procedia como todos os excelentes homens que tínhamos. Chamava-se Antonio Parecí. Ele encontrou o rasto de uma vara de trinta ou quarenta queixadas e no dia seguinte partimos no seu encalço.

Nada matamos no primeiro dia. Eramos um grupo muito grande, pois um ou dois dos fazendeiros que nos visitavam foram também com seus cães. Tenho minhas dúvidas sobre se estes homens queriam mesmo encontrar os queixadas grandes, pois estes são mortíferos inimigos de cães (e às vezes perigosos para os homens).

Um dos visitantes se recusou francamente a ir ou a deixar que seus cães fossem, explicando que os ferozes porcos do mato "eram muito mal educados" (segundo suas próprias expressões) e que os homens e cães que se prezavam não deviam aproximar-se deles.

Os outros fazendeiros só se mostravam receosos unicamente por seus cães; receio sem fundamento, segundo creio, pois não penso que os cães pudessem ser, por qualquer meio, levados até a perigosa vizinhança de tais adversários. Benedito, capataz da fazenda, foi conosco assim como dois ou tres outros camaradas, inclusive Antonio, o indio parecí. Os cavalos foram levados a nado através do rio, cada um ao lado de uma piroga. Passamos em seguida com os cães e, selados os cavalos, partimos.

Era uma cavalgada pitoresca. Os caçadores nativos, homens de todas as cores, desde o branco ao cobreado escuro, usavam todos perneiras de couro sobre os pés descalços munidos de esporas, com rosetas de quatro polegadas de diâmetro. Seguíamos a um de fundo, pois só esse modo de viajar era possível. Dois ou tres homens à frente levavam os facões desembainhados, abrindo com eles cada metro de caminho, enquanto estávamos no mato. Os caçadores iam em cavalos inteiros e seus cães eram castrados.

Na maior parte do tempo estávamos em mata pantanosa. Em certos trechos transpusemos ou contornamos campos alagadiços. Num deles pastava uma manada de gado semi-selvagem. Garças, socós, patos e jaburús existiam nesses charcos; e vimos um bando de lindos colheireiros roseos.

Em um capão, as figueiras estavam asfixiando as palmeiras assim como na África matam os pés de sândalo. À sombra desse capão, não havia flores nem arbustos. O ar era pesado, o solo escuro coberto de folhas

secas. Cada palmeira servia de suporte a uma figueira que apresentava todos os estagios de desenvolvimento. As mais novas subiam pelos estípites como simples trepadeiras. No estagio seguinte, a trepadeira já encorpada estendia seus rebentos, envolvendo o tronco em um amplexo mortal; alguns destes abraçavam no como tentáculos de enorme polvo. Outros pareciam garras, cravadas em cada fenda, em torno a qualquer saliencia. No estagio que a este se sucedia, a palmeira já fora morta e seu esqueleto sem vida aparecia entre os fortes braços da grossa trepadeira nela enroscada; afinal, em outros casos, a palmeira já desapareceu e as grossas hastes se uniram para formar uma grande figueira. Havia negros poços d'agua aos pés das árvores mortas e de suas assassinas. Algo de sinistro e diabólico pairava na penumbra silenciosa do capão, como se naquele ermo seres concientes estivessem envolvendo e estrangulando outras criaturas concientes.

Passamos por matas admiraveis de altas palmeiras babassú. Os estípites erguem-se esbeltos e fortes a grande altura, com os ramalhetes de palmas de 7 a 10 metros de comprimento, nos quais as espadas verdes se inserem aos pares, em ângulo reto. Em torno às lagunas, solenes buriús levantam-se como grandes colunas, abrindo em leque as grandes palmas de compridas e rijas folhas, que irradiam do ponto extremo do tronco. Havia uma árvore recoberta das cores vivas de um bando de araras multicores. Ao alto, em algazarra, voavam papagaios.

De vez em quando as formigas de fogo nos picavam e os carrapatos subiam em nossas pernas, até que fomos atacados por um inimigo mais serio sob a forma de um enxame de maribondos, não dos maiores, aproximadamente como as nossas vespas. Atravessávamos um matagal fechado, sob altas copas, num trecho em que o mato baixo,

os buracos, os cipós entrançados e os espinhos tornavam difícil a marcha. Os homens da frente não foram atacados, embora tivessem muitas vezes de abrir caminho a facão.

Seguíamos no meio da coluna, o coronel e eu e o enxame nos atacou; ambos ficamos muito mordidos no rosto, no pescoço e nas mãos, ele ainda mais do que eu. O coronel cavalgou para trás, e eu para a frente da coluna; nossos cavalos foram também atacados — e corríamos a uma velocidade que momentos antes eu julgaria impossível naquele terreno.

Ao findar o dia, quando de volta quasi chegávamos ao rio, os cães mataram um filhote de onça. Não havia sinais da mãe. Algum acidente acontecera a esta e a oncinha procurava arranjar-se por si mesma. Estava muito magra e no estômago havia restos de um pombo e alguns tendões do esqueleto ou carcassa ressequida de algum animal grande.

As repugnantes moscas berneiras, que deitam ovos sobre os seres vivos — gado, cães, macacos, roedores e homens — haviam-na infestado. Tinha sete pelotas brancas, como grandes tumores, sobre os olhos. Aquelas moscas depositam suas crisálidas nos homens. Em 1909, durante a mais ardua expedição do coronel Rondon, cada homem da comitiva recebeu de um a cinco ovos, agindo a mosca com grande atividade, cravando seu oviduto através da roupa. Os bernês são supliciantes, mas após dois talhos de lanceta em cruz, espremem-se os repelentes bichos, fazendo-os sair.

Naquelas inatas, a multidão de insetos que picam, ferretam, devoram e preiam outras criaturas, muitas vezes com o complemento de atrozes sofrimentos, excede tudo o que se possa acreditar. O mito comvente da "natureza benfazeja" não poderia enganar até mesmo à cria-

tura mais ingenua, se a esta fosse dado verificar por si própria a ferrea crueldade da vida na zona tropical. É fora de dúvida que "a natureza" — expressão inteiramente impropria, diga-se de passagem, na linguagem comum, especialmente quando usada para designar um todo único — é verdadeiramente implacável, não menos com relação aos tipos do que aos indivíduos, e absolutamente indiferente ao bem e ao mal, prosseguindo em suas finalidades com inteiro desprezo pela desgraça e pela dor que inflige.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, partimos novamente. Desta feita somente fomos eu e o coronel Rondon, com Benedito e o índio Antonio. Levamos conosco quatro cães que, segundo esperávamos, poderiam acossar os queixadas. Dois deles sumiram-se no rasto de uma anta e não mais os vimos; um dos outros fugiu de pronto, quando batemos na rastaria de nossa caça, nem um sequer se aventurando a seguir a trilha conosco; o cão restante não fugiu, e de quando em quando gania, mas não havia meio que o fizesse avançar, a menos que a'guem caminhasse à frente. Na realidade, o coronel, Benedito e Antonio formavam um trio de caçadores tal, que tudo poderia conseguir sem os cães.

Após quatro horas de viagem a cavalo, Benedito, que ia na frente, parou e apontou para baixo. Estávamos atravessando um trecho de capinzal entre dois trechos de floresta e ele achou os rastos frescos de uma vara de queixadas que se dirigiam da esquerda para a direita.

Parecia serem trinta ou quarenta os componentes da vara. Os caietús andam isolados ou em pequenos grupos; perseguidos, refugiam-se em tocas de pedra ou em ocos de pau, onde lutam com denodo. Mas os grandes queixadas andam em bandos numerosos e são tão bravos que relutam em fugir, preferindo efetuar uma retirada lenta, rangendo os dentes e grunhindo, ou avançar para

o ataque. Onde sejam muito perseguidos, os sobreviventes se vão aos poucos inclinando a fugir, porem seu instinto não os leva a recuar, e sim a confiar em sua truculencia e ação coletiva para se porem a salvo. São ferri-veis suas dentadas, que com frequencia matam cães. Muitas vezes atacam os caçadores, segundo ouvi de homens que foram por eles gravemente feridos. Quasi todas as pessoas que os caçam, são forçadas ocasionalmente a trepar em árvores para evitar-lhes o ataque, mas não ouvi dizer que tivessem morto alguem. Algumas vezes cercam a árvore onde alguem se refugiou e ali o forçam a ficar. Cherrie, certa vez, em Costa Rica, foi obrigado por uma vara de trezentos ou quatrocentos queixadas, a se conservar assim empolcirado por várias horas, e isto apesar de ter matado varios deles. Ordinariamente, no entanto, depois de desfebarem o ataque, desaparecem e não retornam. Seu maior inimigo é o jaguar, porem a menos que seja muito cauto, eles acabam por vencê-lo. Cherrie, ainda em Costa Rica, encontrou o cadaver de um jaguar evidentemente morto per um bando de queixadas, cerca de vinte e quatro horas antes. O chão estava batido com seus cascos e o corpo da fera todo dilacerado e em pedaços.

Benedito, tão logo descobrimos os rastos, desceu do cavalo, trocou as perneiras por sandalias, pôs a carabina e foi no rasto, seguido pelo único cachorro que o quis acompanhar. Os queixadas tinham entrado num vasto capão de mato que ao outro lado dava para um pantanal. A principio Antonio guiou-nos, a mim e ao coronel, todos nós a cavalo, fazendo-nos rodcar o capão, para o lado do pantanal, na suposição de terem os queixadas de passar apenas por ali. Mas nada podíamos ouvir; o cão apenas gania de tempos a tempos, e, quando o fazia, mal podíamos ouvi-lo. Finalmente escutamos um tiro. Benedito

localizara o bando, que não se mostrou amedrontado; então recuou e deu um tiro de aviso.

Entramos os tres a pé no mato, na direção do tiro. Era um matagal fechado e fazia um calor de rachar. Nada podíamos distinguir além de alguns pés e mal nos moveríamos sem auxilio dos facões. Em breve ouvimos os roncões ameaçadores dos queixadas à nossa frente, como que de todos os lados. Benedito então se reuniu a nós seguido pelo cão.

Avançamos devagar, guiados pelos grunhidos ferozes, entremeados de um bater de dentes semelhante a castanholas. Confusamente percebemos os vultos escuros dos queixadas movendo-se lentamente para a esquerda. Cada um dos nossos companheiros escolheu uma árvore para subir, e indicaram uma para eu fazer o mesmo. Atirei no vulto vago de um dos porcos através de cipós, galhos e folhagens; o coronel também atirou e eu fiz fogo mais tres vezes; o indio igualmente detonou sua arma. Os queixadas não atacaram, mas com as cerdas eriçadas, a passo ou correndo, roncando e batendo os queixos, desapareceram no matagal. Não conseguimos vê-los com clareza e nenhum morreu naquele lugar; mas poucos passos adiante, topamos um dos que eu havia ferido, em attitude defensiva, junto a um tronco de coqueiro; matei-o em seguida.

O cão nem se atrevia a perseguir os feridos. Mas nessa hora Antonio veio à cena. Com olhar quasi tão rápido e seguro como o de um animal do mato, havia observado o effeito de todos os tiros e podia dizer qual o resultado de cada um. Declarou que, além daquele que eu matara, tinha ferido dois outros tão gravemente que não iriam até longe; que o coronel e ele próprio haviam acertado em dois outros; e, ainda mais, mostrou a direção que os feridos tomaram. Os fatos confirmaram suas previ-

sões. Em poucos momentos encontramos morto o segundo que eu ferira e em seguida o de Antonio. Depois deparou-se-nos o meu terceiro ainda vivo, de tocaia; um segundo tiro o matou; finalmente foi encontrado o do coronel Rondon. Eu disse-lhe que pediria aos directores do Museu que preparassem o dele e mais um ou dois dos meus, em um grupo, para recordação daquela nossa caçada.

Si não tivéssemos usado cargas de chumbo, os queixadas poderiam escapar incólumes, pois, no escuro da mata fechada, com os ramos e folhagens de permeio, era difficil atirar com segurança à bala, naqueles alvos imprecisos e movediços. Acharnos depois o lugar em que se tinham espojado no lodo.

Os estômagos dos que matamos continham figos silvestres, caroços de coco e bolas de fibras de raizes. Os animais mortos estavam cobertos de carrapatos.

Na volta para casa vimos um macho da especie menor dos veados mateiros, que não chegava nem à metade do porte daquele que eu antes abatera. Era apenas uma mancha vermelha no mato, afastado a boa distancia; mas tive tanta sorte que acertei. Apesar de seu reduzido tamanho, era um macho adulto, de uma especie que ainda não havíamos obtido. As aspas haviam sido recentemente mudadas e as novas estavam exatamente repontando. Um grande jaburú nos fez correr cento e cincoenta metros atrás dele, não se dando ao trabalho de voar. Nesse dia vimos lindas orquídeas violetas e nos brejos uma infinidade de flores rubras, amarelas e lilases cujos nomes eu ignorava.

*Aludi acima ao hábito singular que têm os habitantes do interior do Brasil de castrar seus cães de caça. Este costume absurdo é sem dúvida a razão pela qual possuem tão poucos cães que valham o que comem, nas caçadas de carater mais serio em que a caça seja o jaguar ou o*

queixada. Até então somente víamos um cão tão bom como os do tipo comum para a caça ao cuguar e ao urso, das matilhas com que cacei nos Montes Rochosos e nos canaviais do Mississipi inferior. Seria difficil succeder de outro modo, pois, quando um cão qualquer mostra ter algum merecimento, é de pronto excluído da categoria dos reprodutores; nenhum cão de valor deixa filhos. Essa prática parece decorrer da idéia de que os cães castrados vivem mais. Assim, a reprodução é feita por cães que nada valem.

A região banhada por aquelle rio é de excellentes pastagens nativas para o gado, e algum dia terá grande desenvolvimento. Foi aberto ao povoamento pelo coronel Rondon, ha cinco ou seis annos apenas. Já se encontra uma ou outra fazenda ao longo das margens. Quando as ferrovias forem construídas nestas regiões interiores de Mato Grosso, todas progredirão assombrosamente — e o mesmo, evidentemente, succederá com as rodovias. O progresso não será apenas material. A educação lutará inmensamente, tomando-se este termo "educação" em seu mais amplo e justo sentido, isto é, em relação ao sentir e ao pensar, tanto de adultos como de crianças.

O coronel Rondon não é um mero explorador. Ele tem sido e continua a ser um líder do movimento para incentivar a melhoria da vida de seu povo, o povo de Mato Grosso. A população mais pobre das regiões afastadas é vítima em toda parte de leis inadequadas e injustas regulando as dívidas. Na prática, essas leis deram em resultado o estabelecimento de um sistema de escravização tal, como o que medrou em alguns pontos de nossa patria. Uma mudança radical é necessaria neste setor e o coronel está lutando para conseguí-la. Em assuntos de instrução, ele tem precisamente as idéias dos homens e mulheres mais competentes e adiantados nos Estados Uni-

dos. Cherrie — que não é só um efficientíssimo naturalista e explorador, nos trópicos, como também um íntegro e bom cidadão em seu país — é o presidente da Comissão de Educação da cidade de Newfane, no Vermont. Ele, o coronel, Kernit e eu conversávamos demoradamente sobre esse assunto, ficando todos de completo acordo sobre as necessidades da educação tanto no Brasil como nos Estados Unidos: o imperativo de associar o preparo industrial com o preparo intelectual e a necessidade da difusão do ensino primário, que deve ser apoiado e pago pelo governo, como função pública não sectaria, só pelo governo administrada, sem interferencia nem auxilio de qualquer organização religiosa. O coronel é também o chefe do Serviço de Proteção aos Indios do Brasil, posto que corresponde, mas somente em linhas gerais, ao nosso de Comissario dos Negócios dos Indios.

O coronel Rondon adota aqui pontos de vista que nos Estados Unidos são exatamente os dos amigos mais seguros e mais competentes dos indios. Estes precisam ser compreendidos e tratados com intelligencia e simpatia, não menos do que com firmeza e justiça; e, até que se tornem cidadãos, absorvidos no corpo político geral, devem ficar a cargo da Nação e não de qualquer associação particular, leiga ou religiosa, quaisquer que sejam suas boas intenções.

O rio Sepotuba foi pela primeira vez levantado e cientificamente explorado pelo coronel Rondon, em 1908, quando este chefiou a Comissão de Linhas Telegráficas. Foi isso durante o segundo ano de sua exploração e devassa do sertão do noroeste de Mato Grosso. Grande parte dessa região jamais fora pisada por homem civilizado. Não só se realizaram cuidadosos estudos topográficos, como também se estabeleceram postos permanentes e construíram-se linhas telegráficas. Quando iniciou

a obra, era ele major. Teve duas promoções, a tenente-coronel e a coronel, quando ausente no altiplano do deserto. Sua excursão mais importante, mais demorada e mais cheia de perigos e provações foi iniciada em 1909, a 3 de maio, aniversario da descoberta do Brasil. Deixando vaquele dia Tapirapoã, chegou ao rio Madeira a 25 de dezembro do mesmo ano, tendo descido o rio Gi-Paraná. A foz deste rio era, havia muito, conhecida, mas a metade de seu curso superior era absolutamente inexplorada quando Rondon por ele passou. Entre os que sob seu comando participaram dessa parte das explorações, achavam-se o atual capitão Amílcar e o tenente Lira; e seria impossível encontrar dois homens melhores e mais efficientes para semelhante obra de desbravamento.

Em nossa expedição serviam eles como principais auxiliares do coronel. Em 1909 a comitiva teve seus recursos de alimentação esgotados, incluindo-se o sal, no mês de agosto. Durante os últimos quatro meses viveram de caça, frutos e mel silvestres.

Suas bagagens limitavam-se ao que se podia conduzir às costas dos camaradas. Quando atingiram o rio Madeira, estavam esgotados pela fadiga, pelas intempéries, pela fome insatisfeita e com os organismos enfraquecidos, devorados pela febre.

A obra de exploração realizada pelo coronel Rondon e seus companheiros durante esses anos foi tão notavel quanto quaisquer empreendimentos similares efetuados em outros pontos da terra, mais ou menos pela mesma ocasião, e seus resultados ainda mais importantes que os deles. Seu valor foi reconhecido no Brasil, mas não teve repercussão nas sociedades geográficas da Europa e dos Estados Unidos.

O trabalho levado a termo pelos primeiros desbravadores de sertões brutos como estes envolve o sofrimento

de provações e perigos inenarráveis. Seus sucessores, ainda mesmo os imediatos, encontram relativas facilidades.

Em breve o caminho se tornou tão batido que podia ser percorrido sem sacrifício por qualquer pessoa que não se aventurasse para fora dele. Se o viajante, desviando-se desse caminho, penetrar no sertão mesmo por um só dia, caçando ou fazendo colheita de espécimes, terá uma amostra do quanto sofreram seus predecessores. As regiões desertas exploradas pelo coronel Rondon não estão, todavia, inteiramente dominadas, e ainda são ameaçadoras para a vida humana. Em Cáceres recebeu ele a notícia do falecimento de um de seus subordinados, o capitão Cardoso. Morrera de heri-beri, muito longe no sertão, na linha que pretendíamos seguir. Chegou-lhe também aviso de que uma lancha que subia o Gi-Paraná, trazendo provisões destinadas ao grupo de nossa expedição que devia descer aquele rio, sossobrara, perdendo todas as provisões e com tres homens afogados. Os riscos e sofrimentos são tais que o individuo comum, o camarada, não quer entrar no sertão. Os que na Comissão Telegráfica fazem o trabalho mais arduo e perigoso, ganham sete vezes mais do que recebem nos centros civilizados. Em nossa excursão o coronel lutou com muita dificuldade para conseguir alguém que cozinhasse para nós. Convidára o cozinheiro do vapor Nioac, mas este, com sincero horror, respondera: — Senhor coronel, nunca fiz mal algum para merecer esse castigo”!

Cinco dias depois que nos deixou, regressou a lancha, rebocando uma das chatas comerciais locais. No dia 13 levantamos acampamento, carregamos a lancha e a chata com todos os nossos objetos e nossas pessoas, e arrancamos rio acima para Tapirapoã. Eramos ao todo trinta homens, com cinco cães, e levavamos barracas, camas e provisões; a carne fresca que cada vez menos fresca ia

ficando; e as peles e tudo o mais amontoado com essas cousas.

Choveu quasi todo o primeiro dia e parte da primeira noite. A seguir, o tempo continuou em geral enfarruscado, agradável para viajar; algumas vezes a chuva e a soalheira tórrida se alternavam. A cozinha — aliás excelente — era feita num curioso fogãozinho ao ar livre, na ré da chata coberta. Esse fogão era formado de pedações de cupim colocados entre os bordos da embarcação. Junto a ele o escuro cozinheiro, com filosófica solenidade, trabalhava ao sol e à chuva com duas ou tres pancas.

Nossos homens, boas almas debaixo de peles de todas as cores e matizes, dormiam, na maior parte do tempo, encolhidos entre caixas, fardos e mantas de carne seca.

Uma enorme tartaruga terrestre estava peada na proa da chata. Quando os homens dormiam muito próximos, ella fazia esforços inúteis para trepar sobre eles; em retribuição, alguns deles, de vez em quando, transformavam-na em assento.

Vagarosamente a máquina resfolegante ia impelindo a lancha e seu pesado reboque contra a rápida correnteza. O rio tinha subido, e fazíamos cerca de dois quilômetros por hora. À frente, a escura faixa das aguas estendia-se em curvas entre intermináveis muralhas de floresta tropical. Era como se atravessássemos uma gigantesca estufa. Coqueiros babassú e burití, sarás, enormes figueiras, bambús empenachados, árvores estranhas de troncos amarelos, árvores baixas com folhas enormes, árvores altas com delicada folhagem rendilhada, árvores de troncos com escoras naturais, outras com o estipe erguendo-se esguio, liso e direito a incríveis alturas, todas entrançadas entre si por um emaranhado de trepadeiras, se debruçavam à beira do rio. Os galhos pendiam até a agua, for-

mando uma cortina através da qual era impossível ver o barranco e excessivamente difícil atingi-lo.

Raramente alguma ostentava flores — grandes cachos brancos ou de pequenas flores vermelhas ou azues. As mais das vezes, as flores lilases das begônias trepadeiras faziam largas manchas coloridas. Inúmeras parasitas cobriam os galhos e até cresciam sobre os troncos enrugados. Vimos pouca vida alada. Alguns biguás, de vez em quando, e martins-pescadores voando de galho em galho. Com longos intervalos passávamos por alguma fazenda. Em uma delas a casa grande coberta de telhas vermelhas e caiada ficava numa encosta gramada, atrás de mangueiras. As folhas de madeira estavam abertas nas janelas sem vidraças e suas grandes salas eram inteiramente nuas, sem um livro, sem um enfeite.

Uma palmeira carregada dos pendentes ninhos de guaches, ficava próxima da porta.

Para o lado de trás havia laranjeiras e pés de café e perto ficavam o bananal, o arrozal e a plantação de fumo. O capataz, de tez lívida, era hospitaleiro e cortês. O mulhério trigueiro se manteve, furtivo, nos bastidores. Como a maior parte das fazendas, esta era propriedade de uma firma com escritório em Cáceres.

A viagem era agradável e interessante, embora não houvesse muito a fazer na lancha; estava muito atulhada para permitir que se andasse por ela a não ser com um determinado objetivo. Apreciávamos a paisagem, e conversávamos em inglês, português, mau francês e peor alemão. Alguns escreviam. Fiala desenhava esboços de barracas e camas de campanha aperfeiçoadas, assim como outros equipamentos de campo, sugeridos pelo que já tinha ele observado. Alguns liam.

O coronel Rondon, asseado, correto e alerta, examinava uma obra clássica sobre astronomia prática de cam-

po. O padre Zabm lia um romance de Fogazzaro. Kermit lia Camões e os romances brasileiros "O Guarani" e "Inocencia".

Minha leitura variava de "Quentin Durward" e Gibbon, à "Chanson de Roland". Miller tirou sua pequena coruja "Moisés" da cesta em que morava e lhe deu comida e agua. Moisés guinchava satisfeita quando a coçavam e acariciavam. Ao fim da primeira tarde acostamos numa modesta fazenda das mais pobres. As casas eram cobertas de folhas de palmeiras. Até as paredes eram de grandes palmas folhudas de babassú, incadas em pé no solo e acamadas umas sobre as outras. Alguns da comitiva saltaram em terra, outros ficaram a bordo. Não havia mosquitos, o calor não era excessivo e dormíamos bem. Pelas cinco horas da manhã seguinte cada um de nós havia bebido uma xícara do delicioso café brasileiro e as embarcações continuavam a viagem.

Durante o dia todo navegamos lentamente rio acima. Passamos por duas ou tres fazendas. Paramos em uma para arranjar leite. Ali as árvores estavam recobertas de pequenas orquídeas amarelas.

Ao escurecer paramos numa aberta onde não havia galhadas para impedirem que encostássemos as embarcações no barranco. Não havia quasi mosquitos. A maior parte do pessoal levou as redes para terra e o acampamento foi armado nos arredores singularmente belos. As árvores eram palmeiras babassú, algumas com suas folhas coroando altos troncos; outras havia com palmas mais longas, que subiam quasi do solo. Estas folhas eram de grande comprimento, algumas de não menos de treze ou quatorze metros. Arbustos e capim alto, cobertos de orvalho e brilhando com o verde das esmeraldas, cresciam nos espaços abertos.

Partimos ao amanhecer do dia seguinte. Um dos marinheiros se tinha extraviado no interior do terreno. Começou a dar voltas sem conseguir achar o rio; tínhamos partido sem notar sua ausencia. Paramos de pronto ao dar por ela, e com dificuldade o homem abriu caminho através dos cipós e dos espinheiros do matagal, na direção do ruído do motor da lancha e dos toques de buzina com que lhe indicávamos o lugar onde estávamos. Naquela densa mata, quando o sol está oculto nas nuvens, um homem sem bússola, que se afaste cem metros do rio, pode facilmente se extraviar irremediavelmente.

Ao passo que subíamos o rio, os coqueiros baba: se tornavam cada vez mais numerosos. Naquele trecho, por espaço de muitos quilômetros eles davam um aspecto característico às matas marginais. Em toda a parte seus ramalhetes de folhas compridas e curvas se erguiam entre as outras árvores, e em certos pontos as sobrepujavam em altura. Mas nunca igualavam em altura aos gigantes das outras árvores comuns. Num coqueiro altíssimo vimos um aglomerado de orquídeas violetas crescendo a meia altura do tronco. Numa outra árvore enorme — não coqueiro — que sombreava uma pequena clareira, havia cerca de cem ninhos de guaches.

Passamos durante esse dia por uma grande fazenda além de dois ou tres pequenos sitios.

As varias casas e ranchos, todos cobertos de folhas de coqueiros ficavam junto ao rio, num largo espaço de solo descoberto, escalonado de coqueiros babassú.

Uma chata coberta estava encostada ao barranco. Mulheres e crianças olhavam das janelas sem vidraças; os homens achavam-se parados à frente das casas. A construção maior era cercada por uma estacada feita de rachas de palmeiras fincadas no chão. Bois e vacas pastavam em

volta, e carros de sólidas rodas inteiriças de madeira estavam inclinados, com suas lanças encostadas no chão.

Fizemos nossa parada do meio-dia em uma ilha onde existiam altas árvores, cheias de frutas agradáveis ao paladar. (\*) Outras árvores da ilha estavam cobertas de flores de um vermelho vivo e amarelas; delicadas florinhas azues e outras brancas, estreladas, atapetavam o chão. Aqui e ali, pela superficie do rio, voavam andorinhas com tanta cor branca em sua plumagem, que, brilhando ao sol, pareciam ter os corpos niveos suportados por azas pretas. A correnteza do rio se ia tornando mais rápida; havia trechos de aguas revoltas quasi semelhando corredeiras; a máquina, incansavel, fazia força e arfava sob a difficuldade crescente com que impelia para a frente a lancha e sua pesada companheira. À noite amarramos junto ao barranco, num claro da mata que permitia acampamento confortavel. Nessa noite os cupins abriram largos furos no mosquiteiro de Miller e quasi lhe destruíram as meias e os cordões dos sapatos.

Ao nascer do sol continuamos a viagem.

Havia trechos de agua rápida e encarneirada, quasi formando corredeiras; em toda a parte a correnteza era forte e nosso avanço muito lento. A prancha era rebocada por um cabo e sua tripulação recorria aos varejões. Mesmo assim, às vezes com muita difficuldade conseguíamos vencer a correnteza. Duas ou tres vezes, socós e biguás pousados em alguma tranqueira do rio, ou em árvores da margem, deixavam a lancha aproximar-se até alguns metros. Em um trecho de mata alto, notámos um bando de tucanos, visiveis mesmo entre as copas das árvores, devido aos seus enormes bicos, é à destreza sosse-

---

(\*) Nota do tradutor: Deviam ser ingazeiros, que abundam naquelas paragens.

gada com que andavam, subiam, e saltavam entre a galharia. Passamos por varias fazendas.

Pouco antes do incio dia, a 16 de janeiro, chegamos a Tapirapoã, sede da Comissão Telegráfica. Era um lugar atraente dando sobre o rio, e se achava garridamente engalanado em nossa honra, não só com as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos, como com as de todas as republicas americanas.

Havia ali um grande espaço coberto de grama verde com árvores no centro. Em um lado desse espaço ficava o escritorio da Comissão, e, no outro, o de uma grande fazenda que ali tinha sua sede. Adicionem-se a isso, estrebarias, ranchos, abrigos externos, currais e, nas proximidades, áreas cultivadas.

Vacas leiteiras, bois para corte, bois carreiros e burros andavam quasi que à vontade. Havia dois ou tres carrinhões e carros, assim como um trator utilizados na construção das linhas telegráficas, mas inserviveis na época das chuvas, ao tempo de nossa expedição.

Daquele lugar iríamos começar nossa viagem por terra com burros e bois de carga, varias duzias dos quais foram reunidos para nos esperar. Muitos dias foram necessarios para repartir as cargas e organizar varias combinações necessarias para que tão grande comitiva pudesse empreender a longa travessia do sertão, atravessando uma região onde não havia alimento bastante para homens ou animais, e onde era sempre possivel entrar nalguma zona em que reinassem pestes fatais ao gado ou aos cavalos.

Fiala, com a habitual eficiencia, tomou a seu cargo os aprestos relativos ao grupo americano da expedição, tendo em Sigg um ativo e util auxiliar. Harper, que como os outros trabalhava com zelo dedicado e jovial, ajudava-

o também, exceto quando ocupado a auxiliar os naturalistas.

Estes últimos, Cherrie e Miller, tinham feito, tanto quanto possível, o melhor e mais difícil trabalho da expedição. Havia-m colhido cerca de mil aves e duzentos e cinquenta mamíferos. Não era provavel que conseguissem outro tanto no resto de nossa viagem, pois tencionávamos dali por diante fazer tão poucas paradas e jornada-dear tão rapidamente quanto nos permitissem o terreno, o tempo e as condições dos meios de transporte.

Eu sempre desejava que dispussemos de mais tempo para estudar os hábitos de vida de empolgante interesse dos belos e admiraveis animais de pelo e aves que víamos a cada momento. Todo o museu de primeira classe deve ainda organizar competentes colecionadores de espécimes; julgo, porem, que um museu poderia atualmente trazer beneficios mais duradouros se mandasse para os sertões imensos, onde a natureza selvática domina, observadores competentes que registrassem aquilo que observassem. Tais homens deveriam também colher espécimes, pois essa colheita ainda é necessaria; mas teriam de ser, de preferencia, capazes de ver por si, e de expor sugestivamente aos olhos alheios, os hábitos e costumes das criaturas que moram nas regiões deshabitadas do mundo.

Naquele lugar tanto Cherrie como Miller conseguiram certo número de mamíferos e aves que antes não haviam obtido; se alguns eram novos para a ciencia, era cousa que só podia ser determinado após a chegada dos espécimes ao Museu Americano. Quando fazia inspeção de suas armadilhas para pequenos mamíferos durante a manhã, Miller encontrou um exército de terriveis formigas. A espécie era das pretas grandes, e moviam-se em uma frente bem extensa. Estas formigas, algumas vezes chamadas formigas militares, como as invasoras africanas, marcham

em grandes corpos que destroem ou fazem sua presa qualquer coisa viva que não se possa afastar a tempo de seu caminho. Andam depressa e tudo foge ante seu avanço. Os insetos constituem sua presa principal; é de admirar como até as mais perigosas e agressivas criaturas das espécies inferiores não lhes oferecem resistência seria. A atenção de Miller foi atraída para esse exército de formigas por ter visto uma grande centopéia de 23 a 25 centímetros procurando fugir-lhes. Certo número de formigas estava a mordê-la, e ela se torcia a cada mordida, mas não cuidava de utilizar contra as assaltantes suas compridas mandíbulas encurvadas. Em outras ocasiões ele viu grandes escorpiões e grandes aranhas caranguejeiras procurando fugir de forma idêntica, mostrando a mesma incapacidade para atacar suas vorazes inimigas ou para se defenderem. As formigas sobem a grande altura nas árvores, chegam aos mais altos ninhos e de pronto matam e despedaçam os filhotes das aves. Mas não são tão comuns como imaginam alguns escritores; podem-se passar dias sem se encontrar seus exércitos, e por certo muitos ninhos nunca são por elas visitados nem ameaçados. Em alguns casos parece provável que as aves se salvam e, a seus filhos, de outras maneiras. Alguns ninhos são inacessíveis. De outros, os pais talvez retirem os filhotes. Miller uma vez, na Guiana, estivera por alguns dias a observar um ninho de carriças formigueiras, com filhos implumes. Lá chegando uma manhã, viu a árvore e o ninho repleto de formigas. Supôs a princípio que os filhotes tinham sido devorados, mas logo viu os pais que, a uns trinta metros apenas de distância, penetravam na mata levando alimento nos bicos e dela saindo sem alimentos, e isso por vezes repetidas. Miller nunca descobriu seu novo ninho, mas estava certo de que os passarinhos alimentavam seus filhotes, que haviam sido re-

movidos do ninho antigo. Estas carriças esvoaçam por cima e à frente das colunas de formigas assaltantes, alimentando-se não só dos insetos que elas espantavam como também das próprias formigas.

Este fato tem sido posto em dúvida, porem Miller matou algumas com formigas no bico e no estômago. Libélulas em grandes bandos muitas vezes adejam sobre as correições, flechando para cima delas; Miller não pôde vê-las apanhando as formigas, mas essa era sua opinião. Eu proprio vi essas formigas atacando uma caixa de maribondos muito agressivos e perigosos. Os maribondos zumbiam em grande excitação, mas pareciam incapazes de lhes resistir. Vi também limparem um broto ocupado por suas parentas, as venenosas formigas de fogo; estas lutaram e não tenho dúvida de que mataram e aleijaram muitas das suas inimigas pretas, ativas e numerosíssimas, que em pouco deram cabo das primeiras. Daquelas terríveis formigas só encontrei de cor preta, mas ha especies vermelhas. Atacam seres humanos, precisamente como o fazem a todos os animais, e em casos tais o único recurso é a fuga precipitada.

Em volta do nosso acampamento enxameavam borboletas de cores vistosas e havia numerosos fungos de modelos e coloridos tão delicados como os das flores. Os perfumes da mata eram deliciosos. Havia muitos mochos ou aves brasileiras a eles aparentados; emittiam durante a noite, a espaços, uma serie de pios lembrando os da nossa grande garrula-viuvia, dos estados do Golfo do México, ou do mocho, mas não idénticos aos de qualquer deles. Havia outros pássaros, parentes chegados de outros familiares nos Estados Unidos: um pintarroxo de cor escura, assim como um chamariz do mesmo colorido e um pardal pertencente ao mesmo gênero do nosso pardal-cantador e pardal-namorado; Miller ouvira esse pardal cantando dia

e noite, nos Andes, a quasi cinco mil metros de altitude, e seu canto sugeria o de ambos os nossos pardais. Existiam pombas e pica-paus de especies varias. Outras aves em nada se pareciam às nossas. Um pica-pau meleiro era uma verdadeira joia, com a plumagem negra, purpura e turquesa, e pés de um vermelho vivo. Dois dos pássaros que Cherrie e Miller conseguiram tinham hábitos extraordinarios de nidificar. Um, uma viavinha, no porte lembra uma alvéola de rabo curto. É côr de chumbo, com a barriga fulva e penas brancas sob a cauda. É um passarinho estúpido e não gosta de voar, nem mesino quando alvejado a tiro. Esconde a presa e em geral age como um nescio papa-moscas, pousando nalguma arvore seca, caindo sobre os insetos e voltando depois a empoleirar-se, nunca descendo ao solo para se alimentar ou passear. Nidifica porem em buraco que ele mesmo faz; um do casal é que o faz, enquanto o companheiro fica pousado nas proximidades. Algumas vezes esses buracos são em barrancos arenosos, sendo um milagre a creia tãõ movediça não desmoronar no interior. Outras vezes o buraco é feito em terreno plano, descendo cerca de um metro e subindo depois em ângulo. O ninho consiste em algumas folhas e capim, e os ovos são brancos. O outro passarinho, chamado freira ou bico de lacre, tem o porte de um torto, de côr acinzentada com bico vermelho côr de lacre. Também escava em solo plano, até metro e meio de fuudo, e na boca do furo faz um montículo de pauzinhos e folhas.

Naquele acampamento o calor era elevado, de 33 a 40 graus centígrados, e o ar pesado, saturado de humidade; caíam frequentes aguaceiros, mas não havia mosquitos e tínhamos muito conforto. Graças à proximidade da fazenda, passávamos regaladamente com abundancia de carne, galinhas e leite fresco. Dois ou tres pratos bra-

sileiros eram deliciosos: a canja, uma sopa espessa feita de arroz e galinha, a melhor sopa que um homem com fome possa ingerir; e o picadinho de carne, servido com um molho simples mas bem temperado.

A besta que me coube como montaria era um animal possante, de boa marcha. O governo brasileiro pusera ali à minha espera bonitos arreios guarnecidos de peças de prata, que muito me agradaram, embora minhas roupas muito surradas e grosseiras fizessem com ele um visível contraste.

Em Tapirapoã dividimos a bagagem e a nossa comitiva. Mandamos à frente, num carro puxado por seis bois, a canoa canadense, com seu motor e algumas caixas de gasolina e cem latas fechadas, cada uma com rações diárias para seis homens. Tinham sido arranjadas em Nova York, sob a direção especial de Fiala, para serem utilizadas quando chegássemos a lugar onde quiséssemos ter alimento variado e bom, em volume reduzido. Todas as peles, crânios e espécimes em álcool, assim como toda a bagagem que não era de absoluta necessidade, foram remetidas pelo rio Paraguái abaixo, para Nova York, aos cuidados de Harper. A tropa cargueira, sob a direção do capitão Amílcar, fora organizada para seguir formando um destacamento separado. O grosso da expedição, composto pelos membros americanos, coronel Rondon, tenente Lira e dr. Cajazeiras, com a bagagem de todos e com provisões, formava outro destacamento.

## CAPITULO VI

# ATRAVÉS DO SERTÃO BRUTO DO ALTIPLANO OCIDENTAL DO BRASIL

**E**STAVAMOS agora nos domínios dos vampiros, os morcegos que sugam o sangue das criaturas vivas, colados ou adejando sobre as espaldas de uma vaca ou de um cavalo ou sobre a mão ou pé de um homem a dormir, fazendo uma ferida de onde continua o sangue a fluir por muito tempo após se ter o morcego saciado. Em Tapirapoã havia vacas leiteiras, e um dos bezerros amanheceu um dia enfraquecido pela perda de sangue, que ainda pingava de uma ferida no começo da paleta, feita por um morcego. Mas naquelas redondezas os vampiros faziam pouco dano, em comparação com o que acontecia em outros lugares, em que não só os muares e o gado, como até as galinhas, têm de ser recolhidos à noite em abrigos impenetráveis aos morcegos, sob pena de perderem a vida. Os principais e comuns são de varias espécies, e, aliás, pequenos; mas dizem que outras espécies de morcegos do Brasil, parecem haver-se tornado pelo menos ocasionalmente, em regiões restritas, adeptos desse mau exemplo, variando sua alimentação habitual com alguns goles de sangue fresco.

Um dos membros brasileiros da comitiva, Hoehne, o botânico, era também zoólogo. Informou-me que tinha visto até mesmo os grandes morcegos frugívoros dar-se à pratica de sugar sangue. De acordo com suas observações, eles não faziam por si mesmos a ferida original,

mas, uma vez esta aberta por um dos legítimos vampiros, iam lamber o sangue que manava e aumentavam o fermento. A relativa falta de carnívoros antropófagos na América do Sul, em comparação com a África e a Índia, é compensada pela extraordinária ferocidade e sede de sangue de certas creaturas minúsculas, cujos parentes em outras paragens são inofensivos. Somente aqui peixes menores que trutas matam nadadores, e morcegos do tamanho dos ratos-de-asas comuns, do hemisferio norte, bebem o sangue dos grandes animais e do proprio homem.

Não havia muita presença de grandes mamíferos nas circunvizinhanças. Kermit caçava habitualmente e trazia, às vezes, um tatú, um coatí, ou agutí, para os naturalistas. Miller apanhou em armadilhas ratos e um gambá tipico, novo, para a coleção. Cherric obteve muitas aves e com Miller esfolava seus espécimes num rancho aberto. Moisés, a pequena coruja mascote, pousava numa trave alta, como espectadora interessada e guinchava quando a acariciavam. Duas corruiras que moravam logo ao lado do rancho, ficavam muito irritadas com a presença de Moisés e faziam-lhe visitas manifestando ruidosa antipatia. Os minúsculos pardais de coleira branca vinham familiarmente para as choças e casas caiadas, e trilhavam sobre as cumieiras. Era um canto singelo, apenas vaga sugestão da melodia doce e chorosa do nosso coleira branca, e dos compassos iniciais do canto poético e deleitoso do nosso pardal cantor. Trouxe-nos esse canto gratas recordações de encantadoras manhiãs de abril em Long Island, quando, de mistura com o canto do pintarroxo e do pardal-cantador, vem a nota penetrante da calhandra do prado; e das matas longinquas do norte, em junho, embaledas com o perfume dos pinheiros e dos abetos, onde os pardais enamorados cantam dos tufos de pinheiros orvalhados e re-

gatos velozes correm sob as ramarias balouçantes e molhadas dos álamos.

A partir de Tapirapoã nosso percurso se dirigia para o norte, subindo e atravessando o planalto deserto do Brasil. Das fraldas desta zona elevada, que é geologicamente muito antiga, defluem para o norte os tributários do Amazonas, e os do Prata para o sul, fazendo imensos volteios e desvios sem conta.

Dois dias antes de nossa partida, as bestas de carga com muitos bois de carga seguiram levando as provisões, ferramentas e outras coisas de que não iríamos necessitar antes de um mês ou mês e meio, quando iniciássemos a descida para o vale do Amazonas. Eram cerca de setenta bois, muitos deles bem mansos, mas havia cerca de uma dúzia deles inteiramente bravios ou rebeldes. Com muita dificuldade era a carga colocada neles, que corcovavam como cavalos selvagens. Seguidamente esparravam as cargas pelo curral ou no começo da estrada. Os tropeiros, poreni, de pele côr de cobre, pretos e mulatos, não só eram senhores de seu ofício, como de tempera inalterável; quando mostravam severidade, era por ser necessário mostrá-la, mas não porque estivessem zangados. Finalmente conseguiram carregar todos os chifrudos animais e com eles ganharam a picada.

A 21 de janeiro partíamos nós com a tropa de bestas de carga. E' claro que, como sempre acontece em tais jornadas, houve certa confusão até que os tropeiros e os animais de carga se adaptassem à sua tarefa rotineira. Além das bestas de carga, levávamos bestas de sela para todos nós. No primeiro dia viajamos 22 quilômetros, e, atravessando então o Sepotuba, acampamos junto a ele, abaixo de uma serie de quedas, ou antes, de corredeiras. O terreno era plano e formava uma grande passagem natural, vestida de uma vegetação arborea muito

rarefeita, de arvores baixas e contorcidas, apresentando ligeira semelhança com as do Texas e do Oklahoma. É tão apropriada para a criação do gado como as deste último estado e também ha muita terra boa para a agricultura, ao passo que o rio fornecerá energia elétrica. Região magnífica para colonização. O calor é forte ao meio-dia, mas as noites são suportáveis. Sabíamos que nos achávamos em plena estação chuvosa, mas até então tivéramos numerosos dias bonitos, intercalados de aguaceiros. Mas era de admirar a ausencia de mosquitos. Quanto aos insetos importunos diurnos, podem ser bem suportados, sobretudo pelos colonos, pois são para eles muito menos serios inimigos nas regiões desmatadas do que nas florestas. Os mosquitos e outros inimigos noturnos constituem o problema realmente difficil e incômodo, porque nos perturbam o repouso.

Até então, durante nossas jornadas subindo o Paraguai e seus afluentes, naquela região tropical alagadiça e plana, não fomos virtualmente molestados pelos mosquitos em nossos acampamentos de pouso. No interior das selvas eram eles às vezes um tormento serio que Cheric e Miller tinham suportado durante algumas de suas expedições especiais; mas quasi não existiam nas fazendas e nos acampamentos ao ar livre junto ao rio, ainda quando o pantanal estava próximo. Eu ficava intrigado — e encantado — pela ausencia deles. Os colonos não se devem privar de ir para aquela região de recio dos insetos inimigos.

Não quer isto dizer que tais inimigos não existam. Fora dos descampados e das estradas batidas eles pululam. Ha carrapatos, formigas venenosas, vespas — algumas especies das quais são realmente seria ameaça — mutucas e mosquitos-pólvoras. Eu quero apenas dizer que, como em outras regiões tropicais, aquela região par-

ticular era, sob o ponto de vista do colono e do viajante comuns, relativamente livre do flagelo dos insetos e um aprazível lugar para morada.

Os exploradores, e, em menor escala, o naturalista de campo e o caçador de caça grossa, têm de enfrentar essas pragas, assim como tem de correr riscos sem conta, e sofrer privações e dificuldades. Isto tudo é inerente às respectivas profissões ou empresas. Muitas regiões dos Estados Unidos, onde hoje a vida é completamente confortável e fácil, ofereceram aos primeiros exploradores ha um século ou dois, os mais arduos problemas. Não devemos cair no erro insensato de supor que os primeiros exploradores não sofrem terríveis privações, meramente porque o viajante comum e até mesmo os povoadores que vêm depois deles não suportam tais privações, nem correm perigos e sofrem estafantes fadigas — se bem que os primeiros entre os colonos genuínos tenham também que se submeter a provas excessivamente penosas. Os pioneiros da exploração e da aventura tornam os caminhos francos e batidos à custa de arduos sacrifícios para eles. O viajante comum, sem perigo, e com ligeiro desconforto, pode então cruzar esses caminhos; mas não devem pensar que fazem grandes proezas, nem subestimar os esforços dos primeiros desbravadores, porquanto foi graças a tais esforços que se conseguiram essas facilidades relativas. O viajante vulgar, que jamais se afasta do caminho trilhado e a este é por outros conduzido, sem por si próprio nada fazer e nada arriscar, não precisa mostrar muito mais iniciativa nem maior intelligencia do que um fardo conduzido por uma companhia de transporte. Nada faz; os outros encarregam-se de todos os serviços, tudo prevêem, tomam sobre si os riscos todos — e têm direito a todo o mérito. Ele e sua

mas são virtualmente transportados do mesmo modo; os serviços prestados aos dois são da mesma categoria.

Caso essa especie de viajante seja um escritor, pode ele sem dúvida realizar obra admiravel e do mais alto valor; este valor, porem, será devido a ser escritor e observador, nunca, porem, a qualquer mérito que se arrogue como viajante. Todos nós reconhecemos esta verdade quando os escritores se referem às regiões altamente civilizadas; se Bryce escreve sobre a república norte-americana e Lowell sobre os Corpos Legiferantes da Europa, nossa admiração se volta para o saber e o pensamento do observador e não nos interessamos pelas viagens. Quando alguém atravessa o Arizona num carro Pullman, não nos passa pela mente que esse alguém haja praticado qualquer ato que tenha a mais remota semelhança com os feitos dos primeiros exploradores daquelas vastidões arenosas; qualquer parcela de admiração que nos inspire a viagem terá por alvo o chefe do trafego, o maquinista, o foguista e o guarda-freios. Entretanto quando se trata de regiões menos conhecidas, como a América do Sul, esquecemos algumas vezes, essas verdades evidentes. Todavia ainda existe muito trabalho de exploração a ser realizado na América do Sul, trabalho tão arduo e perigoso e quasi tão importante como qualquer outro já levado a cabo, ou em vias de o ser, por homens e mulheres como Haseman, Farrabec e Miss Sneathlge. Os naturalistas que entram nos sertões e realizam tarefas de primeira classe correm toda a especie de riscos e suportam toda a especie de carceiras e trabalhos. Os exploradores e naturalistas do tipo conveniente, encontram franqueado na América do Sul um campo de atividade cheio de atrações e dificuldades. Escavar ruínas já de ha muito conhecidas; visitar cidades remotas que datam de épocas coloniais; viajar por antigas estradas, ainda que sem conforto; subir ou descer

rios francos como o Amazonas, o Paraguái e o baixo Orinoco — todas essas proezas são muito dignas de ser praticadas, mas não habilitam o praticante a se comparar de modo algum ao verdadeiro desbravador dos sertões nem a criticá-lo, seja ele embora um bom escritor, e seja qual for sua contribuição de valor real para os conhecimentos humanos. Tais feitos não subentendem fadigas nem obstáculos dignos de consideração. Seu valor só depende de capacidade de observação e não de ação. O individuo *realiza* pouco; apenas registra o que vê. É unicamente o homem das estradas batidas. O verdadeiro corredor de sertões, pelo contrario, tem de ser tanto um homem de ação quanto um observador. Deverá ter o corpo e o espirito capazes de agir e sofrer, assim como olhos para ver e inteligência para observar e anotar. Seja-me permitido deixar claro que não estou menoscabando o excelente trabalho de tantos homens que não se afastaram dos caminhos trilhados. Quero esclarecer que esse excelente trabalho não deve ser posto no mesmo plano com o do explorador de sertões. Não obstante, constitue obra que tem o seu merito como a obra do verdadeiro explorador tem o seu proprio. Ambos fazem vivo contraste com os pseudo-exploradores entre os quais o sr. Savage Landor sobressai numa indesejavel preeminencia.

Das corredeiras do Sepotuba nosso roteiro se dirigiu a principio para oeste. O primeiro dia de viagem, afastando-nos do rio, foi através de cerrada mata tropical. Para fora da estrada larga e batida, cada passo avante importava na abertura de picada a facção no emaranhado do taquaral, dos ramos baixos, espinheiros e intrincado cipoal. Havia palmeiras de especies novas, muito altas, esbeltas, direitas e graciosas, com folhas aliás curtas e pouco densas. As bananeiras silvestres ou pacovas, atulhavam os vazios entre os troncos das grandes árvores;

seus troncos eram curtos e as folhas largas, erectas e gigantescas; tinham flores vermelhas e alaranjadas. Havia árvores cujos troncos se entuneciam formando grandes barrigas. Outras, como torres, tinham troncos providos de escoras e sua folhagem fazia um rendilhado contra o azul nuito ao alto. Suntuosos, os surucuás, de peito vermelho e lombo verde, de longas caudas, pousavam imóveis nos galhos mais baixos e emitiam seu pio alto, tres vezes repetido. Ouvimos o grito da falsa araponga, que é cinzenta em vez de branca como a verdadeira; fica sempre entre os galhos mais altos. Forte chuva caiu logo que chegamos ao local do acampamento.

Na manhã seguinte, ao nascer do sol, subimos por uma encosta íngreme, até à beira do altiplano dos Parecís, a cerca de 610 metros de altitude sobre o nível do mar. Estavamos no Planalto, o maciço central do Brasil, terra saudavel de ar seco, noites frescas e córregos cristalinos irrequietos. O sol estava justamente por trás de nós, quando chegamos ao alto. Dalí estendemos a vista sobre a vastidão dos pantanais do Paraguái, que brilhavam à luz oblíqua da manhã. Tocámos em seguida para a frente, com as nossas sombras se projetando diante de nós. A proxima aguada ficava dalí a 6 leguas e o jornadaear no sertão por aquela região arenosa, escampa e sem agua, era penosa para os bois e para as bestas. Mas naquele dia o céu em breve ficou nublado e uma aragem fresca nos açoitava as faces ao viajarmos a trote rápido pela planura imensa. A terra arenosa era coberta de capim, com pequenas árvores baixas e retorcidas, espalhadas a espaços. Emas e pequenos veados campeiros percorriam aquella planicie; a côr das emas torna difficil percebê-las ao longe, ao passo que o pelo vermelho vivo dos veados, suas caudas erguidas na corrida os denunciavam a distancia. Vimos tambem rastos de jaguares e dos grandes

lobos vermelhos de dentes miudos. Os jaguares são os mais implacáveis inimigos daqueles pequenos veados sul-americanos, tanto do campo como da mata.

Não é tão fácil, como na mata, algum se perder naqueles campos, pois havendo uma estrada ou um rio bastante longos e retos para pontos de referencia, mesmo sem bússola fica-se a salvo de extravios. Porém nas matas escuras e fechadas, nos dias nublados, é indispensável a bússola. Ficamos impressionados pelo fato de os caçadores nativos e vaqueiros, em dias assim, frequentemente se perderem, andando por espaço de quilômetros, em circulo ou em direção errada se não os auxiliarem a se orientar. Não tinham o senso da direção, como os caçadores 'Ndorobo das matas da África, ou os indios da América do Sul. Em meia duzia de ocasiões nossos guias se desorientaram completamente e tínhamos de assumir o comando, desprezando suas indicações e indo em rumo certo unicamente com a bússola.

Durante esse dia fresco fizemos boa viagem. O ar era admirável; os vastos descampados davam uma impressão de liberdade e vigor infinitos. Pela tarde, ainda cedo, atingimos um posto construido pelo coronel Rondon no correr de suas primeiras explorações. As varias casas eram caiadas, ladrilhadas e cobertas de telhas ou de capim. Ficavam num vale espaçoso, de pouco declive, pelo qual corria um corrego de aguas frescas, onde tomavamos deliciosos banhos. A atmosfera pesada e intensamente úmida do pantanal baixo e alagadiço desaparecera; o ar ali era claro e fresco, o firmamento brilhante. Para todos os quadrantes contemplávamos uma paisagem que parecia sem limites; a brisa que sentiamos no rosto parecia vinda das planicies norte-americanas.

O sol ao meio-dia ainda era quente, mas mal se percebia que estávamos na zona tórrida. Não havia mos-

quitos, por isso não armávamos os mesquiteiros para dormir, apenas nos embrulhando nas cobertas, para o sono tranqüilo na noite fresca e agradável. Evidentemente aquela região será de futuro a séde de uma população sadia e altamente civilizada. É boa para criação de gado, e os vales proprios para a agricultura. De junho a setembro as noites são frias, de fato, qualquer raça forte do setentrião podia viver ali com alegria, tais eram a terra e o clima.

Naquelas planícies a Comissão Telegráfica utiliza caminhões automoveis que iam agora aliviar as bestas e os bois, pois alguns desses animais, principalmente dos últimos, já mostravam os efeitos da fadiga. A viagem no sertão é penosa para os animais de carga. Era estranho ver aqueles grandes caminhões no sertão bruto, onde não havia colono nem homem civilizado, exceto o pessoal da Comissão. Estes eram chefiados pelo tenente Lauriado, que, com o tenente Mello, se tinham encarregado dos serviços de transporte. Eram ambos auxiliares de excepcional competencia.

No dia seguinte cavalgamos pelo Planalto outra vez. Na primeira parte da tarde transpusemos o divisor de aguas das bacias do Paraguái e do Amazonas. Pela tardinha acampamos junto a um arroio cujas aguas iam entrar, afinal, no Tapajós. A chuva caiu toda a tarde, uma pesada, ora mais fina, e os animais de carga só chegaram à noite, mas foram armadas barracas suficientes para todos. Acendeu-se fogo e, após um jejum de quatorze horas, regalamo-nos de feijão, arroz, carne de porco e de vaca, sentados em roda sobre couros secos estendidos no chão. Clareou o céu e as estrelas brilharão na noite fresca; e, embrulhados nas cobertas, dormimos bem, confortavelmente e sem sentir frio.

No dia seguinte o nosso rumo se voltou para o norte e às vezes para o nordeste. Seguíamos atravessando os mesmos chapadões de capim alto e arvoredos enfezados.

Kermit, montando uma besta branca de boca dura como ferro, terrivelmente rebelde, desviou-se para um lado afim de caçar, voltando depois para junto de nós com dois veados na garupa; eram veados dos pampas, ou campeiros, muito graciosos e bonitos, com a cauda semelhante à do cola-preta colombiano. Parados de frente, entre a vegetação rarefeita, não é fácil percebê-los; mas, se aparecem de perfil, sua pelagem avermelhada em contraste sobre os tons verdes e cinzentos da paisagem trai-lhes a presença, e, quando pulam fugindo, a cauda branca levantada fica muito visível. Evitam com cuidado as matas, onde seus primos, os pequenos mateiros, residem, e andam isolados ou aos pares. Seu cheiro pode ser percebido de boa distancia, porem não é fétido. Conservavam ainda as aspas e sua carne era uma delicia.

Achamos muitos insetos típicos. Um gafanhoto vermelho, tão grande, que, a voar, parecia um pardal; em certos lugares encontramos tal multidão de pequenos gafanhotos verdes em atividade, que assustavam as bestas. No acampamento vimos uma extraordinaria colonia de aranhas. Estavam entre algumas árvores anãs pouco afastadas umas das outras, perto da agua. Quando chegamos a esse lugar pela tarde ainda cedo — os animais de carga só chegaram ao por do sol, justamente antes da chuva — não havia aranhas visiveis. Estavam sob as folhas das árvores. Suas teias achavam-se desertas e, de fato, pela maior parte, estragadas. Ao escurecer, porem, saíram dos esconderijos, sendo ao todo umas duzentas ou trezentas, e imediatamente iniciaram as reparações nas velhas teias e teceram novas. Cada uma fazia sua trama circular e colocava-se no centro, ligando-se as teias entre si, e que

ficavam junto às árvores a estas eram ligadas por cabos de suporte, por assim dizer. O resultado era uma espécie de larga faixa de teias, formada de dúzias de rodas, cada uma com sua dona. Havia meia dúzia dessas faixas, cada uma entre duas árvores. A tessitura era apenas visível e o efeito era de inúmeras aranhas, de aspecto formidável, suspensas no ar, equidistantes umas das outras, entre as árvores duas a duas. Quando a noite veio e a chuva caiu, ainda estavam fera, amarrando as teias e agarrando algum inseto que na ocasião lhes caia nas redes. Não tenho dúvida de que eram noturnas, ocultando-se de certo durante o dia, parecendo impossível que só por alguns minutos se mostrem ao escurecer.

À noitinha, após o jantar ou ceia — é difícil dizer que nome tinha a variável refeição da tarde — os membros da comitiva algumas vezes contavam casos ocorridos em sua vida passada. Muitos deles eram homens de variada experiencia. Rondon e Lira falavam sobre as provações e sofrimentos nas primeiras travessias do sertão por onde onde seguíamos com tanto conforto. Naquele mesmo chapadão eles uma vez viveram, durante semanas, só das frutas que conseguiam nas árvores do lugar. Ficaram pálidos e fracos, como era de esperar. Nas matas do Amazonas passaram melhor, pois com frequência matavam aves e tiravam o mel das abelhas silvestres. Ao abrirem o picadão para as linhas telegráficas pelo vale do Juruena, perderam as cento e sessenta bestas com que haviam partido. Pagam caro aqueles que lançam as fundações dos imperios! Fiala falava sobre as longas noites polares e os ursos brancos que rondavam as cabanas de neve dos exploradores, ávidos de comê-los, mas sendo eles os destinados a servirem de alimento. Dentre as de todos a experiencia de Cherrie era a mais vasta, em parte devido ao fato de competir ao moderno naturalista, do tipo mais

forte, penetrar nos desertos virgens do orbe, vendo e fazendo muitas coisas estranhas, e procedendo, sobretudo, por força do seu proprio temperamento. O que ele viu, realizou e sofreu, muitas vezes lhe permitiu esclarecer, com experiencia passada, os mais inesperados assuntos. Certa vez falávamos sobre as armas adequadas à cavalaria e alguém mencionou a lança como especialmente formidável, pelo seu efeito moral sobre o inimigo. Cherrie aprovou com energia, e uma ligeira indagação revelou que ele falava com viva recordação pessoal do que sentira sob a carga de lanceiros, quando lutava ao lado dos insurrectos venezuelanos, num levante abortado contra a tirania de Castro. Estava ele a pé com seis venezuelanos, todos homens calmos e bons atiradores. Em um campo aberto vinte lanceiros saíram a galope de trás de um bosque a duzentos ou trezentos metros de distancia e carregaram sobre eles. Era uma guerra em que, de lado a lado, não se dava quartel; feridos e prisioneiros eram chacinados — como aconteceu na do presidente Madero, no México. Cherrie sabia que, se os cavaleiros os alcançassem, seria a morte certa para ele e seus companheiros; a vista dos cavalarios a toda a brida, com as lanças em riste e as pontas metálicas a brilhar deixou-lhe indelevel impressão. Atiraram com segurança e calma ele e seus companheiros, derrubando dez lanceiros, dos quais o último caiu a cinquenta metros do lugar onde estavam; os outros dez fugiram à redeja solta. Um homem cahuo armado de carabina não tem nada a temer se souber usar a sua arma.

Naquele acampamento os caninhões ainda se juntaram a nós. Deviam seguir diretamente para a primeira estação telegráfica, na região da grande cachoeira de Utiariti, do rio Papagaio. Era claro que viajavam mais depressa do que os animais de carga. Tendo Sigg por assistente o padre Zahm, seguiu num deles para as cachoei-

ras. Também Cherrie e Miller, pois tinham verificado ser muito difícil reunir aves, e especialmente mamíferos, viajando sem parar o dia inteiro, e partindo cedo cada manhã. As cargas chegavam sempre pela tarde adiantada, quando não pela noite fechada. Além disso, chovia muito, o que tornava impossível trabalhar, a não ser no interior das barracas. Por tudo isso os naturalistas queriam chegar a algum lugar em que pudessem ficar vários dias, para reunir o maior número possível de espécies, fazendo assim trabalho mais proveitoso; os mais da comitiva, continuamos a viajar esperando pelos animais de carga, como era necessário.

Era sempre um espetáculo pitoresco o levantar acampamento, assim como ao cair da noite os animais cargueiros chegarem em fila, para em seguida serem descarregadas enquanto as barracas eram armadas e se acendia o fogo. Almoçávamos antes de deixar o acampamento, com os copos e pratos de alumínio colocados sobre um couro estendido, em torno ao qual nos sentávamos no chão ou em bauquinhos de lona. Passávamos bem com arroz, feijão, bolachas, carne e salmão em conserva, ou qualquer caça que tivéssemos conseguido, tudo acompanhado de café e chá. Em seguida sentava-me a um lado para escrever, e, quando as bestas estavam arreadas, guardava meus objetos em meu saco de viagem — ou minha mochila, como diríamos nos antigos tempos de campanha. Verifiquei que a tropa geralmente chegava tão tarde que, se eu a fosse esperar, não teria tempo para escrever à noite, e que, se partíssemos muito cedo, eu não poderia escrever coisa alguma. Não havia pernilongos à noite. Durante o dia os pernilongos, mosquitos-pólvora e mutucas, algumas vezes nos aborreciam um pouco. Algumas abelhinhas sem ferrão, vinham sobre nós em quantidade, provocando leve coceira, mas não lhes dávamos atenção,

a menos que se tornassem muito numerosas. Chovia bastante, mas não vinha disso inconveniente serio.

O coronel Rondon e o tenente Lira, discutiam muito sobre qual a direção e foz do rio da Dúvida, nome provisório que recebera, devido principalmente à ignorancia sobre aqueles pontos, cujo esclarecimento era um dos objetivos de nossa expedição. Podia cair no Gi-Paraná e nesse caso seu curso seria muito curto; podia ir para o baixo Madeira e então seria muito longo; ou procurar o Tapajós, o que parecia improvavel. Havia outro rio cujas cabeceiras o coronel atravessara e cujo curso era também duvidoso, embora neste caso houvesse, aliás, mais probabilidades de entrar no Juruena, nome da metade superior do Tapajós. A esse rio desconhecido batizara o coronel como rio dos "Ananases" porque, ao atingi-lo, achou uma roça de índios abandonada, onde havia ananases que os exploradores devoraram com prazer. Entre o que eu e o coronel Rondon esperavamos fazer naquela expedição figurava o pequeno trabalho de esclarecer um outro desses dois pontos duvidosos de geografia, contribuindo assim para o melhor conhecimento da região. Originalmente, como ficou dito no primeiro capítulo, minha viagem ia ser empreendida em beneficio somente do Museu de Historia Natural de Nova York, afim de enriquecer nossos conhecimentos ornitológicos e sobre os mamíferos do longinquo sertão ocidental brasileiro. Os rótulos da nossa bagagem e equipamento científico, impressos pelo Museu, rezavam: "Expedição cel. Roosevelt à América do Sul para o Museu Americano de História Natural". Mas como já expliquei, o governo brasileiro, por intermédio do ministro do exterior, dr. Lauro Müller, sugerira no Rio de Janeiro que eu associasse a expedição com uma que pretendiam confiar ao coronel Rondon, dando assim a ambas mais amplo interesse científico.

Aceitei o alvitre com muito prazer e verificamos, ao nos reunirmos ao coronel Rondon e seus companheiros, que sua bagagem e equipamento fora rotulada: "Expedição Científica Roosevelt-Rondon".

Daí por diante este se tornou o título oficial da expedição. Cherrie e Miller fizeram o trabalho principal de zoologia. A obra geológica estava a cargo do dr. Fú-sébio de Oliveira, um dos membros brasileiros da expedição. A parte de astronomia de campo necessário à fixação exata da posição geográfica dos rios, estava sob a direção do coronel Rondon. Nas estações telegráficas, o serviço astronômico era controlado por meio do telégrafo por um dos auxiliares do cel. Rondon em Cuiabá, o tenente Caetano, garantindo-se assim uma segura e cuidadosa verificação das horas. Os esboços cartográficos, etc. eram feitos pelo capitão Lira, sob a direção do cel. Rondon e com a assistência de Fiala e Kermit. Ao capitão Amílcar, ficava a parte das tarefas — o transporte; e o dr. Cajazeiras fazia o serviço médico.

À noite, em roda do fogo, os brasileiros muitas vezes falavam dos antigos exploradores daqueles vastos desertos do Brasil Ocidental — homens dos quais até os nomes são hoje quasi desconhecidos, mas que contribuíram para desbravar aquela região, que algum dia será muito próspera. Dentre eles o mais notavel foi o português Ricardo Franco, em quarenta anos de atividade, durante o último quartel do século XVIII e os começos do XIX. Subiu o Xingú e o Tapajós até muito longe, também o Madeira e o Guaporé, atingindo as cabeceiras do Paraguái, que parcialmente também explorou.

Realizou seus trabalhos entre os índios, e por eles auxiliado, de modo muito semelhante ao de Mungo-Park, que na Africa Ocidental utilizou os nativos, sem possuírem os dois os recursos, os instrumentos e conforto de

que dispõem os exploradores modernos mais ousados. Foi ele um dos fundadores da provincia de Mato Grosso. Por muitos anos o único meio de comunicação entre essa remota provincia interior e a civilização foi a rota difficil, perigosa e longa pelos rios Amazonas e Madeira; a capital nessa época era a cidade de Mato Grosso, residencia do capitão-general, situada no extremo oeste, à margem do Guaporé, com seu palacio, igreja e fortaleza. Quando foram criadas vias de comunicação mais diretas a leste, a velha capital foi abandonada e o deserto tropical se apoderou da pequena cidade solitária. O tumulto do velho explorador colonial ainda existe na igreja em ruínas, sobre a qual a floresta recuperou seus direitos. Mas a civilização vai caminhando novamente e a velha cidade perdida será restaurada e reviverá a memória do valente sertanista que a fundou. O cel. Rondon deu a um rio o nome de "Ricardo Franco"; assim também batizou uma serra e fundou uma estação telegráfica no lugar onde outrora existiu o palacio do capitão-general.

Nossa estrada para o norte corria pelas terras altas a uma ou duas leguas a leste do rio Sacre, que fluia naquella direção. Cada noite acampávamos junto a um dos pequenos ribeiros que lhe são tributários, ocupando Fiala, Kermit e eu, uma barraca. Durante o dia os "piuns", mosquitinhos vorazes, se tornaram tão numerosos, que nos forçaram a usar luvas e gaze no chapéu. Caía pesada chuva que tornava a jornada penosa para as bestas de carga. A maior extensão da estrada era argilosa, escorregadia quando molhada, com poucos trechos de arcia. O tempo carregado não permitia que o calor ficasse opressivo, nem mesmo ao meio-dia.

De quando em quando encontrávamos ao longo da estrada o esqueleto limpo e a caveira de algum boi ou besta; dia após dia trotamos para a frente transpondo

chapadas intermináveis de campos e cerrado ralo, com arbustos quasi sempre pouco mais altos do que um cavaleiro. Alguns tinham flores amarelas, brancas roseas e côr de laranja; as mais lindas eram as glórias-matinais. Quanto a árvores, havia a falsa seringueira e o palmito anão; estes teriam as palmas dilaceradas pelo vento, se crescessem mais do que alguns palmos. Aves e animais de pelo rareavam; poucas vezes se via ao longe algum cerrado de arvoredo retorcido e açoitado pelo vento, fechando o horizonte. Mesmo assim a paisagem desolada tinha um encanto peculiar, embora inacessível a quem não encontrasse prazer nos grandes espaços livres e selvaticos, e nos descampados batidos de sol, de vento e de chuva.

A região tinha um aspecto similar ao do Redjaf, no Nilo Branco, a terra do antílope gigante. Mas nela não havia caça de grande porte, nem a esperança de se ver a forma altaneira da girafa, o vulto negro do elefante ou do búfalo, as manadas de gazelas côr de palha, ou o fantástico rutilar do sol no pelo do cervo ruão e do antílope, a desaparecerem silenciosos no mar cinzento da caatinga ressequida.

Uma das feições do chapadão, em comum com a paisagem africana, era a abundância de cupins, alguns da altura de um homem. Eram vermelhos nos terrenos de argila, cinzentos nos de areia e as casas de terra envolviam também árvores, com seus tuneis atravessando tanto o chão como os troncos.

Em alguns lugares do acampamento tínhamos que estar alerta contra as multidões de formigas "leva-folhas". Este nome tem elas nos livros — no Brasil chamam-se saúvas ou "carregadeiras", porque estão sempre carregando pedaços de folhas e de capim para sua morada subterranea. São incansáveis em sua labuta e habeis em cor-

tar em pedacinhos, para carregá-los, qualquer pano ou roupa que possam alcançar; precisávamos defender nossos calçados e roupas de seus ataques, assim como já tivéramos de fazer com os cupins. Essas formigas não nos mordiam, mas encontramos grandes formigas pretas, de tres centímetros e tanto de comprimento, muito agressivas, cuja picada era não só dolorosa como bem venenosa.

Os louva-deus eram comuns, e uma noite ao jantar um deles teve um encontro comico com um alegre cãozinho do cel. Rondon, o "Cartucho". Chamávamos, a este, "jolly-cum-pup", nome de um personagem dos contos de Frank Stockton, que só de gente velha são lembrados, isso mesmo quando naturais da América do Norte. "Cartucho" estava deitado no couro que servia de mesa, impaciente, esperando seu quinhão no banquete, quando o louva-deus pousou no couro. Caminhava por ele, com pequenos vôos de um lado para outro, e, quando se sentia ameaçado, tomava a sua atitude de aparente devoção, mas realmente de guarda. Em pouco pousou diante do focinho do "Cartucho". Este levantou as orelhas, espichou o focinho e com cautela cheirou o intruso, sem hostilidade, mas para ver o que seria. O louva-deus imediatamente ficou de mãos postas. "Cartucho", interessado e surpreso, adiantou mais o focinho preto. O louva-deus, com destreza, estendeu primeiro um e depois o segundo "braço", tocando no intrometido focinho, que recuou de pronto para voltar de novo prudente e investigadoramente. O inseto repentinamente voou para o focinho de "Cartucho", que, com um ganido de susto, quasi deu uma cambalhota para trás; e o louva-deus triunfante voou dali para o meio do couro, entre os pratos, onde, erecto, em guarda, desafiava os presentes, que riam e o aplaudiam.

Na manhã do dia 29 partimos tarde, pois a chuva caíra por toda a noite, encharcando tudo. Pela noite, li-

véramos alguns mosquitos, e os piuns foram uma peste durante o dia, pois onde mordem fica uma pintinha preta na pele, por variadas semanas. Uma das bestas de carga escorregou na lama, caindo e ficou tão machucada, que tivemos de abandoná-la. Logo depois da partida chegamos à linha telegráfica que vinha de Cuiabá, sendo aquela a primeira vez que a víamos.

Dois índios parecís, trazendo um boi de carga, juntaram-se a nós. Vestiam camisas, calças, chapéu e sandalias, precisamente como os caboclos brasileiros, nome que indica de modo usual, e um tanto escarninho, os matutos pobres, em geral mestiços de índios; caboclo é termo de origem guaraní, significando "selvagem nu". Aqueles dois índios eram empregados da Comissão Telegráfica e tinham estado em ronda na linha. O boi carregava seus haveres pessoais e as ferramentas para concertos na linha. A Comissão paga a um operario indio comum 66 centésimos de dolar por dia. Um bom trabalhador ganha 1 dolar e o capataz ganha 1 e 55 centésimos. Ninguém recebe dinheiro sem trabalhar. Usando de um tratamento justo, benévolo e tolerante para com aqueles índios, dantes explorados pelos seringueiros, o cel. Rondon transformou-os em leais amigos do governo. Aldeou-os junto às estações telegráficas, onde cultivam mandioca, feijão, batatas, milho e outros vegetais, e onde estão sendo iniciados na criação de gado. Todo o serviço de conserva e vigia da linha é feito por eles.

Depois de seis horas de caminho, chegamos à passagem do rio Sacre, no local da linda catarata com muita propriedade chamada "Salto Belo". Alí terminava a estrada carroçavel e existia uma aldeia dos parecís. Os homens do vilarejo manobram a balsa com que tudo é transportado através do rio profundo e rápido. A balsa consta de um soalho fixado sobre tres pírogas e corre por

um cabo-guia. Antes da travessia, deliciamo-nos com um bom nado na agua clara e fresca do rio.

A aldeia de indios onde acampamos fica numa lingua de terra que o rio contorna logo antes de se lançar ao precipicio. A cachoeira era muito bonita. Logo acima d'ela havia uma ilha que dividia o rio, mas este reunia os seus braços abaixo da ilha, antes do salto final. Era de quarenta ou cinquenta metros de altura, com largura duas ou tres vezes maior, sendo muito volumosa a agua. À margem esquerda, um paredão de rochas estendia-se por muitas centenas de metros abaixo da queda d'agua.

Verdejantes trepadeiras pendiam sobre sua face e se encontravam com as que subiam da vegetação da base, em meio da perpétua nevoa que sobe da cachoeira. Depois de galgar o salto rochoso, o rio foge em longas curvas no fundo de uma garganta coberta de mata fechada, com as aguas claras espumando entre penhascos escuros. Um perpetuo arco-iris se encurva à frente da cascata. Os rolos de agua esverdeada, quebrando-se no precipicio, desmancham-se em rendas de alva espumarada.

No bordo do paredão, abaixo do salto, o coronel mandara colocar bancos, que davam àquella catarata tão remota e isolada no sertão uma nota curiosa de civilização convencional de turismo. Ela é digna, por sua beleza, de ser visitada. Interessa tambem extremamente pelas promessas que encerra para o futuro, podendo fornecer, segundo me informou o tenente Lira, trinta e seis mil cavalos de força. Quinze quilômetros adiante, iriamos ver outra catarata de muito maior altura e força. Aquella região é cortada de muitos rios que forneceriam quasi ilimitada força motriz a centros manufatureiros populosos. A zona adjacente é saudavel, num altiplano de bom clima, conhecemo-la na época das chuvas, quando as noites são muito mais quentes do que na estação seca e

mesmo assim achâmo-la de temperatura deliciosa. Nas proximidades das torrentes grandes areas de terra são fertilíssimas, e as ubertosas baixadas do Amazonas e do Paraguai poderiam em pouco tempo — com imensa vantagem para as duas regiões — contribuir para uma civilização industrial com sede naquelas regiões elevadas. Foi construída uma linha telegráfica atravessando-as. A isso deveria seguir-se uma via ferrea. Essa linha poderia ser construída com facilidade, pois não existem para ela serias dificuldades naturais.

Antes de sua construção, poderia ser construída uma linha de transporte de energia daquelas cachoeiras para Cuiabá. Feito isso, a região ofereceria extraordinarias oportunidades aos colonos do tipo conveniente, fundadores de lares; a homens de negócios empreendedores e de vistas largas, cautos e sagazes, que quisessem cooperar com os colonos o que traria vantagens a todos.

Os índios parecis que ali encontramos pareceram muitissimo interessantes. Eram na apparencia um povo de inusitada alegria, bom humor e índole branda. Tinham maus dentes, porem no mais pareciam vigorosos e fortes, sendo numerosa sua prole. O coronel foi recebido como um grande amigo estimado e um chefe digno de obediencia e respeito.

Está ele educando os gradualmente — único meio de conseguir uma melhoria permanente.

Naquella aldeia, ele fez substituirem as imundas malocas por casas de tipo usual entre os mais pobres trabalhadores da roça do Brasil. Eram casas de cobertura muito inclinada, feita de folhas de palmeiras. Tem em geral tres lados abertos, formados como são apenas da armação coberta e de uma parede de pau a pique no fundo; só algumas delas são feitas com as quatro faces fechadas com rachões de palmito. As redes são penduradas nas casas

e a cozinha é feita dentro delas também, com panelas sobre o fogo livre ou em uma espécie de fogão de argila. Os grandes potes para água e os cestos de taquara são colocados no solo ou suspensos dos caibros.

Os homens haviam-se acostumado com camisas e calças, mas as mulheres pouco alteraram a indumentaria, só usando vestidos estampados, apenas como enfeite. A maior parte, em especial as moças solteiras e as casadas jovens, só usava uma tanga de pano, além dos colares de contas e braceletes. As mães que amamentavam — quasi todas estavam amamentando — carregavam os filhos apoiados ao quadril, seguros por uma faixa a tiracolo que lhes passava pelo ombro oposto. As mulheres pareciam ser bem tratadas, embora a poligamia fosse de regra. As crianças eram queridas de todos, homens e mulheres as mimavam. Elas portavam-se bem entre si, parecendo que os meninos não maltratavam as meninas nem as crianças menores. A maioria das crianças andava nua, mas desde cedo as meninas punham a tanga; alguns pequenos, meninos e meninas, usavam camisolas de cores vivas, com evidente orgulho dos pais. Em cada casa moravam varias familias, correndo a vida em comum sem atritos, havendo mutua consideração e, no fundo, boas maneiras.

Os homens e mulheres que nada tinham a fazer deitavam-se na rede ou ficavam de cócoras no chão, encostados à parede ou a um esteio. As crianças brincavam em bando ou estavam deitadas em pequenas redes, ou rodeavam as mães; quando as chamávamos; vinham confiantes até nós, para receber algum brinquedinho ou um agrado, mostrando serem criaturinhas sociaveis e habituadas ao bom tratamento. Uma das mulheres tecia um pano e outra fazia uma rede; outras descascavam abocho-

ras e outros vegetais e os punham a cozer sobre pequeno fogo. Os homens que voltavam do trabalho na balsa ou nas linhas do telégrafo brincavam com as crianças; um deles aparou os cabelos a um menino e por sua vez teve os seus aparados por um amigo. Mas o divertimento absorvente para os homens era um singular jogo de bola.

Em nossa família sempre foram apreciados os versos humorísticos de Oliver Herford, inclusive a historia dos aborrecimentos de Willie com seu bode:

“Não gosto mais do meu bode — e queria vê-lo já morto — pois o patife me deu ... uma valente marrada”.

Pois o caso é que esses indios parecis jogam animadamente “futebol” com a cabeça. O jogo é exclusivamente deles, pois nunca ouvi eu lí que fosse usado por outra tribu ou povo.

Usam uma bola oca e leve, de borracha, por eles mesmo fabricada. É esférica, com cerca de 20 centímetros de diametro. Os jogadores formam dois partidos, colocados de modo semelhante aos do *rugby* e a bola é colocada no solo, ao ser iniciado o jogo, como no futebol.

Então um jogador se adianta a correr, atira-se de barriga ao solo e com uma cabeçada atira a bola para o outro grupo. Esta primeira batida, quando a bola está no solo, nunca a levanta muito, e ela rola e pula para o lado dos contrarios. Um destes corre para a bola, e, com uma marrada, a devolve aos da parte adversa. Em geral esta segunda cabeçada levanta a bola, e ela volta em curva alta em pleno ar; um jogador do lado oposto então corre e apara a bola com tal impulso do pescoço musculoso, e tal precisão de destreza, que ela volta para o outro lado como a de couro quando é chutada muito alta. Se a bola vai para um lado, é trazida de novo e recomeça o jogo. Muitas vezes é rebatida de um para outro campo uma duzia de vezes, até que seja impelida tão alto que

passa sobre as cabeças dos adversários, caindo atrás deles. Ouve-se então a gritaria de alegre triunfo dos vencedores e o jogo recomeça com renovado prazer. É claro que não existem regras como num clássico jogo de bola dos nossos, mas não vi desavenças. Os jogadores podem ser oito ou dez, ou maior numero, de cada lado. A bola não pode ser tocada com as mãos ou os pés, ou qualquer coisa exceto o alto da cabeça. É difícil saber o que seja mais digno de admiração, se o vigor e destreza com que a bola é devolvida, quando vem alta, ou a rapidez e agilidade com que o jogador se projeta de cabeça no solo para rebater a bola que vem baixo.

Não posso compreender como não esbarrariam o nariz. Alguns jogadores dificilmente falhavam a cabeçada para devolver a bola que chegava a seu alcance, e com forte impulso ela voava, numa grande curva, em distancia realmente de admirar.

Nessa noite, enquanto dormiamos, um dos bois cargueiros penetrou em nossa barraca, sem que eu e Kermit percebêssemos. Entrou primeiro numa das extremidades, depois na outra e mascou calmamente nossas camisas, meias e cuecas, deixando-as em tiras. Um par de meias e minha camiseta escaparam, embora cheios de rasgos, mas o resto ficou em pedaços.

Pela manhã o cel. Rondon dispôs as coisas para fazermos a primeira refeição nos bancos, sob as arvores, junto à cachoeira, cujo estrondo, reduzido a um surdo cachôo, ouvíamos todo o tempo. Não podia haver lugar mais pitoresco para uma refeição. Todo viajante que tenha real interesse em ver o que ha de mais belo e característico na América do Sul, deveria visitar aquela região e contemplar-lhe as duas grandes cataratas. São elas, mesmo agora, de acesso facil, e, logo que o trafego o permita, mais facil será ainda; então, de Cáceres irão

rapidamente em lanchas velozes pelo Sepotuba acima, seguindo-se um ou dois dias de automovel após dois dias a cavalo entre esses percursos.

O coronel teve uma importante conferencia com os indios parecís, sobre um incidente que lhe trouxe grave preocupação. Um dos empregados da Comissão, um negro, havia matado um indio bravo nambicuará; mas parecia que para isso fora compelido e auxiliado pelos parecís, pois os da tribo a que pertencia o indio morto raptavam as mulheres parecís e eram maus vizinhos.

O coronel muito se esforçou para elucidar a verdade do caso; na habitação indígena mais ampla sentou-se em uma rede — com um indiozinho agarrado a ele, enquanto os outros indios ficaram sentados em outras em torno, mas foi impossivel arrancar deles uma narração franca do ocorrido. Segundo constava, os nambicuaras caíram sobre a aldeia parecí quando os homens se ausentaram; mas estes, advertidos pela gritaria das mulheres, voltaram a tempo de socorrê-las. O negro estava com elles e, tendo uma boa carabina, matou um dos agressores. E' claro que os parecís estavam com a razão, mas o coronel não podia permitir que seus homens tomassem partido numa discordia de tribus.

Dalí, até a cachoeira de Utiarití no rio Papagaio, a distancia era apenas de duas horas de viagem. O coronel Rondon dera a essa cachoeira que descobriu o nome da ave sagrada dos parecís.

No caminho ganhamos dianteira sobre os indios amigos que para lá também seguiam, tanto homens como mulheres carregando objectos — algumas das pobres mulheres levavam pesadas cargas — e até as crianças nuas levavam galinhas vivas.

Em Utiarití existiam um grande aldeamento parecí e uma estação telegráfica aos cuidados de um dos empre-

gados da Comissão. Sua bonita esposa era professora de uma turma de meninas índias. O chefe pareci foi promovido a major e anda fardado. A Comissão fez construir boas casas para seus funcionarios e superintendeu a construção de boas moradas para os índios. Muitos destes ainda preferem a simples tanga na vida ordinaria, mas orgulhosos vestiram suas roupas civilizadas em nossa honra.

Quando ao fim da tarde os homens iniciaram uma partida regular de bola cabeceada, com um juiz para contar os pontos, em pouco despiram as roupas só ficando de calças ou de tanga. Dois ou tres deles traziam o rosto pintado de oca vermelha. Entre as mulheres e crianças espectadoras havia duas meninas andando com pernas de pau.

A grande catarata estava a menos de um quilômetro dali, e, por mais admiração que nos causasse o Salto Belo, aquela nova cachoeira era muito superior em beleza e majestade. Era duas vezes mais alta e tinha o dobro de largura daquela, e, em virtude da topografia, a paisagem em torno era mais impressionante. Algumas centenas de metros acima da queda do rio fazia um ângulo e se alargava. Sobre os rochedos do seu leito a correnteza veloz erguia cristas de espuma altas. Logo adiante daquela parte mais larga, de aguas precipites e enoveladas, erguiam-se colunas de vapor da catarata. Sacudidas e desfeitas pelo vento, essas colunas deixavam entrever a floresta. Vista de baixo, a paisagem é de grandeza singular. O rio cai do alto de um socalco de rochedo que lhe atravessa o leito quasi em linha reta, mas à esquerda uma saliencia naquele rochedo faz com que um grande volume de agua se projete num rolo quasi separado, adiante da linha da queda principal.

Não creio que, à exceção do Niagara, exista na América do Norte uma catarata que exceda a essa tanto em beleza como em volume d'água.

Acima do salto o rio corre por um largo vale de ribanceiras suavemente inclinadas. Para baixo, precipita-se em torrente verde esbranquiçada, no fundo de uma garganta profunda, cujos flancos são cobertos pela luxuriante floresta tropical.

Na manhã seguinte o cacique foi com sua farda de major tomar parte na primeira refeição e o fez de modo inteiramente correto. Estava chovendo muito — na maior parte do tempo chovia — e poucos minutos antes eu notara as duas mulheres do cacique que seguiam para o mandiocal com mais tres ou quatro mulheres novas. O grupo era pitoresco. Todas as mulheres eram mães e cada uma levava uma criança de peito. Vestiam saias curtas ou longas. Tinha cada uma às costas um cesto de laquara, seguro por uma correia que lhes passava pela testa. Numa faixa suspensa a tiracolo, passando pelo ombro direito, sentava-se o corumim, que se apoiava na anca esquerda ou se enganchava nela. Eram mulheres airosas, que não pareciam fatigadas nem intimidadas, pois riam-se satisfeitas, e nos cumprimentaram com um aceno de cabeça, ao passarem, sob a chuva, em direção à roça. Mas o contraste entre elas e o chefe com farda militar, sentado à mesa, era por demais gritante, e patenteava a estultice dos que idealizam a vida dos selvagens, ainda que sejam os de melhor índole e de excepcional bondade.

Embora estivéssemos na época das chuvas, a viagem até àquele ponto não fora difícil, e, de maio a outubro, com tempo seco e clima bom, não haveria virtualmente sacrificio para viajantes ou turistas. O planalto é saudavel, mas é claro que os primeiros exploradores, até

mesmo em zonas como aquelas, encontram perigos, correm riscos e pagam às vezes com a vida seu arrojo.

Em mais de um ponto de parada vimos sepulturas isoladas de algum soldado ou trabalhador da Comissão. O cômodo de terra ficava dentro de um cercado tosco, onde uma cruz de madeira, sem nome, açoitada pela chuva e pelo vento, marcava o lugar em que descansava o homem desconhecido e olvidado que pagara com a vida humilde o preço da expansão das fronteiras civilizadas para dentro dos sertões desertos e selváticos.

Mais para oeste as condições de salubridade se tornam peores. Naquela estação o coronel recebeu notícias de doença e de algumas mortes entre os empregados do trabalho na região em que breve íamos penetrar. O beriberi e o impaludismo maligno faziam o maior número de vítimas.

Certamente aqueles eram "os homens que ganham suadamente o seu salário" (Kermit tinha consigo o mesmo volume de poesias de Kipling que levava através da África).

Naquela cachocira o ocaso tinha um violento esplendor rubro, e comparávamos o por do sol entre os nimbos rotos, sobre as extensas florestas tropicais molhadas, como os poentes no deserto do Arizona e Sonora, e ao longo do Guaso Niuro, a noroeste do monte Kenia, quando as montanhas estereis se transmudavam em flamantes "baluartes de carnificina e perigo", sobranceando "as baixadas cor de vinho escuro".

Choveu durante a maior parte do dia em que chegamos a Utiariti. Quando fazia uma estiada, os homens saíam prontamente de casa e jogavam bola com extremo vigor; e ouvindo seus gritos estridentes de triunfo e os aplausos entusiásticos, ficávamos interessados e íamos olhar o jogo. São mais fanáticos por ele do que um

menino americano pelo futebol ou pelo baseball. E' extraordinario que a esse jogo especial e interessante se entregue uma pequena tribu, e ela somente, quasi no centro da América do Sul. Caso algum viajante ou etnólogo conheça qualquer tribu que em qualquer parte se divirta com um jogo semelhante, peço que me comunique o fato. Para esse jogo requerem-se grande atividade, vigor, pericia e resistencia. Ao contemplar-se os corpos ageis e robustos dos jogadores e de seus numerosos filhos, tinha-se a impressão de que a tribu desfrutava muita saude; no entanto os parecis têm diminuido em numero, pois o sarampo e a varíola os têm dizimado.

À tarde a chuva era mais pesada do que em outra hora. Não era possivel ter nada enxuto. Tudo criava bolor ou se enferrujava. Choveu toda a noite e pela madrugada, sem sinal de melioria. As bestas de carga não poderiam seguir viagem, causadas como já estavam com dez dias a andar na chuva e na lama, parecendo, portanto, mais acertado aguardarmos que o tempo melhorasse para prosseguirmos. Além disso não houvera oportunidade para fazermos as observações astronômicas que desejávamos.

Havia muito pouco pasto para as bestas, mas abundavam plantinhas de folha miuda, de 2 a 25 centímetros de altura — infelizmente pouco nutritivas — que comiam avidamente. A um tempo assim e estradas lamacentas os bois são mais resistentes do que as bestas.

Apesar do tempo, Cherrie e Miller, que com o padre Zahn e Sigg ali nos esperavam, fizeram boa colheita de aves e animais de pelo. Entre estes havia gambás e ratos desconhecidos para eles.

As aves eram de tipos tão diversos das nossas dos Estados Unidos, que a menção de seus nomes nada significaria. Uma das mais interessantes era um grande

picapau preto e branco, predominando esta última cor na plumagem. Varios destes picapaus andavam em bando, vistosos, barulhentos e irrequietos, pousando às vezes nos galhos do modo com que as outras aves pousam, outras tantas vezes agarrados aos troncos, ao modo usual dos picapaus. A ave mais linda era um cotinga preto de cabeça vermelha laranja.

A 2 de fevereiro cessou a chuva, embora o céu continuasse carregado e caissem aguaceiros ocasionais. Caninhei a pé, levando a carabina, por espaço de duas leguas; dessa distancia, sobre uma pequena eminencia, os rolos de nevoa da cachoeira eram bem visiveis.

O único mamifero que vi naquele percurso foi um tatú um tanto peludo, de rabo mole, que agarrei e levei para Miller. Nada mostrou da rapidez dos tatús de nove faixas articuladas que víramos em nossa caçada de onça. A julgar pela maneira por que andava antes de ver-me, devia ser de hábitos diurnos. Era novo na coleção.

Passei a maior parte da tarde junto à grande cachoeira. Sob o céu nublado ela perdeu o colorido verde e a brancura que as aguas tinham quando espadanavam à luz do sol. Apresentava agora matizes opalinos, tons de topazio e amétista. Mas sempre e sob qualquer luz era bela e majestosa.

O coronel Rondon dera aos índios varios presentes; entre os das mulheres figuravam chitas estampadas e vidros de oleo perfumado, de Paris, para os cabelos, que elas tinham em especial apreço.

Os homens organizaram uma dança para o fim da tarde. Nessa ocasião muitos deles — não todos — puseram de lado as roupas e se apresentaram como teriam feito se estivessem sós: absolutamente nus, apenas com um fio de contas em torno da cintura. Na maioria

estavam com pintas e riscos vermelhos, e tinham chocalhos num dos tornozelos. Alguns sopravam canudos dos quais tiravam um silvo grosso abafado, em ritmo de dança. Um deles tinha o canudo com a ponta metida numa grande cabaça, o que tornava o som cavo e soturno. Muitos traziam duas penas de arara, verdes, vermelhas ou amarelas, no cabelo e um deles tinha uma pena atravessada no septo nasal. Dançavam devagar, em roda, entoando um canto monótono e a bater com os pés, entre o matraquear dos chocalhos dos tornozelos e os sons graves tirados dos canudos. Aproximaram-se de uma parede de uma das casas, vezes repetidas, sempre cantarolando, e curvando-se diante dela; disseram-me que desse modo pediam bebida. Entrando em outra casa, dançaram em roda em volta do fogo, no centro do chão de terra. Informaram-me que agora estavam celebrando os feitos de valentes caçadores, mostrando a maneira por que dominaram a caça. Eles bebiam à farta uma bebida fermentada feita de mandioca, que lhes era servida em cabaças. Durante a primeira parte da dança as mulheres se conservaram encerradas nas casas, de portas e janelas fechadas, com os cobertores pendurados para não verem o terreiro. Mas durante a segunda parte todas as mulheres e moças saíram para assistir à dança. Era para elas dançarem também, quando os homens terminassem, mas foram tomadas de acanhamento à vista de tanta gente estranha a olhar. A criança brincava descuidada durante todo esse tempo, atirando uma delas ao ar uma pena que levava um contrapeso e aparando-a na mão, como uma espécie de peteca.

À noite a lua crescente brilhou entre os novelos das nuvens. Qualquer melhora do tempo sempre punha nos homens de bom humor; os tropeiros, de cócoras em torno de um fogo próximo de pilha de cargas, ouviam

uma cantoria monótona e triste sobre um caso de amor sucedido num baile. Por nossa parte, tirávamos retratos e escrevíamos. Havia tanta umidade no ar que durante a noite tudo embolorava. Naquela estação, escrever, tirar fotografias e preparar espécimes, eram trabalhos sempre difíceis, pelo menos no que se referia à conservação e remessa dos resultados do trabalho para nossa pátria; e as nossas roupas nunca estavam realmente secas.

Daquêle ponto o padre Zahn regressou para Tapi-rapoã acompanhado por Sigg.

## CAPITULO VII

# ATRAVÉS DA REGIÃO DOS NAMBI- CUARAS

**A** partir daquele ponto íamos penetrar numa região ainda mais selvagem, a terra dos nambicuaras nus. A 3 de fevereiro o tempo clareou e seguimos com as bestas da carga e dois carros de bois. Fiala e o tenente Lauriado, ficaram em Utiarití afim de descerem o rio Papagaio em canoas, pois ainda não fora percorrido aquele rio por uma expedição científica e talvez por nenhuma outra. Deviam em seguida descer pelo Juruena e Tapajós, realizando assim uma parte necessaria do programa da expedição. O resto de nossa comitiva constava do coronel Rondon, do tenente Lira, do médico, Eusebio de Oliveira, de Cherrie, Miller, Kermit e de minha pessoa. No Juruena esperavamos encontrar o lote de bois de carga com o capitão Amilcar e o tenente Melo. Os outros membros brasileiros da expedição haviam regresado. Iniciávamos então a parte mais difficil da viagem. Os piúns tornavam-se incômodos; e havia muita fêbre palustre e beri-beri na região em que íamos penetrar. As chuvas tornaram os caminhos escorregadiços e penosos; e, como era escasso o pasto para os animais, muitos destes, bestas e bois, já bastante enfraquecidos, precisaram ser abandonados. Deixamos a canoa, o motor e a gasolina, que esperávamos utilizar nos rios anazônicos, por sermos forçados a suprimir tudo o que não fosse absolutamente indispensavel.

Antes de partir preparamos para serem embarcados, com destino ao museu, algumas das maiores peles assim como armas e utensílios dos índios, que Kermit havia arranjado, inclusive faixas trançadas para os cabelos, outras com penas de araras para uso nas danças, cintos tecidos, uma cuia em que a bebida sagrada é oferecida ao deus Enoerêi; cestos de taquara, flautas ou canudos, cho-calhos para os tornozelos, redes; uma faixa das que usam as mães para conduzir os filhos, com o tear em que tecem essas faixas. Tudo de origem pareci. Obtivemos tam-bem dos nambicuaras cestos de outro tipo, arcos e flechas, os primeiros com dois metros e tanto de comprimento, e as últimas com quasi dois metros. Havia flechas sem ponta para aves, outras de ponta de madeira e longa para anta, veado e outros animais; as flechas de guerra enve-nenadas, com aceradas pontas denticadas, amarradas com finas correias, eram abrigadas por um longo tubo de ma-deira que cobria a ponta até o momento de serem utiliza-das. Quando se fala na indolencia dos índios, nao se faz idé'a do labor imenso que muitos de seus objetos re-presentam, e do grande trabalho que realizam com o habil manejo de seus utensílios primitivos e inefficientes.

Só ao começo da tarde partimos para o "sertão" (que se pronuncia em inglês *sairtown*), como chamam os brasileiros as regiões desertas. Conduzíamos uma ma-nada de bois de corte. Após 28 quilômetros de caminho acampamos junto à nascente pantanosa de um pequeno córrego. Era o ponto em que Rondon e Lira haviam acampado sete anos antes, quando descobriram a cacho-eira de Utiariti e penetraram até o Juruena. Ao chega-rem a esse lugar haviam passado trinta e seis horas sem alimento. Mataram então um veado catingueiro — pe-queno — e comeram-no todo. Os cães devoraram o couro. Naquela viagem o alimento deles, durante muito

tempo, se constituía geralmente de frutas silvestres. Os dois cães que sobreviveram, esperavam debaixo das árvores, avidamente, as frutas que com o sacolejo dos ramos caíam.

Pela noite a dentro os piuns foram incomodativos, mas as luvas e gaze do chapéu nos defendiam, e, embora com alguns mosquitos, dormíamos bem sob os mosquiteiros. As rãs coaxavam no brejo. Miller falou sobre uma pequena rã das árvores da Colômbia, que se entufava de ar até parecer o sapo da fábula de Esopo, rinchando então como um burro; e Cherrie se referiu a um grande sapo da Guiana que emite um coaxar curto e forte.

No dia seguinte o tempo se conservou bonito. Nosso jornadear continuou por zona semelhante àquela que durante dez dias atravessávamos. Os esqueletos de bois e bestas eram mais frequentes e uma ou duas vezes passámos por sepulturas de soldados e de trabalhadores que morreram na estrada. Os pequenos montículos solitários eram rodeados de cerca de arame farpado. Acampamos na margem ocidental do rio Buriti, onde ha uma balsa movida por dois índios parecis, funcionarios da Comissão sob as ordens do coronel Rondon. Cada um deles tinha uma casa coberta de palha e duas esposas — todos aqueles índios eram polígamos. As mulheres manobravam a balsa tão bem como os homens. Não tinham lavoura e durante semanas inteiras viviam apenas de caça e mel de pau. Com alegria saudaram nossa chegada e o arroz e feijão que o coronel lhes deixou além de alguma carne. Estiveram em festa quasi a noite toda. Tinham nas casas redes, cestas e outros objetos; criavam galinhas. Em uma das casas havia um periquito muito manso, mas pouco amigo de estranhos. Existem nas proximidades nambiquaras bravios que recentemente haviam ameaçado atacar os dois balseiros, chegando mesmo a lançar-lhes

algumas flechadas. Os parccis conseguiram afugentá-los disparando suas carabinas para o ar e receberam do coronel os esperados aplausos pela sua prudencia, pois o coronel fazia tudo o que podia para persuadir os indios a desistirem de suas lutas sangrentas. As carabinas eram Winchester leves, de cano curto, do tipo comumente usado pelos seringueiros e por outros que se aventuram nos ermos selváticos do Brasil. Existia certo número de seringueiras naquelas redondezas.

Deleitamo-nos com um bom banho no Burití embora fosse impossivel nadar contra a violenta correnteza. Poucos pernalongos mas por outro lado piúns de varias especies eram um tanto excessivos; variavam de tamanho entre o polvora e a grande mutuca preta. As pequenas abelhas sem ferrão não se amedrontavam e com dificuldade são afastadas quando pousam na mão ou no rosto, mas nunca picam, só fazendo cócegas na pele. Apareciam tambem abelhas grandes que havendo pousado, não ofendiam se não fossem molestadas; no caso contrario enterravam o ferrão cruel. Os insetos não eram de ordinario inconveniente serio, mas em certas horas se tornavam tão numerosos que eu tinha de escrever de luvas e com a gaze na cabeça. Na noite de nossa chegada ao Burití choveu copiosamente; no dia seguinte continuou a chover. Pela manhã os muares foram passados na balsa, ao passo que os bois atravessaram o rio a nado. Meia duzia de nossos homens, brancos, indios e negros — todos nus e dando gritos extravagantes — tocavam os bois para o rio, e com braçadas vigorosas nadavam ao lado e atrás deles, cortando obliquamente a correnteza. Era um attraente espetáculo ver os chifrudos e grandes bois espantados nadando valentemente, enquanto os possantes camaradas nus os tocavam para a frente, inteiramente à vontade na violenta correnteza.

Nossa jornada foi curta, pois devido à falta de pasto para as bestas, tinham estas de ser levadas a quasi uma legua de distancia, fora do nosso rumo, para serem alimentadas. Acampamos nas cabeceiras de um ribeirão chamado Huatsuí, que em pareci quer dizer "macaco".

Acompanhava-nos nesse percurso um soldado, que se destinava a um dos mais longinquos postos, levando mulher e dois filhos. Um era tão pequeno que tinha de ser carregado ora pelo pai ora pela mãe; o outro, um pequeno de oito anos, e que era o melhor do grupo, já conhecia os trabalhos sertanejos. Carregava sua parte da bagagem e, quando chegavam aos pousos, muitas vezes era ele quem armava a barraca da familia. Tinham muito de sangue preto. Notando que a mulher suportava a fadiga sem queixar-se, ofereci-lhe levá-la com a criança no caminhão, enquanto este fosse conosco, mas, ai de mim! foi este um dos casos tristes em que o desejo de aliviar a provação sofrida sem queixas só serve para demonstrar que quantos sofrem a adversidade não podem tolerar nem mesmo uma ligeira melhoria de estado. A mulher entrou a aborrecer-se no caminhão, queixando-se de não ter o conforto que, ao que parece, esperava; e, após um dia de viagem, o marido declarou não consentir que ela continuasse a viajar assim, a menos que ele também fosse de caminhão; e a familia prosseguiu em sua viagem a pé.

Naquelas paragens havia enorme quantidade das grandes aranhas gregarias, crepusculares ou noturnas, já mencionadas. Acampados às quatro da tarde, achei certo número de restos de suas teias e vi muito poucas aranhas no meio delas, entre as árvores. Caminhei então uns 3 quilômetros e meio pela estrada, para frente, sob a linha do telégrafo. O sol ainda estava alto e não havia aranhas fora; o fato era que eu não suspeitava da presença delas nos fios e postes da linha, embora isso fosse de prever,

pois frequentemente encontrava finas e resistentes teias que me batiam no rosto, nas mãos ou no cano da carabina. Quando voltei, pelo por do sol, as aranhas estavam aparecendo em profusão. Vi varias duzias de colonias, cada uma com centenas de aranhas. Muitas estavam nos arbustos margeando a picada larga e desimpedida, porem muitas outras pendiam dos próprios fios telegráficos. Suas teias tinham sido refeitas ou consertadas depois que eu passara. Cada aranha estava no meio de sua roda, as rodas achavam-se todas ligadas entre si, e a trama era toda pendurada por finos filamentos nos fios do telégrafo, e em alguns casos firmada por fios de reforço, estendidos pela distancia de uns dez metros até os arbustos laterais. Observei-as até noite fechada, e era evidente que, para elas, após o dia de descanso, havia começado o "dia" de trabalho.

Na manhã seguinte — querendo verificar o que succedia aos carros de boi que estavam em dificuldades — Cherrie, Miller, Kermit e eu voltamos a pé para o rio Burití, junto ao qual o coronel Rondon passara a noite. Era uma manhã nevcenta e carregada, as aranhas das teias suspensas nos fios estavam-se recolhendo a seus abrigos diurnos, que eram a parte interna e inferior dos grandes isoladores de louça da linha telegráfica. Centenas de aranhas subiam para dentro deles. Quando voltamos com o sol alto, tres ou quatro horas depois, não se via mais uma só. Ali procedemos à redução da bagagem e a novo arranjo das cargas para os animais levarem. Cherrie e Miller tinham um ólmo equipamento para seu trabalho, inclusive uma barraca leve e dois toldos ou pequenas barcas. Um deles foi destinado à cozinha; o outro cederam a Kermit e a mim, e só ficaram com a barraca. O coronel e Lira tinham uma barraca, Oliveira e o médico outra. Cada um de nós se despojou de tudo que

não fosse de imprescindível necessidade. Isto se impunha devido ao estado dos animais cargueiros. Os bois de carro estavam tão fracos que tivemos de desistir de fazer os carros continuarem a viagem. Nove bestas de carga foram deixadas no caminho, durante os tres dias de viagem a partir de Utiariti. Nas primeiras expedições naquelas paragens, todos os animais de carga haviam perecido e mesmo no nosso caso a perda estava-se tornando grave. Esse estado de coisas era devido à escassez de forragens e à natureza da região. Bom capim era raro, e a extensão sem limites do cerrado ralo tornava muito difficil encontrar os animais quando se afastavam. E era preciso deixá-los inteiramente à solta para poderem vaguear à cata de sua parca alimentação, necessitando do maior tempo possível para descanso e pasto. Ainda em tais condições muitos se enfraquecem quando não é possível levar milho, como sucedia conosco. Não conseguíamos encontrá-los antes de clarear o dia, levando horas para reuní-los, o que nos obrigava a viajar durante o período mais quente e mais fatigante do dia. Muitas vezes alguns só eram encontrados tão tarde que o grosso dos animais de carga partia pouco antes do meio-dia ou mesmo a essa hora; e chegava ao pouso ao anoitecer e até mais tarde. Em tais condições, muitas bestas e bois se enfraqueciam e afinal caíam exhaustos. Era imperativo carregá-los o menos possível, desistindo de todo o superfluo, especialmente o que representasse peso. As viagens em regiões onde o alimento é escasso para homens e animais são cheias de dificuldades quasi inconcebíveis para quem não conheça por experiencia própria aqueles sertões, especialmente para os que só conhecem o conforto da civilização. Uma expedição científica de algum vulto, com o necessario equipamento para realizar obra

científica só pode ir para diante se os problemas da alimentação e transporte estiverem em mãos competentes.

Nossa jornada continuou pelo mesmo tipo de altiplano quasi de igual nível, revestido de cerrado pouco denso. Era o que os brasileiros chamam "chapadão" — palavra que se pronuncia quasi como se fosse francesa, do seguinte modo: *shapadón*. Nosso acampamento, na quarta noite, foi num bonito local, um capinzal escampo junto a um ribeirão claro e fresco de rápida corrente. Chegamos ali pelo fim da tarde, e, depois de atravessarmos o profundo curso d'água, tivemos um bom banho, nadando também. A boiada solta chegou ao entrar do sol, e os vaqueiros conseguiram, com gritos e ferroadas, forçá-la a atravessar o ribeirão. A tropa chegou muito depois do cair da noite, e não era prudente fazer os animais carregados transporem aquele curso d'água. As cargas foram, por isso, retiradas, e passaram nas costas dos homens, cujos possantes corpos nus, curvando-se sob as cargas através da água prateada pela lua, ofereciam à vista um belo espetáculo. A noite estava fresca e agradável. Fez-se fogo, e, muito famintos, fizemos roda sobre os couros de boi para um delicioso jantar de sopa, carne, feijão, arroz e café.

No dia imediato nossa jornada foi curta; atravessamos um riacho e acampámos junto a outro profundo, límpido e veloz, avolumado pelas chuvas. Todas essas águas que estávamos atravessando corriam para o Jurueña, fazendo assim parte das cabeceiras do Tapajós, rio caudaloso cuja bacia cobre dilatada região. Esta e mais as bacias adjacentes, que formam o altiplano interior do Brasil Ocidental, serão no futuro a sede de uma grande atividade industrial, cujo surto seria facilitado se as previsões do coronel Rondon sobre exploração de minas, especialmente de ouro, se realizassem. Isto não significa

que seja essa a melhor maneira permanente de se chegar àquele resultado. Em qualquer caso, a zona será um saudavel ponto de fixação para grande população agricola e pastoril. Acima de tudo, as torrentes velozes, com suas numerosas cataratas, algumas de grande volume e altura, dão oportunidade ao surto de grande número de importantes centros manufatureiros, ligados por via ferrea entre si e à costa do Atlântico e vales do Paraguai, Madeira e Amazonas, servindo e sendo servida pelos povoadores das terras ricas e quentes da baixada de aluvião que cerca do elevado planalto. A obra do coronel Rondon e seus companheiros da Comissão Telegráfica tem sido abrir essa grande e virgem região ao conhecimento do mundo e ao serviço de sua patria. Nesse labor eles criaram, virtualmente, a iniciativa brasileira de exploração. Antes deles o trabalho de exploração científica regular do Brasil era feito por estrangeiros. E' claro, porém, que por obscuros brasileiros foram realizados muito desbravamento e colonização, na procura de latifundios e aumento de fortunas privadas. Em anos recentes os seringueiros, por exemplo, e ha um seculo os audazes e incansaveis aventureiros, em parte portuguezes e em parte paulistas de sangue indigena, realizaram grandes explorações como pioneiros. O proprio coronel Rondon descende, pelo lado paterno, de um desses paulistas.

O acampamento junto àquele rio pequeno ficava num terreno onde os nambicuaras tiveram antes uma lavoura bastante extensa de mandioca e milho. Nesse dia Cherrie apanhou certo número de aves novas para a ciência. As aves tinham, na maioria, a plumagem em mau estado, pois a estação da reprodução, primavera no Sul e outono no Norte, havia terminado. Algumas aves, porém, ainda se estavam reproduzindo, porquanto a estação apropriada era ali menos fixa do que no Norte. Aves ha que

procriam em épocas diversas da maioria de suas congêneres; quanto a algumas, é difícil afirmar que observem regra de estação, pois Cherric achara uma especie de pica-pau meleiro que procriava durante todos os meses do ano.

Justamente antes do pôr do sol, grandes araras de penas azues e amarelas voaram em algazarra sobre o acampamento. Eram bastante numerosas, formando um bando espalhado, mas cada casal sempre reunido e afastado dos outros. A fauna que os naturalistas encontraram nessas regiões do planalto, embora não abundante, era de interesse, pois nunca fora ali feita colheita de animais de pelo e aves.

Miller apanhou em armadilhas varios camondongos, ratazanas e gambás que para ele eram novos. Cherric obteve muitas aves que não reconheceu. Naquele lugar, entre formas totalmente estranhas, topou um velho conhecido. Antes do almoço trouxe varios passaros: um papa-moscas escuro com a testa e costas brancas e duas longas penas na cauda; um tangará preto e azul-ardosia; um tordo preto, comedor de formigas, com uma mancha branca disfarçada em cima, na base do pescoço, e seu companheiro de côr escura; outros pássaros ele julgava novos para a ciência, mas suas parecenças com quaisquer dos nossos eram tão remotas, que seria penoso descrevê-los, a não ser em linguagem técnica. Finalmente, entre essas formas não familiares, estava um tordo viréu (*weery*), e a vista das costas avermelhadas e oliva, e pescoço levemente pintado desse cantor dos nossos verões do norte, nos deixou saudosos de nossa terra.

O dia seguinte estava claro e brilhante. As bestas não puderam ser reunidas senão tarde, e por isso tivemos que viajar umas cinco leguas sob o causticante sol tropical, durante o periodo mais quente do dia. De uma elevação do terreno, foi possível contemplar a vasta pai-

sagem batida de sol, as infindáveis extensões de cerrado baixo que se desdobravam para trás. A meia jornada cruzamos um correço. Os cães sofriam bastante com o calor. De continuo se afastavam para um lado, deitavam-se nalgum lugar de sombras e, quando já iamos a uns cem metros de distancia, corriam, passavam por nós e repeliam aquelle ato. A tropa chegou ao por do sol, mas nós atingiamos o Juruena pelo meio da tarde. Juruena é o nome que tem o Tapajós no seu curso mais alto. No ponto em que o atravessamos era uma rápida e profunda torrente que corria num vale de mata densa, de ribanceiras bent altas. Passamos na costumeira balsa — um estrado sobre tres canoas — impelida com a força da correnteza pelo cabo-guia.

De cada lado havia uma area descampada, com algumas palmeiras, a estação telegráfica e as casas situadas na margem oposta. O lugar selvático. A estação guardada por algumas praças comandadas pelo tenente Marinho, natural do Rio Grande do Sul, homem louro que parecia um inglês — bom companheiro e official resolutivo, como precisavam ser todos os que serviam naqueles ermos.

O Juruena foi pela primeira vez explorado, no fim do século XVIII, pelo portuguez Ricardo Franco, mas somente passados mais de cem annos foi que a Commissão Telegráfica por elle desceu, levantando-lhe o mapa e localizando com precisão o seu curso.

Varias casas se erguiam na margem oposta, todas cobertas de folhas de palmeiras, algumas com paredes de pau-a-pique, outras barreadas. Numa destas recolhemos nossos objectos em dois quartos.

Os piuns se tornaram incomodos à noite, passando através das malhas do mosquiteiro ordinario. Na primeira noite em que tal succedeu não conseguí dormir até

à madrugada, hora em que refrescou bastante para me permitir enrolar-me na coberta e abrigar a cabeça em gaze. Depois dessa noite passamos a utilizar mosquiteiros de gaze que, apesar de abafadiços, nos livraram de todos ou quasi todos os piúns e outras minúsculas pragas.

Ali alcançamos a retaguarda do lote de bois de carga do capitão Amilcar. Nossos caminhos haviam-se bifurcado afim de passarmos pelas grandes cataratas. O cap. Amilcar viera diretamente, alcançando o lote de bois que deixara Tapirapoã antes de nós, carregado com os apetrechos destinados à viagem pelo rio da Dívida. Ele conseguira trazer os bois em bom estado, só perdendo tres animais com suas cargas. Havia deixado o Juruena no dia em que ali chegamos. Os mais enfraquecidos dos seus animais partiram à noitinha afim de viajarem com o luar; e como era conveniente dar-lhes uma dianteira de trinta e seis horas, resolvemos descansar um dia à beira-rio. Não foi dia perdido, pois além do banho e lavagem de roupas, os naturalistas fizeram valiosa adição à sua colheita — inclusive uma gralha (*jay*) de brilhante colorido preto, azul e branco — e nossas fotografias foram reveladas, além de pornos em dia as notas de viagem.

Viajar por sertania tropical na época das chuvas, com bagagem reduzida ao mínimo, não só implica arduo trabalho, como o emprego de bastante engenho para escrever e fotografar, especialmente ainda para tratar os espécimes afim de os conservar em estado satisfatorio.

Pelo telégrafo tivemos noticia de que a viagem de Fiala e Lauriado descendo o Papagaio fora iniciada com um desastre. Nas corredeiras perigosas, poucos quilômetros abaixo das cachoeiras, duas canoas viraram, ficando perdidas metade de sua carga e a bagagem inteira de Fiala. O proprio Fiala por pouco escapou de se afogar. O Papagaio era conhecido nas cabeceiras e na foz;

descer por ele não representava um mergulho no desconhecido, como no caso do rio da Dívida ou do Ananás; mas as dificuldades de navegação na parte não explorada ofereciam os mesmos riscos de má sorte e desastres. É coisa perigosa descer um rio correntoso e desconhecido, que corre por sertão deshabitado. Descer ou subir pelos grandes rios frequentados da América do Sul, tais como o Paraguai, o Amazonas, o Tapajós e em seu curso inferior o Orenoco, é hoje tão fácil e seguro, quer em vapores, quer nos grandes igarités dos nativos, que o povo esquece facilmente as serias dificuldades oferecidas pelas correntes que neles desaguam, e que são muitas vezes rios caudalosos ou são o curso mais alto dessas grandes vias movimentadas. Viajar nos primeiros é das coisas mais fáceis, ao passo que nos últimos é das mais difíceis. A navegação em rotas ordinárias na parte baixa dos rios não permite que alguém forme juízo sobre o que pode ser feito ou como pode ser feito nas cabeceiras dos rios. O desconhecimento desse fato é um dos obstáculos a que sejam devidamente apreciadas as necessidades e resultados das explorações na América do Sul.

No Juruena encontramos um grupo de nambicuaras muito dados e amistosos, satisfeitos por verem o coronel Rondon. A principio eram extremamente desconfiados e hostis, mas a infatigável paciência e solicitude do coronel, base de sua indomável resolução, permitiú-lhe evitar hostilizá-los e conquistar sua amizade e até seu auxilio. Nunca matou um só. Muitos são dele pessoalmente conhecidos e têm-lhe grande afeição, sendo de excepcional cordialidade suas relações — embora isto não impeça que cedam às vezes à tentação, mesmo em prejuizo dele, de furtar um cão ou algo que sobre eles exerça irresistível atração. Não podem ser utilizados em trabalho seguido, mas fazem serviços especiais, e ninguem como eles sabe

achar um boi ou besta extraviados. Alguns homens começaram a usar roupas, meramente como enfeite. Sua amizade confiante e franca demonstrava como têm sido bem tratados. Cerca de metade dos que nos visitaram eram homens, inclusive varios meninos; houve uma mulher com um filhinho, e outras que eram jovens casadas e moças solteiras.

Em parte alguma da África encontramos selvagens mais primitivos e rudes, embora esses indios sejam mais joviais e de melhores feições do que qualquer das tribus africanas do mesmo nivel cultural. Homens e mulheres eram bem conformados, aliás bonitos, com magníficas dentaduras, embora alguns parecessem afetados de molestias cutaneas. Era um pessoal risonho e de boa índole, as mulheres tão robustas como os homens e evidentemente bem tratadas, sob o ponto de vista dos selvagens. Não havia a brutalidade dos machos, como a que constitui traço revoltante na vida dos negros australianos, assim como das tribus negras e da Índia, embora em menor grau. Andavam virtualmente nus. Em muitas tribus selvagens os homens andam nus, mas as mulheres usam uma targa. Em certas tribus que vivamos perto do lago Vitoria Nianza e no Nilo Branco superior, homens e mulheres andavam despidos, mas entre aqueles Nambiquaras, as mulheres andavam mais completamente nuas do que os homens, embora a diferença não fosse grande. Os homens usavam um cordel em torno da cintura. Muitos deles nada mais traziam, mas uns poucos tinham pendurado à frente, no cordel, um trapo ou feixe ralo de capim seco, o que era no entanto de valor puramente simbólico, no que se referia à pudicicia ou à defesa corporea. As mulheres não levavam no corpo nem um fiapo, nem mesmo um cordel, uma conta ou até algum enfeite no cabelo. Todos eles, homens, mulheres, meninos e moças feitas,

estavam tão à vontade e inconscientes como os animais. Falando e rindo, todos rodeavam-nos, quer estivéssemos a pé ou a cavalo. Invadiam-nos a casa, e quando eu estava a escrever, cercavam-me de tão perto que eu era obrigado a afastá-los com delicadeza.

As mulheres e as moças muitas vezes ficavam de mãos dadas, ou com os braços nos ombros umas das outras, ou em torno à cintura, oferecendo curioso espetáculo. Os homens tinham o septo nasal e o labio superior perfurados, e nos furos traziam uns pauzinhos. As mulheres não apresentavam marca nem mutilação alguma. Parecerá talvez absurdo, mas não obstante é facto real, que o procedimento daqueles homens e mulheres completamente nus, era completamente inocente. Jamais notamos um olhar malicioso ou um gesto indecente proposital. Não possuíam cobertas nem redes, e, quando vinha a noite, elles se deitavam simplesmente na areia. O coronel Rondon confirmou que não usam cobertura de dia nem de noite. Quando faz frio, dormem junto a um fogo pequeno. Suas cabanas eram insufficientes abrigos contra a chuva.

A lua estava quasi cheia, e, quando anoiteceu, alguns indios improvisaram uma dança em frente à nossa casa. Eram quatro homens, um menino e duas moças. Dois dos homens estiveram a serviço da Comissão, e se achavam vestidos, um completamente, e o outro parcialmente. Dois outros e o menino, estavam nus, assim como as moças. Dançavam em roda, com perfeito desembaraço. As duas moças dançavam de mãos dadas, entre os homens, o mais naturalmente possível, trocando ocasionalmente um sorriso ou um gracejo, como em qualquer dança civilizada. A dança consistia numa lenta marcha em roda, a principio num sentido, depois no oposto, batendo os pés no ritmo do canto monótono que entoavam. Os cantos — ao todo eram tres — consistiam em melodias ca-

denciadas, lentas, intercaladas de um grito agudo meio abafado. As mulheres continuamente entoavam uma especie de lamento demorado. Não entendo o bastante de música para dizer se era um acompanhamento ou uma parte do coro. O menino cantava melhor do que todos. Era um espetáculo estranho e interessantes ver aqueles selvagens amigos inteiramente nus, girando em sua dança vagarosa, a cantar suas melodias inmemoriais à luz argentea do luar tropical, com o rio a correr ali perto, em pleno coração do sertão!

Os índios ficaram conosco, dançando, cantando e banquetecendo-se até às primeiras horas da madrugada. Repentinamente desapareceram em silencio na escuridão e não mais voltaram. Pela manhã descobrimos que tinham levado um dos cães do coronel Rondon. Provavelmente a tentação foi irresistível para algum do grupo, e os outros talvez tivessem tido medo de intervir, e também medo de ficar e de voltar para perto de nós. Não tínhamos tempo para perseguí-los, mas Rondon afirmou que, logo que voltasse ali, iria com alguns soldados no encalço dos índios e reclamaria o cão. Tinha essa combinação de firmeza, bondade e ponderação, o que lhe permitiu dominar aqueles selvagens guerreiros e audazes, e moderar até mesmo a animosidade entre eles e os parecís. Apesar de sua indole boa e jovial, sua familiaridade e destemor mostravam como era imperativo não permitir que assumissem atitudes de superioridade. Antes de entrarem nos acampamentos eram convidados a deixar suas armas a uns dois ou tres quilômetros de distancia. Eram muito mais rudes e selvagens do que os parecís, e se achavam em nível de cultura muito inferior ao destes.

Na tarde do segundo dia de nossa estada ali caiu um aguaceiro que entrava pelas janelas sem vidraças e em alguns pontos pela coberta e paredes de nossa casa bar-

reada. O calor era intenso e o vale muito úmido. Durante o temporal observei os míseros casebres que se viam através da chuva, enquanto a enxurrada lamacenta corria às suas portas e senti uma admiração sincera pelo tenente e seus soldados que guarneciam aquele desolado posto avançado da civilização. Era um local insalubre onde houvera muita febre palustre e beri-beri, molestia obscura e mortal.

Na manhã seguinte prosseguimos a viagem. A chuva começou cedo; e quando, unhas quatro leguas adiante, chegamos ao rio junto ao qual devíamos acampar, estávamos completamente molhados. Depois de suportar o grande calor, quasi sentíamos frio sob as roupas encharcadas; com satisfação nos aproximamos de uma fogueira, acesa sob um rancho coberto, atrás da choça dos balseiros. Aquela balsa era tão pequena que não comportava mais de uma besta de cada vez, ou, quando muito duas. Os seis bois que puxavam o carro, que ali alcançamos, e também as bestas foram passados vagarosamente para a outra margem, durante a tarde, pois na margem onde íamos pernoitar não havia pasto. O balseiro era um empregado da Comissão e sua bonita esposa — evidentemente de sangue índio e negro — estava com ele; com maneiras amáveis fazia o possível como dona de casa, na pequena choupana primitiva e sem conforto, onde não existiam mobília e adornos.

Ali vimos o capitão Amilcar, que retornara a fim de apressar o avanço de sua retaguarda. Parados na lama, com água pelo tornozelo, à beira do rio cheio e sob a chuva, tivemos alguns minutos de conversação com o competente e calmo oficial que estava desempenhando tarefa tão penosa com a eficiência de um perito. Não vestia poncho e estava encharcado, mas achava-se por demais ocupado em tocar para a frente seus bois carregados, para

pensar em seu desconforto pessoal. Com as bestas tivera boa soma de transtornos mas seus bois ainda estavam em bom estado.

Depois do Juruena o solo se tornou um tanto mais acidentado, e o cerrado menos esparso. No mais, nada mudou na paisagem monótona, que, mesmo assim, era para mim cheia de atrativos. Os formigueiros no solo e nas árvores — formigueiros arboreos, por assim dizer, — eram maiores do que nunca. Os arquitetos de alguns eram as formigas vermelhas, e de outros as pretas; os maiores do conjunto eram os cupins, construídos pelas formigas brancas ou térmitas, e frequentemente mais altos do que um homem a cavalo.

Nessa noite, em torno ao fogo, o coronel Rondon contou o modo por que um irmão de um dos soldados que vinham conosco, um parecí, havia sido morto por uma jararaca. Cherrie relatou, que por pouco escapou de uma quando fazia colheita de espécimes na Guiana. Costumava ele armar laços no acampamento, para pequenos mamíferos, e uma noite ouviu uma armadilha se fechar sob sua rede. Estendeu o braço à procura da correntinha que a prendia e sentiu que uma cobra lhe atirou um bote, errando-o no escuro, e lhe resvalando pela mão. Acendendo luz viu que uma grande jararaca ficara presa na armadilha; conservou-a como espécime. No seu acampamento apareciam com frequência cobras à noite. Ele matou uma cascavel que engulira quatro corpos esfolados de camondongos que havia conservado para espécimes, o que prova que as cascaveis nem sempre se alimentam exclusivamente de animais vivos. Outra cascavel que matou na América Central tinha engulido um gambá, que se verificou ser novo para a ciência. Miller expôs que uma vez, no Orenoco, viu uma pequena sucuri de uns tres metros de comprimento, matando à beira do rio um

iguano, grande lagarto carnívoro, truculento e ágil e que tanto vivia em terra como n'água. Por certo o iguano estava escavando no barranco o buraco onde costuma por os ovos, pois havia outros buracos tais e iguanos trabalhando neles. A serpente reduziu a presa a uma papa e, a cerca de meio metro de distancia, outro iguano, indifferente, trabalhava na escavação de outro buraco. A aproximação de Miller, a sucuri largou o iguano morto, atirando-se á agua e o iguano vivo a seguiu de pronto. Miller tambem se referiu aos deuses de pedra, altares e templos que viu nas grandes florestas da Colombia, monumentos de civilizações estranhas que floresceram ha milénios e das quais já não existe a menor lembrança. Ele e Cherrie falaram sobre rios e cataratas gigantescas, florestas nunca penetradas e montanhas jamais escaladas por homem civilizado; e sobre revoluções sangrentas que devastaram regiões povoadas. Ouvindo-os, tive a impressão de que podiam escrever "Memorias de dois Naturalistas" que seriam dignas de leitura.

Não tinha o que ler — em expedição como a nossa ha sempre falta de livros, diga-se de passagem — e como as leituras de Kermit eram sobretudo Camões e outros autores portuguezes e brasileiros, procurei remediar o mal com volumes esparsos de Gibbon. Ao fim de cada dia de viagem era comum nos adiantarmos muito á tropa, e como chovia quasi sempre, o que tínhamos a fazer era sentar sob uma árvore, ou sob um rancho ou "meia-agua", quando havia, lendo cada qual solenemente um volume de Gibbon — e melhor leitura não ha. No meu caso pessoal, como eu já vinha lendo muito de Gibbon, variava de vez em quando com algum volume de "Arsène Lupin" emprestado por Kermit.

Havia muitos rios cheios a passar, naquela fase de nossa viagem. Alguns atravessamos a vau. Outros, so-

bre pontes grosseiras. Os mais largos, como o Juina, em balsas; e neste caso, quando as margens eram pantanosas e o rio largo e correntoso, exigia muitas horas para passar as bestas de carga, a boiada solta e os bois de carro. Tivemos poucos acidentes, embora perdêssemos uma vez toda a carga de gêneros de uma balsa, o que foi um desastre numa região onde não podiam ser substituídos. A pastagem era escassa e não podíamos fazer longas jornadas com os nossos animais enfraquecidos. No acampamento tres nambiquaras nos vieram visitar à hora do almoço. Deixaram as armas longe, antes de aparecer, e vinham aos brados pelo mato, só aparecendo depois de repetidos gritos em resposta, convidando-os a chegar.

No sertão é costume os amigos se anunciarem com gritos; os inimigos é que se aproximam em silencio. Nossos visitantes eram varões, nus em pelo como de costume. Um parecia doente; era magro e tinha nas costas cicatrizes dos nojentos bernes. Na verdade, todos eles tinham cicatrizes, principalmente de mordidas de insetos, mas os outros dois homens estavam em boas condições físicas. Comeram gulosamente o alimento que lhes oferecemos, mas tinham consigo um grande boio de mandioca, algum mel e um peixe pequeno. Um deles trazia um alto capacete de pele de onça, com a cauda pendendo nas costas — um bonito enfeite de cabeça, que ele com prazer trocou por varios fios de contas vermelhas de coral. Dois deles tinham no antebraço ataduras tão apertadas que entravam nos músculos deformando-os — habito peculiar, parecendo não só sem objetivo como prejudicial, mas que é comum naquella tribu e em muitas outras.

Os nambiquaras são um povo numeroso e dominam uma região dilatada. Não têm organização geral, cada grupo de familias age por si mesmo. Ha seis anos passados mostravam-se muito hostis, tendo o coronel Ron-

don de defender seu acampamento e tomar precauções completas para garantir sua segurança, esforçando-se ao mesmo tempo para evitar a necessidade de derramar sangue. Atualmente são quasi todos amigos, mas ha grupos de individuos que não o são. Varios soldados têm sido mortos naquelas pequenas estações isoladas, sendo o ataque em alguns casos devido ao fato de os soldados se terem envolvido com mulheres nambiquaras; mas em outros casos o morticínio foi inteiramente sem motivo e sem provocação. Mais cedo ou mais tarde esses criminosos ferão de ser submctidos à justiça, pois não convem deixar seus crimes impunes. Por duas vezes verificaram-se deserções de soldados que se foram juntar aos nambiquaras. Foram bem acolhidos, receberam esposas e se integraram na tribu.

A região, quando franqueada, será um saudavel local de residencia para colonos de raça branca. Mas para os pioneiros dos sertões seu desbravamento é trabalho terrivel para homens e animais. Ao jornadaarmos avançando sob a implacavel soalheira ou através de aguaceiros de cegar, continuamente passávamos por desoladas sepulturas pequenas ao lado do caminho. Marcavam elas o lugar de descanso dos que morreram de febre, disenteria ou de flechas dos nambiquaras. Diante delas nos descobríamos, ao passarmos devagar, ao trote de nossas bestas, pelo areal a fora. Em cada tumba uma fragil cruz de madeira; e tanto estas como a cerca ao redor já estavam enegrecidas pelo tempo, como os troncos enfezados da caatinga que se desdobrava para todos os quadrantes. Esqueletos de bestas e bois continuavam a assinalar a estrada, e de tempos a tempos encontrávamos bestas e bois que ali foram deixados pela comitiva do capitão Amílcar, na esperança de que, chegada a noite, prosseguíssem no caminho à procura de agua. Algumas vezes assim acon-

tecia mas outras vezes achamos os animais mortos ou imoveis à espera do fim. De tempos a tempos tínhamos que deixar alguma de nossas proprias bestas.

Não era sempre facil saber que especie de pasto as bestas aceitariam como bom. Uma tarde abarracamos junto a um córrego no meio do cerrado do altiplano; nesse acampamento, por sinal, os piuns minúsculos e ferozes foram um tormento durante o dia, sendo pela noite largamente substituidos pelo mosquitinho que os brasileiros expressivamente denominam "pólvora" e que entra pelas malhas mais finas dos mosquiteiros. O pasto era tão escasso e o cerrado tão fechado naquele lugar, que pensei que teríamos grande dificuldade em reunir as bestas na manhã seguinte. Mas aconteceu o contrario. Algumas horas depois, pela tarde, acampamos num bonito prado escampo, à margem de um rápido regato, que tinha uma cachoeirinha de quasi tres metros de altura, e onde nos banhamos e nadamos. Ali o pasto parecia tão bom que todos estávamos satisfeitos por causa das bestas, mas estas não o apreciaram, e à noite se foram para trás, pela estrada, sendo grande e difficil o trabalho reuni-las no dia seguinte.

Falei acima na praga dos insetos. As pessoas não habituadas ao sertão sul-americano, falam com pavor do perigo que oferecem as onças, os jacarés e as cobras venenosas. Na realidade, ha o semelhante perigo, porem é muito menor que o de sermos atropelados por um automovel em nossa terra. Mas em certas ocasiões, o tormento da praga dos insetos difficilmente pode ser excedido. Existem varias especies de mosquitos, alguns deles transmissores de molestias, e tambem outras qualidades de mosquitinhos, entre eles os "pólvoras" a que são dados varios nomes. Os que nossos companheiros denominavam piún, eram de certo modo parecidos aos nossos pernilon-

gos pretos do norte. Ingurgitavam-se de sangue; no momento sua picada não doía, mas depois provocava comichão incômoda. A gaze na cabeça e as luvas são uma proteção, mas não são agradáveis em tempo de calor sufocante. É impossível dormir sem mosquitoireiro. Quando colonos do tipo adequado se estabelecem num país novo, rapidamente aprendem a adotar as medidas necessarias para reduzir ao mínimo os incômodos que essas pragas acarretam. As aladas têm na América do Norte muitas suas parentas, que ainda não foram dominadas pelo homem. Porém as mais nocivas das formigas sul-americanas, graças a Deus, não têm representantes no Norte. No acampamento infestado de piúu, appareceu uma correição de formigas carnívoras antes da meia noite e a principio receamos que nos obrigasse a deixar as barracas, porém passou em linha reza através do acampamento, entre a barraca da cozinha e as nossas. A correição não se desviou para lado algum, desfilando ininterruptamente durante varias horas sem fazer dano, exceto às pernas de algum incauto que passasse a seu alcance.

Na tarde de 15 de fevereiro chégamos a Campos Nuevos. Este lugar era inteiramente diverso da região que viéramos perlustrando. Uma vasta bacia, com muitos quilômetros de largura, cortada por varios ribeiros que corriam em vales profundos e pantanosos, cobertos de um emaranhado de alta floresta tropical, tal era o aspecto geral. Separando esses vales se erguiam colinas sem mata, revestidas de capim, que nossos animais cansados pastaram a fartar. Sobre o dorso de uma dessas colinas certo número de construções foram dispostas em quadrilátero, porque ali a pastagem era boa e permanente. Havia vacas leiteiras que nos deram delicioso leite fresco. Cabras, porcos, perús e galinhas não faltavam. A maioria das casas era de pau a pique e cobertas de folhas de co-

queiros, uma ou duas somente eram feitas de adobe e rebocados; à frente um pateo fechado havia alguns coqueiros e alguns pés de abacaxi. Ali fizemos alto. Nossos auxiliares arranjaram duas cozinhas: uma ao ar livre e outra sob um abrigo de couros de boi. A vista por sobre as colinas vestidas de capinzal cortado, com profundos vales de mato denso, era bellissima. O ar era fresco e revigorante e os insetos não nos torturavam, embora enxa-neassem mosquitos em cada trecho de mato. Apesar de tudo, tem havido muita febre naquele belo local de apparencia saudavel. Sem dúvida, quando o povoamento estiver suficientemente adiantado, será remediado esse estado de coisas. A geologia daquelas redondezas era interessante. Oliveira encontrou troncos de árvore fossilizados, que ele acreditava serem do período cretaceo.

Ali encontramos com prazer Amilcar e Melo, que nos haviam esperado com a retaguarda de seus bois de carga. Eram dois homens distintos, e nenhum serviço militar de qualquer país poderia ter homens mais competentes para aquella especie de serviço difficil e cheio de responsabilidades. Na manhã seguinte inspecionaram seus soldados e tropeiros, e tocaram para a frente com Reinisch, o taxidermista que ia com eles. Nós seguimos perto do meio-dia, acampando depois de alguns quilômetros percorridos. Os carros de bois ficaram em Campos Novos, pois dali por diante só havia trilho para animais.

Naquellas paragens os dois naturalistas acharam muitas aves que até ali não tinham visto. A mais notavel era um grande japim, do porte de uma gralha pequena de cara pelada, com bico preto e vermelho, e plumagem faustosamente variegada de verde, amarelo e castanho. Muito interessante era a falsa araponga, ave parda que dava notas altas e metálicas. Havia tambem um pequeno picapau de cauda penugenta, não maior que uma corruira; um

beija-flor singular com o bico ligeiramente flexível; e muitas espécies de papa-formigas, tangarás, cotingas e soldados. Entre estas formas estranhas estava um viréu muito semelhante ao nosso viréu solitário. Em um acampamento Cherrie apanhou meia dúzia de passarinhos; Miller, um belo francolim pequeno, e Kermít, com a pequena Lüger automática, um lindo mutum, quasi tão corpulento quanto um peru — com o qual, depois de depenado, o cozinheiro fez uma canja deliciosa, a espessa e incomparavel sopa brasileira feita de arroz e aves. Todas essas aves eram novas para a coleção, pois nenhum naturalista havia antes trabalhado naquela região. Assim, o serviço da tarde rendeu nove espécies para a coleção, seis gêneros desconhecidos e uma excelente canja!

Dois dias após deixarmos Campos Novos chegamos a Vilhena, onde ha uma estação telegráfica. Uma vez acampamos em um riacho que o coronel batizou "12 de outubro" porque aí chegara no dia em que Colombo descobriu a América — eu ainda ignorava em que dia isso acontecera! — e em outra ocasião ficamos no sopé de um morro a que o coronel chamara "Lira", nome de seu companheiro de exploração. A viagem de dois dias — na realidade um dia inteiro e parte de dois outros — foi feita por bonita região que muito apreciamos, embora cordas de chuva desabassem, chuva que vinha quasi horizontal, molhando tudo e todos. A zona era semelhante à de Campos Novos, oferecendo acentuado contraste com as extensões arenosas e estereis do chapadão que é uma região salubre e onde grandes centros industriais podem surgir, porem não apropriado à agricultura intensiva, como sóem ser as terras baixas e planas. Durante essas vinte e quatro horas, o trilho, galgando morros e descendo ladeiras, passava por vales profundos e grandes bacias. Nos vales profundos viam-se árvores majestosas, entre as quais so-

bressaiani seringueiras gigantescas; ao mesmo tempo, enormes folhas de pacoveira ou bananeira selvagem, que pouco crescem, dominava a vegetação inferior. Grandes borboletas azues adejavam nas clareiras ensoladas, e as arapongas, pousadas em galhos, soltavam seu grito metálico, que ecoava na solidão escura da gigantesca floresta. As encostas dos morros eram pastagens viçosas, quando não estavam cobertas de mato baixo e esparso.

Achamos um grande sapo, de costa escura, e com duas leves riscas nos lados, escondido sob uns paus, num lugar úmido de uma das cozinhas improvisadas; e outro, de dedos em forma de rodélas, foi apanhado numa das barracas. Uma cobra coral despertou nosso interesse. Algumas corais são inofensivas, outras venenosas, embora não agressivas. As melhores autoridades indicam uma maneira infalível de as distinguir, pelas cores; mas aquele exemplar, embora tivesse o colorido das venenosas, era desprovido de dentes com bolsas de veneno, que não pudemos descobrir mesmo com acurado exame. Miller com um dos cães apanhou de um modo aliás curioso, uma seriema, ave semelhante à betarda de longas pernas. Íamos cavalgando sob um aguaceiro tropical que a má sorte trouxera a nosso encontro. A seriema, evidentemente tão molhada e aborrecida quanto nós, ocultou-se sob um arbusto para evitar a chuva forte. O cão descobriu-a, e, depois que a valente ave o repeliu, Miller conseguiu apanhá-la. Seu estômago continha cerca de um quarto de litro de gafanhotos, besouros e folhas tenras. Em Vilhena havia uma seriema domesticada, mais mansa do que qualquer das outras aves domésticas. Não tinha o menor receio de homens ou de cães. A seriema, assim como o mutum e a anhuma, deveria ser introduzida em nossos galinheiros e jardins, pelo menos nos Estados do Sul; é uma bela ave, afetuosa e atraente. Outra ave que vimos, em al-

guns lugares, ainda mais mansa e que por si mesmo se doméstica, foi o pequeno picapau melcero. Na Colombia, Miller viu essas aves habituadas a entrar nas casas e hotéis à hora das refeições, saltitando ao redor das mesas e trepando nos açucareiros.

No decorrer daquela parte de nossa viagem depararam-se-nos muitas rochas que à primeira vista pareciam vulcânicas; mas Oliveira mostrou-me que eram uma especie de conglomerado loculado, isto é, com "bolhas" ou buracos, composto de arenito e terra ferruginosa. Explicou que era um depósito quaternario superficial, proveniente da erosão das rochas do cretaceo, e que ali não existiam depósitos terciarios. Descreveu ele a estrutura geológica dos terrenos que percorrermos como se segue: Os pantanais eram do periodo pleistoceno. Ao longo do alto Setopuba, na região das corredeiras, havia arenitos, chistos e argilas da época permiana. A região que se estendia para o oriente dela continha rochas eruptivas — uma diábase porfírica com zeólitos, quartzos e ágatas do periodo triássico. No chapadão dos Parecís entramos numa formação de areia e argilas, contendo bulders de arenito e fragmentos de madeira petrificada. Segundo opina Oliveira, é da era mesozoica, possivelmente do periodo cretaceo, semelhante à formação do sul da África. Ha geólogos que a consideram como formação do permiano.

Em Vilhena estávamos numa bacia fluvial que convergia para o Gi-Paraná, que por sua vez desagua no Madeira, a meia distancia entre as cabeceiras e a foz deste último. Um pouco mais para diante encontramos outra vez aguas que afinal entravam no Tapajós; e entre elas, e muito proximos, riachos que corriam para o Dúvida e o Ananás, cujos cursos e embocaduras eram desconhecidos. Aquele ponto fazia parte do divisor entre o Madeira e o Tapajós. Uma feição topográfica singular do

grande altiplano arenoso do interior do Brasil, é que no seu extremo oeste os rios que correm para o sul, ao invés de desaguarem no Paraguái, como fazem mais a leste, vão formar as cabeceiras do Guaporé, que pode ser chamado o mais alto gal'ho mestre do Madeira. Estes veios do extremo ocidental da escarpa sul do planalto começam a correr, no entanto, dirigindo-se para o sul, depois por longo trecho, infletem para o sudoeste, depois para o norte e finalmente para o nordeste, até o Amazonas. De acordo com as opiniões de alguns geólogos de excepcional capacidade de observação, esse fato é provavelmente devido a que, num remoto passado geológico, o oceano projetava do sul um braço entre o planalto e o que é hoje a cordilheira dos Andes. Aqueles rios então desaguavam no mar Andino. O levantamento gradual do solo deu como resultado surgirem áreas secas substituindo o braço de mar, invertendo-se o curso do que é hoje o Madeira, exatamente como, segundo esses geólogos, o Amazonas, do mesmo modo, teve seu curso invertido havendo sido, pelo menos nos dois terços do seu curso superior, tributário do mar Andino em épocas imemoriais.

De Vilhena, viajamos em direção geral para o norte. Por umas poucas leguas percorremos o chapadão arcuoso ou de argila, ora revestido de capim ora coberto de cerrado, ralo de árvores anãs, o mesmo tipo de região que predominara desde que havíamos galgado o altiplano dos Parecís, na manhã do terceiro dia depois de deixarmos o Sepotuba. Foi então que, aproximadamente no ponto em que a estrada desce para a hacia com as cabeceiras do Ananás, abandonamos esse tipo de região e começamos a atravessar mata densa, embora não muito alta. No chapadão havia pouco pasto para os animais, mas na floresta ainda era ele mais escasso. Ademais, as chuvas incessan-

tes e copiosas tornavam a jornada penosa e difícil para eles, e por tudo isso enfraqueceram.

No entanto, duas jornadas antes de alcançarmos Tres Buritis, onde ha uma grande fazenda com centenas de cabeças de gado, veio ao nosso encontro um rebanho de dez novos bois cargueiros, e assim ficaram resolvidas nossas dificuldades serias. Durante o dia os piúns eram legião, mas à noite nem pernilougos ou borracludos havia; e para nós a viagem era muito agradável, salvo nos momentos de ansiedade por causa das bestas. Os bois soltos nos forneciam abundante carne fresca, embora de qualidade inferior, como era inevitavel, dadas as circunstancias. Um dos maiores bois foi uma noite atacado por um vampiro e pela manhã tinha a cernelha literalmente banhada em sangue.

Com o chapadão nos despedimos das curiosas e gregarias aranhas crepusculares ou noturnas, que em tão grande número viramos ao longo das linhas telegráficas. Elas criaram um dos pequenos problemas que a Comissão teve de resolver. Durante a época da estiagem são raras, mas na estação chuvosa são legiões, e, quando suas resistentes teias ficam molhadas, as que ligam os fios ao solo com frequencia provocam curto-circuitos nas linhas, e em varias ocasiões têm causado assim perturbações consideraveis.

Na terceira noite após Vilhena emergimos por um momento da interminavel muralha de florestas onde nossos pobres animais obtinham tão reduzido alimento, e desembocamos num belo campo aberto, onde as encostas de capinzal desciam para as margens de um riacho nas cabeceiras do rio da Dúvida. Dava gosto ver as bestas famintas enterrarem o focinho no papuã. Nossas barracas foram armadas no descampado, proximas de uma árvore de grande sombra. Neste campo Cherrie matou uma calhan-

dra (*lark*) muito característica do altiplano escampo; Miller achou dois morcegos no oco de um tronco seco. Ouviu-os chiando e puxou-os para fora, mas não descobriu como haviam entrado ali.

Naquele lugar Kermit deu com uma aldeia de nambiquaras, a cerca de meia legua de nossas barracas. Eram uns trinta índios, entre homens, mulheres e algumas crianças. Kermit, como faz gente pacífica no sertão, caminhou francamente descoberto, dando brados para os avisar de sua chegada. Cada terra com seu uso. Os primitivos saxões na Inglaterra repetavam ato legal matar qualquer pessoa que viesse pela floresta sem gritar ou buzinar, e nos domínios nambiquaras é contra as boas maneiras e pode ser desastroso para a integridade física aproximar-se algum estranho, pelo mato, sem anunciar bem alto a aproximação. Os índios receberam a Kermit com a maior cordialidade, dando-lhe a beber vinho de ananás. Estavam nus de todo, como era habitual, não possuíam redes nem cobertas, e suas choças eram insuficientes abrigos de folhas de coqueiros. Meia dúzia de homens e dois meninos acompanharam Kermit quando regressou do acampamento, não ligando a menor importância à chuva que caía. Eram desembaraçados e amáveis, e pelo menos na aparência, tinham boa índole, e eram muito curiosos. Ao comerem e beberem, os compridos batoques atravessados nos furos dos lábios não pareciam incomodá-los, e riram-se à sugestão de os retirarem; era evidente que retirá-los seria contrario às boas maneiras, tal como se utilizassemos faca para tomar sorvete. Dançaram por duas ou tres vezes e novamente ficamos impressionados com o ritmo e monótono encanto das estranhas melodias que cantavam. Depois do jantar dançaram junto à fogueira, e afinal, com grande satisfação para eles, muitos membros da comitiva, americanos e brasileiros, entraram com en-

tusiasmo na dança, enquanto eu e o coronel fazíamos parte de uma assistência e apreciava a festa e aplaudia. Na manhã seguinte, quando fomos acordados pela orquestra do vozear de araras, papagaios e periquitos, vimos que quasi todos os indios, homens e mulheres, estavam reunidos do lado de fora da barraca. Quanto a roupas, achavam-se como Adão e Eva, antes do pecado. Uma das mulheres trazia um pequeno saguá. Ela o deixou numa árvore a alguma distancia das barracas, e, quando o chamou, o macaquinho correu pelo gramado direito a ela, subiu-lhe pelo corpo e abraçou-lhe o pescoço. De bom grado nos furtariam algo, mas, como estavam nus, teria sido difficil occultarem qualquer cousa. Observamos que uma das mulheres tirou um garfo, mas não tendo nenhum trapo onde escondê-lo, procurou enterrá-lo na areia e sentar-se sobre ele. Foi recuperado sem difficuldade. Uma ou duas crianças tinham colares e braceletes feitos de coquinhos polidos do tucum e de molares de pequenos roedores.

A viagem do dia seguinte nos levou a atravessar uma região acidentada com bons campos de pastagem. Nos vales a mata era densa, notando-se palmeiras de varias especies entre as outras árvores. Passávamos os córregos que corriam no fundo deles, a váu ou sobre as habituais pontes grosseiras de paus. Nos campos abertos viam-se algumas árvores, geralmente esbeltas palmeiras bacaba, cuja umbrela o vento desgrenhara até ficarem como uma vassoura velha. Era evidentemente uma magnífica região de pastagens naturais para o gado, e em breve começamos a ver dezenas, talvez centenas de cabeças pertencentes à fazenda do Governo em Tres Buritis, ponto que atingimos ainda cedo, pela tarde. A colocação é bonita, a vista em torno magnífica, e certamente o local se mostrará saudavel quando definitivamente colonizado. Ali nos regalamos com a abundancia de leite fresco e ovos, e no jantar

tivemos canja de galinha e carne gorda assada em espetos de pau; tivemos até mesmo melancias. Estas provinham de sementes levadas pelos engenheiros americanos que construíram a E. de Ferro Madeira-Mamoré — uma obra que permanece honrosamente em destaque entre as grandiosas e uteis realizações levadas a termo para desenvolver a zona tropical nos anos recentes.

Os bois de carga do cap. Amilcar, que estavam quasi extenuados, foram deixados naquelas pastagens abundantes. A maioria dos bois novos pelos quais ele os substituiu eram chucros, e ocorria sempre alguma cena de circo, antes que fossem carregados e ganhassem a estrada. Em todas as direções se viam bois a espinotear e cargas espalhadas pelo chão. Aquela fazenda era administrada por um tio do coronel Rondon, irmão da mãe dele, um robusto ancião de setenta anos, com os cabelos brancos, mas ativo e forte como poucos, e com um rosto fino, de expressão amavel e inteligente. Chamava-se Miguel Evangelista, era natural de Mato Grosso, virtualmente de puro sangue indio, e trajava ao modo usual dos cabeceiros — chapéu, camisa, calça e nada de calçado nem meias. No correr do ano anterior matara tres onças que estavam dizimando as bestas; naquela zona, se puder vitimar as bestas, a onça não molesta o gado.

Foi com o pai desse seu tio, avô do coronel Rondon, que este vivera os primeiros sete anos de sua orfandade. O pai morrera antes de ele nascer e a mãe quando tinha apenas um ano. Crescera na fazenda de seu avô, a cerca de 15 leguas e meia de Cuiabá. Foi depois morar em Cuiabá, com um parente por parte do pai, do qual tomou o nome de Rondon, sendo o de seu pai "da Silva". Estudara no Liceu Cuiabano, passando a professor aos dezesseis anos. Seguiu então para o Rio como soldado

raso e servira nas fileiras por um ano, conseguindo afinal ingressar na Escola Militar. Após cinco anos de curso, servira por tres anos como professor de matemática naquella Escola; e a seguir voltara como tenente e engenheiro para Mato Grosso, onde iniciou a obra de sua vida explorando os sertões.

No dia seguinte jornadeamos para a estação de José Bonifacio, por entre intervalos de soalheira causticante alternados com pancadas de chuva intensa. No caminho paramos numa aldeia de nambicuaras. O primeiro encontro foi com dois homens que iam caçar, com arcos e flechas maiores que eles. Uma moça bem apessoada leváudo às costas uma cesta de taquara suspensa de uma faixa que passava pela testa, acompanhava-os, seguida por um menino pequeno. Na aldeia havia alguns homens, mulheres e crianças. Embora tão completamente nus como os que víramos atrás, os componentes daquele grupo estavam enfeitados com fios de contas e tinham brincos feitos com a face interna das conchas dos mexilhões ou de grandes caramujos. Eram mais cabeludos do que os outros que encontráramos, só as mulheres depilando o corpo, ficando por isso mais indecentes — ao invés de menos. O chefe, cujo corpo era pintado de vermelho com o suco de uma fruta, trazia o que se pode denominar bigode e pera; e um ancião parecia um cabeludo Aíno ou mais ainda, um preto australiano. Meu companheiro explicou que isso era talvez devido à mescla de sangue de negro, ou possivelmente de mulato, de escravos fugidos nos tempos idos, quando algumas minas de Mato Grosso eram exploradas com o trabalho de escravos. Parecia-lhe também que aquella mistura de sangue africano era a causa da curiosa forma das malocas maiores, inteiramente diversas dos seus abrigos comuns e frageis, não se parecendo com as das outras tribus da região, ao passo que não diferem das ordinarias cubatas ou choças em forma de cortiço, dos

negros agricultores da África. Naquele aldeamento havia varias choças ou abrigos abertos dos lados, e duas das grandes colmeias. Eram estas de capim firmemente entretecido, em forma circular, de cobertura redonda em abóbada, com duas portas de alguns palmos de altura, abertas uma em frente à outra, e sem mais abertura. Em cada uma dessas choças moravam quinze ou vinte pessoas. Dentro estavam seus objetos, tais como cestos de taquara (alguns cheios de ahamases), cabaças, lenha, facas de pau, pilões de madeira e uma prancha para ralar mandioca, feita de uma grossa tabua onde inseriram pontas agudas de uma madeira dura.

Um ou dois deles conseguiram, com os brasileiros, cobertores e uma rede; também arranjarão facas, de que necessitavam acima de tudo, pois não se achavam sequer na idade da pedra. Uma mulher se defendia da chuva mantendo sobre as costas uma folha verde de palmeira. Outra tinha à cabeça o que a principio julgamos ser um capacete de pele de macaco, mas era um macaquinho preto, vivo. Ficava ele habitualmente com a cabeça sobre a testa da mulher e os braços e pernas de tal modo, que se ajustavam à sua cabeça; mas tanto a mulher como o macaco relutaram um pouco para serem fotografados.

José Bonifacio consistia em algumas choupanas cobertas de capim, de um único compartimento, dentro de uma cerca que fora construída para formar um recinto fechado atrás delas. Certo número de papagaios e periquitos domesticados, de varias especies, trepavam nas cobertas e entravam pelas casas. Nos campos das proximidades havia as curiosas e extensas galerias subterrâneas de um ratão que come as raizes do capim, sem sair para comer o capim, mas puxando-o para dentro pelas raizes. Essas galerias muito se assemelham às do nosso esquilo listado do campo. Miller teve dificuldade de apa-

nhar os tais ratos. Afinal, auxiliado pelo coronel Rondon, varios indios e dois ou tres de nossos camaradas, conseguiu desenterrar um deles. Do buraco vertical central irradiavam varias galerias correndo por espaço de muitas varas a palmo e meio de profundidade sob o solo, com monticulos separados entre si meia duzia de metros, feitos da terra expelida. O furo do centro descia a prumo por cerca de quasi tres metros e depois quebrava para um lado por espaço de cinco metros, até uma especie de sala. O animal cavou a toda a força para escapar, mas quando agarrado e trazido à superficie, movia-se vagaroso e desajeitado, e mostrava-se irritado. Pelo aspeto muito se parecia ao nosso esquilo de bolsa, mas não tinha bolsa. Foi esse um dos mais curiosos dos pequenos mamíferos que apanhamos.

Depois do almoço em José Bonifacio, alguns nambiquaras — homens, mulheres e crianças — vieram chegando. Os homens nos proporcionaram uma exhibição de tiro com arco, que não foi grande coisa; distendido o arco, na primeira posição, a flecha era apontada para cima, baixando então até coincidir com o alvo. Varias das mulheres haviam sido raptadas de outras tribus, depois de mortos seus pais ou seus maridos, pois os nambiquaras são ladrões e assassinos inveterados. Dois ou tres cães em miseravel estado os acompanhavam, semimortos de fome e sarmentos, mas enfeitados com colares de contas. Cada chefe de grupo possuia tres ou quatro esposas, que eram as que carregavam as cousas, mas não pareciam ser maltratadas. Na maioria estavam sujas; eram de apparencia robusta e feições grosseiras; mas algumas, especialmente entre as crianças, eram bastante atraentes.

De José Bonifacio seguimos por espaço de cerca de treze quilômetros através de campos ondulados, salpicados de árvores e caponetes de arbustos. Foi ali, a 24 de feve-

reiro, que nos reunimos a Amilcar, que estava acampado junto a um córrego que fluia para o rio da Dúvida. Nosso ponto de embarque neste último distava agora só onze quilômetros. Dividimos a comitiva e a bagagem. Amilcar, Melo e Oliveira deviam viajar durante tres dias até o Gi-Paraná, e, descendo-o então, seguiriam pelo Madeira abaixo até o Amazonas e Manáus. Rondon, Lira, o médico, Cherrie, Miller, Kermit e eu, com dezesseis remadores e sete canoas, devíamos descer o rio da Dúvida para verificarmos se desaguava no Gi-Paraná, no Madeira ou no Tapajós. Se dentro de alguns dias ele nos levasse ao Gi, era nosso plano voltarmos e descermos então o Ananás, cuja Ioz era também desconhecida. Tendo isso em vista, deixamos em José Bonifacio provisões para uma quinzena, destinada a nosso grupo de seis pessoas. Levamos conosco víveres para cinquenta dias; não eram rações completas, porque esperávamos obter peixe, caça, palmitos e castanhas na região. Nossa bagagem pessoal já estava bem reduzida: Cherrie, Kermit e eu, ficamos com o toldo dos naturalistas para nos abrigar à noite, e mais uma barraquinha leve extra, para o caso de alguém cair doente. Rondon, Lira e o médico ficaram com uma de suas próprias barracas. Só levávamos coisas necessarias — víveres, remedios, camas completas, instrumentos para determinação de altitude, longitude e latitude — e alguns livros, todos de pequeno formato; os de Lira, eram dois minúsculos volumes de Goethe e Schiller em alemão; os de Kermit em português, e os meus, todos em inglês, com os dois últimos volumes de Gibbon, as tragedias de Sofocles, a "Utopia" de Moore, Marco Aurelio e Epicteto, estes dois últimos emprestados a mim pelo meu amigo major Shipton, do exército, que servia como adido em Buenos Aires.

Se nossa viagem de canoa corresse bem, gradualmente aliviaríamos o carregamento pelo consumo dos mantimentos. Se sofrêssemos acidentes, tais como perdas de canoas e homens nas corredeiras, ou em encontros com índios, ou se as febres ou disenteria nos atacassem muito, as cargas se aliviariam por si próprias. Estávamos todos armados mas não levávamos munições para esporte. Cheric tinha alguma só para obter espécimes com parcimônia. O mais do cartuchame era para conseguirmos alimento, salvo o caso de termos de repelir algum ataque. As provisões e armas que conduziâmos representavam todas as precauções razoáveis contra sofrimentos e provações, mas era claro que, se o curso do rio se mostrasse muito longo e difícil, se perdêssemos nossas embarcações nas cachoeiras ou corredeiras, se tivéssemos de efetuar baldeações excessivamente demoradas, ou se fôssemos detidos por intransponíveis pantanais — teríamos, em casos tais, que levar em conta a possibilidade de passar fome. Tudo podia acontecer. Estávamos a pique de penetrar no desconhecido e ninguém podia adivinhar o que ele nos reservava.

## CAPÍTULO VIII

### O RIO DA DÚVIDA

A 27 de fevereiro de 1914, pouco depois do meio-dia, iniciamos a descida do rio da Dúvida para o desconhecido. Era para nós uma absoluta incerteza, se ao fim de uma semana nos encontraríamos no Gi-Paraná, ou ao fim de seis no Madeira, ou depois de tres meses só Deus sabia onde. Fora essa a razão de o rio ser chamado, muito adequadamente, da Dúvida.

Estivéramos acampados junto ao rio, no lugar da picada da linha telegráfica, onde ha sobre ele uma ponte rústica. Na ocasião em que nossas canoas carregadas deslizaram pela corrente, Amicar e Miller, assim como os outros da comitiva do Gi-Paraná, se achavam no baranco e na ponte, para nos trazerem suas despedidas, com os votos de boa e feliz viagem. A época das cheias chegara a seu máximo e a correnteza engrossada era veloz e côr de terra. Nosso acampamento ficava a cerca de 12° 1' de latitude sul e 60° 15' de longitude oeste de Greenwich.

A direção geral de nossa rota deveria ser para o norte, em demanda do equador, navegando através da vasta floresta.

Dispúnhamos de sete canoas, todas feitas de troncos escavados. Uma era pequena, outra pouco estavel, e duas eram velhas, remendadas, fazendo agua. As tres outras eram boas. As duas canoas velhas foram ligadas entre si, e a maluca foi tambem amarrada a outra. Ker-

mit com dois remadores ia na menor das canoas melhores. O cel. Rondon, Lira e tres remadores ocupavam a outra, e eu com o médico e Cherric famos na maior, com tres remadores. Os oito camaradas restantes — eram dezesseis ao todo — foram distribuidos igualmente pela parilha de canoas geminadas. Embora nossa bagagem pessoal estivesse limitada ao essencial — à saude e ao desempenho de nosso trabalho, em uma exploração como a nossa, de fins científicos, e com a necessidade de levar provisões para vinte e duas pessoas durante um tempo desconhecido — era impossivel evitar uma carga volumosa, por isso as canoas estavam excessivamente abarrotadas.

Os remadores formavam um excelente conjunto. Eram peritos em serviços n'agua, e homens do mato, destros veteranos nos trabalhos do sertão. Juntavam à agilidade da pantera, a força do urso. Nadavam como cães d'agua, manejando tão à vontade o varejão como o remo, e o machado ou o facão; um deles era um bom cozinheiro e os outros prestavam-se para todos os serviços do acampamento. Assemelhavam-se aos piratas dos quadros de Howard Pile ou Maxfield Parrish e um ou dois eram realmente piratas, e um terceiro peor do que isso, mas a maioria deles trabalhava esforçadamente, com boa vontade e alegria. Eram brancos (ou antes, do azeitonado dos europeus do sul), pretos, côr de cobre e de todos os matizes intermediarios. Na minha canoa Luiz, o capataz e encarregado do leme, era um negro de Mato Grosso; Julio, o prociro, baiano, e de puro sangue português, e o terceiro, Antonio, indio pareci.

O levantamento topográfico do rio era feito pelo cel. Rondon e Lira, tendo Kermit como auxiliar. Kermit seguia à frente com a mira graduada, sobre a qual dois discos, um vermelho e outro preto, estavam fixados

a um metro de distancia. Ele escolhia pontos que permitissem as maiores visadas possíveis para cima e para baixo do rio, e que por isso deviam ser no vértice de cada curva do rio; desembarcava aí e cortava os galhos que interceptavam a visada, aprumando a mira — às vezes topando com os maribondos e multidões de formigas de mordidas pungentes. Lira, de sua colocação rio acima, lia com o telêmetro a distancia, enquanto o coronel registrava com a bússola o ângulo. Adiantavam-se então para o ponto que Kermit deixara e este seguia a escolher outra colocação visível para eles. O primeiro meio dia de serviço pouco rendeu. O curso geral do rio caía um pouco para nordeste, mas a intervalos curtos se encurvava virando para todos os quadrantes. Kermit desembarcou um cento de vezes e só percorremos nove quilômetros e um terço.

Minha canoa seguia à frente dos que faziam o levantamento. A elevação das aguas tornava a navegação facil, pois a maioria das tranqueiras de paus secos e arvores caídas ficavam muito abaixo da superficie. De vez em quando, entretanto, a correnteza nos impelia para redemoinhos que assinalavam pontos traiçoeiros de troncos inersos, ou para arvores desarraigadas que se estendiam de través, quasi atravessando a corrente. Os remeiros, com os músculos das costas e braços retesados, com remada sobre remada nos libertavam deles e faziam as canoas desviar-se dos obstáculos. O debrum de arvores caídas era constituido das espinhosas palmeiras horitanas, de hastes delgadas e que gostam da agua, muitas vezes ainda viçosas e em pleno vigor, embora mergulhadas no rio com estípites encurvados para cima e as frondes agitadas pela rápida correnteza.

O nosso trabalho era interessante, porque nunca homem algum civilizado havia subido ou descido aquele rio,

nem visto a região que estávamos percorrendo. A floresta alta e compacta se levantava como uma muralha verde para cada lado. As árvores eram majestosas e belas. As trepadeiras entrosadas e tortuosas, pendiam delas como grandes cordas. Montes de parasitas cresciam tanto sobre as árvores mortas como sobre as vivas; algumas delas tinham folhas grandes como orelhas de elefante. Aqui e ali ondas de perfume nos chegavam das flores marginaes. Não havia muitas aves, e a mata era na maior parte do tempo silenciosa; raramente ouviamos estranhos pios na profundeza da floresta ou víamos algum biquá ou socó.

Minha canoa desceu por espaço de duas horas e paramos então para esperar os outros. Como os topógrafos não apparecessem após mais duas horas, desembarcamos e acampamos num lugar em que a margem subia empinada por uns cem metros, até uma area plana. Amarramos as canoas e os foíceiros roçaram um espaço para as barracas, que foram armadas; as bagagens foram trazidas e acendeu-se fogo. A mata estava em silencio quasi completo e viam-se antigos carreiros de antas mas não havia rastos frescos. Antes do cair da noite chegaram os topógrafos. Apareceram alguns piúns e mosquitos-pólvora, assim como alguns pernilongos, depois que anoiteceu, mas não em quantidade para nos incomodar. As pequenas abelhas sem ferrão, de ligeiro odor aromático, enxameavam enquanto havia luz do dia e nos subiam pelo rosto e pelas mãos; as coitadinhas eram tão mansas e inofensivas que, quando faziam muita coceira, eu procurava sempre afastá-las sem as molestar. Mas se tornaram uma praga pouco depois. Bâtegas de chuva tinham caído esvaçadas, e o céu estava coberto, mas, depois do por do sol, o tempo clareou, as estrelas brilharam no alto

e a lua nova mostrou-se no ocidente. Foi uma noite fresca e agradável; dormimos em sono profundo.

Na manhã seguinte as duas canoas do levantamento largaram logo depois do café. Uma hora mais tarde es dois pares de canoas ligadas seguiram para a frente. Eu retive nossa canoa para trás afim de que Cherrie pudesse colher espécimes, pois nas horas matinaes ouvimos os cantos de certo número de aves na mata próxima. Os mais interessantes que matou foram um cotinga de um azul turquesa brilhante, com o pescoço vermelho magenta e um grande picapau de dorso preto e ventre côr de canela, com a cabeça e pescoço inteiramente vermelhos. Era quasi meio-dia quando partimos. Vimos mais outras aves e rastos frescos de antas e pacas num lugar em que desembarcamos. Ouvimos uma vez bugios no fundo da mataria e avistamos uma grande lontra no meio da corrente.

Fomos descendo, ora derivando, ora remando pela correnteza suja e redemoinhante, entre o verde vivo da floresta tropical molhada pela chuva. As árvores pendiam sobre o rio de ambos os lados. Quando eram muito altas, as que caíam ao rio em algum lugar estreito, ou quando acontecia caírem duas de margens opostas, formavam-se barreiras que os homens das canoas do frente abriam a machado. Havia muitas palmeiras, tanto buritis com suas folhas espalhadas em leques enormes, como uma bela especie de bacaba, com longuissimas copas harmoniosamente encurvadas. Em certos pontos as palmeiras apareciam em moitas cerradas, altas e esbeltas, com os troncos em colunatas grandiosas, e os ramalhetes das folhas formando uma cúpola rendilhada contra o azul do céu. Borboletas de inúmeras cores esvoaçavam sobre as aguas. O dia era sombrio, com bâtegas de chuva, e, quando o sol fulgia entre frestas nas nuvens, seus raios douravam a floresta,

Ao meio da tarde chegamos à foz de um caudaloso e rápido afluente que desembocava à direita. Era sem dúvida o Bandeira que havíamos atravessado bem pelas cabeceiras, dez dias antes, ao nos dirigirmos para José Bonifácio. Os nambicuaras haviam informado o cel. Rondon de que ele caía no Dúvida. Depois da junção, o rio se alargou com o volume da água do tributário, sem perder em profundidade. Estava tão cheio que transbordava por entre a mata nos lugares baixos. Somente os pontos mais altos estavam a seco. Nas barranceiras a prumo, junto às quais parávamos, tínhamos que empurrar as canoas por espaço de alguns metros através da galhada das árvores submersas, abrindo passagem a machado. Em algumas enseadas e remansos, de onde a corrente se afastava, viam-se altas capitivas.

Naquela tarde acampamos numa coroa plana de terreno enxuto, de mata densa, é claro, logo acima da barranca e a quasi dois metros acima do nível da água. Dava prazer presenciar a maneira fácil e vigorosa com que os foiceiros faziam um roçado para as barracas. No dia seguinte, quando nos banhámos antes do sol nascer, mergulhamos em água profunda mesmo junto à margem onde amarráramos as canoas. Naquele segundo dia, percorremos dezesseis quilômetros e meio pelo rio, o que representava nove quasi em linha reta para o norte.

No dia seguinte, 1.º de março, choveu muito, algumas vezes simples choviscos, outras vezes em pancadas fortes. Nossa rota foi um tanto para noroeste e vencemos vinte quilômetros e meio. Passamos por vestígios de habitações de índios, abrigos de folhas de palmeiras abandonados, aos dois lados do rio. Na margem esquerda encontramos duas ou tres roças antigas de índios, cheias de esqueletos de árvores queimadas e invadidas pela samambaia. Na boca de um ribeirão que entrava pela

direita, algumas varas fincadas na gua indicavam o lugar de um antigo parí de apanhar peixes. Em um ponto achamos o grosseiro corrimão de cipós de uma ponte dos índios, atravessando o rio a uns sessenta centímetros de altura sobre a água. Era claro que a pinguela fora construída com as águas baixas. Tres fortes estacas tinham sido fincadas em fila no leito do rio, em ângulo reto com a direção da corrente. A ponte consistira em paus amarrados àquelas estacas — ligando as tres entre si e as estacas extremas aos barrancos. O cordame de grossos cipós fora estendido para servir de corrimão, indispensável com tão precário apoio para os pés. A enchente levava a ponte, mas as estacas e o corrimão continuaram no lugar. Pela tarde Cherrie, da canoa, matou um grande macaco cinza-escuro, com cauda prensora. Tinha uma carne muito saborosa.

Abarracamos num plano enxuto, só alguns palmos acima do nível do rio, de modo que nosso banho e nado eram fáceis. O mato foi roçado e o acampamento arranjado com rapidez metódica. Um dos homens quasi pisou uma coral venenosa, o que seria coisa séria, pois ele estava descalço. Felizmente eu tinha calçado de grosso couro, e as presas dessa cobra — diferentes das de todas as víboras — são por demais curtas para furar couro forte. Prontamente lhe pus a bota em cima e ela a picou sem que seu veneno me pudesse causar dano.

Tem-se afirmado que os tons brilhantes da cobra coral dão-lhe em seus esconderijos habituais uma coloração dissimulante. No mato escuro e emaranhado, e, em menor grau, na paisagem variada comum, qualquer cousa imóvel, especialmente se estiver meio oculta, ilude facilmente o olhar. Mas contra o fundo escuro do chão da mata onde encontramos aquela coral, sua cor clara e brilhante era distintamente reveladora; infinitamente mais,

que o escuro mascarado da jararaca e de outras perigosas "lachesis". No mesmo local, entretanto, encontramos um exemplo típico de genuína coloração e forma miméticas ou protetoras. Uma grande larva de inseto — pelo menos assim a classificamos, sem ser nenhum de nós entomologista — se assemelhava a uma folha seca parcialmente enrolada, o que era francamente de surpreender. A cauda imitava o pedúnculo ou continuação da nervura central da folha seca. O corpo achatado estava dobrado para cima nos bordos e tinha as nervuras e a coloração exata de uma folha seca. A cabeça, da mesma cor, se projetava para diante.

Estávamos ainda no planalto brasileiro. A floresta não vibrava de vida e era ao invés geralmente silenciosa; não ouvíamos o coro de aves e animais como por vezes ouvimos, mesmo em nossa passagem pelo altiplano, onde mais de uma vez fomos acordados à madrugada pelos guinchos dos macacos, araras, papagaios e periquitos. Vinham até nós, entretanto, de tempos em tempos, sons singulares da mataria, e, caída a noite, varias especies de rãs e insetos emitiam estranhos gritos e apelos que pareciam crescer em volume e frequencia até à meia-noite. Dessa hora por diante se iam extinguindo, e, antes do alvorecer, tudo era silencio. Ali, as formigas carregadeiras devoraram por completo a camiseta do médico, e abriram furos em seu mosquitoiro; além disso comeram a correia que suspendia a tiracolo a espingarda de Lira. Muitas abellunhas sem ferrão enxameavam em quantidade tal, e tão insistentes eram, que tinhamos de usar o veu de gaze à cabeça quando escreviamos ou esfolávamos os espécimes.

O dia seguinte foi quasi sem chuva. Era delicioso deslizar, com espaçadas remadas, descendo o belo rio tropical. Até o meio da tarde a correnteza não era rápida

em excesso, e o caudaloso, profundo e placido curso d'agua serpeava para todas as direções, embora o rumo geral fosse para noroeste. A região era plana e na maior parte estava submersa. Continuamente nos víamos a deslizar entre trechos de mata alagadiça, onde a agua estagnava ou corria entre as árvores. Uma vez passamos por um outeiro. Vimos periquitos e surucuás de colorido brilhante. Afinal a correnteza aumentou, acelerando-se cada vez mais, até parecer calha de moinho, e ouvimos o estroudear das corredeiras à frente. Encostamos na margem direita e amarramos as canoas, e, enquanto a maioria do pessoal preparava o acampamento, dois ou tres nos acompanharam para observarmos as corredeiras. Tínhamos percorrido vinte quilômetros.

Logo verificamos que as corredeiras constituíam obstáculo sério. Havia muitos encachoeirados e uma ou duas quedas a pique, aproximadamente de dois metros de altura. Seria impossível descer por elas, que se estendiam por espaço de quilômetro e meio. O transporte por terra das cousas, no entanto, através do mato e pedregal, quasi em linha reta, seria num trajeto um pouco mais curto.

Não era facil naquele lugar, transportarem-se cargas pesadas e arrastarem-se pesadas canoas. No ponto em que a descida era mais forte, existiam grandes lagedos de arenito e conglomerados friáveis. Sobre estes havia em alguns pontos areia fina coberta de tufos de capim áspero. Outras porções, corroidas pelas intempéries, apresentavam formas fantásticas — uma saliencia parecia um velho chapéu de castor, virado para cima. Naquele lugar, onde as lages nuas indicavam o nivel da barreira rochosa através da qual o rio abrija seu curso, a torrente se despeinhava por um canal fundo de faces a prumo e muito estreito. Em certo ponto tinha menos de dois metros de largura, e, até certa distancia, não excedia cinco ou seis,

ao passo que um quarto de legua somente acima das corredeiras o placido lençol d'água tinha pelo menos cem metros de largura. Parecia extraordinario, quasi impossivel que um rio tão largo pudesse, em tão pequeno trecho, contrair-se até às dimensões do estrangulado canal pelo qual despejava agora seu volume inteiro.

Ali tinha sido uma das paragens em que os nambiquaras, a espaços, constroem suas aldeias efêmeras, plantando roças pelo sistema primitivo e destruidor dos selvícolas. Havia varias roças abandonadas, onde a vegetação densa de samambaia occultava o coivalal de paus caídos e carbonizados. Nem havia muito que os indios se tinham mudado, pois em um trilho achamos o que os ciganos chamariam um "pateran", isto é, dois galhos arumados em cruz, com oito folhas em cada um; isto tinha alguma significação especial, pertencendo àquella classe de sinais, cada um com algum sentido peculiar, muitas vezes complicado, de uso comum entre muitos povos selvagens. Os indios haviam lançado uma ponte simples, composta de quatro troncos compridos, sem guarda-mão, através de uma das gargantas de rocha mais estreitas, em que o rio espumitava em sua descida. Aquella sub-tribu de indios era chamada de Navaité, e com este nome chamamos às corredeiras. As observações de Lira localizaram-n'as (com boa aproximação) em 11° 44' de latitude sul e 66° 18' de longitude oeste de Greenwich.

Passamos os dias 3 e 4 de março e a manhã de 5 na baldeação contornando as corredeiras. Na primeira noite acampamos no mato junto ao ponto em que paramos. Na manhã seguinte transportamos a bagagem para a extremidade inferior das corredeiras, onde pretendíamos lançar as canoas à agua e armamos as barracas sobre o lagedo escampo de arenito. Chovia a cantaros. As abelhinhas sem ferrão eram tão numerosas que aborre-

ciam. Muitas das de ferrão se misturavam a elas e nos ferroavam de doer. Éramos também picados por grandes mutucas do porte de zângãos. Mais serio inconveniente eram os piúns e borrachudos durante o dia e os mosquitos-polvora à noite. Havia alguns carapanãs mas a peor peste eram os borrachudos; estes tiravam sangue immediatamente e deixavam marcas que duravam semanas.

Eu escrevia de luvas e véu na cabeça. Por fortuna tínhamos conosco alguns vidros de "Mata-Mosquito" — como dizia o rótulo — adicionados a nossos medicamentos pelo dr. Alexandre Lambert, que o havia experimentado nas matas do norte e o achara excelente. Eu nunca fora antes obrigado a usar a tal pomada, e relutara em levá-la comigo; mas agora folgava em possuí-la e todos nós a achamos muitíssimo útil. Nunca mais iria eu a terras de mosquitos e mutucas sem aquilo. Seu efeito dura por meia hora; em muitos casos, como quando se transpira muito, o efeito é nulo; mas ha ocasiões em que minúsculos pólvoras e outros entram pelo veu da cabeça e pelas malhas do mosquiteiro, e então a pomada renovado a miudo permite o sono ou o descanso, que de outro modo seria impossível. Os cupins entraram em nossa barraca armada no arcal, abriram furos no poncho e no mosquiteiro de Cherrie e tinham começado a danificar nossos sacos de viagem quando os descobrimos.

Fazer o carroto das cargas foi simples, mas arrastar as pesadas canoas, deu trabalho. A maior das remendadas era a mais pesada. Lira e Kermít dirigiram o serviço com todo o pessoal trabalhando, menos o cozinheiro e um homem que caíra com febre.

Foi aberto a machado um picadão pela mata, e cerca de duzentos roletes de dois metros, fortes e delgados, foram colocados à distancia de quasi dois metros um do outro.

Com o cadernal as sete canoas foram puxadas da água até em cima da íngreme barranca e dali pelo solo inclinado até o plano. Então os homens se colocaram dois a dois ao longo do cabo de tração e um deles, com alavanca, impelia por trás a canoa, que aos solavancos ia escorregando e rolando através da mata. Sobre a pedreira havia algumas rochas estorvadoras, mas no conjunto o caminho era em descida e relativamente fácil.

Considerando o modo como foi realizado o trabalho, a boa vontade, a resistencia e força de touros dos camaradas, e a intelligencia e esforço incansaveis de seus chefes — só nos admirava a ignorancia dos que não sabem o quanto de energia e eficiencia possuem os homens dos trópicos, ou ueles podem ser prontamente desenvolvidas. Outro assunto para cogitação é a attitude de certos homens que viajam em condições faccis e menoscabam as façanhas dos verdadeiros exploradores, dos autênticos desbravadores do grande sertão.

Os impostores e faufarrões, entre os exploradores ou pseudo-exploradores e vagabundos dos sertões, têm sido muito abundantes no que se refere à América do Sul (embora não sejam os peores deles sul-americanos) e fazem jus à repulsão e derrisão. O fato é que a obra do verdadeiro explorador e desbravador do sertão é cheia de provações, canseras e perigos. Muita gente ignorante fala à ligeira sobre tais baldeações como se fossem cousas de nonada. Esse trabalho, em terreno desconhecido e invio, é sempre arduo e arriscado para as canoas; e, no sertão deserto ou pouco frequentado, é cousa seria porrem-se as mesmas em risco. Aquela baldeação especial nas corredeiras de Navaité, estava longe de oferecer difficuldade excepcional; mesmo assim custou não só dois dias e meio de incessante e penoso labor, como importou em avarias nas canoas. Particularmente aquella em que

eu viajava ficou tão lascada que nos causou seria inquietação quanto ao tempo que ainda poderia durar, ainda depois de remendada. No ponto em que as canoas foram novamente lançadas à água, o barranco era íngreme e uma das canoas remendadas se encheu d'água e foi ao fundo; e mais trabalho tivemos para tirá-la daí.

Não podíamos ainda absolutamente dizer para onde íamos nem o que nos aguardava adiante. Sentados em torno ao fogo, depois do jantar, discutimos sem cessar, e formulamos todas as hipóteses imagináveis sobre ambos esses pontos. O rio podia volver em ângulo forte para o oeste e entrar no Gi-Paraná na parte alta deste ou mais abaixo; ou seguir para o norte rumo ao Madeira; ou fletir para leste e cair no Tapajós; podia ainda desaguar no Canumá, e por uma das bocas deste penetrar diretamente no Amazonas. Lira inclinava-se para a primeira hipótese e o coronel para a segunda. Não sabíamos se teríamos cem quilômetros a percorrer, ou oitocentos; nem se a torrente seguiria contínua ou seria interrompida por cataratas ou corredeiras, ou mesmo se chegaríamos a algum grande pantanal ou algum lago. Não sabíamos se encontraríamos índios hostis, embora ninguém se afastasse dez metros do acampamento sem levar a carabina. Não tínhamos idéia do tempo que nos tomaria a viagem, pois entráramos numa zona de possibilidades desconhecidas.

Partimos de novo rio abaixo no começo da tarde de 5 de março. Nossas mãos e rostos estavam inchados com as picadas da praga de insetos do acampamento no areal plano, e foi um prazer estarmos mais uma vez no meio do rio, onde eles não iam em absoluto, quando estávamos em movimento. A correnteza era rápida, mas a profundidade era tão grande que não encontramos obstrução seria. Por duas vezes descemos pequenos trechos que na época da estiagem eram sem dúvida corredeiras, e uma

vez chegamos a um lugar onde muitos redemoinhos indicavam a presença de matacões de rochas sob a água, rochas que, não fosse estar o rio tão avolumado pelas chuvas, se achariam à vista. A distancia que percorríamos num dia, indo água abaixo, nos tomaria uma semana se estivéssemos subindo. O curso do rio voltava-se ora para um, ora para outro lado, fazendo algumas vezes curvas em S, mas o rumo geral era para nordeste. Como sempre, tudo era muito belo, mas nunca podíamos dizer o que apareceria ao dobrarmos cada curva. Na mata que se erguia dos dois lados notavam-se grandes seringueiras. As canoas dos topógrafos, como de hábito, seguiram primeiro, cuidando eu dos dois pares gemiados de canoas de carga. Eu fazia com que navegassem sempre entre a minha canoa e aquelas primeiras — à frente da minha até que eu passasse por elas, e depois atrás de mim, até que, uma hora ou pouco mais tarde, tivesse eu escolhido local para acamparmos. Havia tanta margem alagada, que naquela tarde levamos algum tempo para achar um lugar plano com elevação bastante para estar enxuto. Pouco antes de alcançarmos o lugar escolhido, Cheric matou um jacú, belo passaro um tanto aparentado ao perú, porem bem menor que este. Depois de esfolado por Cheric deu uma excelente canja. Vimos bandos de macacos e as falsas-arapongas davam seus gritos estrídu-los na mata densa em torno às barracas. As formigas gigantes, de 3 centímetros e tanto, eram aliás por demais abundantes naquele pouso. Uma ferreteou Kerinit e foi quasi como que a picada de um escorpião pequeno, doendo bastante por duas horas. Naquela meia jornada viajamos doze quilômetros.

No dia immediato percorremos dezenove quilômetros, zigzagueando o rio para todos os lados, mas com rumo geral um pouco para noroeste. Paramos uma vez junto

a uma abelheira para tirar mel. A árvore era um gigante altaneiro, da especie denominada pau-de-leite, porque uma seiva leitosa espessa jorra abundante de qualquer talho. Nossos camaradas hebbiam ávidos o fluido branco que escorria dos golpes de seus machados. Eu provei-o e o gosto não era desagradavel, mas deixava na boca um residuo viscoso. O piloto da minha embarcação, Luiz, um negro musculoso, cortava a árvore, equilibrando-se com ágil desembaraço sobre um girau improvisado. O mel estava num oco e era produto de uma abelha sem ferrão, de porte medio. Na boca daquele oco construíram elas uma curiosa entrada propria da especie, com a forma de um canudo de cera com palmo e meio de comprimento. Na extremidade da abertura as paredes do canudo mostravam a sua formação de cera, mas no resto se tinha tornado de côr e aspecto que o confundiam com a casca da árvore. O mel era delicioso, doce com um sabor ácido. O favo differia muito do das nossas abelhas comuns. As células do mel eram muito volumosas e as das larvas muito pequenas, dispostas em uma só fila, em lugar de duas. Junto àquella árvore, deparou-se-me um exemplo de genuina coloração mimética: um grande sapo sentado erecto — não agachado — sobre um galho podre. Estava completamente imovel, com o castanho amarelado de seu dorso e seus flancos escuros harmonizando-se exactamente na côr, com as manchas claras e escuras da madeira; a côr era tão dissimuladora ali no seu meio natural, como a côr do nosso sapo do mato, comun, entre as folhas secas de nossas matas. Quando procurei assusta-lo saltou para um galho fino, agarrando-se nele com os discos das extremidades dos dedos e aí equilibrando-se com inesperada habilidade para tão grande animal; em seguida pulou para o solo onde outra vez ficou imovel. Evidentemente confiava, para sua defesa, na dificuldade de ser

visto. Encontramos alguns simios e rastos de anta, e Kermit matou um jacú para a panela.

Pe'as tres da tarde estava eu à frente quando a correnteza começou a acelerar-se. Passamos por um ou dois lugares em que a agua se encrespava um pouco, e ouvimos depois adiante o marulho de corredeiras, enquanto a correnteza se tornava mais rápida. Aproximamos a canoa sobre o barranco e, descendo por um carreiro de antas que margeava o rio, fomos fazer um reconhecimento. Uma caminhada de perto de meio quilômetro nos mostrou que havia grandes corredeiras que as canoas não poderiam descer. Voltamos então ao ponto de desembarque. Todas as canoas ali se reuniram e Rondon, Lira e Kermit partiram rio abaixo em exploração. Voltaram passada uma hora, com a noticia de continuarem as corredeiras por longo trecho, com quedas fortes e trechos de agua encachoeirada, devendo a baldeação durar varios dias.

Acampamos logo acima das corredeiras. As formigas eram legião e algumas mordiam ferozmente. Nossos homens, ao abrirem a clareira para as barracas, deixaram em pé varias palmeiras acachí; o caule desta palmeira é reto como uma flecha, e coroado de palmas delicadas que se encurvam harmoniosamente. Tínhamos percorrido o rio quasi exatamente na extensão de cem quilômetros; e andara o seu curso com tais torcicolos que só nos achávamos apenas a cinquenta e cinco quilômetros para o norte do ponto de partida. A rocha era porfírica.

Passamos os dias 7, 8, 9 a transportar as cargas, a arrastar por terra e lançar à agua as canoas, desviando-nos da serie de corredeiras em cujo inicio havíamos parado.

No primeiro dia transferimos o acampamento para baixo daquela serie de corredeiras, a quilometro e meio rio abaixo. Era um local pitoresco e encantador, à beira dagua, havendo aí uma pequena enseada com praia de

areia compacta. No ponto medio da praia, se erguia da agua um grupo de tres palmeiras buritís, cujos grandes troncos se assemelhavam a colunas. Em volta da clareira onde ficavam as barracas, existiam varias árvores muito grandes, entre as quais duas seringueiras. Kermit desceu o rio pelo trajeto de cinco ou seis quilômetros e voltou com um jacú, tendo verificado que no ponto que atingiu, outras corredeiras, quasi uma cachocira, exigiam que de novo arrastássemos as canoas para outro transbordo. Antonio, o parecí, matou um grande macaco, o que me agradou, pois fazer tais baldeações, é serviço pesado e os homens gostavam de carne. Até então Cherric havia reunido no Dúvida sessenta aves, todas novas para a coleção e algumas, provavelmente, para a ciência também. Vimos sinais frescos de pacas, coatís e caetetés e Kermit, com os cães, levantou uma anta que atravessou o rio mesmo nas corredeiras, mas ninguem conseguiu atirá-la.

Uma canoa bem grande, com carga leve, conseguiria provavelmente descer por aquelas corredeiras, exceto em um ou talvez dois lugares. Porém, mesmo com uma tal canoa seria loucura fazer a tentativa, no caso de expedição exploradora, em que a perda de uma canoa ou de sua carga seria um verdadeiro desastre; acresce que semelhante canoa não poderia ser utilizada, devido à impossibilidade de arrastá-la nas baldeações, quando estas se tornassem inevitáveis. Quanto às nossas canoas, não flutuariam nem meio minuto naquelas aguas revôltas.

No segundo dia as canoas e cargas foram levadas para baixo das primeiras corredeiras. Lira abria a passagem e colocava os roletes de madeira, enquanto Kermit, com o cadernal, arrastava as canoas da agua para cima do barranco, à força de cordas e músculos. Todos então juntavam as forças, pois, sobre aquele terreno de-

sigual, era necessario o esforço de todas as pessoas para arrastarem-se as cauoas. Nesse interim, o coronel com um ajudante media as distancias e depois seguiu para uma caçada demorada mas não achou caça. Eu desci acompanhando o rio por espaço de alguns quilômetros e também nada encontrei. Na densa mataria tropical da bacia amazônica é muito difficil caçar, especialmente para quem esteja procurando atravessar a região tão depressa quanto possível. Em uma viagem como a nossa, conseguir caça era, em larga escala, uma questão de sorte.

No dia immediato Lira e Kennit desceram as canoas e cargas, com trabalho ingente, até à praia das tres palmeiras, onde estavam as barracas. Numerosas pacovas cresciam em torno e os homens utilizavam suas folhas imensas, algumas com quatro metros de comprimento por quasi um de largura, para cobrirem os frageis abrigos em que armavam suas redes. Entrei na mata, mas, no emaranhado do cipocal, só por mero acaso poderia enxergar algum animal de porte. Em geral a mata era silenciosa e deserta: De vez em quando passavam pequenos bandos de aves de especies varias — picapaus, papa-formigas, tangarás, tiranos; bem como na primavera e no outono passam nas matas do norte os bandos de toutinegras, gaios e pegas.

Sobre as pedras e sobre as frondosas árvores próximas do rio existiam grandes orquídeas brancas e lilases — a sobraia de perfume delicado e agradável. Naquele ensejo meus livros pareciam-me um tanto indigestos, e o dia talvez se me tornasse enfadonho, se Kermit não me tivesse emprestado a seleta de poesias francesas de Oxford. Eustaquio Deschamp, Joaquim du Bellay, Ronsard, o delicioso La Fontaine, o delicioso porem terrivelmente difficil Villon, a "Guitarra" de Vitor Hugo, os versos de Madame Desbordes-Valmore sobre a menina e o traves-

seiro, os versos mais delicados, sobre uma criança, que se poderiam escrever — estes e muitos outros confortaram-me bastante quando os lia de gaze na cabeça e bivas, sentado em um tronco, à beira do rio desconhecido, na floresta amazônica.

No dia 10 embarcamos de novo e descemos quilômetro e meio, passamos a maior parte do dia em transpor mais duas corredeiras. Nas proximidades da primeira vimos um pequeno caimão, um jacarétinga. Em cada trecho de corredeiras, as canoas eram descarregadas, seguindo as cargas nas costas dos camaradas; tres canoas desciam a remo, com dois remadores nus em cada uma; e os dois grupos de canoas duplas eram descidos sustentados por cordas; uma das de um grupo encheu-se de agua, porem foi posta a salvo e trazida para a praia. Um dos homens caiu quando trabalhava no meio da correnteza impetuosa, ferindo o rosto nas pedras. Lira e Kermit trabalhavam com os camaradas; Kermit, vestido mais ou menos como os proprios remeiros, trabalhava metido nágua, e como a galhada pendente estava cheia de multidões de formigas agressivas, achava-se ele marcado de picadas por todo o corpo. Na verdade, todos nós sofriamos mais ou menos com aquelas formigas, enquanto o enxame de muriçocas se tornava cada vez mais numeroso. As térmitas fizeram furos em meu capacete e tambem na coberta de minha cama de vento. Os outros todos dormiam em redes. Até àquele ponto havíamos descido o rio cerca de 102 quilômetros, de acordo com os dados do levantamento, e em altitude descêramos perto de 100 metros, pelo aneróide — embora a indicação nesse caso fosse aproximativa, pois com o aneróide não se tem segurança de absoluta exatidão nos resultados.

Na manhã seguinte, verificamos que durante a noite nos acontecera um serio contratempo. Havíamos acam-

pado na base da corredeira e as canoas ficaram amarradas às árvores da barranca, já no remanso. As duas canoas velhas, embora uma delas fosse a nossa maior canoa para cargas, eram remendadas, e uma delas fazia agua. Durante o dia o rio subiu de nível, e essa canoa rachada, que mergulhava muito nagua, encheu-se certamente aos poucos com a agua que as ondulações lhe atiravam sobre a borda, e afundou-se arrastando a companheira; rebeberaram-se então as amarras e desapareceram rolando pelo fundo. Uma canoa descendo à sua procura, constatou terem aquellas, esbarrado nas rochas do fundo pedregoso, despedaçando-se immediatamente e seus grandes fragmentos, que breve foram encontrados flutuando nos remansos ou lançados na praia, indicaram que era inutil procurá-las. Aquella corredeira foi dado o nome de "Canoas Quebradas".

Não era cousa agradável precisar deter-nos por alguns dias; devido às corredeiras, tinhamo-nos adiantado com lentidão, e muito importava apressarmos a viagem, pois nosso suprimento de víveres era necessariamente limitado e nada sabíamos do que nos esperava adiante. Mas não havia outro remedio — tinhamos de fazer uma canoa grande ou duas pequenas. Chovia a cantaros quando os homens se espalharam em varias direções à procura de bons paus para canoas. Tres — que afinal se verificou que não eram muito proprios para o caso — foram achados junto ao acampamento; eram árvores de magnífico aspecto, uma delas com quasi dois metros de diâmetro à altura de um metro do solo. Os machados atacaram-na sob a vigilancia do coronel Rondon. Lira e Kermít partiram a caçar, em direções opostas. O primeiro matou um jacú, que ficou para nós, e o segundo trouxe dois macacos que serviriam para os camaradas. Ao cair da noite o tempo melhorou. A lua estava quasi cheia e a agua encachoeirada tinha o brilho da prata.

Nossos homens eram "voluntarios regionais", isto é, tinham-se alistado nos serviços da Comissão Telegráfica, especialmente para o trabalho no sertão, com paga elevada, como era justo, em vista das privações, dificuldades do serviço e risco para a saúde e para a vida. Dois deles haviam acompanhado o coronel Rondon na sua exploração de oito meses em 1909, ocasião em que seus homens eram praças do batalhão de engenheiros que ele comandava: Seus quatro auxiliares durante os últimos meses daquela excursão foram os tenentes Lira, Amarante, Alencarliense e Pireneus. O naturalista Miranda Ribeiro também o acompanhou. Foi nesse ano que, seguindo a pé através de zona totalmente desconhecida, o coronel e sua comitiva atingiram afinal o Gi-Paraná, que figurava nos mapas (e em muitos ainda figura) com seu curso inteiramente errado, com mais de um grau fora da posição real. Quando chegaram aos afluentes do Gi-Paraná, um terço dos membros da comitiva estavam tão enfraquecidos pelas febres, que mal se podiam arrastar. Não tinham bagagem e as roupas se achavam em frangalhos, alguns já andavam quasi nus. Durante meses não tiveram outro alimento além da pouca caça que matavam e de frutas silvestres e cocos; se não fora a grande abundancia de cocos brasileiros, eles todos teriam perecido.

No primeiro rio caudaloso que encontraram, fizeram uma canoa e Alencarliense nela seguiu para levantar-lhe o curso. Com ele seguiram Ribeiro, o dr. Tanajura que não podia andar, devido a uma ferida no pé, tres homens que a febre inutilizara para caminhar, e seis que ainda se achavam em estado de remar. Quando o resto da comitiva atingiu o rio navegavel mais próximo, mais onze homens prostrados de febre quasi haviam chegado a seu fim. Ali deram eles com um pobre diabo que estivera perdido durante meses e morria lentamente à fome. Nada

havia comido além de cocos e crisálidas de insetos. Não podia mais andar, apenas conseguia ficar em pé e cambalear por uma pequena distancia. Outra canoa foi feita e nela Pireneus desceu levando os onze homens doentes e o vagabundo quasi moribundo. O coronel Rondon conservava o moral da turma fazendo cumprir a rotina militar. O corneteiro esfarrapado tinha sua corneta. O tenente Pireneus perdera toda a roupa, exceto um chapéu e uma ceroula. O tenente semi-nu enfileirou seus onze febreiros, a corneta soou e todos ficaram em posição de atenção para ouvirem o macilento coronel ler a ordem do dia. A canoa partiu então rio abaixo com sua carga de doentes, e os doze homens restantes continuaram sua caminhada estafante. Quando, uma quinzena depois, encontraram afinal um barracão de seringueiros, tres homens já estavam inteira e literalmente nus.

Nesse meio tempo Amilcar tinha subido o Jaci-Paraná, um ou dois meses antes, com provisões, afim de encontrá-los, porque nesse tempo os mapas indicavam erradamente aquelle rio como maior, em vez de menor, que o Gi-Paraná, rio que, na realidade, era o que estavam descendo. O coronel achava-se convencido de que descia o Jaci-Paraná. Amilcar regressou depois de passar por grandes provações e perigos. As duas comitivas finalmente se encontraram na foz do Gi-Paraná, onde este entra no Madeira. O extraviado que fora encontrado estava a caminho de se restabelecer, tendo ficado numa fazenda do Madeira, onde podia receber o tratamento necessario; apesar disso, depois que o deixaram tiveram noticia de que morrera.

No dia 12 os homens ainda trabalhavam esforçadamente na escavação da madeira resistente do enorme tronco, com machado e enxó, enquanto todos vigiavamos e fiscalizavamos para que os preguiçosos não flanassem

à custa dos diligentes. Kernit e Lira voltaram a caçar; aquele conseguiu um mutum, que foi bem recebido, pois estávamos procurando por todos os meios economizar nossas provisões. Comíamos palmitos também.

Passei o dia todo procurando caçar no mato próximo ao rio, mas nada encontrei. Na época das chuvas a caça se afasta do rio, o peixe é escasso, e ausentam-se também as tartarugas. Mesmo assim era agradável percorrer a enorme floresta silenciosa. Aqui e acolá erguiam-se árvores gigantescas, e da base de algumas subiam formidáveis escoras. As trepadeiras e cipós eram de todos os tamanhos e feitios; alguns retorcidos e outros não; uns caíam direitos de galhos delgados a mais de trinta metros de altura, outros, quais longas serpentes, se enroscavam nos troncos das árvores. Outros ainda pareciam cordas cheias de nós. Pouco ruído se ouvia na sombra e o vento raramente agitava o ar quente e úmido. Raras flores e aves. Os insetos eram muito abundantes e ainda quando seguíamos lentamente era sempre impossível evitá-los — sem falar dos nossos inseparáveis companheiros, as abelhas, as murissócas e em especial os borrachudos ou mosquitos sanguessugas.

Quando atravessava um emaranhado, despertei uma caixa de vespas, que ativamente mostraram sua zanga; em seguida, por descuido, piscei no carroiro de uma pequena horda de formigas carnívoras; a seguir tropecei, e, segurando-me a um galho, derrubei uma chuva de formigas de fogo; e, no meio de tudo isto, minha atenção foi particularmente alertada pela picada de uma sauva gigante, que ardia como a de uma vespa, e que senti por espaço de tres horas. Os camaradas andavam em geral descalços ou só usavam sandalias; seus pés e tornozelos estavam feridos e inflamados das picadas dos borrachudos e formigas, e alguns deles achavam-se incapacitados para

o trabalho. Todos nós sofriamos menos ou mais, tendo os rostos e mãos ligeiramente inflamados das ferroadas dos borrachudos; e, apesar da roupa, estávamos com todo o corpo mordido de formigas e de carapatinhos do mato. Devido à chuva e ao suor, nossas roupas estavam úmidas quando as despíamos à noite, e igualmente úmidas quando as vestíamos pela manhã.

Durante todo o dia 13 os homens trabalharam na canoa, fazendo bom progresso. De quando em quando todos tinham que ajudar a virar e mudar a posição do enorme e pesado tronco. O trabalho continuava até dez horas da noite, quando o tempo estava claro. À noite, alguns homens seguravam velas, e os outros manejavam o machado e a enxó, em pé ao lado, ou dentro, do grande tronco meio escavado; e as luzes vacilantes das velas, iluminavam a floresta tropical que se erguia na escuridão circundante. Os corpos bronzeados, acobreados ou pretos, dos homens nus até a cintura, brilhavam como untados de óleo, se enrugavam à contração incessante da musculatura sob a pele.

Na manhã de 14 o serviço continuou sob um aguaceiro torrencial. A canoa estava concluída e foi arrastada para a água e lançada nela antes do meio-dia. Cerca de uma hora depois estávamos outra vez viajando.

O declive era acentuado e o rio cheio corria célere. Várias vezes as Canoas passaram por grandes redemoinhos, ora arrastadas por eles, ora firmes. Meia dúzia de vezes precipitâmo-nos sobre corredeiras, e embora não fossem elas assaz acentuadas para servirem de obstáculo a Canoas canadenses carregadas, duas foram perigosas para nós. Nossas grosseiras e sobrecarregadas Canoas só tinham 8 a 10 centímetros da borda fora d'água, e, embora estivessem amparadas de cada lado por meio de feixes de talos de folhas do buriti, recebiam boa quantidade de água nas corredeiras. Nas duas maiores apenas conse-

guiamos vencer por pouco, e depois de cada uma tivemos de abicar apressadamente para a margem, afim de retirar a agua das canoas. Em um trecho de aguas encarneadas minha canoa quasi foi inteiramente inundada.

Num sertão onde não se sabia em absoluto o que nos esperava, onde iríamos parar, ou como nos tiraríamos de dificuldades, nem quando tal sucederia e era de vital importancia não ficarmos sem as nossas cargas, especialmente as provisões; ainda assim, era mais aconselhavel prosseguirmos com a maior rapidez possível, para evitarmos que todas as provisões se esgotassem e que as últimas etapas da expedição fossem feitas por gente semi-morta de fome e enfraquecida, assim preparada para um remate desastroso. Desse modo, entre os dois riscos apresentados, achamos preferivel arriscar a passagem das corredeiras, porque nosso avanço tinha sido de tal modo lento, que, se não recuperássemos algum tempo, era provavel que nos fallassem os víveres antes de chegar a lugares onde conseguíssemos algo mais do que o pouco que, na época das chuvas e inundações, aquela região nos podia proporcionar. Jornadeamos assim até depois das cinco horas de modo que o trabalho de preparar o acampamento terminou à noite. Tínhamos percorrido perto de dezesseis quilômetros em direção quasi nordeste. Nessa noite a temperatura esteve fresca e amena.

Na manhã seguinte, de 15 de março, partimos com tempo bom. No percurso de seis quilômetros remanos descendo o rio de correnteza rápida sem incidente. Às vezes enxergávamos altos coqueiros que se erguiam sobre a floresta marginal; e, afastadas do rio, essas palmeiras atingiam proporções enormes, torreado quais gigantes. Havia tambem grandes seringueiras cujas folhas se agrupam sempre de tres a tres. Em seguida o terreno, de cada lado, se ergueu em morros pedregosos cobertos de mata e o cachão de aguas precipitosas nos avisou de que

mais uma vez nossa rota estava cortada por uma corredeira perigosa. Depois de uma curva chegamos a ela. As águas desciam precipites, num alvo lençol, tendo uma ilha no meio, na parte superior.

Naquele lugar, um grave contratempo nos aconteceu e por pouco escapamos a outro ainda mais grave. Kermit, como de costume, ia à frente com sua canoa, que era a menor e a menos estavel de todas. Nela Kermit levava pouca cousa, além do sortimento de uma semana de nossos viveres enlatados e algumas ferramentas; por felicidade, nenhuma das provisões destinadas aos camaradas. Seu cão de nome Trigueiro estava com ele e a tripulação constava de dois homens: João, o do leme, ou piloto, como dizem no Brasil, e Simplicio, o proeiro. Ambos negros e homens de excepcional valor, em todos os sentidos. Kermit encostou a canoa na margem esquerda, acima da corredeira, aguardando a canoa do coronel Rondon. Este e Lira, desceram na margem para examina-rem o que havia à frente, e Kermit levou sua canoa até a ilha, para verificar se pelo outro canal a descida seria melhor. Concluída sua inspeção, ordenou aos remeiros que voltassem para a margem oposta, e a canoa foi impelida rio acima para esse fim. Mas, antes de percorrerem doze metros, para isso mergulhando os remeiros seus remos, com toda a força, na rápida torrente, um dos redemoinhos movediços de que acima fa'ei veio rio abaixo, os fez girar, arrastando-os para tão perto da corredeira que não havia força humana capaz de evitar que se precipitassem por ela abaixo. Como iam para eia descendo de través, Kermit gritou para o piloto que a aproasse no rumo da corrente, de modo a colocá-la na única posição que oferecia alguma possibilidade de salvação. A canoa ia embarcando cachões d'água enquanto descia velozmente. Chegaram em baixo com a canoa ainda flutuando, porem

tão cheia d'água que pouco faltava para submergir-se. Os remadores a impeliram a toda força para a terra, e quasi atingiam a margem quando outro redemoinho os colheu, arrastando-os para o meio da caudal, onde a canoa acabou de se encher e afundou. Agarrando-se à amarra, João pôs-se a nadar para a terra. A corda foi-lhe arrancada das mãos, porem mesmo assim ele atingiu a margem. Quanto ao pobre Simplicio, decerto foi arrastado para o fundo e morreu ao bater nas pedras do leito do rio. Não veio à tona e não conseguimos encontrar seu corpo.

Kermit naquela ocasião agarrou a carabina, sua predileta Winchester 405 com que mais caçara na África e América, e subiu ao dorso da canoa emborcada. Em um minuto foi arrastado a uma segunda corredeira, arrancado de sobre a canoa, perdendo então a carabina. A água enterrou-lhe o capacete na cabeça e na cara, e carregou-o para o fundo. Quando afinal conseguiu emergir, estava quasi asfixiado e a desfalecer. Achou-se em aguas que corriam menos agitadas e nadou para um galho penso sobre o rio. Seu paletó atrapalhava-o, mas viu que estava por demais extenuado para tirá-lo, e, raciocinando com a singular lucidez que se tem quando se vê a morte próxima, verificou que o mais que suas forças lhe permitiam era alcançar o galho. Alcançou-o por fim, e agarrou-se a ele, e então quasi não teve forças para subir na barranca. O fiel Trigueiro nadara a seu lado na corredeira e então saiu para a margem. Salvou-se por pouco.

Kermit era para mim um grande conforto e precioso auxiliar naquela excursão, mas o receio de que lhe acontecesse algum acidente fatal, constituia para mim um pesadelo. Já casar-se logo que terminassemos a viagem e parecia-me que eu não teria forças para dar más notícias à sua noiva e à sua mãe. Simplicio era solteiro. Mais tarde, remetemos à mãe dele a importancia que a ele ca-

beria se ficasse vivo. Na manhã seguinte, lançamos em português, em uma face do marco que foi erigido para assinalar nosso acampamento, a seguinte inscrição:

“Nestas corredeiras morreu o infeliz Simplicio”.

Em expedição tal como a nossa, a morte é acidente que a qualquer momento pode sobrevir, e o escaparmos a ela por pouco é cousa por demais trivial para se sentir como sucederia em outras circunstancias.

Lamentamos sinceramente o ocorrido, mas nossos sentimentos não podiam interferir no trabalho em vista, por isso continuamos imediatamente no serviço da baldeação. Do extremo superior ao inferior daquela serie de corredeiras a distancia era cerca de seiscentos metros. Foi aberta uma picada ao longo da margem e por ela foram levadas as cargas. As canoas vazias desceram pela agua sem novidade, levando cada uma dois remadores peritos. Uma delas quasi bateu na cabeça de uma anta que nadava no alto das corredeiras; a anta desceu por estas, saindo então do rio.

Kermit, em companhia de João, desceram o rio por espaço de uns tres quartos de legua, à procura do corpo de Simplicio e da canoa afundada, mas não os acharam. Kermit, porem, encontrou um caixote de provisões e um remo, que recolheu, indo a nado, para isso, até o meio do rio. Tambem verificou que, dois quilômetros alean, havia novo trecho de corredeiras, e, seguindo-as pela margem esquerda até em baixo, viu serem peores que as últimas que passamos e impraticaveis para canoas por aquele lado esquerdo.

Acampamos abaixo das que acabáramos de transpor. Muitos passarinhos havia ali, mas era difficil avistá-los nas copas altas do arvoredo, para atirar; e tambem achá-los em baixo, no emaranhado da vegetação, quando caiam. Não obstante, Cherrie conseguiu quatro especies novas

para a coleção, entre elas um minúsculo colibri, da espécie conhecida "estrela do mato", com plumagem delicada, porém sem brilho; sua espécie jamais se encontra senão nas matas espessas e escuras, pois não vem para o brilho do sol. O papo estava cheio de formigas; e, quando foi morto, ele se achava a alimentar-se num cacho de longas flores vermelhas. Apanhou também um bonito surucuá e um pequeno tangará lindo, brilhante como uma jóia — pescoço lilás, peito turquesa, cabeça e cara topázio e por cima das costas escarlate rubi. Era uma fêmea e não posso acreditar que o macho seja de colorido mais belo. A quarta ave era um gavião do género *ibyciter*, preto, ventre branco, com a cara e o pescoço vermelhos sem penas e pernas e pés vermelhos. O papo estava cheio de sementes de frutas e restos de insetos, alimento extraordinário para um gavião.

A manhã de 16 estava carregada e sombria. Sob hátegas de chuva tenebrosa deixamos nosso acampamento pouco feliz, por outro onde o infortunio nos esperava também. Em menos de meia hora nossas embarcações nos levaram ao começo das corredeiras imediatas. Como Kermitt já havia explorado o lado esquerdo, o coronel Rondon e Lira desceram pelo direito e acharam um canal que corria desviando-se do peor trecho, de sorte que julgaram possível soltar as canoas sustentando-as da margem com as cordas. A distancia até a base das corredeiras era cerca de um quilômetro. Enquanto as cargas eram descidas pela margem esquerda, Luiz e Antonio Correia, nossos dois melhores barqueiros, partiram afim de descer uma canoa pelo lado direito, e o coronel Rondon seguiu adiante para continuar a explorar o rio. Era acompanhado por um de nossos tres cães, o de nome Lobo. Após andar cerca de um quilômetro, ouviu à frente uma espécie de guincho que pensou ser dos macacos-aranhas. Caminhou em di-

reção do som e Lobo correu à frente. Em um minuto ouviu o cão uivar de dor, em seguida, ainda a uivar, correr para ele, enquanto o ser que guinchava também se aproximava, perseguindo-o. Num momento, um segundo gado de Lobo, acompanhado de silêncio, indicou que ele fora morto. O som do guincho, quando se aproximava, convenceu o coronel de que o cão fora morto por um índio, sem dúvida com duas flechadas. Provavelmente o índio estava guinchando para atrair macacos. Rondon disparou a carabina para o ar, para afugentar o índio ou índios que com toda a probabilidade nunca viram gente civilizada, e por certo não podiam imaginar que alguém andasse nas circunvizinhanças. Regressou em seguida para a base das corredeiras, onde a baldeação ainda prosseguia, e, acompanhado de Lira, Kermit e Antonio Parcéi, voltou para onde jazia o corpo de Lobo. Achou-o, como calculara, varado por duas flechas. A ponta de uma estava no corpo, e viram perto uma vara típica, usada na maneira muito primitiva dos índios pescarem. Foi Antonio quem reconheceu sua utilidade. Os índios, que na aparência eram dois ou três, haviam fugido. Deixamos naquele local algumas contas e bugigangas para mostrar-lhes que não estávamos zangados e que éramos seus amigos.

Enquanto isso, Cherric ficou postado acima, e eu em baixo das corredeiras, como sentinelas.

Luiz e Antonio Correia desceram com uma canoa sem acidente. A que viria a seguir, era a canoa nova, muito pesada e grande, feita de uma madeira mais pesada que a água. A corda que a sustentava rebentou e a canoa perdeu-se, quasi morrendo Antonio afogado. Perder a canoa foi prejuizo grande, porem maior ainda foi a perda do cadernal e das cordas. Significava isso que seria materialmente impossivel guindar canoas grandes so-

bre elevações mesmo baixas, morrotes ou pedras, tais como os que com frequência ladeavam as corredeiras que encontráramos. Não era prudente passarmos os quatro dias necessários à construção de novas canoas no lugar em que estávamos, devido ao perigo de ataque pelos índios. Além disso, as corredeiras seguintes podiam estar muito próximas, e nesse caso as novas canoas seriam um embaraço. No entanto as quatro canoas restantes não poderiam levar toda a carga e o pessoal completo, por mais que reduzíssemos as bagagens, pois estávamos resolvidos a tudo reduzir imediatamente. Tínhamos viajado dezoito dias e consumíramos cerca de um terço dos víveres e só havíamos percorrido 125 quilômetros, sendo de esperar que tivéssemos ainda de percorrer pelo menos cinco vezes, ou talvez seis ou sete vezes mais, aquela distancia. Em quinze dias descêramos corredeiras que no total representavam menos de setenta metros de diferença de nível; poucos metros em rampa geram uma corredeira perigosa quando o rio está cheio. Só possuíamos um barômetro aneroide para determinar nossa altitude, e, desse modo, só podíamos ter dela uma aproximação grosseira, mas era provavel que tivéssemos que descer mais dois ou tres tantos aquela altura, nas series de quedas à nossa frente. Até então a região pouco rendera em materia de alimentos, com exceção dos palmitos. Tínhamos já perdido quatro canoas e um homem, e nos achávamos em dominios de índios bravios que atiravam bem com o arco. Precisávamos, portanto, seguir com cautela, porém o mais depressa possível, afim de evitar-mos accidentes serios.

O melhor plano parecia ser descerem treze homens pela margem, seguindo pelo rio as quatro canoas restantes, amarradas duas a duas, ao lado deles. Se dentro de tres ou quatro dias não encontrássemos corredeiras muito

feias, de modo a termos oportunidade razoavel de viajar um bom trecho com velocidade razoavel, poderíamos em tal caso construir novas canoas — de preferencia duas pequenas, a uma grande. Abandonamos toda a bagagem que pudemos dispensar. Já era muito precario nosso conforto, mas então desistimos da maior parte deste. Cherrie, Kermit e eu vínhamos dormindo numa pequena barraca, e havia outra muito leve, para uma pessoa, para caso de emergencia. Ficou esta para abrigar minha cama de campo e os outros cinco penduraram suas redes sob a barraca maior. Isto significava que deixavamos para trás duas grandes e pesadas barracas. Tambem abandonamos uma caixa com instrumentos topográficos. Cada um arrumou seus objetos pessoais em sacos de viagem ou caixas, embora fosse muito pouca a redução de carga assim conseguida, pois tão pouca cousa tínhamos, que o único meio de conseguir apreciavel redução era ficarmos somente com as roupas do corpo.

As picadas de mosquitos e formigas eram para nós um aborrecimento, que em certos momentos melhor se chamaria tormento. Para os camaradas, porem, que na maioria andavam descalços, ou só usavam alpercatas — e nunca usaram nem usariam sapatos — o efeito era mais serio. Embrulhavam as pernas e pés em pedaços de lona ou de couro, e mesmo assim os pés de tres deles ficaram tão inchados que os impossibilitaram de andar, por pouco que fosse. O medico, cuja animação e jovialidade nunca afrouxaram, cuidou muito bem deles. Graças a isso, não houvera entre os camaradas, até então, senão dois ou tres casos ligeiros de febre. Administrava a cada homem, diariamente, meia grama — quasi oito grãos — de quinine, e uma dose dupla de tres em tres ou quatro em quatro dias.

Na manhã seguinte o coronel Rondon, Lira, Kermit, Cherrie e nove camaradas partiram a um de fundo, descendo pela margem, enquanto o médico e eu iam nas canoas geminadas, com seis remeiros, tres deles inválidos, por causa dos pés inflamados. Parávamos com frequencia, pois descíamos tres vezes mais depressa que os pedestres, e desenhavamos o curso do rio. Após quarenta minutos de percurso nas canoas, chegamos a algumas corredeiras; as embarcações, descarregadas, venceram-as sem dificuldade, enquanto as cargas eram baldeadas. Dentro de hora e meia estávamos a caminho outra vez, porem dez minutos depois, chegávamos a nova serie de corredeiras, onde o rio corria por entre ilhas, dando grandes voltas. As canoas grosseiras, sobrecarregadas, amarradas aos pares, se tornavam de manobra difficil, custando a obedecer ao leme. A corredeira surgira exatamente ao dobrar de uma curva viva, e fomos apauhdos pela parte superior da corrente acelerada, sendo assim forçados a transpor a primeira corredeira da serie. No par de canoas da frente estivemos por um triz a nos espatifar de encontro a grandes rochas sobre as quais fomos atirados por outra corrente que interferia com a primeira. Todos nós remando com toda a força — entre esbarros e pulos das canoas — nos safamos das dificuldades por um fio de cabelo, conseguindo alcançar a margem e amarrar as canoas. Por pouco que não houve grave desastre. O segundo par de canoas ligadas, aproveitando nossa experiencia, desceu com risco, porem menor, e foi ficar junto a nós. Retiraram-se então as cargas, e as embarcações vazias passaram pelos canais menos perigosos entre as ilhas.

Foi uma baldeação demorada e acampamos na base das corredeiras, tendo percorrido quasi sete quilômetros. Naquele ponto um ribeirão correntoso, de volume d'agua igual ao do rio da Dúvida no lugar onde iniciamos a descida,

desaguava nele vindo de oeste. O coronel Rondon e Kermit foram os primeiros a vê-lo, e o primeiro deu-lhe o nome de Kermit. Havia uma cachoeira de dois metros e tanto de altura justamente acima de sua foz. Acharnos ali abundancia de peixes. Lira pescou dois pacús, peixes grandes de corpo largo, deliciosos ao paladar. Antonio Parci disse que aqueles peixes nunca subiam corredeiras onde houvesse saltos que os obrigassem a pular. Nós-só podíamos fazer votos para que a previsão se justificasse, pois, em tal caso, as corredeiras que de futuro encontrássemos, raramente seriam tão difíceis de passar, que exigissem o transporte das pesadas canoas por terra. A passagem das com que até então nos tínhamos defrontado, exigira ingente labor e implicara algum perigo. Os fatos, porem, demonstraram que ele estava errado. As corredeiras peores encontravam-se à nossa frente.

Conquanto nosso rumo geral fosse quasi para o norte e algumas vezes para o nordeste, onde apareciam as corredeiras o rio em gera' se encaminhava para noroeste, com algumas exceções. Isto parecia indicar que, a leste de nossa diretriz, havia um prolongamento baixo, orientado para o noroeste, do planalto central que atravessáramos no dorso das bestas. Esse prolongamento aparece nos mapas daquela região com o nome de serra. Provavelmente ela estendia para oeste contrafortes em escalões e os pontos extremos destes, de quando em quando, produziam corredeiras em nosso percurso (pois elas em geral apareciam onde havia morros) e nessa ocasião inflectiam o rio para oeste, afastando-o de sua direção geral para o norte.

Estava agora indiscutivelmente verificado que o Dúvida era um rio caudaloso e de real importancia, e não um afluente secundario de algum outro afluente. Era ainda possível, porem muito pouco provavel, que caisse

no Gi-Paraná, de caudal mais ou menos volumosa como a dele perto da sua foz. Mais possível, porem não provavel, era que desaguasse no Tapajós. Era ainda provavel, embora longe de ser certo, que desaguasse no baixo Madeira, nas proximidades da junção deste ao Amazonas. Nesse caso, embora tambem sem muita probabilidade, podia ser que em sua foz se verificasse ser o Aripuanã. Não figura este nos mapas como rio de importancia apreciavel; numa boa carta geográfica da América do Sul que trazia comigo, seu nome não figurava em absoluto, embora um pontilhado, indicando um pequeno rio ou um ribeirão no lugar devido, quizesse provavelmente representá-lo. Não obstante, de acordo com o relatório de um de seus officiais subalternos e conversas de seringueiros, o coronel Rondon chegara à conclusão de que o Aripuanã era o maior afluente do Madeira, e de que com tal volume d'agua devia ter grande bacia. E supunha que o Dúvida fosse um de seus formadores — apesar de os mapas existentes representarem a conformação da zona de tal sorte que tornava impossivel a existencia de semelhante sistema fluvial e bacia hidrográfica. Os seringueiros diziam que tinham subido por varios dias a caudal, até um ponto em que apareciam fortes corredeiras, existindo acima delas o ponto de junção de dois rios volumosos, dos quais um vinha do ocidente. Para alem desse ponto encontravam difficuldades, devido à hostilidade dos indios; mas ninguem sabia informar qual o local exato onde se dava a junção. O coronel Rondon, em todo caso, havia ordenado a um de seus officiais, o tenente Piteneus, que procurasse ir encontrar-se conosco com embarcações e víveres, subindo o Aripuanã até o ponto de confluencia deste com o seu maior afluente. Fora aquele caminho seguido por Amílcar quando tinha sido enviado a tentar encontrar-se com os exploradores que em 1909 desceram o Gi-Paraná. Na-

quea ocasião a tentativa fracassou e os dois grupos nunca se encontraram, mas podíamos ter melhor sorte e, fosse como fosse, valia a pena arriscar.

Na manhã que se sucedeu ao estabelecimento do nosso pouso na foz do rio Kermit, o coronel Rondon teve grande trabalho para fazer preparar um grande marco a ser fincado na entrada do pequeno rio afluente do Dúvida. Convidou-me então e a todos os outros para assistirmos à ereção do marco. Encontramos os camaradas formados e o coronel preparando-se para ler a "Ordem do Dia". Foi pregada ao marco uma tabua com os dizeres "Rio Kermit" e o coronel leu a ordem, declarando que, cumprindo instruções do governo brasileiro e considerando que o rio desconhecido era uma importante caudal, solenemente lhe dava o nome de "rio Roosevelt". Essa cerimonia foi para mim uma completa surpresa. Tanto Lauro Müller como o coronel Rondon me haviam falado no assunto, mas eu e Kermit insistíamos com o maior empenho em que se conservasse o nome de rio da Dúvida. Pensávamos que "Rio da Dúvida" era magnífica denominação, sendo sempre conveniente conservar um nome dessa natureza. Os meus gentis amigos, porém, insistiram em contrariar-me, e seria grosseria de minha parte não aquiescer. Fiquei muito sensibilizado por aquela solução e pela própria cerimonia. Terminada a leitura, o coronel levantou vivas aos E. Unidos, a mim e a Kermit, que os camaradas secundaram com entusiasmo. Respondi com tres vivas: ao Brasil, depois ao coronel Rondon, a Lyra e ao Médico, e em seguida a todos os camaradas. Lira então observou que todos foram lembrados, menos Cherrie, dando todos tres vivas a ele; e a reunião se dissolveu numa atmosfera de grande alegria.

Imediatamente depois, os pedestres partiram em sua marcha descendente pela margem do rio, procurando bons paus para canoas. Dentro de um quarto de hora seguia-

mos nós por agua. Quando os alcançávamos, fazíamos alto até que se adiantassem uma boa distancia. Em breve encontraram sinais recentes de indios, e a seguir ouviram o rumor que estes faziam, fugindo apavorados. Acharam uma pequena aldeia de pesca que os indios acabavam de abandonar. As tres choças oblongas e baixas, de folhas de coqueiros, só tinham uma entrada para pessoas de gatinhas, sem outra abertura. Eram escuras no interior, sem dúvida como proteção contra os enxames de mosquitos. Deixamos em uma estaca, naquele aldeamento, um facão, um machado e algumas feiras de contas vermelhas na esperança de que os indios, voltando, achassem os presentes, ficando assim sabendo que eramos amigos. Vimos mais sinais dos indios em ambas as margens do rio.

Daí a cerca das duas horas e meia achamos um ribeirão que vinha de leste. Largo e pouco fundo, precipitava-se no ponto de confluencia, por sobre um lagedo inclinado, em lençol branco e verde. Era um lindo espetáculo e paramos para o admirar. Prosseguimos depois, até que, tendo viajado oito quilômetros, esbarramos num estirão com corredeira. As canoas desceram-na com um terço da carga, sendo os outros dois terços baldeados nos ombros do pessoal. Acampamos no fim da corredeira, pois havia perto bons paus para as duas canoas pequenas, que resolvêramos fazer. Depois que escureceu appareceram as estrelas; nas florestas profundas, o brilho das estrelas nas trevas do espaço, o fulgor sereno da lua e o esplendor das auroras e poentes, nunca são tão belos como nas vastas planuras descampadas.

No dia 19 que se seguiu, o pessoal iniciou a construção das canoas. A malfadada canoa grande fora escavada numa madeira tão dura que com dificuldade era trabalhada e tão pesada que os cavacos se afundavam nagua como chumbo. Mas aquellas novas árvores eram araputangas, de madeira mais facil de ser escavada e que boiava.

Grandes contrafortes ou escoras faziam saliência em seus troncos na base, e elas tinham frutas ou amendoas que ficavam em riste no extremo dos galhos. A primeira arvore que caiu estava podre, e ainda por cima fora cortada de tal modo que na queda detrubou outras arvores menores sobre a cozinha, pondo aí tudo de pernas para o ar, porem sem prejuizo serio. Trabalhadores, diligentes, e robustos como eram, os camaradas ainda assim não tinham a pericia dos nossos madeireiros do Norte.

Esperávamos concluir as duas canoas em tres dias. Foi roçada no mato uma clareira para nossas barracas. Por entre as arvores mais altas erguiam-se as pacoveiras, ou bananeiras silvestres, de enormes folhas. Nós nos banhávamos e nadávamos no rio, embora apanhássemos nele piranhas. As saúvas eram legião em torno do abaracamento. Recorrendo ao fogo, paramos com o movimento de todos os seus olheiros que achamos nas redondezas, mas à noite algumas entraram em nossas barracas e estragaram objetos que nos faziam muita falta. Muito cedo, pela manhã, appareceu uma correição de formigas, que repelimos tambem com fogo.

Quando o céu não estava encoberto o sol era muito quente e estendíamos tudo para secar. Havia muitas borboletas admiraveis na vizinhança, porem poucas aves. Mesmo assim, pela madrugada e à tardinha, ouvia-se bela música de aves na floresta. Os melhores cantores eram a nossa velha conhecida, a falsa araponga, com suas series de notas vibrantes e um arisco e harmonioso sabiá. Este andava muito pelo chão, com movimentos airosos, fazendo cortesias e erguendo a cauda; seu canto se assemelha em inflexão e sequencia ao do nosso pardal de coleira branca, embora de tom e ritmos diferentes.

Tres semanas se tinham passado desde nossa partida descendo o rio da "Dúvida". Havíamos percorrido seu curso sinuoso pelo trajeto de 140 quilômetros, com uma

queda de nível avizinhandose de 124 metros. Fora um avanço moroso. Não podíamos prever que obstáculos nos esperavam, nem se os índios se tornariam ativamente hostis. Mas os rios, em geral, têm um curso que descreve uma parábola, ficando na parte superior os declives íngremes; e esperávamos que de futuro não teríamos que encontrar tantos e tão difíceis corredeiras, como as já passadas, jornadeando assim com maior rapidez — esperança esta que estava destinada ao malogro.

DESCENDO UM RIO DESCONHECIDO  
EM PLENA FLORESTA EQUATORIAL

O mais caudaloso rio do mundo é o Amazonas, que corre do ocidente para o oriente, dos Andes para o Atlântico. Essa grande massa de aguas quasi acompanha em seu curso o equador, ao passo que a bacia abrangida pelos afluentes se estende por muitos graus para o norte e para o sul daquela linha. Essa gigantesca bacia fluvial equatorial é coberta de imensa floresta, a maior do globo, com a qual nenhuma outra pode ser comparada, salvo as da África Ocidental e da Malasia. Estávamos na orla do limite sul dessa grande floresta equatorial, em um rio que não só era desconhecido, como também nem sequer era suspeitado pois nenhum geógrafo algum dia sonhara que ele existia. Corria este rio em direção ao norte, para o equador, mas por onde iria, que voltas daria, qual o comprimento de seu curso, onde desembocaria, qual o carater do proprio rio e dos habitantes de suas margens — tudo isto estava por ser descoberto.

Enquanto eram construidas as canoas desci pela manhã com Kermít, a pé, afim de examinarmos as corredeiras alguns quilômetros abaixo. Achamos vestigios antigos de indios. Poucas aves havia e estas se conservavam no alto do arvoredos. Vimos rastos frescos de uma anta e, sob uma cajazeira, as pegadas de capivaras que estiveram comendo as frutas caidas. Essa fruta é deliciosa e constituiria uma valiosa contribuição para os nossos pomares. A cajazeira, embora tropical, é uma árvore robusta, de-

senvolve-se muito quando cultivada fora do mato e facilmente pega de galho. Nossa secretaria da agricultura devia verificar se ela se aclimaria no sul da Califórnia e na Flórida. O nome de família do médico provinha dessa arvore. Seu avô paterno, em'ora de sangue português, era um brasileiro de vivo patriotismo. Muito moço quando foi proclamada a independencia do Brasil, não quis conservar seu apelido português, e por isso o substituiu pelo da bela arvore brasileira em apreço. Essas mudanças de nomes são comuns no Brasil. O Dr. Vital Brasil, o homem que estuda o veneno das cobras, teve o nome escolhido por seu pai, cujo proprio nome de família era inteiramente diferente, sendo ainda diverso o nome de seus irmãos.

Caiam chuaradas tremendas, que duravam por duas horas, com trovões e relâmpagos. No conjunto, porem, tinha-se a impressão de que as chuvas eram menos pesadas e continuas do que haviam sido antes. Nós todos, uma ou outra vez, precisávamos auxiliar na construção das canoas. Kermit, com Antonio Parecí, voltou até o ribeirão que vinha de leste, para fazer um relatório sobre ele ao coronel Rondon. Lira fazia observações do sol e das estrelas. Estávamos cerca de 11.º 21', de latitude sul, e ao norte do lugar de onde partíramos. O rio tinha serpeado de tal sorte que, viajando meia legua, avançavamos um quarto de legua para o norte. Nosso progresso tinha sido muito vagaroso; enquanto não saíssemos da região das corredeiras, que se sucediam, não era provavel que pudéssemos adiantar-nos com maior rapidez, tais os trabalhos e riscos que elas nos traziam.

Na manhã de 22 de março partimos com as nossas seis canoas e percorremos dez quilômetros. Viinte minutos após a partida chegámos ás primeiras corredeiras. Todos seguiram a pé, exceto os tres melhores remadores, que levaram as canoas uma após outra, em uma hora de

trabalho. Logo depois encontramos uma colméia na copa de uma árvore que pendia sobre o rio; nosso piloto subiu para tirar o mel, mas ah! perdeu tudo ao descer. Chegamos a um pequeno salto a prumo, que não nos atrevemos a descer nas canoas sobrecarregadas, toscas e banzeiras como eram. Por fortuna, foi possível seguirmos por um braço profundo, que dava voltas por espaço de um quilómetro, reentrando no rio a cinquenta metros de distancia de onde partira, exatamente abaixo do salto. Depois de hora e meia de navegação, a contar da partida, deparou-se-nos uma longa serie de corredeiras que nos tomou seis horas para a descida, e acampamos, por isso, junto ao remanso inferior. Tudo foi retirado das canoas e estas desciam uma após outra sustentadas pelas cordas e mesmo assim quasi perdemos uma.

Descemos pela margem direita. Na oposta havia uma taba de índios, evidentemente só habitada na época da estiagem. Os talhos em troncos de árvores indicavam que estes índios possuíam machados e facões, e havia roças antigas em que milho, feijão e algodão tinham sido cultivados. As seringueiras eram numerosas. Num grupo de árvores altas as copas estavam cobertas de flores amarelo-claras. Outras ostentavam flores vermelhas. Muitas das árvores maiores tinham o tronco abrigado em grandes placas finas de sustentação. Outras, tanto palmeiras como árvores comuns, mostravam uma particularidade ainda mais estranha: o tronco, proximo à base, ou algumas vezes a dois ou tres metros do solo, se dividia em um número de doze a vinte braços ou pequenos ostipes, que desciam inclinados em forma abarracada, transformando-se cada um numa raiz. As maiores árvores desse tipo, davam idéia de repousar os troncos no topo de uma armação cônica de choça de índios peles-vermelhas. Num ponto do rio, com grande surpresa vi-

mos um peixe voador. Voou sobre a água, como uma andorinha, pela distancia de mais de vinte metros.

Embora o avanço fosse somente de dez quilômetros, o trabalho tomou o dia todo e as últimas canoas foram descidas e amarradas à barranca ao cair da noite, tendo sido nossas barracas armadas depois de escurecer.

No outro dia adiantamo-nos treze quilômetros, tendo viajado, ao todo, durante uma hora e tres quartos. Seis horas levamos a passar um grupo de corredeiras, onde a baldeação por sobre terreno acidentado e pedregoso era de um quilômetro. As canoas passaram vazias — foi uma artiscada descida, em que uma delas virou.

Quando descíamos, derivando ou a remo, os trechos de águas velozes e mansas, era muito agradável. Ao partirmos pela manhã o dia estava carregado e o ar saturado de vapor. À nossa frente o rio, debruado pela mata, corria em duas muralhas verdes esfumadas pela neblina. O sol em seguida atravessou o nevoeiro, refulgindo a princípio num rubro esplendor que primeiro se mudou em côr de ouro e depois numa alvorada de metal em fusão. Naquela luz cegante, sob o azul vivo do céu, cada detalhe da floresta majestosa se oferecia nítido ao olhar: as árvores gigantes, o entrelaçado do cipóal, os recessos escuros sob abóbas de verdura, em que as trepadeiras recobriam tudo. Onde havia alguma grande rocha mergulhada, a superfície do rio se encrespava em ondulações. Em certo ponto uma rocha piramidal se erguia no meio da caudal, a dois metros sobre a água. Achamos nas margens sinais recentes de indios.

Lá em nossa terra, no Vermont, Cherrie é um agricultor com uma propriedade de seiscentos acres, na maior parte de mata. Enquanto, sentados na base das corredeiras, esperávamos ver as últimas canoas, com seus remadores apontarem na curva de águas revoltas, falávamos so-

bre a primavera do norte que estava justamente a começar. Ele vende creme, galinhas, ovos, batatas, mel, e às vezes carne de porco e de vaca; mas naquela época era a estação da colheita do açúcar da árvore chamada bôrdó. Tinha ele um pomar de tais árvores onde já "sangrava" mil e duzentas, tendo a esperança de em breve poder "sangrar" outras tantas. "A quadra agora é trabalhosa para Fred Rice", dizia Cherrie. Esse Fred Rice era o encarregado contratado, e, na época da colheita do açúcar, os filhos de Cherrie ajudavam-no com entusiasmo, recebendo, porém, o justo pagamento pelo serviço que prestavam. Havia muita vida silvestre no terreno da fazenda, embora fosse próxima de Brattleboro. Uma noite, no começo da primavera, um urso deixou suas pegadas perto da casa do açúcar; e de vez em quando Cherrie fora obrigado a dormir na lavoura para espantar os veados do feijoad e das plantações de couves e beterrabas.

A vida alada era escassa na mata, mas Cherrie continuou obtendo espécimes novos para a coleção. Naquela parada matamos um papa-formigas interessante. Do porte de uma toutinegra, preto retinto, com o reverso das asas e da cauda branco, algum branco entre as penas da cauda, tinha uma grande pinta branca no dorso, comumente quasi oculta, por serem as penas ali compridas e crespas. Quando atiramos o pássaro, que era macho, estava ele fazendo festas a um passarinho menor de coloração escura, sem dúvida a fêmea; e a nota mais viva de sua plumagem era aquela mancha branca das costas. Levantava ele as penas brancas, ostentadas de modo que aquele ponto brilhava como o "crisântemo" sobre o nosso veado aspa-de-garfo, quando alertado por qualquer motivo. No sombrio da mata não era facil ver o pássaro, mas o brilhar daquela mancha de penas alvas denunciava-o imediatamente, chamando a atenção. Era um exemplo excelente do caso em

que a côr típica serve unicamente para denunciar a presença da ave. Ao que parecia, a exibição em que vimos o pássaro era um galanteio à femêa. Ele estava pousado num galho a cerca de dez metros de altura.

Pela manhã, precisamente ao partirmos do lugar do peruoite, uma anta atravessou a nado o rio, um pouco acima do ponto onde estávamos. Infelizmente não conseguimos atirá-la. Um farto suprimento de carne de anta seria para nós de grande utilidade. Tínhamos partido com viveres para cinquenta dias, mas não de rações completas, se por isto significarmos ter cada homem quanto desejasse comer. Fazíamos duas refeições diárias um tanto reduzidas — tanto as nossas como as dos camaradas — exceto quando obtínhamos palmitos. Para nossa mesa tínhamos as latas arranjadas por Fiala, cada uma com as rações de seis pessoas, o que era o nosso caso. Mas fazíamos cada lata durar dia e meio, e além disso repartíamos um tanto de nossos alimentos com os camaradas. Somente nas raras ocasiões em que matávamos algum macaco ou nutum, ou quando apauhavamos algum peixe, todos comiam a fartar. Aquela anta seria um achado. Até então, a caça, o peixe e as frutas tinham sido por demais escassos para influírem em nossa reserva de alimentos. Numa expedição como a nossa, percorrendo zona totalmente desconhecida, sobretudo em mataria fechada, pouco tempo se pode perder em paradas e não se pode ficar na dependência da caça. Só em regiões como o norte e oeste americano ha trinta anos, ou a África do Sul no meio do século passado, ou a África Oriental agora — poderia a caça constituir base de alimentação. Naquela viagem, a única contribuição positiva da zona para nosso sustento, fora o palmito. Dois homens eram diariamente escalados para tirar palmitos destinados à cozinha.

Quilômetro e meio após deixarmos aquele acampamento encontramos uma sucessão de grandes encachocirados. O rio ali serpenteava em voltas e contravoltas, e na tarde precedente ouvíamos o escachocar daquelas corredeiras. Depois, deixáramos de o ouvir, mas Antonio Correia, nosso melhor homem para os serviços náuticos, insistia sempre em que o barulho anunciava encachoeirados peores do que todos que desde alguns dias vínhamos encontrando. "Cresci dentro d'água e conheço, como o peixe, todos os seus ruidos", dizia ele. E tinha razão. Tivemos que baldear as cargas quasi pelo trecho de um quilômetro naquela tarde, sendo as canoas erguidas para a barranca, de modo a estarem prontas para, na manhã seguinte, serem arrastadas sobre os rolos de paus. Rondon, Lira, Kermit e Antonio Correia exploraram as duas margens do rio. Na margem oposta, ou esquerda, acharam a foz de um rio volumoso, maior que o rio Kermit, que vinha de oeste, entrando no rio Roosevelt a meio das corredeiras. Denominamos este rio "Taunay", em honra de um distinto brasileiro, soldado, explorador e senador, que foi tambem escritor notavel. Kermit tinha consigo dois de seus romances, e eu tinha lido um de seus livros sobre uma desastrosa retirada durante a guerra do Paraguai.

Na manhã seguinte, dia 2, as canoas foram arrastadas para baixo. Feita a picada e colocados os rolos, no meio das corredeiras Lira e Kermit, que dirigiam o serviço e contribuíam no esforço de empurrar e puxar, lançáram-nas em um canal de águas mansas, poupando assim muito trabalho pesado. A proporção que diminuíam nossas provisões, mais nos esforçávamos para poupar a força dos homens. Mais um dia e arredondávamos um mês desde nossa entrada no rio da Dúvida — como havíamos partido em fevereiro, havia coincidência entre o mês lunar e o do calendario. Tínhamos consumido para mais de metade dos nossos víveres e só era de pouco mais de

160 quilômetros nosso avanço, em consequência do número e natureza das corredeiras. Supúnhamos que ainda tres ou quatro vezes essa distancia nos separava dos pontos do rio onde poderíamos esperar auxilio, fosse dos seringueiros, fosse de Pireneus, se este realmente estivesse subindo o mesmo rio que descíamos. Se os encachoeirados continuassem a ser tão feios como estavam sendo, antes de tres semanas estaríamos em apuros para obter alimento, além dos perigos sempre possiveis de accidentes nas corredeiras; e se nosso avanço não fosse mais rápido do que estava sendo — tudo fazíamos para que o fosse — teríamos, em tal caso, varias centenas de quilômetros de um rio desconhecido à nossa frente.

Não nos era possível arriscar suposição alguma sobre esse ponto. O rio agora era um grande caudal e parecia impossivel que fosse cair no Gi-Parauá ou no Tapajós. Talvez fosse ao Canumá, um grande afluente do baixo Madeira, e só inferior em volume ao Tapajós. Era, porem, mais provavel que fosse a parte alta do Aripuanã, um rio que, segundo já disse, nem sequer figurava no excelente mapa inglês do Brasil que eu possuia. Nada dele, exceto a foz, era conhecido de qualquer geógrafo; mas o curso inferior havia muito era conhecido pelos seringueiros, e recentemente uma comissão do Governo do Amazonas subira em parte um de seus braços — mas não até onde os seringueiros haviam chegado; e como depois se verificou, era um braço diverso do que nós descíamos.

Dois de nossos homens estavam prostrados pela febre. Outro, Julio, um latagão, era por completo inutil, mau e preguiçoso de nascença, coração de malvado feroz num corpo de touro. Os outros eram homens bons, e alguns destes, em verdade, ótimos.

Aquele novo acampamento era muito ameno, à beira de uma enseada, na qual o rio se alargava abaixo das cor-

redeiras. Na praia arenosa nos banhávamos e lavávamos as roupas. Em todo o redor, do lado fronteiro à enseada, margeando a avenida aquática que o rio formava, se erguia a mata imponente. Havia bandos de periquitos de cor verde, azul e vermelha. Gritavam no alto. Grandes tucanos de coloração verde-garrafa brilhante, pescoço branco engravatado de rubro, sobrecauda vermelho-amarela, e enormes bicancas em preto e amarelo.

O solo era ali fértil, e seria um ótimo local para o plantio de café, quando esta região fosse aberta ao povoamento. Por certo uma terra tão rica e fértil não poderia continuar desaproveitada, como deserto sem dono, enquanto nas cidades superpovoadas do Velho Mundo legiões de seres humanos se acotovelam. As próprias corredeiras e saltos que agora tanto dificultavam nossa navegação, inçando-a de perigos, alimentariam transmissões elétricas para cima e para baixo e a grande distância para cada lado; tocariam moinhos e fábricas, e levariam a iluminação aos trabalhos das fazendas. Com a sua colonização e o rápido progresso na ciência de combater e dominar as moléstias tropicais, o receio de perigos para a saúde teria de desaparecer. Uma terra como aquela era hostil para os primeiros exploradores, e talvez para seus imediatos sucessores, mas não para os que após estes viessem.

Ao meio da tarde, estávamos de novo embarcados, nas canoas, mas remáramos rio abaixo apenas alguns minutos, percorrendo um quilômetro apenas, quando o roncar de corredeiras à nossa frente, nos forçou de novo a encostar no barranco. Como sempre, Rondon, Lira e Kermit, com Antonio Correia, seguiram para examinar ambas as margens, enquanto se organizava o acampamento. Os encachoeirados eram mais extensos e inclinados que os precedentes, mas junto à margem oposta, a

de oeste, havia uma passagem pela qual nos parecia possível descer as canoas vazias, só varando-as em terra para serem arrastadas, em um trecho de poucos metros, num só ponto perigoso.

As cargas precisavam ser descidas pela margem, pelo percurso de um quilômetro, até o remanso inferior. O rio espumava tumultuoso entre grandes massas arredondadas de rochedos, e em certo ponto caía de um degrau de dois a tres metros de alto. Achamos e comemos ananases silvestres. O feijão do mato estava florescendo. Ao jantar tivemos um tucano e dois papagaios, que achamos excelentes.

Todo o dia seguinte foi empregado por Lira a dirigir os tres nossos melhores remeiros, que desciam as canoas pelo canal da margem ocidental, até a base das corredeiras, para onde, nesse meio tempo, fora transferido o abarracamento. Na mata, alguns dos grandes cipós ou trepadeiras compridas grossas como cabos, tinham cachós de perfumadas flores. Os homens acharam varios pau de mel e frutos de qualidades diversas, assim como pequenos cocos. Puseram abaixo varias palmeiras para tirar os palmitos, e, o que era mais importante, juntaram uma porção de grandes castanhas brasileiras que, assadas, têm o sabor das melhores castanhas e são nutritivas. Pescaram certo número de grandes piranhas muito boas para comer, e assim nos banqueteamos todos, com alimento a fartar.

Naquelas corredeiras na queda vertical, Cherrie descobriu alguns estranhos desenhos gravados numa face lisa da rocha. Eram, evidentemente, trabalho humano de épocas inmemoriais. Pelo que se conhece, os indios das cercanias não fazem atualmente esses sinais rupestres. Estavam em dois grupos, um sobre a face da pedra voltada para a margem, e outro na face fronteira às aguas, estando este quasi desaparecido. Na face plana mais alta

da pedra, consistiam em quatro circulos concentricos, muito bem traçados, tendo a figura meio metro de diâmetro, com um ponto central;  por baixo desta, no flanco da pedra, quatro M ou quatro W invertidos. 

É claro que não podíamos ter a menor idéia da significação de tais símbolos nem de quem os houvesse executado. Era possível que, num passado muito remoto, algumas tribus de indios, de cultura relativa mais adiantada, tivessem passado por aquele rio encantador, exatamente como então nós estávamos fazendo. Antes que o homem branco chegasse à América do Sul, nesta já haviam existido varias semi-civilizações, primitivas algumas, outras francamente adiantadas, que surgiram, floresceram e se extinguiram.

As vicissitudes da historia da humanidade durante sua existencia no continente austral foram tão estranhas, variadas e inexplicaveis, como succedeu, conforme a paleontologia demonstra, com a historia das formas mais elevadas da vida animal, durante a idade dos grandes mamíferos, no mesmo continente. O cel. Rondon declarou que tais inscrições não existiam em parte alguma de Mato Grosso que ele houvesse percorrido, sendo alem disso bastante estranhavel que existissem naquele ponto do rio desconhecido, jamais percorrido por homens brancos, que iamos descendo.

Na manhã seguinte jornadeamos cerca de tres quilômetros e chegamos a alguns morros íngremes, bonitos para serem vistos, vestidos da espessa mata tropical, porem tristes pressagios de unvas corredeiras. E de fato, logo

---

NOTA DO TRADUTOR: — As inscrição rupestres, chamadas "itacoatiaras", são comuns no vale do Amazonas. O dr. Luciane Jaques de Moraes publicou a memoria "As Inscrições Rupestres do Brasil", que elucida o assunto.

adiante tivemos de fazer alto e de nos preparar para uma grande baldeação. As canoas foram descidas sem cargas e mesmo assim arriscamos, por um tris, a perder duas, as geminadas, nas quais eu de ordinario viajava.

Num cotovelo agudo das corredeiras, entre dois grandes remoinhos, elas foram arrastadas por entre as pedras, sob o entrançado das galhadas que pendiam da margem. Ficaram inundadas e a correnteza veloz immobilizou-as, deixando uma quasi trepada na outra. Todos nós tivemos que ajudar a desembaraçá-las. Suas ligações foram cortadas a machado e Kermit com seis homens, em pelo, se dirigiram a uma ilha de pedras situada logo acima das canoas, e dali atiraram uma corda que nós amarramos à canoa mais próximo deles. Eu e o resto da turma, metidos nagua até as axilas, mal podendo equilibrar-nos, em meio da corrente forte, a escorregar e a cair sobre as pedras, erguíamos e empurrávamos a canoa, enquanto Kermit com seus homens puxavam a corda, que iam firmando em uma árvore meio submersa. As canoas foram varadas na ilha rochosa, onde lhes despejaram a agua, seguindo depois rio abaixo com dois remadores. Eram quasi quatro horas quando ficamos prontos para seguir de novo, pois fomos atrasados por uma pancada de chuva que não deixava enxergar a outra margem do rio. Dez minutos de viagem nos levaram ao começo de nova serie de corredeiras, e os que seguiram adiante, em reconhecimento, regressaram avisando que tinhamos à nossa frente serviço para um dia inteiro; assim, acampamos sob a chuva, o que não tinha grande importancia, pois já estávamos encharcados até os ossos. Era impossivel, com a lenha molhada, conseguir uma fogueira boa para secar toda a roupa, pois a chuva continuava a cair. De nossa canoa vimos uma anta, mas naquele momento estávamos rolando em círculo num remoinho e eu por mim não a vira com tempo para atirar.

Na manhã seguinte descemos um quilômetro e desembarcamos na outra margem. As canoas foram des-cidas, sendo as cargas baldeadas até a margem de um pequeno rio que entrava pelo oeste, e foi, pelo cel. Rondon, batizado como rio Cherric. Atravessâmo-lo sobre uma pinguela forrada por uma grande árvore derrubada pelo Macario, um dos nossos melhores camaradas. Acampamos ali, enquanto Rondon, Lira, Kermit e Antonio Correia, examinavam o que havia à frente. Estiveram ausentes até o meio da tarde, voltando com a noticia de nos acharmos entre cadeias de serras baixas, totalmente diversas, em formação, da região do altiplano, à qual pertenciam as primeiras corredeiras que se nos depararam a 2 de março. O rio precipitava-se por uma garganta de uns tres quilômetros entre os primeiros morros logo à nossa frente. O grotão era tão apertado e íngreme que seria impossível arrastar sobre ele as canoas, não sendo poucas as dificuldades que oferecia até mesmo para a baldeação das cargas. O cachoeirado era tão forte, com varios saltos, sendo um de dez metros, pelo menos, que não poderíamos saber quantas canoas conseguiríamos fazer transpor aquela barreira. Kermit, que era o único perito em trabalhar com as cordas, era tambem o único que acreditava podermos descer as canoas; claro que era possível podermos fazer novas canoas, no final das cachoeiras, para substituírem as que fossem perdidas ou abandonadas. Em face da extensão e do caracter da baldeação, de todas as desagradaveis possibilidades futuras e da necessidade de poupar cada quilo de viveres, tornava-se imperiosa a redução dos pesos de todos os modos possíveis, abandonando-se tudo o que não fosse de estrita necessidade.

Estávamos convictos de ter já reduzido bem a bagagem, mas agora foram precisas medidas mais extremas.

Conservamos a pequena barraca para abrigo de todos os seis. Como os sapatões de Kermit estavam acabados pelo muito trabalho que vinha fazendo nagua, ficou ele com o par que eu estava usando e eu calcei o par de reserva. Além da roupa do corpo conservei uma muda de pijamas, um par de ceroulas e outro de meias para trocar, seis lenços, minha bacia de rosto, a farmacia de bolso, um estojo com os meus óculos de sobressalente, o óleo da espingarda, esparadrapo, agulhas, linha e droga para afastar os pernilongos, além da carteira com a ordem de pagamento de que me utilizaria em Manaus. Isso tudo ia dentro do fardo contendo minha cama de vento, com o cobertor e o mosquiteiro; levava ainda uma cartucheira com munições, gaze para a cabeça e luvas. Kermit renunciou ainda a mais cousas, e os outros mais ou menos tanto como ele.

Os últimos tres dias de março foram empregados em atingirmos a base daquele desfiladeiro encachocirado. Lira e Kermit, com quatro dos melhores remadores, manobraram as canoas descarregadas. O serviço, além de pesado e difícil ao extremo, era arriscado. As paredes da garganta eram tão empinadas, que em certos lugares tinham cles que se equilibrar sobre estreitas beiradas da pedreira, para dali irem afreuxando a corda que sustinha as canoas.

Ao mesmo tempo Rondon escolhia o traçado para a picada a ser aberta para os carregadores e dirigia a baldeação das cargas. As margens pedregosas da garganta eram excessivamente inclinadas para que homens com cargas tentassem passar por ali. Em consequencia, a picada teria que transpor a crista da morraria, subindo e descendo as vertentes íngremes de solo pedregoso e coberto de mata. Era tarefa penosa carregar pesadas cargas em semelhante percurso.

Do alto do morro, por uma aberta da mata, de um socalco de rocha, tinha-se magnífica vista da região circunvizinha. Ao redor e diante de nós, cadeias de morros baixos, da altura das cumiadas menos altas dos Alleghanis. Suas vertentes, fortemente inclinadas, eram cobertas da compacta vegetação das florestas tropicais. Nosso acampamento ao fim da garganta aparecia quasi em baixo, partindo dali o rio num estirão retilíneo, rebrilhando na extensão de um quilômetro sua faixa de aguas claras; sumia-se depois por entre morros, o que nos fazia esperar novas corredeiras. Era um panorama digno de admiração; por mais bela, porém, que fosse a brilhante fita líquida que víamos em frente, a natureza do terreno prometia-nos mais difficuldades e privações, fadiga exaustiva e especialmente maior demora; e o tempo era questão seria para quem já estava com as provisões começando a escassear, cujo equipamento estava reduzido ao minimo, tendo labutado arduamente durante um mês, conseguindo lento progresso, sem qualquer idéia da distancia que tinha ainda a vencer, nem das difficuldades que o aguardavam.

Não havia nas matas muitos seres vivos pequenos nem grandes. Os pássaros eram raros, embora de vez em quando os esforços incansaveis de Cherrie fossem recompensados por alguma especie nova para a coleção. Descobrimos rastos de antas, veados e cotias; e, se dedicássemos alguns dias só a caçar, poderíamos talvez matar alguma cousa; mas as probabilidades eram muito incertas, a tarefa, que desempenhávamos, por de mais ardua e cansativa, muito grande o empenho de ganhar terreno, e pesando isso tudo não nos conformávamos em perder qualquer parcela de tempo por essa forma. As caçadas haviam de ser feitas incidentemente. Semelhante mataria quasi impenetravel, era da especie que mais difficil se torna apanhar ainda mesmo as pequenas caças, que passam. Um casal de mutuns e um grande macaco foram

mortos por Kermit e pelo coronel. No dia em que o macaco foi trazido, Lira, Kermit e seus quatro ajudantes tinham estado desde a madrugada até o por do sol na aspérrima e por vezes perigosa lida entre as pedras, dentro da gua, encachocirada, e por isso a carne fresca foi de grande oportunidade. A cabeça, os pés, a cauda e o couro foram cozidos para os cães famintos. A cada um de nós tocaram alguns bocados de carne e como foram eles apreciados!

Cherrie, além de estar sempre em busca de aves nas horas vagas, ajudava em todas as emergências. Era um veterano do trabalho nos sertões tropicais. Conversávamos juntos, muitas vezes, sobre coisas varias, pois nossas opiniões relativas à vida, aos deveres do homem para com sua esposa e filhos, para com os outros homens e mulheres, e para com a nação, na guerra e na paz, eram idênticas em seus pontos capitais. Seu pae servira durante toda a guerra civil num regimento de cavalaria de Iowa, onde se alistara como soldado raso, e donde saíra como capitão; seu esterno fora espedaçado por uma coronhada numa luta corpo a corpo, em Shiloh.

Durante aquella baldeação o tempo nos favorecera. A época das chuvas já chegava ao seu termo. No último dia do mês, quando mudamos o acampamento para o extremo do desfiladeiro, tivemos um temporal com trovões e raios; mas depois, não fomos importunados pela chuva até a última noite ali, ocasião em que choveu pesadamente, entrando agua pelo toldo ao ponto de molhar minha cama e as cobertas. No entanto dormi confortavelmente, enrolado no cobertor molhado. Sem ele eu teria passado mal; um cobertor em tais casos é indispensável, a bem da saúde. No terceiro dia Lira e Kermit, com seus valentes e operosos remadores, depois de arduo labor, conseguiram descer cinco canoas pela peor das corredeiras, até à

queda alta. A sexta canoa, esguia e fraca, tivera o fundo arrombado nas pedras denteadas do encachoeirado. Nessa noite, embora eu julgasse ter pendurado as roupas a salvo, os cupins e as formigas saúvas foram a elas e furaram um sapato, comeram uma perna da ceroula, e rendilharam o meu lenço; agora eu nada tinha para substituir tudo o que fora destruído.

No dia seguinte Lira, Kermit e seus homens trouxeram as cinco canoas até o acampamento. Tinham efetuado em quatro dias um trabalho de incrível dificuldade e da máxima importância; à primeira vista, parecia absolutamente impossível evitarmos abandonar as canoas, quando vimos que o rio se precipitava, encachoeirado, no fundo de um grotão entre paredões a pique.

A 2 de abril, mais uma vez arrancamos, perguntando-nos a nós mesmos se não iríamos encontrar novas corredeiras junto aos morros em frente, e se num lapso razoável de tempo estaríamos, como indicava o barômetro, em nível tão baixo que forçosamente jornadeáramos, ao menos por alguns dias, sem encontrar obstáculos. Passaramos justamente um mês a vencer uma serie ininterrupta de corredeiras e saltos.

Durante esse mês, avançáramos apenas cerca de 110 quilômetros, descendo perto de 150 metros — os números são aproximados, mas quasi exatos (\*). Perdêramos quatro canoas com que partimos, mais uma que havíamos construído, e a vida de um homem; e morrera um cão, cuja vida, com toda a probabilidade, salvara a do cel. Rondon. Numa linha reta para o norte, colimando nosso

---

(\*) *Nota do A.* — Os primeiros quatro dias, antes de encontrarmos as primeiras corredeiras, e durante os quaes percorremos cerca de 70 quilômetros, é claro que não estão incluídos, pois só me refiro à descida pelas corredeiras.

presumível objetivo, não havíamos percorrido mais de uns dois quilômetros por dia, à custa de esforços ingentes de toda a comitiva, de muito risco para alguns de seus membros, e de uma parcela de riscos e provações para todos. Muitos dos camaradas estavam desanimados, o que era natural; e em certas ocasiões perguntavam a algum de nós se esperávamos, realmente, sair daquela situação com vida; e precisávamos animá-los o melhor que podíamos.

Nossa rotina continuou a ser a mesma no correr de alguns dias. Não nos adiantávamos mais de tres quilômetros diários. A maior parte da comitiva seguia a pé quasi sempre; as canoas levavam as cargas até encontrarmos o alto de uma serie de encachoeirados, que absorviam os dois ou tres dias seguintes. O rio corria precipite por uma garganta selvagem, um grotão ou abismo entre duas montanhas. Suas vertentes eram muito íngremes, simples paredões de rochas embora em muitos pontos tão recobertos de vegetação luxuriante de árvores e arbustos que saíam das fendas, e de musgo verde, que difficilmente se via a rocha nua.

Rondon, Lira e Kermit, que abriam a marcha, deram com uma pequena região plana, com uma praia de areias, e mandaram aviso para ali acamparmos, enquanto seguiam por varias horas a explorar o terreno à frente. As canoas foram descidas sem cargas, sendo estas transportadas com enorme sacrificio pelas rampas da pedraria; esse caminho era tão difficil que achei duro percorrê-lo carregando somente minha carabina e o saco de cartuchos. Os exploradores voltaram dizendo que as serras continuavam à nossa frente, havendo corredeiras até onde tinham chegado. Nossa única esperança era que se o aneroide não estivesse desarranjado, em breve nos acharíamos em terreno comparativamente plano. O pesa-

díssimo trabalho, sob regime de alimentação incompleta, estava influido no físico e no moral dos camaradas; Lira e Kermit, além de seus outros serviços, trabalhavam braçalmente tanto quanto eles.

No dia seguinte, 3 de abril, iniciamos a descida daqueles sinistros encachoêirados do grotão. O coronel tinha subido ao espigão do morro, à procura de melhor caminho para os carregadores, mas não o encontrou, por isso tinham mesmo que ladear a ravina. Exploração como a que empreendêramos, necessariamente envolvia arduo e perigoso trabalho, riscos de toda a especie. Descer um rio desconhecido, entrecortado de cataratas e corredeiras, precipitando-se entre serras cuja existencia nunca fora suspeitada, não se parecia nem de longe com o percurso ainda de rio francamente perigoso, mas já minuciosamente explorado, tornando-se de certo modo estrada batida, de modo que se podem obter pilotos experientes para guias, ao mesmo tempo em que as baldeações já foram examinadas, as picadas já abertas, sendo de antemão conhecida cada feição perigosa das corredeiras.

No nosso caso, ninguém podia prever que o rio rasgara sua passagem entre cadeias de serras alcantiladas, rompendo por estreitos canais ladeados de paredões de rocha quasi verticais.

Quando um rio entra assim em "talhadões", ou "canyons", como diríamos no Oeste norte-americano, e as montanhas são muito íngremes, torna-se impossivel, quasi, descer as canoas por agua, e de todo inviavel arrastá-las por terra ao longo das encostas aspérrimas, onde a baldeação das cargas sobre morros é tarefa difficilissima e trabalhosa em extremo. Ademais, ninguém poderia dizer quantas vezes teria de ser aquilo repetido, ou quando se acabariam as dificuldades e até quando duraria a provisão de viveres; cada hora de trabalho nas corredeiras era

uma ameaça de possível gravíssimo desastre, sendo no entanto imperativamente necessário arrostá-lo, tudo isto ocorrendo em um sertão deshabitado, ou antes, povoado por índios inamistosos somente, onde o malogro em atravessá-lo significaria a morte por molestias e pela fome.

Desastres em barca, têm sido frequentes em expedições na América do Sul. A primeira tentativa recente para descer um dos rios desconhecidos que vão ao Amazonas, partindo do altiplano brasileiro, resultou em um desses desastres. Foi empreendida em 1889 por uma comitiva tão grande como a nossa, sob a direção de um oficial de engenheiros brasileiro, o coronel Teles Pires. Ao descer uma corredeira perderam tudo: canoas, víveres, remédios, ferramentas — perda completa. As febres prostraram-n'os e depois veio a fome. Pereceram todos, exceto um oficial e dois homens que, meses depois, foram socorridos. Recentemente, na Guiana, um veterano dos sertões, André, perdeu dois terços de sua gente vitimados pela fome. A verdadeira exploração do sertão bruto é tão perigosa quanto a guerra. A conquista da natureza selvática exige vigor excepcional, audácia e intrepidez, e custa ao conquistador preço elevado em saúde e vida.

Lira, Kermit e Cherrie, com quatro homens, manobram as canoas trazendo-as a meio caminho pelo grotão abaixo. A cada momento surgia a dúvida — passa ou não passa — em repetidos pontos. Em um trecho, o canal da torrente em furia só tinha quinze metros de largo. Perdeu-se uma canoa, de modo que, das seis com que partimos, só restavam duas. Cherrie trabalhava por vezes como os outros, servindo para eles também de sentinela, pois era claro que naquele trabalho não podiam levar as carabinas. A experiencia de Kermit na construção de pontes era preciosa, pois lhe permitiu organizar o serviço das cordas, sem o que seria impossível fazer as canoas

descerem pelo grotão. Ele e Lira haviam estado, agora, em serviço na agua durante dias seguidos. Nunca tinham secas as roupas. Seus calçados estavam estragados. As contusões nos pés e pernas se tornaram em feridas. No corpo, algumas picadas de carrapatos fizeram chagas inflamadas, como em geral acontecia a todos nós. Formigas venenosas, mutucas, pernilongos, carrapatos, maribondos, abelhinhas eram tormento permanente. Não entanto, ninguém fora picado por cobra, escorpião ou centopéia, embora tivéssemos matado todas essas tres especies de animais dentro dos acampamentos.

Sob a influencia de tais fatores a maldade que existe no íntimo de alguém vem à tona. Nesse dia ocorreu uma tragedia singular e terrível. Um dos camaradas, por nome Julio, de puro sangue branco e a cujo respeito já falei, era um robusto individuo que insistira de modo importuno em ir com a expedição, gozando bom nome como trabalhador. Mas, como tantos outros de classe mais elevada que a sua, não fazia idéia do quanto importava essa expedição em sacrificios, e, sob a pressão da fadiga, provações e perigos, sua natureza se revelou em seu fundo real de egoismo, ferocidade e covardia. Ele se esquivava a qualquer serviço alegando estar doente, ninguém conseguindo que realizasse seu quinhão de trabalho; apesar disso, diferente de seus parceiros briosos, estava sempre com descaramento, a pedir favores. Kermit era o único dentre nós que fumava, e sempre dava um pouco de fumo a alguns dos camaradas que especialmente trabalhavam com ele. Os bons rapazes nunca o pediam, porem Julio, que se negava a qualquer serviço, pedia sempre e sempre em vão. O coronel Rondon, Lira, Kermit, cada um por sua vez tentaram fazê-lo trabalhar, e, para dele conseguirem alguma cousa, era preciso ameaçá-lo de o deixarem no sertão. Deixava sua tarefa para ser feita pelos compa-

nheiros, ainda por cima furtando-lhes os alimentos assim como o rosso. Numa expedição daquelas o furto de alimentos é crime somente inferior ao assassinio, e, pelo direito, deveria como tal ser punido. Não podíamos confiar nele para tirar palmitos ou juntar cocos, pois ficaria ausente a comer quanto deveria trazer para o rancho comum. Finalmente, em varias occasões os proprios camaradas apanharam-no a furtar-lhes a comida. Só ele, de toda a comitiva, graças ao alimento que furtava, tinha conseguido manter-se gordo e vigoroso.

Um de nossos melhores homens era um negro reforçado, de nome Paixão (pronuncia-se Paishon), cabo de esquadra que servia como sargento no batalhão de engenheiros. Tinha ele, por sinal, a calça reduzida a frangalhos, andando só com um par de ceroulas velhas, até que eu lhe dei as minhas de sobressalente, quando reduzimos as bagagens. Era severo observador da disciplina, e tendo apanhado, uma tarde, Julio a furtar comida, esmurrou-o na boca. Julio foi ter conosco, queixando-se, contraídas as feições, de medo e odio perverso; mas, investigado o caso, foi-lhe declarado que ele recebeu castigo muito braudo.

Os camaradas tinham tres ou quatro carabinas, que nem sempre andavam com seus donos.

Naquela manhã, ao começo da baldeação, Pedrinho surpreendeu Julio furtando um pedaço de carne seca do pessoal. Pouco depois Paixão censurou-o pelo fato de, como sempre, ficar para trás. Nessa ocasião havíamos chegado ao lugar onde as canoas estavam amarradas ao barranco e em seguida foram sendo descidas. Pedrinho estava ainda no acampamento que havíamos deixado. Paixão tinha acabado de trazer um volume que arriou ao chão com sua carabina ao lado, voltando após pela picada em busca de outro volume. Julio chegou, arriou sua

carga, apanhou a carabina e voltou para a picada resmungando, mas sem mostrar exaltação. O fato não nos causou estranheza, pois estava sempre a resmungar; e por vezes algum dos homens via um macaco ou uma ave grande e procurava matá-los, de modo que não era surpresa ver um homem armado.

Um minuto depois ouvimos um tiro, e logo em seguida tres ou quatro camaradas chegaram a correr pela picada, contando que Paixão estava inorto, atirado por Julio. O coronel Rondon e Lira achavam-se à frente; mandei avisá-los, deixei Cherrie e Kermit onde estavam, vigiando as canoas e provisões, e seguí pela picada com o médico — homem calmo em absoluto, armado de revolver, mas sem carabina — e dois camaradas. Logo passamos pelo cadaver de Paixão. Jazia emborcado num charco de sangue no lugar onde caíra trespassado no coração. Eu temia que Julio houvesse enlouquecido e pretendesse fazer mais vítimas, antes de morrer, começando por Pedrinho, que estava só e desarmado no acampamento. Assim, prossegui com os meus companheiros, olhando atento para todos os lados; mas, quando chegamos ao acampamento, o médico, tranquilo, dirigiu-se a mim, dizendo: "Minha vista é melhor que a sua, coronel; se ele aparecer eu lho mostrarei, pois o senhor está com carabina". Todavia, não o achamos, e os outros logo nos alcançaram com a boa noticia de haverem encontrado a arma homicida.

O assassino ficara de tocaia, na picada, e matara sua vítima quando esta chegara a alguns passos de distancia, com premeditação deliberada e maligna. Seu odio mortal, então evidente, cedeu o passo à covardia inata, e, ouvindo talvez alguém vir pela picada, tomou-se de terror e afundou na mataria. Uma árvore lhe havia arrancado das mãos a carabina. Suas pegadas indicaram que após pou-

cas dezenas de metros, voltara, sem dúvida à procura da arma, mas fugira de novo, certamente porque então o corpo da vítima já fora encontrado. Era um problema saber se ele conseguiria ou não atingir vivo as aldeias dos índios, seu objetivo provável. Não era ele individuo acessível ao remorso, que nunca é sentimento vulgar; mas, era indubitavel que o matador estaria num inferno vivo, com a fome e a febre a espreitar-lhe os passos, enquanto ele abria caminho pela vasta desolação do matagal. França, o cozinheiro, citando um proverbio que provem da triste filosofia do povo, dizia: "Ninguém conhece o coração dos outros"; e em seguida afirmava com funda convicção, com uma crença entranhada no supranatural, que até então eu nunca encontrara: "O Paixão está seguindo Julio agora, e o seguirá sempre, até Julio morrer; Paixão caiu de bruços, sobre as mãos e os joelhos, e, quando um morto cai assim, sua alma acompanha o assassino enquanto este viver".

Não tentamos perseguir o criminoso. Não podiamos legalmente matá-lo, embora fosse ele um soldado que a sangue-frio e premeditadamente assassinara um colega. Se estivessemos proximos de algum centro civilizado faríamos tudo para o prender e entregar à justiça. Mas estávamos no sertão ermo e não podiamos calcular quantas semanas de jornada ainda nos aguardavam. Os viveres escasseavam, as doenças começavam a atacar o pessoal do trabalho, cuja coragem e resistencia física estavam gradualmente cedendo. Nosso primeiro dever era salvar a saúde e as vidas dos membros da expedição que honestamente estavam realizando e tinham ainda de realizar tanto trabalho penoso e inçado de perigos. Se prendêssemos o delinquente precisaríamos vigiá-lo dia e noite. Numa expedição em que sempre havia armas carregadas à mão, continuamente haveria oportunidade e tentação

para ele, de se apoderar de víveres e armas e fugiria matando, talvez mais algum homem de bem. Não poderia, algemado, subir e descer as ladeiras pedregosas; nem ficar algemado nas canoas, onde os riscos de afogamento, pelo fato de alguma canoa virar, estavam sempre presentes. A vigilância a um preso seria um severo castigo adicional para os pobres homens fieis já tão fatigados pelo excesso de trabalho. A expedição corria perigo e seria prudente aproveitar todas as circunstancias que pudessem garantir-lhe o bom êxito. Que o criminoso morresse ou vivesse no deserto, era cousa que não tinha importância em face do nosso dever de tudo fazermos para a segurança do resto da comitiva.

Nos dois dias seguintes estivemos sempre precavidos contra sua volta, pois poderia com facilidade matar mais alguém rolando grandes pedras sobre qualquer dos homens que trabalhavam nas faldas pedregosas ou no fundo da garganta. Não o vimos até à manhã do terceiro dia. Tínhamos passado a última das corredeiras do grotão e as quatro canoas seguiam rio abaixo, quando apareceu ele atrás das árvores da margem, bradando que desejava entregar-se e ser levado para bordo — pois aquele facínora era no fundo um consumado poltrão, um curioso misto de ferocidade e covardia. A canoa do coronel Rondon seguia muito à frente: ele não parou nem respondeu. Eu procedi do mesmo modo com as canoas da retaguarda, pois não tinha a menor intenção de recolher o assassino a bordo, a menos que o coronel Rondon me declarasse que deveria fazer isso no cumprimento de seu dever de official do exército e servidor do governo do Brasil. Na primeira parada o coronel Rondon veio a mim e declarou-me que essa era sua propria noção do dever, mas que não se detivera afim de consultar-me primeiro, como chefe da expedição. Respondi que, pelas razões enume-

radas acima, acreditava que não seria justo para os homens corretos da comitiva, que nós pusessemos em risco sua segurança levando o assassino conosco, e que, se me coubesse a responsabilidade, eu me recusaria a recebê-lo; porem que ele, coronel Rondon, era o oficial comandante tanto do assassino como de todas as praças e oficiais do exército da expedição, sendo por sua vez responsável perante seus proprios chefes e perante as leis do Brasil; e que, em face dessa responsabilidade, devia ele proceder como lhe dítasse o sentimento do dever. De acordo com isto, do primeiro ponto de pernoite ele mandou voltarem dois homens, peritos batedores de mata, afim de o encontrarem e trazerem preso. Mas não o acharam (1).

Antecipei a narração desses fatos, porque não desejava voltar a referir-me, mais do que o necessario, a um successo tão horrível. Voltemos à nossa narração. Quando verificamos ter fugido o criminoso, regressamos ao local do delicto. O morto estava com um lenço a cobrir-lhe o rosto. Foi sepultado junto ao lugar em que caiu. Os camaradas cavaram a machado e facões uma cova rasa, e, com todo o respeito e carinho, ali depositamos o corpo que apenas meia hora antes estava tão cheio de vida. Eu e o coronel Rondon o levantamos, depositando-o no túmulo. Uma cruz ficou assinalando esse lugar, e demos uma salva de tiros em honra ao bravo e leal soldado que caira no cumprimento do dever. Deixâmo-lo em seguida, para sempre, sob a abóbada das grandes árvores, junto ao rio solitário.

Naquele dia só percorremos metade da extensão das corredeiras. Não havia lugar bom para acamparmos, e somente nas abas de um morro achamos uma estreita faixa

---

*Nota do A.:* A narração acima, de todos os fatos ligados ao assassinio, foi lida e aprovada como exata pelos seis membros da expedição.

pedregosa, onde era possível armar as redes e cozinhar. Minha cama de campo ficou num plano inclinado; tinha sido tão sacudida, que parecia uma centopéia desconjuntada. Choveu um pouco durante a noite, mas não ficamos muito molhados. No dia seguinte, Lira, Kermit e Cherric concluíram sua tarefa, trazendo as quatro canoas que nos restavam ao acampamento, uma delas rachada pelos esbarros nas pedras. Descemos então o rio por algumas centenas de metros, acampando na margem oposta; não era ótimo local para o caso, porém muito melhor que o precedente.

Os homens se tornavam progressivamente mais fracos, com o incessante esforço em trabalho exaustivo. Kermit estava com febre e Lira e Cherric tinham sintomas de disenteria, mas todos os tres continuavam a trabalhar. Certo momento, meído nagua, procurando ajudar no salvamento de uma canoa virada, eu tinha, por minha falta de jeito, contundido a perna contra uma pedra, e a inflamação que sobreveio era de certo modo incomoda. Tive um acesso agudo de febre, porém, graças ao excelente tratamento do médico, fiquei livre dela em quarenta e oito horas; mas a febre de Kermit piorou e o impediu de trabalhar por uns dois dias. Podíamos, no entanto, caminhar por nossos pés nas baldeações. Um bom médico é de absoluta necessidade nuna expedição exploradora em zona como a que percorriamos, sob pena de pavorosa mortandade em seus componentes; os riscos e acasos inevitaveis são tão numerosos, e as possibilidades de desastres tão frequentes, que não ha justificação em aumentá-los, pela omissão de quaisquer possíveis precauções.

No dia seguinte tivemos uma longa baldeação para desviar-nos de algumas corredeiras, e acampamos à noite ainda na úmida e quente atmosfera do grotão sombrio.

A 6 de abril, dia imediato, baldeamos ainda, passando corredeiras que eram as últimas do grotão. Por espaço de alguns quilômetros continuamos a passar junto a morros e tínhamos que a qualquer momento nos defrontássemos outra vez, com um novo desfiladeiro entre serras. Nesse caso, teríamos dias mais de penoso labor, e, mais perigos pela frente, com os homens desanimados, fracos e doentes. Muitos já começavam a ter febre. Esse seu estado era inevitável após um mez de trabalho ininterrupto, da peor especie, para vencer longa serie de encachoeirados que acabávamos de passar. Uma grande demora a mais, acompanhada de esforço estafante, teria quasi pela certa significado que os mais fracos da comitiva começariam a perecer. Já tínhamos dois camaradas por demais enfraquecidos para auxiliarem os outros, sendo tal seu estado, que nos causava serias apreensões.

No entanto, os morros gradativamente se foram transformando em planicie nivelada e o rio nos conduziu através dela com uma velocidade que nos permitiu registrar trinta e seis quilômetros no resto do dia. Por duas vezes antas atravessaram o rio à nossa passagem, porem longe da minha canoa. Além disso, na tarde antecedente Cherric matara dois macacos e Kermit outro, de modo que tivemos todos uns bocados de carne fresca; e já tivemos uma boa sopa de tartaruga, de uma que Kermit tinha apanhado. Tivemos que baldear em uma curta serie de corredeiras, descendo as Canoas Descarregadas sem dificuldade. Afinal, às quatro da tarde chegamos à foz de um grande rio que entrava pela direita. Pensavamos que fosse o Ananás, porem não tínhamos certeza, é claro. Era menos volumoso que o nosso, porem quasi da mesma largura; a sua era de 82 metros naquele lugar, e de 110 a do rio maior. Havia corredeiras logo abaixo da junção, que ficava a 10° 58' sul. Tínhamos percorrido 216

quilômetros ao todo, e nos encontrávamos em situação quasi ao norte do ponto de partida. Acampamos na ponta de terras entre os dois rios. Era extraordinario verificar que na latitude de onze graus corria um grande rio inteiramente desconhecido dos cartógrafos, que não vinha indicado nem por sombra em qualquer mapa. Chamamos a esse grande afluyente rio Cardoso, em homenagem a um bravo official da Comissão que falecera exactamente ao iniciarmos a expedição. Ficamos um dia nesse local, determinando a posição certa pelo sol e depois pelas estrelas; dois homens foram mandados examinar as corredeiras à frente. Voltaram dizendo que havia entre elas grandes quedas d'água, que criavam serio obstaculo a nosso avanço. Tinham apanhado um grande peixe siluroide, que forneceu uma excelente refeição a toda a turma. Naquella tarde, ao por do sol, a vista do grande caudal, de nosso acampamento onde se juntavam os rios, era de grande beleza. Pela primeira vez tínhamos espaço aberto à nossa frente e por sobre nossas cabeças, de modo que, caída a noite, as estrelas e a lua crescente se ostentavam soberbas nas alturas, ao mesmo passo que a claridade lunar lançava um rastilho de prata no meio da corrente arrepiada pelos rochedos.

O enorme siluroide que os homens tinham apanhado media metro e tanto de comprimento, com a enorme cabeça característica fora de toda a proporção com o corpo, e, com a boca enorme, não proporcionada à cabeça. Esses peixes, embora tenham pequenos dentes, devoram presas muito grandes. Aquele continha os restos meio digeridos de um macaco. Provavelmente o macaco fora apanhado quando bebia agua da ponta de um galho, e, uma vez abocanhado por aquella caverna hiante, não havia salvação.

Nós, americanos, ficamos assombrados à idéia do tal siluro matar um macaco, mas nossos amigos brasileiros

nos informaram que no baixo Madeira e no trecho do Amazonas adjacente à sua foz, existe um siluro ainda mais gigantesco, que de modo semelhante faz vítimas humanas. É um peixe de côr cinzenta esbranquiçado, medindo cerca de tres metros com a cabeça enorme usualmente desproporcionada, e uma boca rasgada rodeada de dentes miudos. Seu nome é piraiba — pronunciado com quatro sílabas. Quando estacionava em Itacoatiara, pequena cidade à beira do Amazonas, na foz do Madeira, nosso médico vira um daqueles monstros, que fora morto por dois homens que atacou. Estavam eles a pescar, numa canoa, quando o animal surgiu do fundo — pois é um peixe da lama — e, erguendo-se a meio fora d'água, se atirou a eles de guela escancarada, por sobre a borda da canoa. Mataram-no a facão. Foi levado em triunfo pela cidade num carro de bois, tendo-o visto o doutor que afirmou que media tres metros de comprimento. Segundo nos disse, os nadadores temem-no mais do que ao jacaré, pois a este podem ver, e não à piraiba, que fica oculta na profundidade das aguas. O coronel Rondon nos contou que, nas cidades do baixo Madeira, o povo construiu estacadas nas aguas em que se banhavam, não se aventurando a nadar nas aguas livres, de medo à piraiba e ao jacaré.

No dia seguinte, 8 de abril, só descemos cinco quilômetros, pois encontramos muitas corredeiras. Tivemos de baldear as cargas de duas canoas, mas as vazias passaram sem dificuldade, pois na margem ocidental havia longos canais e de correnteza rápida, dentro da mata. O rio estivera mais cheio, mas ainda se conservava muito alto e a corrente tunultuava em volta das muitas ilhas que naquele ponto dividiam o canal. Às quatro horas, acampamos ao alto de outra serie de encachoeirados, que as canoas canadenses teriam passado oscilando e sem

embarcar uma gota d'agua, mas que nossas canoas só podiam vencer descarregadas. Cherrie matou tres macacos e Lira pescou duas grandes piranhas, de modo que mais uma vez tivemos um jantar e um almoço muito bons. Quando um grupo de homens, em trabalho puxado, fica a meia ração a maior parte do tempo, passa a tomar vivo interesse em qualquer refeição razoavelmente satisfatoria que possam conseguir.

No dia 10, repetimos essas tarefas: uma curta e rápida descida; baldeação por algumas centenas de metros, e que nos tomou, apesar disso, umas duas horas; outra descida de alguns minutos e novas corredeiras. Viajamos outra vez menos de cinco quilômetros; nesses dois dias, vínhamos descendo à razão de um metro por quilômetro de avanço e parecia impossível quasi, que tal estado de coisas pudesse durar, pois o aneroide indicava que estávamos ficando em nível muito baixo. Como suspirava eu por uma grande canoa de casca de bétula, lá do Maine, como aquela em que uma vez desci o Mattawankcag em plena enchente! Teria ela deslizado por aquelas corredeiras, como uma jovem desliza numa contradança. As nossas sobrecarregadas canoas de troncos teriam mergulhado a proa em baixo de cada onda.

A região era bela. O rio, alargado, serpenteava entre colinas, ora num só canal, ora em varios. A mata orvalhada da chuva cintilava ao sol. As varias especies de froudes, as folhas de palmeira e as folhas enormes das pacoveiras imprimiam sua feição peculiar e tropical em toda a paisagem — era como se alguém, por agua, atravessasse um gigantesco jardim botânico. À tarde, apanhamos um tucano, uma piranha e uma tartaruga fluvial, de pescoço torto, razoavelmente comível, e assim tivemos outra vez carne fresca. Dormimos como de costume ao rumor das corredeiras. Estávamos havia seis semanas a ca-

minho, e durante quasi todo esse tempo estivéramos no fatigante esforço de transpor corredeiras depois de corredeiras. Estas são os mais perigosos inimigos dos exploradores e viajantes que percorrem aqueles rios.

No dia seguinte repetiram-se os mesmos trabalhos. Passamos a manhã toda a baldear as cargas para baixo das corredeiras em cujo início havíamos pernoitado, descendo as canoas vazias. Em seguida, por trinta ou quarenta minutos corremos pelas aguas céleres do rio serpenteante, quasi acontecendo um desastre às canoas geminadas, que foram atiradas por um redemoinho contra as árvores de uma ilhota meio submersa. E chegamos a outra serie de encachoeirados, onde baldeamos as bagagens e abarracamos nuito depois de anoitecer, debaixo de chuva — um bom exercicio de paciencia para aqueles de entre nós que ainda soíriam um tanto de febre. Ninguém gozava saude perfeita. Havia algumas semanas que distribuíramos parte do conteúdo de nossas latas com os camaradas, porem os nossos alimentos não eram para eles muito satisfatorios. Precisavam de mais volume, e o prato de resistencia em suas refeições eram os palmitos; mas naquele dia não tiveram tempo para tirá-los. Afinal resolvemos passar aquelas corredeiras com as canoas vazias, o que foi feito sem que soffressem accidentes.

Em tais viagens é altamente indesejavel correr outros riscos alem dos inevitaveis, porque as consequencias de um desastre são muitíssimo serias; mas tambem, caso não se arrisque nada, o avanço será tão lento que constituirá por si um desastre; é necessario variar constantemente os métodos do trabalho, indo-se desde o excesso de cautela até à temeridade. À noite tivemos um magnífico peixe ao jantar, grande e prateado, chamado pescada, especie que ainda não apanháramos antes.

Certo dia o cão Trigueiro deixou de embarcar conosco e tivemos de passar esse dia no mesmo acampamento afim de o encontrarmos. No Domingo de Pascoa tudo correu do modo para nós já por demais familiar. Só deslizamos em aguas livres durante dez minutos ao todo, levando oito horas a baldear cargas, desviando-nos de outra corredeira que as canoas vazias transpunham; a balsa quasi ficou inundada. Nesse dia pescamos vinte e oito peixes grandes, na maior parte piranhas, e todos comeram à farta ao jantar e ao almoço da manhã seguinte.

A primeira parte da manhã do dia seguinte foi uma repetição daquela cansativa rotina; porém ao fim da tarde o rio começou a correr em longos estirões remansosos. Percorremos quinze quilômetros, e, pela primeira vez em tantas semanas, acampamos sem o escachão das aguas nos ouvidos. O silencio infundia-nos uma calma repousadora. No dia 14 de abril, que se seguiu, fizemos um bom percurso de trinta e dois quilômetros, aproximados. Passamos pela foz de um pequeno rio que entrava pela direita. Passamos por tres corredeiras de pouca importancia, e noutra, mais forte, baldeamos as canoas. O rio se estendia agora em compridos estirões geralmente tranquilos. Pela manhã, quando largamos a vista era linda. O rio, largo e sereno, por espaço de meia legua era recoberto de um leve nevoeiro, emoldurado em altas paredes de floresta tropical, em que o tope das arvores gigantescas apenas se distinguia através de seu branco véo.

Varios membros da comitiva pescaram muito, mataram um macaco e um casal de jacutingas — aves aparentadas com o peru, mas do porte de um galo — de modo que tivemos um acampamento bem abastecido outra vez. A época da seca estava começando, mas ainda caíam chuvas pesadas. Naquele dia o pessoal con-

seguiu cocos de uma nova especie, cujo sabor muito lhes agradou, porem êsses cocos eram prejudiciais à saude, e a maior parte dos homens se sentiram bem doentes e incapacitados para o trabalho do dia seguinte. Na balsa só dois podiam fazer alguma cousa, e Kermit labutou no remo durante o dia todo.

Em resultado disso, na manhã seguinte, 15 de abril, a tripulação, quando embarcou, estava abatida. Mas aconteceu que essa data ficasse marcada com uma pedra branca. Na vespera tínhamos visto cortes já velhos de um ano, que era provavel, mas não absolutamente certo, tivessem sido feitos pelos seringueiros mais avançados. Porém naquele dia — durante o qual percorremos vinte e cinco quilômetros — após duas horas e meia de viagem vimos sôbre a margem esquerda uma taboleta numa estaca, com as iniciais J. A., para indicar o limite superior extremo que um seringueiro atingira, estabelecendo assim o seu direito de posse. Uma hora mais de descida nos levou a uma casa de construção nova, ao centro de uma clareira cultivada; e nossos corações se alegraram fortemente a essa vista. Não havia ninguem na casa limpa e fresca que era coberta de folhas de coqueiros. Guardavam-na dois cães, e pela mobilia e objetos via-se que alí viviam um casal e uma criança, que haviam saído pouco antes. Daí a uma hora chegamos a outra casa semelhante, onde morava um preto velho, que nos recebeu com a cortesia inata do roceiro brasileiro. Encontramos os seringueiros e suas moradas a 10.º 24' de latitude.

Pelo meio da tarde paramos em outra casa, tambem limpa, fresca e pitoresca, e coberta de folhas de coqueiro. Os moradores fugiram à nossa aproximação temendo uma correria de índios, pois nunca imaginaram que alguém, que não fossem eles, chegasse das regiões desco-

nhecidas de rio acima. Voltaram depois e foram muito hospitaleiros e comunicativos; e ali passamos a noite. Antonio Correia, dirigindo-se a Kermit, disse: "Parece um sonho a gente estar dentro de uma casa outra vez, ouvindo a voz de mulheres e crianças, em vez de estar no meio daquelas serranias e cachoeiras!"

O rio era para os moradores, conhecido pelo nome de "Castanho", sendo o maior afluente, ou antes, o braço esquerdo ou ocidental do Aripuanã. O nome de Castanho só era usado entre os seringueiros, sendo desconhecido dos geógrafos. Pelo que informaram, ros achávamos a quinze dias da confluencia dos dois rios; mas havia numerosos seringueiros nas suas margens, onde muitos deles se tornaram moradores permanentes.

Tínhamos vencido um percurso de mais de trezentos quilômetros em quarenta e oito dias, em terreno absolutamente desconhecido onde não víamos ser humano, embora por duas vezes tivéssemos percebido rumores feitos por índios.

Seis semanas empregamos naquela rota, por intermináveis encachoeirados. Era de surpreender estarmos percorrendo um caudal do porte do alto Reno ou do Elba, e verificar que nenhum cartógrafo tivesse conhecimento de sua existencia! Afinal de contas, porem, nenhum civilizado de qualquer classe jamais o perlustrara. No entanto, era um rio em que havia habitantes, alguns dos quaes já moravam nas vizinhanças havia oito ou dez anos, sem que mesmo assim existisse nos mapas o menor sinal da existencia do rio. Estavamos incluindo no mapa um caudal que corria entre cinco ou seis graus de latitude -- de sete ou oito, se como o deve ser, o baixo Aripuanã for compreendido nela — da qual geografo algum, em qualquer mapa publicado na Europa, nos Estados Unidos,

ou no Brasil, jamais admitira a possibilidade da existência!

O lugar agora ocupado nos mapas por este rio era preenchido com outros rios imaginários ou com cadeias de montanhas. Antes da nossa partida, a Comissão de Limites do Amazonas subira o Aripuanã até 8.º 48', seguindo o curso que por espaço de dois decênios os seringueiros percorriam, porém nem chegaram ao limite atingido por eles. Um empregado dessa comissão, ou de um dos grandes seringueiros, subira o Castanho, que é de fácil acesso em seu curso inferior, até cerca da mesma latitude, não chegando também tão alto quanto os seringueiros; isso verificamos ao descermos o rio. A parte mais baixa do rio principal, e seu maior formador — o Castanho — em sua parte inferior, haviam sido vias de comércio, frequentadas por seringueiros e habitantes da região durante perto de vinte anos, e, como de pronto verificamos, eram tão fáceis de ser navegados, quando dificultosa era de o ser a parte superior do rio que acabávamos de descer; mas as autoridades governamentais e científicas, tanto nacionais como estrangeiras, ignoravam isso por completo. Os próprios seringueiros não tinham a menor ideia das cabeceiras, que ficavam em região até então jamais pisada por gente civilizada. O Castanho era, evidentemente, pelo menos em extensão, materialmente igual, senão superior ao alto Aripuanã e, parecia agora ainda mais provável que o Ananás ficasse nas cabeceiras da corrente principal, do que nas do Cardoso(\*). Pela primeira vez este grande rio, o mais voluntoso afluente do Madei-

(\* *Nota do A.:* Espero que este ano o Ananás também seja posto no mapa. Um dos auxiliares do coronel Rondon vai tentar descê-lo. Atravessamos suas cabeceiras no altiplano e muito possivelmente passamos por sua foz, embora seja também possível que entre no Canumá ou no Tapajós. Mas não figurará nos mapas antes de descoberta sua foz por alguém.

ra, ia figurar nos mapas, e o conhecimento de sua posição real e suas reais relações, assim como o completo esclarecimento do complexo problema das nascentes de todos esses mais baixos afluentes da margem direita do baixo Madeira, se tornaram possíveis graças às sete semanas de nosso penoso trabalho cheio de perigos, para descer um rio completamente desconhecido, através de um sertão bruto igualmente desconhecido. No estado atual do progresso da geografia universal, considerei como uma grande ventura o haver podido tomar parte em semelhante feito — feito que foi o ápice da grande pirâmide que havia sete anos vinha a Comissão de Linhas Telegráficas erigindo.

Passamos o período em que havia a perspectiva de perigos e desastres para toda a expedição. Podia haver riscos individuais à nossa frente; alguns aborrecimentos e embaraços, também, para nós todos; mas desaparecera a eventualidade de possível fracasso da expedição no seu conjunto. Não mais precisávamos sofrer uma contínua ansiedade, criada pela necessidade de poupar viveres, pelo dever de lutar sem saber aonde nos levaria a luta, pela incerteza amarga dos dias futuros.

Era tempo de acabarmos com aquilo. O esforço exaustivo em um ambiente insalubre estava começando a se fazer sentir sobre cada um de nós. Metade dos camaradas estiveram prostrados com febre e se achavam muito fracos; somente alguns deles conservavam o vigor moral e físico iniciais. Cherric e Kermit, estavam restabelecidos, mas tanto o ultimo como Lira, ainda tinham nas pernas feridas de mau aspecto, originadas pelas contusões nas pedras, durante os trabalhos n'água. Eu me encontrava em peores condições. As consequências da febre ainda perduravam, e a perna que machucara no serviço de passar canoas nas corredeiras havia piorado, apare-

cendo um abcesso. O bom medico, a quem muito devo pelo seu incansavel cuidado e bondade, abriu-o, colocando um dreno; pelo entusiasmo com que os borrachudos e os piúns participaram deles, a operação e os curativos tiveram um "encanto" adicional. Eu mal podia manquejar, e estava quasi entregue, mas "não se pode parar, chefe, quando uma bateria muda de posição." Ninguem deve emprender expedição como a nossa, a menos que resolva não prejudicar seus companheiros com qualquer atraso causado por seus proprios sofrimentos ou enfermidades. Seu dever é seguir para diante e, se necessario, ir-se arrastando, até cair sem forças!

Por felicidade, não fui submetido a semelhante provação. Conservei-me em estado favoravel até a passagem nas ultimas corredeiras dos grotões. Quando o serio transtorno me sobreveio, só tínhamos pela frente a viagem de canoas. Não é cousa ideal para um doente passar as horas da canicula estendido sobre as cargas, no fundo de uma canoa descoberta, sob o quasi intoleravel dardejar do sol tropical, alternado com bategas cegantes de chuva pesada; mesmo assim, eu não sabia como agradecer a minha boa sorte. Kermit e Cherrie cuidaram de mim como se fossem enfermeiros práticos, e o coronel Rondon e Lira não foram menos dedicados.

O Norte estava a atrair fortemente esses tres homens do Setentrião: a fazenda "Rocky-Dell" a Cherrie; "Sagamore Hill" a mim; e a Kermit, noivo ainda com mais força. Caida a noite, podíamos agora ver a Ursa Maior bem alta sobre o horizonte — invertida, com as duas guardas a apontarem para a Estrela Polar ainda além dos limites da terra — mas era a Ursa Maior com todas as suas estrelas!

Em nossa terra natal chegara então a primavera, a estupenda primavera do setentrião, de longos dias lumi-

nosos, de crepusculos suaves, de noites deliciosas e frescas. Pintarroxos e alvéloas, calhandras e pardais, estavam cantando pela madrugada em nossa terra; os rebentos de bordo já se achavam vermelhos, as campânulas e sanguineas já floresciaam, enquanto as derradeiras manchas de neve ainda persistiam; o encanto do tordo eremita no Vermonte, a serena melodia de ouro do tordo dos bosques em Long Island, encheriam o espaço antes de lá estarmos para ouvi-los. Cada um ansiava saudoso pelas cousas familiares que lhe eram tão caras; pelos seus, que lhe eram ainda mais caros, e por Aquela que era de todos a mais querida!

## CAPÍTULO X

# RUMO AO AMAZONAS E À PATRIA RESULTADOS ZOOLOGICOS E GEOGRÁ- FICOS DA EXPEDIÇÃO

Nossas aventuras e contratemplos estavam por igual terminados. Vimos agora, por experiencia propria, a incalculavel differença que existe entre o descer um rio conhecido e outro inteiramente ignorado. Após quatro dias contratamos um seringueiro para nos servir de guia. Ele sabia exactamente onde havia canais navegaveis, quando encontrávamos uma corredeira, e se as canoas precisavam ser descarregadas e qual o melhor caminho para a baldeação. Era tudo brinquedo de criança, comparado ao que tinhamos padecido! Fizemos extensas jornadas, pois à noite arribávamos em alguma palhoça habitada ou abandonada, com isso poupávamos aos camaradas a fadiga de levantarem um acampamento. Adquirimos gêneros em quantidade para eles, deixando de haver, em consequencia, a necessidade de derrubar palmeiras para tirar palmitos, e a de pescar. O calor do sol era abrasador, mas parecia que voltáramos à estação das chuvas, porque caiu muito aguaceiro pesado especialmente à tarde, e às vezes pela manhã e à noite. Os mosquitos eram algumas vezes quasi um flagelo à noite. Durante o dia, os piúns enxameavam e nos perseguiam até mesmo no meio do rio.

Durante quatro dias não appareceram corredeiras que exigissem descarga e baldeação. E no dia 19 obtivemos

uma canoa com o sr. Barbosa. Era um homem gentil e hospitaleiro, que tambem nos deu um pato, uma galinha, alguma mandioca e tres quilos de arroz, recusando qualquer paga; residia numa casa espaçosa, com sua esposa trigueira, que fumava cigarros, e sua numerosa prole. A nova canoa era leve e ampla, de sorte que foi possível armar sobre ella um toldo baixo, sob o qual eu podia repousar, pois ainda estava doente. Pela tarde, passamos junto à foz de um rio volumoso que entrava pela esquerda, o rio Branco, na latitude de 9.<sup>o</sup> 38'. Logo depois chegamos à primeira corredeira seria — a Panela. Baldeamos as cargas, descemos as canoas descarregadas e pousamos na base della em uma casa espaçosa. O médico comprou um bonito jacarim, muito manso e confiante, que daí por diante foi meu companheiro de canoa.

Já tínhamos passado bom número de casas habitadas, e ainda maior de casas vazias. Os moradores eram seringueiros, mas geralmente eram habitantes permanentes tambem, tendo seus lares com esposa e filhos. Alguns, tanto homens como mulheres, mostravam ser de puro sangue negro, ou puro sangue indígena, ou sul-europeu, mas na grande maioria todas as tres raças andavam mescladas em graus diferentes. Eram muito corteses, serviçais e hospitaleiros. Muitas vezes recusavam o pagamento pelo que lhes era possível dispor, do pouco que tinham, para nos obsequiar. Quando cobravam, os preços eram muito altos, como era justo, pois viviam num ermo longinquo e tudo lhes custava preços fabulosos, salvo os productos de suas lavouras. As casas frescas, de pau a pique, cobertas de folhas de coqueiros eram desguarnecidas, só contendo redes e alguns utensilios de cozinha muito simples; e muitas vezes, um relógio, a máquina de costura ou uma carabina de proveniencia de nossa patria. Geralmente plantavam flores, inclusive perfumadas rosas. Sua cria-

ção domestica se limitava, além dos cães, a algumas galinhas e patos. Plantavam mandioca, milho, cana de açúcar, abóboras, abacaxis, bananas, limões, laranjas, melões e pimenta; e também varios frutos e vegetais nativos, tais como o quiabo, um fruto foliaceo que dá nos galhos de um arbusto elevado e que é cozido com a carne.

Eles obtêm alguma caça nas matas, e peixe em maior quantidade no rio. Não ha entre aquella gente representante do governo em verdade, ainda agora até sua propria existencia é quasi ignorada pelas autoridades governamentais; e a igreja os tem ignorado tanto como a nação. Quando querem casar-se têm de passar varios meses para irem a Manaus e voltarem, ou a qualquer cidade menos importante; e é comum que o batismo do primeiro filho e o casamento se realizem ao mesmo tempo. Só têm o direito de posse sobre as terras, e estão sempre arriscados a ser expulsos por magnatas sem escrúpulos, que vieram mais tarde, mas trazendo documentos legalmente perfeitos. As leis sobre as terras deveriam conceder a cada um daqueles pioneiros do povoamento as terras que na ocasião ocuparem e cultivarem e nas quais tenham criado seu lar. O pequeno lavrador, dono da terra que cultiva com o suor de seu rosto, constitue, em todos os países o maior elemento de força nacional.

São esses os autênticos pioneiros do povoamento, os que realmente dominar o sertão. País algum jamais foi conquistado de um modo eficaz, ou explorado a fundo, por uns poucos chefes, homens de exceção, embora tais homens possam prestar grandes serviços. A conquista, de fato, a exploração completa e o povoamento, são levados a cabo por uma multidão anônima composta de homens modestos, entre os quais os de maior valia são evidentemente os fundadores de lares. Todos seguem, pela maior parte do tempo, as pegadas de seus antecessores,

mas às vezes se afastam da trilha batida na extensão de alguns quilômetros, devassando novos tratos de terra, e erguem suas moradas em lugares onde nunca existiram outras casas. Para se proceder assim, como um verdadeiro pioneiro, é preciso que não se sinta forte atração pela vida social, e que não se tenha necessidade, talvez por ignorá-los do luxo e também do conforto, a não ser o da espécie mais rudimentar.

Aqueles povoadores que vínhamos encontrando estavam satisfeitos de morar no ermo. Tinham encontrado um bom clima e terras férteis, sendo a ida a alguma cidade caso raro, nem tendo grande empenho em fazer tal viagem.

Em resumo, aqueles homens, e, como eles, todos os que andavam pelo Brasil na linha fronteiriça da civilização com a vida selvagem, estavam então procedendo da mesma forma que há século e meio procederam os nossos desbravadores de florestas, ao emprenderem a conquista do vale do Mississipi; como os fazendeiros boers, há mais de um século, na África e como os canadenses, quando, há meos de meio século, começaram a tomar posse do seu Noroeste. Uma vez por outra alguém repete que a "última fronteira" só pode ser encontrada no Canadá ou na África e que está quasi desaparecida. Em escala muito mais vasta, tal fronteira poderá ser encontrada no Brasil — um país tão extenso como toda a Europa, ou como os Estados Unidos — e, antes que ela desapareça, muitos decênios se escoarão. Os primeiros povoadores foram para o Brasil um século antes de que aos Estados Unidos e ao Canadá aportassem os primeiros colonos. Por espaço de trezentos anos, o progresso foi muito lento, pois o governo colonial português daquela época era quasi tão inepto quanto o espanhol. No último meio século o pro-

gresso se acelerou rapidamente e esse crescimento promete ainda aumentar de continuo no futuro.

Os paulistas, na caça das minas, escravos e terras, foram os primeiros brasileiros natos que, ha um século, representaram um grande papel, abrindo ao povoamento grandes extensões de sertões. Os caçadores da borracha repetiram-lhes o feito nos ultimos decenios. A borracha deslumbrou-os, assim como o ouro e os diamantes deslumbrouam outros homens e os impeliram a um errático vagabundear pelas vastas extensões do orbe. Na procura de seringais, converteram em estradas batidas, rios cuja propria existencia era ignorada dos governos e dos cartógrafos. Qualquer que fosse seu êxito, deixavam para trás, por toda a parte, povoadores que labutavam, casavam-se e criavam filhos. A colonização, estava iniciada, entrando a conquista do sertão na sua fase inicial.

No dia 20 paramos na primeira casa de comercio e compramos, é claro que por alto preço, fumo e açúcar para os camaradas. Naquela região de abundancia estes comiam em excesso, e os casos de doenças eram entre eles mais frequentes que nunca. Na embarcação de Cherrie, somente ele e o piloto podiam remar forte e seguidamente. O sortimento do comerciante era muito reduzido, era só o que restava do sortimento comprado havia um ano, pois os grandes batelões ainda não chegavam a tais alturas, rio acima. Esperávamos encontrá-los abaixo da corredeira do "Inferno", que vinha em seguida. O comprador de borracha leva seu fornecimento anual de mercadorias num batelão, partindo em fevereiro e atingindo o curso mais alto do rio em princípios de maio, quando finda a época das chuvas. Os grupos de seringueiros são então abastecidos, e os moradores fixos adquirem o que necessitam e mais as cousas superfluas de seu agrado. A safra de castanha do Pará tinha falhado aquele ano no rio, con-

sa seria para todos os desbravadores do sertão. No dia 20 fizemos a mais extensa jornada entre todas: cinquenta e dois quilômetros. Lira tomou a altura de nosso acampamento, que era de 8.<sup>o</sup> 49' de latitude. Naquele lugar o rio, belo e majestoso, media trezentos metros de largura.

Ficamos numa casa abandonada. Os vestígios deixados pela enchente indicavam que as águas haviam subido, havia apenas dois meses, até inundar a parte mais baixa da casa. A diferença de nível das águas da época das cheias para a da estiagem é extraordinária.

No dia 21 fizemos outro bom avanço, chegando à corredeira do "Inferno", na latitude 8.<sup>o</sup> 19 sul. Até chegarmos ao Cardoso, nosso rumo fora norte firme; daí por diante vínhamos em direção um pouco a noroeste. Antes de chegarmos àquela corredeira, havíamos parado numa ampla e aprazível casa coberta de folhas de coqueiro, onde conseguimos uma canoa bastante grande e espaçosa, e leve de manejar, deixando ali nossas duas canoas menores. Acima da corredeira entrava pela esquerda um rio pequeno, o Madcirinha. A corredeira vencia uma diferença de nível de mais de dez metros e as águas precipitavam-se bravias. Se fôssemos os primeiros a afrontá-las, sem dúvida perderíamos muitos dias para achar uma passagem e quantos perigos e fadigas não passaríamos para fazer descer as canoas. Mas já não eramos pioneiros exploradores de terras desconhecidas. Era fácil andar por onde outros alhanaram o caminho. Tínhamos como guia um homem prático, e as cargas foram baldeadas por um caminho de tres quartos de quilômetro; quanto às canoas, foram descidas por canais conhecidos, na manhã seguinte. Na base da corredeira, havia uma grande casa com um negocio, mas, acampados acima, estavam alguns seringueiros à espera dos grandes barcos dos "aviadores" seus chefes, para os conduzirem para cima. Era um grupo de aventu-

reiros audazes, que levavam uma vida penosa, cheia de perigos e trabalhos, e em que de continuo se defrontavam com a morte — e que tambem pouco valor davam à vida dos outros. Não era pois de admirar que por vezes surgissem conflitos com tribus de indios inteiramente bravios com que entravam em contacto, embora tambem elles tivessem no sangue boa dose de sangue indigena.

Na manhã seguinte, após serem descidas as canoas, partimos fazendo um percurso aliás curto, pois tivemos que baldear numa corredeira e acampamos numa casa abandonada, sob a chuva. No outro dia percorremos cerca de cinquenta quilômetros, fazendo o rio uma longa curva para oeste. Encontramos meia dúzia de batelões que subiam, cada um com uma tripulação de seis ou oito homens, dois deles levando tambem mulheres e crianças. Os tripulantes usavam compridos varejões com ganchos na extremidade, ou melhor, forquilhas de pau servindo de ganchos. Com estes enganchavam os ramos e impediam o batelão rio acima, tocando-o tambem a varejão onde o fundo permitia. O rio era tão caudaloso como o Paraguai em Corumbá, mas, em contraste frisante com o Paraguai, muito poucas aves aquáticas se viam. Descemos uma corredeira aliás bem forte, a do Inferninho, pela manhã, mas sem descarregar as canoas. À tarde desembarcamos para pernoitar em uma grande casa aberta, especie de rancho, onde havia dois ou tres porcos, a primeira criação viva que encontrávamos, além de galinhas e patos. Era um lugar sujo mas obtivemos alguns ovos.

No seguinte dia, 24, descemos cerca de cinquenta quilômetros, até a corredeira do Curupanã, que Lira verificou estar a 7° 47'. Encontramos varios batelões no percurso, e as casas das margens indicavam que os moradores dispunham de recursos mais amplos do que os da parte mais alta. Na corredeira havia uma grande casa de commercio, propriedade do sr. Caribé (Caripe), o

mais abastado dos seringueiros "aviadores" que trabalhavam naquele rio; muitos homens que encontramos, estavam a serviço dele. Ele se fez por si mesmo. Foi muito gentil e hospitaleiro e nos deu uma boa canoa para substituir nossa última canoa de proa quadrada. Sua casa ampla e arejada, era fresca, limpa e confortável.

Com aquelas, teve começo uma série de meia duzia de corredeiras, todas compreendidas nos doze quilômetros que se seguiram, e todas oferecendo obstáculos muito reais. Junto a uma delas vimos as sepulturas de quatro homens que ali pereceram, além de muitos outros cujos corpos nunca foram achados; o preço pago em vidas humanas fora alto. Se estivéssemos ainda em rio desconhecido, rompendo de qualquer modo para diante, teríamos sem dúvida ficado uns quinze dias pelo menos a lutar, vencendo perigos e dificuldades para conseguir passagem. Mas então só perdemos dia e meio, pois todos os canais eram conhecidos e as picadas já estavam bem abertas. O sr. Caribé, canoeiro de primeira classe, calmo, destemido e forte como um touro, foi-nos servir de guia. Meia duzia de vezes baldeamos as cargas.

Em uma cachoeira as proprias canoas foram arrastadas por terra; nos outros lugares, desciam vazias, embarcando boa porção d'agua. Na base da cachoeira, onde as canoas passaram pela margem, acampamos para pernoite. Naquele ponto Kermit matou um grande crocodilo. Nosso acampamento estava junto de tres túmulos de remadores ali afogados nas aguas revoltas.

O sr. Caribé nos contou muitas aventuras estranhas de seringueiros seus empregados ou que conhecera. Um de seus homens, trabalhando no Gi-Paraná, se perdera no mato e, depois de vinte e oito dias, chegou ao Madeirinha, que assim foi descoberto. Conservou-se em bom estado físico, pois tinha meio de fazer fogo e achou muita cas-

tanha do Pará e grandes tracajás. Informou-nos o sr. Caribé que os seringueiros não iam além de 9.º de latitude, ou cercanias, mesmo no alto Aripuanã, porque verificaram serem de pouco rendimento as seringueiras de latitude mais alta. Um ano antes cinco seringueiros, índios mundurucús estavam tirando borracha no Canumá, mais ou menos naquela região. Era um rio difícil de subir ou de descer. Faziam incursões, à procura de seringueiras na mata. Numa dessas excursões, que durou quinze dias, saíram com surpresa no Aripuanã. Voltaram a participar ao patrão sua descoberta. Por ordem deste levaram a borracha tirada, por terra, até o Aripuanã; junto a este rio construíram uma canoa e levaram a borracha por ele abaixo até Manaus. Tinham agora regressado e estavam trabalhando no alto Aripuanã. Os mundurucús e os brasileiros viviam sempre na maior harmonia, e os primeiros eram inimigos mais irredutíveis dos índios bravos do que os últimos.

Pelo meio da tarde, a 26 de abril, transpusemos a última corredeira perigosa. Os remos foram manejados com energia, (Cherrie e Kermit, como sempre, trabalhavam tanto como os camaradas) e as canoas seguiram dançando pela volumosa e rápida torrente. A floresta equatorial chegava de cada lado até à beira d'agua. E, embora o nível do rio já estivesse descendo, ainda se achava tão elevado, que em muitos pontos pequenas ilhas encontravam-se submersas, e as aguas corriam por entre troncos de arvores copadas. À uma da tarde atingimos a foz do proprio Castanho, onde avistamos as barracas do tenente Pyreneus, tendo à frente, desfaldadas, as bandeiras dos Estados Unidos e do Brasil; e com as carabinas a salvarem das canoas e da praia, encostamos no barranco do acampamento asseado e bem cuidado, de feição militar. O alto Aripuanã era rio mais ou menos do mesmo volume que o

Castanho, porém mais largo que este, e provavelmente mais curto. Naquele ponto se juntava ao Castanho, vindo de leste, formando o que os seringueiros chamavam o baixo Aripuanã. A foz deste ultimo estava indicada nos mapas, e algumas vezes trazia seu nome, mas somente como um rio pequeno sem importancia.

Tínhamos viajado de canoa de 27 de fevereiro a 26 de abril. Percorrêramos 750 quilômetros. Desde as cabeceiras, pela altura do 13.º, até o ponto onde se tornava navegável e nele entramos, o rio tinha um curso de 200 quilômetros — talvez mais, 300 quilômetros, provavelmente. Por consequencia, havíamos incluído no mapa um rio de quasi 1.000 quilômetros de comprimento, cuja existencia não só era desconhecida, como também impossível, se os mapas officiais estivessem certos. Mas isso não era tudo. Parecia que aquelle caudal de quasi 1.000 quilômetros era realmente o verdadeiro curso superior do Aripuanã, caso em que o curso total atingia 1.500 quilômetros.

Pirneus esperava-nos havia cerca de um mês, na junção dos rios a que os seringueiros chamam Castanho e Alto Aripuanã. Não podia ele saber em qual deles apareceríamos, nem se por qualquer deles viríamos. A 26 de março medira o volume dos dois, e verificara que o Castanho, embora mais estreito, era mais profundo e correnteoso, excedendo em volume de 84 metros cúbicos por segundo ao Aripuanã. Desde então o Castanho descera e nossas medições indicaram que era ligeiramente menos volumoso que o outro. O volume do rio depois da confluencia era de 4.500 metros cúbicos por segundo, e a latitude de 7.º 34' sul.

Ficamos muito alegres por encontrarmos Pirneus e por nos acharmos em seu acampamento. Quatro horas de rio abaixo nos levariam ao povoado ribeirinho de S.

João, um porto de escala dos gaiolas, os maiores dos quais vão a Manaus em dois dias. O maior número daqueles pequenos vapores pertencia ao sr. Caribé. Por Pireneus sabemos que Lauriado e Fiala tinham chegado a Manaus a 26 de março. Nas aguas encachoeiradas da garganta do Papagaio a canoa de Fiala virara, perdendo ele todos seus objetos, tendo ele por pouco escapado de morrer. Sentí verdadeira satisfação ao saber que o valente e distinto rapaz se salvara. A canoa canadense se portara muito bem. Tivemos não menor alegria ao saber que o chefe da expedição que descera pelo Gi-Paraná também se achava a salvo, embora sua canoa se tivesse emborcado nas corredeiras, perdendo ele todos os seus instrumentos e notas. Chegara a Manaus a 10 de abril. Fiala havia regressado à patria. Miller estava colhendo espécimes nas proximidades de Manaus, realizando trabalho de capital importancia.

As piranhas eram ferozes no lugar onde estávamos e ninguém se podia banhar. Cherric quando em pé na agua, junto à praia, foi atacado e mordido, mas de um salto ganhou o seco, antes que sofresse maior mal.

Dormimos pela última vez em barraca no acampamento de Pireneus. Chovia a cantaros. Na manhã seguinte nos reunimos todos junto ao marco que o coronel Rondon fizera erigir e por ele foi lida a ordem do dia. Relatava esta o quanto fora realizado: destacou o fato de havermos nós, explorando e investigando, descoberto que o rio cujo curso superior fora denominado Dúvida nos mapas da Comissão Telegráfica, e cuja maior parte acabáramos de percorrer; que o rio conhecido por alguns seringueiros (e por ninguém mais) pelo nome de Castanho, e cuja parte inferior era pelos mesmos chamada Aripuanã (que não figurava nos mapas, salvo pela sua foz algumas vezes indicada, porém, sem indicação de seu curso — eram todos

partes de um unico mesmo rio, que por decisão do governo brasileiro passava a ser denominado rio Roosevelt, e que era o maior afluente do Madeira, com suas nascentes proximas do 13.<sup>o</sup> grau e sua foz pouco ao sul do 5.<sup>o</sup> grau, até então absolutamente ignorado dos cartógrafos e em grande parte ignorado por quem quer que fosse, salvo pelas tribus locais de indios.

Deixamos Rondon, Lira e Pireneus a fazerem observações astronômicas, e embarcamos pela última vez nas canoas. Conduzidos sem abalos pela corrente veloz, passamos uma serie pouco importante de corredeiras e rumamos ao pequeno povoado do sr. Caribé, de nome S. João, onde chegamos à uma hora da tarde de 27 de abril, exatamente antes da queda de um pesado chuveiro. Tínhamos percorrido cerca de 800 quilômetros durante os 60 dias que passáramos nas canoas. Ali encontramos o vaporzinho fluvial de Pireneus e nele nos instalamos; e todos achâmo-lo confortavel ao extremo. Na aprazivel residencia do proprietario foi-nos apresentada sua esposa, mostrando-se ambos mais que atenciosos e generosos em sua hospitalidade.

Só tínhamos pela frente a perspectiva de trinta e seis horas de viagem até Manaus. Uma excursão como a que fizemos era uma prova de fogo. Cherrie havia resistido com galhardia a todas as provações; e, tanto Kermil como eu, encontramos nele um amigo a quem sempre dedicaríamos uma estima jamais diminuida.

No começo da tarde seguinte, a comitiva toda, e mais o sr. Caribé, partimos no vapor. Apenas doze horas de navegação rápida foram necessarias para nos levar à foz, do rio, em cujo alto curso nosso jornadaear fora tão demorado e penoso. Da cabeceira à foz, conforme os cálculos de Lira, o rio pelo qual descêramos era de 1.500 quilômetros (cerca de 900 milhas, ou talvez de 1.000

milhas de comprimento), desde a sua nascente, no planalto central, a 13.º de latitude, até sua embocadura no Madeira, perto do 5.º.

Na manhã imediata estávamos na corrente caudalosa e lamacenta do baixo Madeira, que é um belo rio tropical. Cairam fortes pancadas de chuvas, como sempre, embora devêssemos estar no fim da estação das águas. Pela tarde entramos finalmente no majestoso Amazonas, o rio gigantesco que contém a décima parte do volume de todas as águas correntes do globo. Tinha alguns quilômetros de largura no ponto onde o atingimos, e não podíamos, em verdade, afirmar se a margem que avistávamos era do continente ou de alguma ilha. Subimos por ele até à meia noite, e em seguida pelo rio Negro acima, por breve distancia, chegando a Manaus na manhã de 30 de abril.

Manaus é uma cidade notável, situada apenas a tres graus do sul do equador. Ha sessenta annos não passava de um pequeno grupo anónimo de cabanas occupadas por alguns indios e uns poucos de comporios das classes mais pobres do Brasil. Atualmente é uma grande e bela cidade moderna, com teatro, bondes eléctricos, bons hoteis, lindas avenidas e edificios públicos, assim como, belos predios residenciais. As pinturas vistosas e a arquitetura cheia de arabescos, dão à cidade uma fisionomia exótica, que agrada aos olhos de um habitante do Norte. Seu rápido surto de prosperidade e crescimento foi devido ao commercio da borracha. Atualmente é ele muito menos remunerador do que já foi. Sem dúvida precisará melhorar um tanto, mas em qualquer caso o desenvolvimento do vale imensamente rico e fértil do Amazonas prosseguirá, e crescerá em proporções enormes quando forem criadas vias de comunicação aproximando-o do planalto brasileiro situado ao sul da planície amazónica.

Lá encontramos Miller, ficando muito satisfeitos por vê-lo. Tinha feito boa colheita de mamíferos e aves no Gi-Paraná, no Madeira e nos arredores de Manaus; toda a sua coleção de mamíferos era digna de nota. Entre eles figurava a única preguiça que qualquer de nós vira nessa viagem. A ave mais interessante que encontrara foi o hoatzin ou cigana, espécie de tipo arcaico bastante curiosa. Seu vôo é curto, e os filhotes implumes são dotados de garras nas asas, as quais os ajudam a trepar agilmente por entre os ramos enquanto não crescem as penas. Nadam com igual facilidade, ainda mesmo em tenra idade. Miller conseguira descobrir-lhes alguns ninhos e conservara espécimes obtidos nas vizinhanças deles, escrevendo notas exaustivas sobre os hábitos daquelas aves. Próximo a Melgaço, uma onça havia morto um dos novilhos levados para a alimentação. O grande felino não havia agarrado o animal pela cabeça, e sim dilacerara-lhe o pescoço.

Todos foram muito atenciosos conosco em Manaus, especialmente o presidente do estado e o agente executivo da cidade. O sr. Robiliard, representante consular britânico e agente da Cia. Booth de transatlânticos, foi gentilissimo também. Facilitou-nos a viagem num dos navios cargueiros da linha do Pará, e, dali para diante, num dos navios mistos para Nova York, via Barbadas. Todo o pessoal da Cia. Booth foi muito bondoso para conosco.

Levei o meu adeus aos camaradas, com sincera amizade e antecipadas saudades. O presente de despedida que dei a cada um foi em soberanos de ouro; e fiquei sensibilizado ao saber que, entre si, resolveram que cada um conservaria um soberano, à guisa de medalha, como recordação de nossa expedição. Constituíam uma equipe excelente, sendo bravos, pacientes, obedientes e fortes. Já haviam esquecido os dias penosos e estavam gordos,

porque agora podiam comer quanto quisessem; alegrava-os ir conhecer o Rio de Janeiro, o que sempre ambicionavam os homens de sua classe, e sentiam-se muito orgulhosos de ter participado da expedição.

Mais tarde, em Belem, despedi-me do coronel Rondon, do dr. Cajazeiras e do tenente Lira. Juntaente com a minha admiração pela sua audacia, coragem e perseverança, crescera no meu intimo uma forte e sincera amizade para com eles. Estimava-os, e sentia-me satisfeito ao pensar que fora seu companheiro na realização de um feito que tinha certa importancia duradoura.

A 1.º de maio, deixamos Manaus, seguindo para Belem do Pará, conto até pouco tempo era chamada. A viagem foi interessante. Navegamos por entre tempestades e soalheiras; a floresta torreada ficava amesquinhada pelo gigantesco rio que emoldurava. O levantar e o por do sol tingiam o céu de um incendio fantástico de mil cores, por sobre a vastidão das aguas. Parecia tudo a materialização de uma grandeza selvagem e da solidão. Ainda assim, o homem por toda a parte procurava vencer essa solidão, e lutando para daquela propria grandeza tirar proveito. Passamos por muitas cidades nascentes e prósperas; em uma paramos para receber cargas. Em toda a parte notava-se progresso e expansão. A transformação, que se operou a partir dos tempos em que Bates e Wallace andaram por essa região, naquela época pobre e inteiramente primitiva, é maravilhosa. Um de seus resultados foi o grande afluxo de imigrantes europeus, especialmente do sul da Europa. Por toda a parte notava-se a mistura de raças; não ha diferenciação nítida de cores, como em muitos países de lingua inglesa; são ali muito altas as doses de sangue indio e negro; mas a raça predominante na actualidade em número, e que ra-

pidamente cresce em influencia, é a dos brancos de tez azeitonada.

O rio só raramente apparece em sua largura completa. Em geral navegamos em canais, entre ilhas. A superficie das aguas era pontilhada de ilhas flutuantes de vegetação. Miller explicou que grande parte delas vinha das lagoas semelhantes às em que estivera ele caçando, nas margens do Solimões — lagoas repletas da grande e esplendente *Vitoria-Regia* e densa proliferação de lírios aquáticos. Miller, que muito apreciava os animais, cuidando sempre muito deles, tinha uma pequena coleção destinada ao jardim zoológico de Bronx. Uma cotia era tão brava, que se tornava necessario mantê-la isolada; por-seus tres macacos, um grande, outro medio e outro pequeno, formavam uma familia feliz, juntamente com um filhote de queixada. O macaco grande chorava, vertendo lagrimas reais, quando alguém o tomava nos braços, lamentando-o. O de porte medio, era estúpido e amavel, e o resto da turma abusava dele. O macaquinho montava-lhe invariavelmente às costas e o porco dele fazia traverseiro quando queria dormir.

Belem, capital do estado do Pará, constituia um admiravel exemplo do verdadeiro e surpreendente progresso que o Brasil tem apresentado nos anos recentes. E' uma bonita cidade quasi sob o equador. Mas não é apenas bonita; as docas, os serviços de dragagem, os armazens, depositos e casas de commercio, todos exprimem a energia e o triumpho na órbita commercial. E' uma cidade tão limpa, salubre e bem policiada como qualquer outra de igual importancia da zona temperada setentrional. Os edificios públicos são bellos e as casas particulares de aspecto atraente; existe um belo teatro e o serviço de bondes é excelente. Ha luzes acesas durante toda a noite, para protegerem os cavalos contra os vampiros, nas cavalariças do

batalhão montado. O Jardim Botânico e o Museu são magníficos. Os parques, as alamedas de palmeiras e de mangueiras, os restaurantes ao ar livre e a vida cheia de alegrias à noite, sob as luzes, tudo isto confere à cidade uma feição típica e cheia de encanto. Belem e Manaus são frisantes exemplos do quanto se pode fazer nas regiões semitropicais. O presidente do Pará e sua encantadora esposa foram mais do que gentis para conosco.

Cherrie e Miller passaram o dia no Jardim Zoológico, que é de real importância, com a diretora Miss Sneathlage. E' esta uma senhora alemã, naturalista de primeiro plano tanto de campo como de gabinete, e exploradora de fama, tendo viajado a pé do Xingú até o Tapajós. Com muito acerto limitou ela o Zoológico de Belem aos animais do Baixo Amazonas, e, em resultado disso, não conheço melhor jardim zoológico regional. Possui uma coleção de animais e aves de valor incalculável, e deu-me grande satisfação conhecê-la e com ela palestrar.

Conhecemos também o professor Farrabee, etnólogo, da Universidade da Pensilvania. Acabava de realizar uma excursão de grandes dificuldades e muito importante, de Manaus pelo Rio Branco até aos altiplanos da Guiana, que atravessou a pé, descendo após para a costa marítima da Guiana Inglesa. E' ele um representante admirável dos homens que estão agora franqueando a América do Sul aos estudos científicos.

A 7 de maio dissemos adeus a nossos amigos brasileiros e partimos rumo ao norte para Barbadas e Nova York.

Zoologicamente a expedição fora um triunfo completo. Cherrie e Miller tinham reunido cerca de duas mil e quinhentas aves, quinhentos mamíferos e alguns reptéis, batráquios e peixes. Muitos destes eram novos para a

ciencia, pois grande parte das regiões percorridas já mais haviam sido perlustradas por naturalistas.

Sem dúvida, o trabalho mais importante que realizamos foi o geográfico, com a exploração do rio desconhecido, empreendida por sugestão do governo brasileiro, juntamente com representantes seus. Nenhuma tarefa dessa natureza pode ser levada a termo sem ter como base trabalhos anteriores por longo tempo continuados. Como já disse em outro lugar, o nosso feito constituiu a pedra de fecho na pirâmide erigida pelo coronel Rondon e seus companheiros da Comissão Telegráfica, durante os seis anos anteriores. Foi sua exploração científica do chapadão, seu levantamento da bacia do Juruena e sua descida pelo Gi-Paraná, que nos tornaram possível esclarecer o misterio do rio da Dúvida. No mapa anexo dei o traçado de toda a minha excursão pela América do Sul. O curso do novo rio vai em separado.

O trabalho da Comissão, a obra mais importante dessa especie realzada na América do Sul, é um dos inúmeros empreendimentos que muito abonam o governo republicano do Brasil.

Este país foi mais feliz do que a maioria de suas irmãs hispano-americanas, pois tornou-se republica mais em consequencia de uma evolução, do que por meio de revolução.

Aqueles se lançaram numa experiencia democrática muito difficil do governo do povo pelo povo, depois de haverem suportado pelo transcurso de tres séculos, o atrofiamiento de todas as qualidades de imperio e confiança em si mesmas sob a peor e mais inepta das formas de governo colonial que jamais haja existido, tanto do ponto de vista civil como religioso. É maravilhoso que algumas delas tenham conseguido avoluir de modo tão admiravel, ao mesmo tempo em que outras fracassaram.

O Brasil, pelo contrario, quando proclamou sua independencia, teve-a a principio, sob a forma de imperio absoluto, e depois de imperio liberal. Quando veio a republica o povo estava razoalmente amadurecido para ella. O grande progresso do Brasil — e tem sido um progresso espantoso — se manifestou sob o regime republicano. Eu poderia dar inúmeros exemplos desse facto, como seja o da transformação que soffreu o Rio de Janeiro, de pitoresco refugio de pestes, em cidade de singular belleza, asseio e salubridade, com a eficiencia dos grandes centros modernos. O outro exemplo é a obra da Comissão Telegráfica.

Colocamos no mapa um rio de 1.500 quilômetros de comprimento, cujo curso superior, era não só desconhecido por completo, como insuspeitado por todos. O curso inferior, embora conhecido havia varios annos por alguns seringueiros, era inteiramente ignorado pelos cartógrafos. E' elle o principal afluente do Madeira, que, por sua vez, é o maior tributario do Amazonas.

As nascentes do rio explorado ficam entre os parallelos 12.<sup>o</sup> e 13.<sup>o</sup> de latitude sul, e os graus 59.<sup>o</sup> e 60.<sup>o</sup> de longitude oeste de Greenwich. Nele entramos na altura aproximada da 12.<sup>o</sup> 1' de latitude sul e cerca dos 60.<sup>o</sup> 15' de longitude oeste. Daí para diante, seu curso oscilla entre os graus 60.<sup>o</sup> e 61.<sup>o</sup> de longitude, mais se aproximando deste ultimo meridiano aos 8.<sup>o</sup> 15' de latitude. A primeira corredeira foi encontrada a 11.<sup>o</sup> 44' e numa successão ininterrupta prolongara-se por cerca de um grau, sem um dia completo de viagem entre duas delias. O seu afluente Kermit entra a 11.<sup>o</sup> 23' pela esquerda; o Marciano Ávila entra pela direita aos 11.<sup>o</sup> 22'; o Taunay, da esquerda, chega aos 11.<sup>o</sup> 18', e o Cardoso, pela direita, aos 10.<sup>o</sup> 58'. Os primeiros seringueiros foram encontrados aos 10.<sup>o</sup> 24', e o afluente Rio Branco entra da esquerda

aos 9.º 38'. Nosso acampamento aos 8.º 48' ficava quasi na divisa de Mato Grosso com o Amazonas. A confluencia do Aripuanã, que vem da direita, se faz aos 7.º 34'. A entrada do rio explorado no Madeira fica a cerca de 5.º 20'. (A determinação deste ponto não foi feita por nós; é a que consta dos mapas).

O caudal que descéramos era o mais alto dos formadores do rio, tendo nós seguido pela maior parte de seu curso.



## APENDICES



## O TRABALHO DO ZOÓLOGO E DO GEÓGRAFO DE CAMPO NA AMÉRICA DO SUL

**E**m algumas partes da América do Sul está-se atualmente iniciando um grande desenvolvimento social e industrial. Muita coisa existe que ainda precisa ser revelada ao mundo exterior, sobre as condições sociais e industriais das regiões interiores de ha muito povoadas. Mais ainda é o que resta a ser levado a cabo no terreno da exploração inicial e do trabalho científico em vastas extensões de sertania virgem. Os outros dois únicos continentes em que obra de vulto e importancia equivalentes estão por fazer são a África e a Ásia. Mas estes não oferecem campo mais atraente para o melhor tipo de explorador geógrafo e para as investigações zoológicas, geológicas e paleontológicas. O explorador é apenas um arrojado exemplar de geógrafo de campo; e ha dois ou tres pontos que precisam ser constantemente lembrados sempre que se trate de empreender na América do Sul trabalhos de campo, de geografia e zoologia.

*Grosso modo*, os viajantes que atualmente percorrem a América do Sul (assim como aqueles que a visitaram no século que passou) podem ser enquadrados em tres categorias, embora, é claro, não limitadas por linhas rígidas e fixas.

A primeira, compreende os itinerantes que percorrem o continente em confortáveis transatlânticos, passando de um grande porto de mar a outro, fazendo uma vez ou outra curtas excursões por via ferrea até alguma grande cidade interior, não muito distante do litoral. São excursões que devem ser realizadas por todos os homens e mulheres inteligentes que as possam custear, e estão sendo feitas por tais pessoas com intensidade crescente. Não envolvem dificuldades superiores a uma viagem pelo Mediterraneo, tal como aquela que Mark Twain immortalizou.

É uma excursão que para observadores cultos e de vistas largas oferece as mesmas oportunidades para aquisições de conhecimentos, que encontram numa viagem de igual extensão pelas maiores cidades da Europa ou da Norte América; e se o viajante for dotado de aptidões literarias, terá as mesmas oportunidades de transmitir a outrem os conhecimentos adquiridos.

O melhor exemplo do uso excelente que um observador dessa especie pode fazer de sua experiencia pessoal, é provavelmente constituído pelo livro do sr. Bryce. É evidente que numa viagem dessa categoria é, em essencia, o mesmo que ir de via ferrea de Atlanta a Calgary, ou de Madrid a Moscou.

A segunda categoria abrange os viajantes que percorrem as regiões de ha muito povoadas do interior, e as cidades coloniais, por terra ou pelos rios frequentados, regiões ha séculos conhecidas, mas que ainda oferecem aspectos de rusticidade em hospedarias primitivas e meios de transporte obsoletos. Essa especie de excursões, apresenta as mesmas dificuldades que se encontra ao percorrer algumas regiões da Espanha, do sul da Italia ou dos países balcânicos.

Os homens e mulheres que tenham pendor para andar por lugares afastados, e que alem disso não se incomodem

com umas tantas faltas de conforto e com ligeiras inconveniências, têm oportunidades, na América do Sul, para gozarem e para transmitirem aos outros os proveitos de excursões dessa categoria. Nos assuntos sociais, econômicos e políticos, os estudos e observações destes turistas são indispensáveis para crescer e muitas vezes corrigir os que fazem os viajantes da primeira categoria, pois não é seguro fazer generalizações apressadas sobre uma região com base apenas numa visita a sua capital ou a seu principal porto de mar. Os viajantes desta segunda categoria nos podem fornecer informes muito valiosos e cheios de interesse, a respeito de pequenas cidades originais e atrasadas, sobre os habitantes de áreas remotas, acolhedores ou esquivos, mostrando uma mistura de costumes selvagens e costumes de camponios de antanho; ou também sobre velhos caminhos de travessia que em desconforto nada ficam a dever aos da Europa na Idade Média. Os excursionistas que sobem e descem os rios frequentados de cem a quatrocentos anos, tais como o Paraguai, o Paraná, o Amazonas, o Tapajós, o Madeira, e o baixo Orenoco — entram nessa categoria. Pouco lhes é dado acrescentar aos nossos conhecimentos geográficos; mas se forem bons zoólogos e competentes em arqueologia, especialmente se viverem ou permanecerem por longo tempo numa localidade, seus trabalhos podem ser de inestimável valor sob o ponto de vista científico. As revelações dos arqueólogos sobre as ruínas intemoriais das florestas das baixadas e dos altiplanos Andinos pertencem a essa categoria. O que fez Agassiz sobre os peixes do Amazonas e Hudson realizou com relação às aves da Argentina, constituem outros exemplos das tarefas que assim podem ser levadas a termo.

Os trabalhos de Burton sobre o interior brasileiro, constituem um excelente exemplo do valor de uma esta-

da ou de uma viagem dessa especie, ainda que sem objetivo científico especial.

E' evidente que os excursionistas desta especie não precisam lembrar que sua experiencia pessoal não os habilita a se declararem desbravadores de sertões. Da mesmo modo que um bom arqueólogo pode não ser competente para falar sobre problemas correntes de politica ou de sociologia, tambem o individuo que produziu valioso trabalho, como turista observador, em cidades pouco frequentadas, ou em estradas invias e remotas, deve acautelar-se de se considerar habilitado para as verdadeiras viagens nos sertões, ou autorizado a emitir juizos sobre os que realizam esta tarefa. Atravessar os Andes no lombo de bestas, pelas estradas batidas, é um feito comparavel ao que os turistas destemidos realizam aos milhares atravessando pelos trilhos de animais de sela certos recantos afastados da Suíça.

Uma viagem trivial pelos trechos frequentados do Amazonas, do Paraguai ou do Orenoco, não qualifica tão pouco o individuo, para tomar parte em explorações de rios desconhecidos da América do Sul ou para emitir opinião a respeito. Assim tambem, uma viagem pelo baixo São Lourenço não habilita alguém a se considerar capaz de viajar de canoa através do Labrador ou das terras áridas do oeste da baía de Hudson.

Ha um século, ou mesmo ha setenta ou oitenta anos, antes da era dos navios a vapor e das ferrovias, era mais difficil do que agora a delimitação entre esta categoria e a seguinte; aliás definindo esses limites, protesto com toda a veemencia contra qualquer intenção que me atribuam querer assim criar um criterio isolado de valor para livros de viagens. A "Viagem do Beagle" de Darwin é, a meu ver, o melhor livro deste genero algum dia dado à estampa; é um desses livros clássicos que não cabem em

classificações artificiais, e, que por si mesmos se impõem; e no entanto, Darwin, com sua habitual modestia, a ele se referia como se fora apenas a narração de uma excursão de recreio. A obra de Humboldt teve uma profunda influencia sobre o pensamento do mundo civilizado; sua viagem foi arriscada e cheia de perigos, e mesmo assim difficilmente pode ser propriamente qualificada como uma exploração.

Visitou ele localidades povoadas havia séculos e atravessou regiões que haviam sido trilhadas pelo homem civilizado anos antes que ele lhes puzesse os pés; esses lugares, *porem, estavam em colonias espanholas, cujo acesso fora prohibido pela tirania barbara e intolerante — eclesiástica, política e econômica — que então fazia da Espanha a mais atrasada das nações da Europa.* Humboldt foi o primeiro cientista de independência intelectual que obteve permissão para visitá-los. Até hoje muitas de suas observações científicas conservam seu pleno valor.

Bates chegou ao Amazonas exatamente na vespera da época dos vapores fluviais. Jamais se afastou dos caminhos batidos dos nativos. Mas era um esforçado e habil naturalista. Viveu durante onze anos uma existência primitiva e laboriosa, num isolamento inexcedível. Na época atual, meio século depois de escrita sua obra "O Naturalista no Amazonas" conserva seu valor de antanho e nenhum livro posteriormente estampado lhe fez sombra sob qualquer ponto de vista.

As expedições da terceira categoria compreendem a obra dos autenticos pioneiros na exploração das regiões desconhecidas, que amplia nossos conhecimentos geográficos; e dos cientistas que, na esfera de suas varias especializações, também efetuaram trabalhos nos invios sertões. O coronel Rondon e seus companheiros, muito fizeram para a exploração geográfica de zonas desconhecidas. Cher-

rie e Miller penetraram ermos onde viveram durante meses e anos com seus próprios recursos, a bem de seus estudos sobre a fauna dos mamíferos e das aves regionais. O professor Farrabee, o antropologista, constitue um exemplo típico do homem que realiza essa difícil e valiosa especie de trabalhos.

Uma enorme parte dessa genuína tarefa geográfica e zoológica de sertanistas está por fazer na América do Sul. Só pode ser levada a cabo com razoavel esforço conjunto, mediante os trabalhos reunidos de numerosos e varios exploradores, atuando cada um dentro de sua especialidade. É desejavel que aquí e ali uma parte dessa tarefa seja associada a um reconhecimento geográfico e zoológico como o nosso; ficaríamos, por exemplo, muito satisfeitos, se um trabalho dessa especie fosse feito em regiões do interior das Guianas, nas cabeceiras do Xingú e em pontos varios ao longo das faldas orientais dos Andes.

Mas, em regra geral, o trabalho deve ser especializado; e, em seus derradeiros lineamentos, deve ser especializado em toda a parte. Os primeiros exploradores geógrafos do sertão desconhecido, os pioneiros que ingressam nos ermos em que se lhes deparam a fome, a doença, o perigo e a morte sob variados aspectos, não podem levar consigo o complicado aparelhamento necessario à completa e acabada obra técnica requerida pelas modernas exigencias científicas. Isto é verdade ainda no caso de explorações efetuadas em rios desconhecidos; é ainda mais verdade nas explorações, que se tornarão na América do Sul progressivamente mais imperativas, a serem feitas através de regiões afastadas das vias fluviaes.

O trabalho científico que cabe a estes exploradores precoces terá de ser de uma natureza, até certo ponto, preliminar; em outras palavras, as mais arduas e, por consequencia, de ordinario as mais importantes partes de

trabalho do explorador de primeira mão, são precisamente aquelas em que a precisão científica do cartógrafo do geólogo, do botânico, e do zoólogo mais se afastará de sua forma definitiva. O zoólogo que com mais proveito opera no sertão, deverá dispor de tempo, e, por conseguinte, deverá seguir as pegadas, e não ir em companhia dos primeiros exploradores. Quem quiser realizar o melhor trabalho científico no sertão, não deve associar espécies de trabalhos incompatíveis, nem procurar percorrer grandes extensões de território em prazos muito limitados.

Não conheço melhor exemplo do tipo de zoólogo que pratica serviços de primeira ordem no sertão, do que João D. Haseman, que permaneceu desde 1907 até 1910 procedendo a minuciosa e completa investigação científica em vastas regiões de territórios sul-americanos até então só em parte conhecidos ou por completo inexplorados. O objetivo primacial de Haseman era o estudo das características e distribuição dos peixes na América do Sul, mas na realidade estudou ele, em primeira mão, muitos outros assuntos ligados àquele objetivo em maior ou menor grau, como se pode ver em suas observações sobre os índios e no seu excelente opúsculo sobre "Alguns Fatores de Distribuição Geográfica na América do Sul".

Haseman realizou sua longa excursão com um equipamento muito reduzido, devendo o extraordinário êxito de seu trabalho campal à sua perfeita condição física de vigor e saúde, e à sua capacidade de ação, confiança em si próprio e energia. Seus escritos são de alto valor pela exatidão e bom senso de que são repassados. A falta do primeiro desses atributos, é logo intuída por quem quer que leia as ficções realmente escandalosas que têm sido publicadas como verdades por alguns modernos "exploradores" da América do Sul; (1) e a falta de senso co-

(1) *Nota do A.* Seria um grande benefício se alguma sociedade geográfica idônea fizesse proceder a uma investigação

numa, em algumas das teorias esdrúxulas emitidas em nome da ciência, sobre a história da vida no continente sul-americano, pode ser verificada por quem quer que se dê ao trabalho de as examinar. Todavia, precisa-se fazer uma acusação seria a Hascman: a da extrema obscuridade de seu estilo — obscuridade interpolada de tra-

---

sobre as acusações formais de caráter oficial, que o coronel Rondon, como oficial do exército e cavalheiro da mais ilibada reputação, articulou contra o sr. Savage Landor. Em relatório oficial para o governo brasileiro, escreveu ele uma crítica acerba sobre o sr. Landor. Pôr de manifesto que Landor não realizou nem se esforçou para levar a cabo a tarefa de exploração que contratara efetuar para o governo do Brasil. O sr. Landor asseverou e prometeu que atravessaria território desconhecido ao longo do paralelo de 11° de latitude sul, e, segundo acentua o coronel Rondon, foi em consequência dessa proposta de Landor que o governo federal lhe adiantou auxílio financeiro. No entanto, como o demonstra o coronel Rondon, o sr. Landor não cumpriu sua palavra e nem se esforçou seriamente para se desempenhar da obrigação moral de efetuar o que afirmara que faria.

Em carta que me dirigiu a 1.º de maio de 1914 — carta que foi publicada na íntegra na França — o Cel. Rondon se estende no exame do território que o sr. Landor percorreu. Verificou ele que — exceto numa ocasião em que o explorador se afastou de uma trilha batida, por se haver perdido, voltou imediatamente ao ponto de partida, sem fazer qualquer descobrimento — conservando-se sempre nos velhos caminhos frequentados. Um tônico da carta do coronel diz o seguinte: "Posso garantir que o sr. Savage Landor não percorreu no Brasil um palmo de território que não houvesse sido explorado, na sua maioria, há já varios séculos". Com relação ao breve e único episódio em que Landor abandonou a trilha batida, o Cel. Rondon verificou que, em S. Manuel, Landor obteve do sr. José Sotero Barreto (coletor de rendas de Mato Grosso) um guia contratado para o levar pela estrada muito frequentada que vai do Tapajós ao Madeira, via Canumá. O guia, no entanto, se perdeu, e, após alguns dias, voltaram ao ponto de partida, ao invés de seguirem para o Canumá.

ços ocasionais de pedantismo científico, que torna difícil distinguir se em alguns pontos também seu pensamento é obscuro. Tanto os cientistas como os modernos historiadores, deveriam ter sempre presente que a clareza no falar e escrever é essencial à clareza do pensamento; e

---

O sr. Barreto, cavalheiro de alta posição, relatou o incidente a Fiala, quando este desceu pelo Tapajós (a viagem de Fiala pelo Papagaio, Juruena e Tapajós, diga-se de passagem, foi infinitamente mais importante que todos os trabalhos realizados pelo sr. Landor na América do Sul considerados em seu conjunto); os tenentes Pireneus e Melo, já mencionados no corpo deste livro, informaram-me que acompanharam o sr. Landor na maior parte de sua excursão por terra, antes de embarcar no Arinos, e que ele apenas trilhou estradas francas ou então a da linha telegráfica, acrescentando que o Cel. Rondon verificou que os índios que Landor encontrara e fotografara, eram os aldeados das missões salesianas.

O relatório oficial ao governo brasileiro e a carta a mim dirigida pelo Cel. Rondon são de interesse para todos os geógrafos e outros cientistas cujos campos de estudos tiverem quaisquer relações com as pretensas descobertas do sr. Landor. Contém esses documentos acusações muito graves que me dispense de reproduzir. Será bastante dizer que as narrações das pretensas explorações do sr. Landor não podem merecer a mais ligeira consideração, a menos que responda ele de modo detalhado e satisfatório ao Cel. Rondon, coisa que até o presente deixou de fazer.

Por fortuna, não faltam exemplos da espécie de realizações exatamente opostas, desde os tempos de Humboldt, Spix e Martius, até à época atual, em que exploradores alemães têm representado um papel saliente na exploração da América do Sul. Entre os homens e mulheres que têm levado a cabo taes obras de capital importancia, que têm arrostado provações e riscos trabalhando com espirito científico indefectível, e que muito acrescentaram nosso acervo de conhecimentos biológicos, geográficos e etnológicos, posso mencionar Miss Sneathlge e Herr Karl von den Steinen.

que um estilo simples e desataviado, e, caso possível, cheio de vivacidade, é de vital importância na produção de obras de primeira classe, seja na ciência ou seja na história. Darwin e Huxley são clássicos, mas não o seriam se não tivessem escrito em bom inglês. O pensamento é o essencial, porém a capacidade em dar-lhes expressão clara é pouco menos essencial do que ele.

A habilidade de bem escrever, quando o escritor não tem assunto sobre o qual escreva, só serve para o expor ao ridículo. Por outro lado, um pensamento elevado, se formulado de maneira obscura ou medíocre, perde enormemente de valor. Sendo Haseman um espírito tão privilegiado, é de lamentar se transforme em esforço irritante a pesquisa do seu pensamento. Por seguro, se ele quisesse empregar tanto esforço para escrever, quanto o emprega no trabalho infinitamente mais difícil de explorar terras e colher espécimes, se tornaria capaz de exprimir seu pensar com clareza e vigor. Deveria formular os períodos depois de verificar com certa segurança que podiam ser analisados gramaticalmente. Deveria ainda esforçar-se para exprimir na íntegra seu pensamento, em vez de nele deixar omissões a serem preenchidas pelo leitor surpreso e hesitante. Suas vistas pessoais e comentários sobre as opiniões de terceiros concernentes às teorias estáticas e dinâmicas relativas à distribuição, constituem exemplo de um importante princípio expresso de modo tão imperfeito, que nos deixa a perguntar-nos se foi ele perfeitamente apreendido pelo escritor. Poderia este evitar o uso de tais expressões pedantescas, que na realidade nada mais são do que desagradável gíria científica, felizmente de efêmera existência. Como exemplo, tomo o aparecimento recente do uso e abuso, geralmente tautológico abuso do vocábulo "complexo" — excelente se usado com parcimônia e propriedade. O sr. Haseman, emprega-o a torto e a direito, quando sua aplicação é im-

própria ou redundante, às vezes servindo para tornar obscuro o pensamento. Ele fala em "complexo Antilhano", quando quer se referir às Antilhas; e em "complexo orgânico", em lugar dos característicos ou caracteres físicos de um animal ou de uma espécie; e em "complexo mesológico" quando nada mais quer indicar do que o meio ambiente. Em resumo, o sr. Haseman e os modelos que imita no caso presente, empregam a expressão "complexo" exatamente com o mesmo sentido espiritual com que aquela célebre velha encontrava conforto religioso, — em vez de científico — no emprego da "sagrada palavra Mesopotamia".

O motivo pelo qual convém lavrar este protesto contra o estilo do sr. Haseman, é justamente ser de tão real e notável valia o seu trabalho. O opúsculo sobre a distribuição das espécies sul-americanas mostra que ele associa à sua excepcional aptidão de naturalista de campo um raro poder de deduzir dos resultados por ele conseguidos e dos estudos por outros realizados, as conclusões gerais necessárias, com tanta cautela quanto originalidade; e nada é mais imperativo no atual momento, entre nossos cientistas, do que o aparecimento de um grupo de homens que, além de ser habéis observadores de detalhes, colecionadores de espécimes e cautelosos no generalizar, não permitam que suas faculdades de generalização prudente sejam atrofiadas por uma excessiva dedicação às minúcias labirínticas.

Haseman sustenta com forte argumentação a hipótese de que, desde o aparecimento de todas as formas da vida sobre a terra — com exceção das manifestações vitais inferiores — existiram sempre tres grandes massas moles continentais, sólidas às vezes e outras vezes fragmentadas que se estendiam do hemisferio norte em direção ao sul. Essas massas estiveram de quando em quando ligadas ao norte, porem jamais o foram nas re-

giões médias e austrais, desde o período carbonífero. Sustenta ele que a vida foi distribuída com intermitências ao longo dessas massas continentais, quando não havia interrupções em suas ligações ao sul; e, quando ligadas ao norte, a vida foi entre elas intercomunicadas também periodicamente; mantém ele, além disso, a opinião de que, partindo de uma forma ancestral, as mesmas espécies muitas vezes se haviam desenvolvido em localidades inteiramente independentes umas das outras, quando nelas as condições do meio eram idênticas.

A teoria contrária afirma que existiram frequentes ligações entre os grandes maciços telúricos, tanto nos trópicos como na zona temperada austral e nas regiões antárticas. Os partidários desta hipótese baseiam-se na quasi exclusividade na distribuição das formas atuais e das fosséis da vida; ou seja, tomando como base considerações exclusivamente biológica e não geológicas. É fora de dúvida que a distribuição de muitas formas de vida, passada e presente, oferece problemas que nossos atuais conhecimentos paleontológicos em absoluto não nos permitem resolver. Se considerarmos somente os dados biológicos relativos a um isolado grupo qualquer de animais, não só se torna fácil, como também inevitável a existência de alguma ponte originária ligando diretamente, por exemplo, a Patagonia e a Austrália ou o Brasil e a África do Sul, ou ligando as Índias Ocidentais e o Mediterrâneo, ou ainda ligando uma parte da região Andina ao nordeste da Ásia.

A dificuldade que surge consiste em que, quanto maior for o número de grupos animais estudados à luz desta hipótese, o número de tais pontes telúricas, exigindo para explicar os fatos existentes sobre a distribuição animal, cresce de modo constante e indefinido. Um livro recente, escrito por um dos mais cultos defensores

desta hipótese, adota, pelo menos, dez pontes dessa espécie entre a América do Sul e todos os outros continentes, presentes e passados do orbe, a partir de um período geológico não muito remoto. Muitas dessas pontes terrestres, além disso, devem ter a forma exata de pontes: de compridas e estreitas faixas de terras lançadas para todas as direções, através dos largos oceanos. Segundo essa hipótese, as massas telúricas continentais deveriam achar-se num estado de acentuada instabilidade de fluidez. Raciocinando-se de modo idêntico, as dez pontes de terras poderiam ascender a uma centena, em vez de serem dez somente. Os fatos atinentes à distribuição, são, em muitos casos, inexplicáveis à luz de nossos conhecimentos atuais; ainda assim, caso a existência de formas muito separadas no espaço, mas aparentes de perto, for habilmente explicada de acordo com as opiniões dos extremistas dessa escola, poderíamos concluir, do estudo exclusivo de certos grupos animais, que em diversos períodos geológicos os Estados Unidos e quasi todas as outras terras do mundo, estiveram ligadas entre si e separados de todas as outras terras pelo mar — e, do estudo de outros determinados grupos animais, poderíamos também chegar a conclusões diametralmente opostas e incompatíveis com as primeiras.

O mais brilhante e perigoso representante desta hipótese foi Ameghino, que possuía (e delas abusava) duas qualidades, ambas essenciais ao cientista da espécie mais elevada, e ambas prejudiciais, a menos que o cientista seja dotado de uma rara faculdade de pensar com exatidão, aliado ao conhecimento apurado dos detalhes. Essas qualidades são: o dom de escrever de modo claro e interessante, e a capacidade de fazer generalizações. Ameghino prestou assinalados serviços à paleontologia. Generalizou, porém, tomando como bases os mais fracos indícios, com

absoluta inconsideração; e mesmo esses indícios foram por ele muitas vezes mal interpretados ou compreendidos.

Sua tese favorita consistia em afirmar que a origem da vida dos mamíferos e do próprio homem foi no extremo austral da América do Sul, e, incidentalmente, a crença de que as estratificações portadoras de fósseis mamíferos da América do Sul, são muito mais antigas do que as portadoras de restos idênticos em outras paragens; de que na América do Sul existiram varias espécies e gêneros de homens, no período terciário, alguns tão adiantados quanto os selvagens atuais que mais o são; que existiram varias pontes telúricas entre a América do Sul e outros continentes austrais, incluída a África; e de que os tipos ancestrais dos mamíferos de hoje, e do próprio homem, passaram por uma dessas pontes para o antigo continente, dali havendo seus remotos descendentes regressado ao Novo Mundo após largo período de tempo.

Depois de haver procedido a valiosas investigações nos terrenos fossilíferos da Argentina, Ameghino formulou algumas sugestões excelentes, de caráter geral, como aquela de os símios pitecoides, como os cinocéfalos não pertencerem à linhagem ancestral do homem, representando, porém, uma linha divergente daquela, em marcha regressiva da humanização para a bestialidade. No entanto, ele não comprova qualquer de suas grandes teses, e todos os elementos probatórios que possuímos depõem contra elas. No Museu de La Plata verifiquei que as autoridades na matéria eram praticamente unânimes em considerar os restos do homem terciário e do proto-homem de Ameghino, como pertencendo aos símios terciários americanos, ou a índios, provenientes de estratificações muito posteriores ao terciário. As extraordinárias descobertas devidas ao eminente cientista e homem público que é o dr. Moreno, dos restos da extinta fauna gigante da América do Sul, do milodonte, de um ungulado gigante, de um

grandíssimo felino semelhante ao leão e de um cavalo de um gênero por completo diverso do cavalo atual, demonstram de maneira concludente que em seus últimos estágios, a fauna sul-americana consistiu principalmente em tipos que em todas as outras regiões da terra já haviam desaparecido; e que esses tipos persistiram até um período geologicamente bastante recente, estendendo-se até algumas dezenas de milhares de anos da época atual, quando o homem primitivo, de um tipo virtualmente moderno, já havia aparecido na América do Sul. As provas de que dispomos, em todo o seu alcance, tendem a evidenciar que a fauna da América do Sul sempre foi de um tipo mais arcaico do que a fauna arctogeal do mesmo nível cronológico.

Para as generalizações sem base e para as falsas interpretações dos dados geológicos, a espécie de trabalho realizado pelo sr. Haseman representa um valioso antidoto. A meu ver, ele fundamentou uma presunção mais robusta em favor da hipótese que advoga, do que as das hipóteses de quaisquer outros cientistas cultos e habéis, de cujas conclusões Haseman diverge. Só poderemos proferir decisão final no assunto, em face de posteriores indagações cuidadosas, seguras e de grande extensão; e para que tais investigações sejam eficientes, deverão ser realizadas por numerosos cientistas, dotados todos eles, e n alto grau, da excepcional capacidade de trabalho de Haseman tanto de campo como de gabinete, e sua capacidade de observar e sua intuição e sua perseverança em pesquisar a verdade com inflexível probidade, até onde quer que ela os possa levar — sendo esta uma das mais altas de entre as muitas e grandes qualidades que elevaram Huxley e Darwin acima de seus colegas.

## APENDICE B

### EQUIPAMENTO NECESSARIO PARA VIAJAR NO SERTÃO SUL-AMERICANO

O territorio da América do Sul compreende tantos e tão variados tipos de terrenos, que se torna impossivel planejar um esquema de equipamento que se adapte a todos eles. Uma expedição cinegética nos pantanais, na arcia alagadiça do alto Paraguái, *oferece um problema simples*. Muito diverso e difficil é o que se apresenta no caso de uma viagem de exploração através de regiões desconhecidas de florestas tropicaes, ainda que empreendida principalmente por via fluvial. Tuda que posso fazer no assunto em apreço, é dar algumas indicações resultantes de nossa experiencia pessoalmente adquirida.

Para o pernoite deve-se adotar a rede com mosquiteiro e uma coberta ligeira. Tudo isso pode ser obtido no Brasil. Como abrigo, é sufficiente uma barraca leve; a nossa foi levada conosco de Nova York.

Em explorações, só deve ser usada a barraca aberta, porem nas excursões em que o peso das bagagens não constituir obstaculo, pode-se levar uma barraca fechada, até um tapete de lona. Cadeiras e mesa de campanha devem ser levadas — qualquer bom armazem especialista dos Estados Unidos pode fornece-las; e só devem ser abandonadas quando se torne imperativo reduzir todas as bagagens.

Nas viagens pelos rios são necessarias roldanas e cabos de primeira ordem; preferiveis os cadernais de aço, em qualquer caso muito resistentes. A menos que as difficuldades de transporte sejam insuperaveis, devem ser, por todos os meios, levadas canoas de lona com cimento impermeabilizante, como as vendidas por varias firmas do Canadá e dos Estados Unidos. São incomparavelmente superiores às canoas escavadas em troncos de árvores. Mas, em rios de diversas naturezas as canoas que convem nos varios casos são de tipos e tamanhos inteiramente diferentes. Em alguns rios podem ser utilizadas lanchas a vapor ou elétricas; não é possível estabelecer uma regra geral.

Quanto ao arnamento, uma boa e simples espingarda calibre 12 com um terceiro cano estriado de 30-30 sob os outros dois, é a melhor arma para se ter sempre à mão nas matas sul-americanas, onde a caça grossa é rara, porem mesmo assim, pode aparecer a qualquer momento em nosso caminho.

Nas caçadas de onças, antas, cervos, ou dos queixadas grandes, é preferivel uma carabina de repetição, leve de 30-30, 30-40 ou 256. Não é necessaria a carabina pesada na América do Sul. Caixas ou malas de folha de flandres são preferiveis para se conduzir as cousas sobressalentes, pessoais.

Uma boa farmacia portatil é indispensavel. Na actualidade, os médicos se acham tão a par das molestias tropicais que não é difficil preparar uma farmacia.

É melhor não realizar a excursão, do que empreendê-la sem um grande sortimento de comprimidos de quinino. — Comprimidos anti-coléricos e catárticos seguem-se em importancia.

Deve-se ter serum liquido para se combater a desintheria amebiana, assim como o serum anti-ossidico. Convem levar abundancia de insecticidas.

Como indumentaria, eu e Kermit usavamos o que nos restava de nossa excursão na África. Capacetes de cortiça são úteis no terreno descoberto; os chapéus moles, infinitamente preferíveis no mato. Sapatões ferriados a pregos pequenos e numerosos, nunca dos grandes e espaçados — assim como borzequins ou sapatos com sola de borracha e perneiras leves e flexíveis, são aconselháveis para os pés.

Quanto às meias, os gostos variam; prefiro as minhas de lã grossa. Camisas caqui ou, na falta delas, paltós caquis com muitos bolsos. As roupas de baixo devem ser muito leves. Quem tiver os joelhos e pernas muito sensíveis, deve adotar culotes com meias de cano alto e perneiras.

De ordinario as calças tendem a embaraçar os joelhos. Se os joelhos suportarem a nudez, o melhor é usar calções que só cheguem acima deles.

Provavelmente um saiote escocês seria melhor que tudo. Kermit usou calções nas matas do Brasil como já os havia usado na África, no México, e nas matas de Nova Brunswick.

Alguns dos melhores caçadores modernos usam calções, como por exemplo o desportista de primeira classe que é o duque d'Alva.

O sr. Fiala de acordo com a experiencia adquirida em sua viagem descendo o Papagaio, o Juruena e o Tapajós, emite seu juizo sobre equipamento e provisões de boca do modo que se segue.

A historia das explorações na América do Sul está cheia de perdas de canoas, de cargas e de vidas. A canoa primitiva, feita de um único tronco de árvore gigantesca escavada, tem sido o único veiculo adotado. É duravel, e no caso de perder-se pode ser substituida prontamente na mata, por homens destros no uso da cuxo e do ma-

chado. Mas, pelo seu grande peso e bordas de pouca altura livre, não se presta para transporte de carga grande; e devido às imperfeições de sua estrutura, não possui a melhor forma para correr nas águas rápidas e traçoceiras de muitos rios sul-americanos.

O índio da América do Norte criou, sem dúvida, um veículo largamente superior, com a canoa de casca de bétula, na qual desce corredeiras que um índio sul-americano, em sua piroga de tronco escavado, nunca pensaria em passar — embora, em regra geral, o índio da América do Sul seja admirável para manejá-las, tão bem e, sob alguns pontos de vista, superior ao seu contemporâneo do norte, nesse mister. Nas muitas baldeações a canoa leve de casca de bétula, ou sua representante atual, a canoa de arnação coberta de lona, pode ser carregada a braços por dois a quatro homens a vários quilômetros de distancia, caso necessário; quanto a canoa de cocho, precisa ser arrastada por meio de roldanas e cordas num trabalho estafante, por sobre rolos previamente cortados na mata — ou com grande risco são descidas pelas beiradas das corredeiras por meio de cordas, varejões e crôques, sendo necessário, às vezes, os homens mergulharem na água até os ombros, para guiarem a embarcação na corrente impetuosa, a um porto de salvamento.

As Canoas dos nativos, muito compridas e pesadas, dificilmente passam sem alguns esbarros nas pedras. De fato, são geralmente arrastadas por sobre as pedras nas águas rasas próximas da margem, de preferência a serem arriscadas a um mergulho nas águas profundas e rebojantes, pelas razões acima indicadas. A canoa norte americana pode ser manobrada com maior facilidade nos momentos críticos, entre as águas revoltas. Muitas vezes ouvi do meu piloto exclamações de satisfação ao vencermos uma passagem difícil entre duas pedras, com a nossa canoa canadense lotada. Ao entrar na mesma travessia, a ca-

noa de tronco se inclinava para o lado da corredeira, até que, num supremo esforço, seus tres vigorosos remadores e o piloto a endireitavam exatamente a tempo de salvar-se. Embarcava muita agua em lugares onde a canadense passava sem receber uma gota. Batíamos em algumas pedras submersas, porém a canoa era tão elástica, que não sofria dano algum.

Nossa embarcação de seis metros e tanto de armação coberta de lona, para cargas, tipo especialmente construído para esse fim, modelada com linhas profundas, com borda livre elevada, pesava cerca de setenta e cinco quilos, comportando facilmente uma carga de uma tonelada (906 quilos); além disso, conduzia essa carga a salvo, em lugares onde a mesma, repartida por tres canoas de troncos, de dez a doze metros, se teria perdido. As canoas nativas pesam de quatrocentos a mil e duzentos quilos e até mais.

Em face do que atrás ficou dito, o viajante explorador deverá levar consigo a canoa americana se quiser fazer trabalho proveitoso. Duas delas comportariam de cinco a sete pessoas, com um piloto e, pelo menos, dois remeiros em cada uma. Podem ser escolhidas de dois tamanhos diversos, afim de serem embaladas para o transporte uma dentro da outra, com grande economia no frete. Seis remos, no mínimo, devem acompanhar cada embarcação, precisando ter de comprimento 1<sup>o</sup>40, 1<sup>o</sup>45 e 1<sup>o</sup>52. Outros remos a mais, de 2<sup>o</sup> a 2<sup>o</sup>60 de comprimento, servirão de leme. Os remeiros nativos, depois de haverem manejado os leves remos canadenses, preferem-nos aos mais bem acabados feitos em sua terra. Os meus próprios remeiros quebravam ou perdiam os remos nativos, afim de obterem os norte-americanos, que marcavam com suas iniciais e usavam com grande cuidado.

Será conveniente prover cada embarcação com dois flutuadores de cobre, um à proa e outro à popa, com fe-

chainento à prova d'agua, de rosca. Nesses flutuadores em forma de reservatorio poderiam ser guardados os foforos, o cronômetro para observações astronômicas e os registros científicos, assim como o diario da excursão. É claro que não se deverá esquecer que esses depositos são boias e que não devem ser utilizados de modo a, com o excesso de peso, ficar prejudicada sua capacidade de flutuação. Deve-se tambem levar certa aparelhagem de reparações, que se acomodará sob os bancos; constará de cimento impermeabilizante, de um pedaço de lona igual à que reveste a canoa, pregos de cobre, rebites e pregos galvanizados; uma boa machadinha e martelo; latinha de tinta, verniz de pincel e tinta com base de cobre, servirão de defesa contra o cupim e as chuvas torrenciais. Encerrando o assunto, posso afirmar que o viajante não achará dificuldade, na América do Sul, para dispor das canoas, ao findar a excursão.

**MOTORES** — Tínhamos um de tres e meio cavalos, que podia ser fixado em popa de canoa ou bote, da "Evânude Motor Company", com um magneto ligado ao volante, de sorte que nunca precisávamos recorrer à bateria para o serviço do motor.

Embora deixado ao sol e à chuva por auxiliares nativos negligentes, jamais nos causou decepções. Foi-nos de grande auxilio, especialmente quando subimos a forte correnteza do Sepotuba, onde viajamos rio acima durante noites inteiras, com o motor à popa de pesada embarcação. Para explorações em subida de rio seria muito util, pois o de dois cavalos pesa vinte e cinco quilos, e o de tres e meio, cinquenta. Se for possível adaptar ao motor um carburador para kerozene, seu valor ficará muitas vezes aumentado, pois na América do Sul, quasi em toda a parte se encontra kerosene à venda.

*BARRACAS* — Não ha melhor tecido para barracas do que o algodão impermeavel "Sea Island", de fabrico americano, que existe no comercio com o nome de seda impermeavel. Abriga contra as chuvas mais pesadas e é muito leve. A lona fica embebida d'agua e os panos (ou couros) quimicamente impermeabilizados deixam a agua passar. O tapete impermeavel de lona é luxo, mas, embora contribua para acresceter o peso das bagagens, pode ser levado nas viagens comuns. A barraca deve ser de 2<sup>m</sup>40 por 2<sup>m</sup>40, ou de 2<sup>m</sup>40 por 2<sup>m</sup>75, de modo a permitir armar-se uma rede confortavel. Um sacco folgado de lona impermeavel, para nele se guardar a barraca, convem muito, pois os auxiliares nativos são, em regra, descuidados, e o sacco evita os rasgões e outros estragos.

*REDES* — A rede é a cama na América do Sul, e o viajante verificará que é de inexcédível conforto. Longe das cidades grandes e dos povoados as camas são raras. Todas as casas são providas de muitos ganchos para redes. O hospede é rodeado de atenuções, e após o jantar lhe indicam um par de ganchos onde pendure a rede, pois é de supor que tenha a sua; em época de mosquitos tambem deve ter seu mosquiteiro, embora nada mais possua. De ordinario, rede e mosquiteiro de fabricação nacional podem ser obtidos em qualquer parte. Mas é preferivel prover-se de uma rede confortavel, com mosquiteiro de filó bem fino.

A cama de vento ou de campanha é pesada e suas numerosas pernas são outros tantos caminhos pelos quais toda a sorte de insetos podem subir até ao occupante. As formigas são uma praga especial, podendo algumas morder com o vigor entusiástico de bichos muito maiores que elas. O tapete de lona na barraca alivia até certo ponto o aborrecimento dos insetos.

As cabeceiras dos rios são geralmente atingidas com bestas e bois de carga. O carro de bois primitivo também vai onde os caminhos o permitem. A carga máxima para um animal é de 72 a 82 quilos, devendo os caixotes pesar de 23 a 27 quilos cada um, no máximo. Cada caixote deverá trazer marcada a relação do conteúdo e os pesos líquido e bruto, em quilos.

Para a bagagem individual a mala de fibra, leve, para mostruário, usada pelos viajantes nos Estados Unidos, convem admiravelmente. As malas comuns reforçadas com metal, vendidas para esse fim, são muito pesadas e têm o inconveniente de empenar pela ação da umidade e da chuva, sendo muitas vezes necessário o machado ou um pesado martelo para abri-las. São boas para viagens ordinárias em via-ferrea ou em vapores, mas não são absolutamente práticas para costas de burros de carga ou para canoas.

A mala de fibra para mostruário poderia ser adotada, com alguns aperfeiçoamentos para os serviços de explorações. O tecido de fibra deveria ser embebido em parafina quente e depois passado na calandra ou posta na prensa, cobrindo-se em seguida com lona impermeável, tendo fechos como os de saco postal (*duffel-bag*).

Os sacos de viagem impermeáveis geralmente vendidos são de tecido muito frágil e em breve tornam-se imprestáveis. Deve-se utilizar um tipo mais resistente. O saco pequeno é muito bom para redes e para roupa, mas em regra o objeto de que se precisa está sempre no fundo dele!

Levamos conosco certo número de pequenas bolsas de algodão. Como o algodão é muito hidrófilo, eu as fiz

parafinar. Cada uma trazia sua etiqueta e meti-as todas num saco de lona. A leve mala de fibra, descrita linhas atrás, se fabricada nas dimensões apropriadas ao transporte por bestas cargueiras, dividida em compartimentos e abrigada por capa de lona, seria provavelmente a mais conveniente.

As caixas leves de aço, fabricadas na Inglaterra para os viajantes da África e da Índia, seriam de vantagem nas explorações da América do Sul. São à prova d'agua e de insectos; mas têm o inconveniente de ser caras.

Seria bom que cada viajante cubresse cada caixa destinada ao equipamento pessoal, calculando o limite de peso que poderia ela receber, de modo a poder ainda flutuar na agua. Com uma criteriosa distribuição dos objetos pesados e leves nos diferentes compartimentos, poderia ele ficar seguro de flutuarem seus pertences no caso de caírem na agua.

Nem sempre se pode conseguir boas selas nativas. São todas de formas grosseiras, com acolchoados espessos que ficam encharcados na estação chuvosa. Uma sela militar dos Estados Unidos, com cabeçada de tipo Whitman ou McClellan, seria positivamente uma delicia. Nenhuma das duas é acolchoada, sendo assim os tipos ideais para qualquer estação. O baixeiro regulamentar do exército é tambem aconselhavel como proteção ao lombo das bestas. O tropeiro deveria lavar com frequencia o baixeiro.

Para longas excursões em costas de bestas através de zona abundante em caça, convem ter na sela um coldre para carabina (tipo exército dos Estados Unidos) assim como bolsas de couro de um e outro lado, para cantil e copo. Com as grandes tropas de bestas de carga, perde-se

muito tempo, cada manhã, para se reunirem os animais que se afastaram pastando. Valeria a pena dar-lhes cedo uma pequena ração de milho, no acampamento, precedida de sons de campainha ou toque de buzina. As bestas, assim, se habituariam a ir procurar a ração, aproximando-se do acampamento quando ouvissem aquele sinal.

Todas as cordas que vi na América do Sul eram feitas de canhamo, com tres ramais, material rijo, proprio para cordame fixo, mas não para cadernal nem para uso em canoas. Cordas de quatro ramais, de fibra de bananeira de Mauilha, de primeira, feitas em New Bedford, Mass., é o que conviria ser levado. São as mais flexiveis e melhores do mundo, como qualquer velho baleeiro poderá atestar. Procure-se um marujo da velha guarda para sovar as *crocas* (*relay the coils*) antes de se seguir viagem, de modo que as cordas fiquem prontas para ser usadas. O diametro de 16 a 19<sup>mos</sup> é sufficiente. Alguns novelos de merlim e tambem linha de pescar, de linho, forte, completam o sortimento.

Deverá ser fornecido a cada homem da equipagem um sacco de lona para a rede, mosquiteiro, roupas e falheres; e uma pequena bolsa impermeavel para fumo, fosforos, etc. Cada homem só deverá ter um sacco, e todos os sacos devem ser numerados. De fato, cada peça de todo o equipamento deveria ser assim numerada, relacionando-se tudo em caderno especial.

O explorador deverá pessoalmente verificar se cada homem possui rede, mosquiteiro e poncho porque os nativos, se não forem fiscalizados, viajarão unicamente com a roupa do corpo.

*ALIMENTOS* — Embora a América do Sul seja rica em alimentos e em possibilidades alimentares, não

está ali resolvido o problema de se viver economicamente nas fronteiras da vida civilizada. Os preços taxados para os alimentos, nas zonas dos seringais onde passamos, eram de assombrar. Cinco mil réis (um dolar e meio) era pouco para uma galinha e ovos a quinhentos réis (quinze centavos) cada um, eram raridade. Comprava-se o açúcar à razão de um a dois mil réis o quilo — num país em que é abundante a cana de açúcar. O grande recurso é a farinha de mandioca. É o pão do interior, servido a cada refeição. Os natutais da terra põem-na sobre a carne e na sopa, e a misturam ao feijão e ao arroz. Quando nada mais têm, comem farinha aos punhados. Poucas vezes a cozinham. As pequenas raízes de mandioca, cozidas, são muito saborosas e substituem a batata. O feijão nacional é muito nutritivo e constitui um dos alimentos principais.

Em viagem, os cozinheiros nativos perdem muito tempo. Geralmente, são providos de vasilhame culinario inadequado, levando horas a cozinhar o feijão, após o trabalho diario; é claro que então é frequente ficar este apenas meio cozido. Deveria utilizar-se uma panela de aluminio, tipo holandês, de apito, com capacidade sufficiente para cozer feijão para o almoço e o jantar. O feijão deveria ser cozido durante a noite, sendo então apenas necessario aquecê-lo para o almoço e o jantar, que são as duas refeições de uso na América do Sul.

Quanto à carne, o seringueiro e o explorador ficam na dependencia de sua carabina e de seu anzol. Os rios estão cheios de peixes que podem ser facilmente apanhados e no Brasil as antas, capivaras, pacas, cotias, veados de duas ou tres variedades e duas de porcos selvagens, podem ser mortos ocasionalmente; e na sua maioria os macacos são tambem utilizados como alimento. Tartarugas e seus ovos podem ser obtidos na estação propria,

acrescendo uma variedade enorme de aves, algumas das quais deliciosas ao paladar e de muita carne. Em um clima quente e úmido a carne fresca não se conserva e até mesmo se estraga a carne salgada. Para a expedição Roosevelt organizei rações de um dia para cinco pessoas, arrumando-as numa lata; o grupo que desceu o rio da Dúvida, fez cada lata servir para seis pessoas, durante dia e meio, e, além disso, metade do pão ou bolachas foi dada aos camaradas. A introdução da ração diária do pão nestas latas aliviou o necessário para flutuarem, caso caissem à água.

Os pesos indicados para os alimentos são líquidos e em onças (1 onça = 28,35 grs). Cada ração diária completa, com a lata que a continha, pesava cerca de 12 kgs, 300 (27 libras). O excesso de 2 kgs, 300 (5 libras) sobre o peso líquido das rações era o da lata necessária à preservação dos alimentos. O peso dos componentes das rações diárias precisou ser subordinado, até certo ponto, ao volume dos pacotes e às latas em que o alimento na ocasião podia, com prazo limitado, ser adquirido no comércio. A firma Austin, Nichols, Co., de Nova York, que fornecera os víveres para a minha expedição polar, trabalhou noite e dia para *terminar a tempo a embalagem das rações.*

Havia sete combinações de alimentos no arranjo das latas, que eram numeradas de 1 a 7, de modo a cada lata ter dia determinado da semana para ser utilizada.

Além dos alimentos, cada caixa levava um retalho de musselina, duas caixas de fosforos, um pedaço de sabão e uma caixinha de sal de mesa. As latas foram protegidas contra a ferrugem por meio de esmalte, e encaixotadas para o transporte. Um número em tipo grande foi lançado em cada lata. As de n.º 1 foram encaixotadas isoladamente; as de n.º 2 e 3, 4 e 5, 6 e 7, foram emba-

## TABELA DE RAÇÕES:

RAÇÕES DIARIAS PARA 3 PESSOAS	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
Arroz . . . . .	16	—	16	—	—	16	—
Aveia . . . . .	—	13	—	—	13	—	13
Pão . . . . .	100	100	100	100	100	100	100
Bolachas para chá . . . . .	18	—	18	—	18	—	—
Bolachas de gengibre . . . . .	—	21	—	21	—	21	21
Batatas secas . . . . .	11	11	11	11	11	11	—
Cebolas secas . . . . .	—	5	5	5	5	5	—
Erbswurst . . . . .	—	8	—	8	—	8	—
Sopas secas . . . . .	6	—	6	—	—	—	6
Fenjo em conserva (baked) . . . . .	—	—	—	—	25	—	25
Leite condensado . . . . .	17	17	17	17	17	17	17
Toucinho defumado . . . . .	44	44	44	44	44	44	44
Rosbife . . . . .	—	56 ½	—	—	—	—	—
Carne assada (braised beef) . . . . .	—	—	55	—	—	—	56
Carne de conserva (corned beef)	—	—	—	70	—	—	—
Lingua de vaca . . . . .	—	—	—	—	78	—	—
Galinha em molho caril (curry) . . . . .	—	—	—	—	—	71 ¾	—
„ inteira . . . . .	61	—	—	—	—	—	—
Frutas secas . . . . .	—	5	—	5	5	—	5
Figos . . . . .	20	—	20	—	—	—	—
Tâmaras . . . . .	—	—	—	—	—	10	—
Açúcar . . . . .	32	32	32	32	32	32	32
Café . . . . .	10 ½	10 ½	16 ½	10 ½	10 ½	10 ½	10 ½
Chá da Índia . . . . .	5 ½	5 ½	5 ½	5 ½	5 ½	5 ½	5 ½
Sal . . . . .	4	4	4	4	4	4	4
Chocolate (doce) . . . . .	—	—	—	16	—	—	—

## CADA LATA CONTINHA TAMBEM:

Musselina, 1 metro . . . . .	1	1	1	1	1	1	1
Fosforos, caixas . . . . .	2	2	2	2	2	2	2
Sabão, 1 pedaço . . . . .	1	1	1	1	1	1	1

ladas aos pares. Nossa idéia era, nas viagens de canoa, de abrir os caixotes, mas não tive a oportunidade de pessoalmente verificar o manuseio desses caixotes de viveres. Tínhamos enviado todos eles pelos animais de carga para os que iam explorar o rio da Dúvida. A exploração do Papagaio, resolvida durante a viagem no altiplano de Mato Grosso, foi empreendida com o recurso exclusivo dos viveres nacionais. As latas de alimentos acima referidas foram utilizadas na descida do rio da Dúvida pelo ccl. Roosevelt, e também na conitiva que desceu o Gi-Paraná e o Madeira.

Leo Miller, o naturalista que tomou parte nesta segunda expedição, chegou a Manaus, no Brasil, quando eu ali estava: e, em resposta às minhas perguntas, informou que o alimento era bom e serviu de modo admirável, mas que os cozinheiros nativos tinham o hábito de abrir varias latas ao mesmo tempo, afim de satisfazerem suas preferencias individuais pelas iguarias diversas. O toucinho defumado era o artigo mais procurado. Um exame crítico mostrou que, para uma tarefa ardua como a exploração do rio da Dúvida, as provisões foram de certo modo volumosas. Um racionamento como o que empreguei em minhas excursões em trenó pelas regiões nórdicas, conteria mais elementos nutritivos sob menor volume. Poderíamos ter dispensado muito do superfluo. Mas a exploração do rio da Dúvida não havia sido prevista nem figurava no itinerario traçado em Nova York. A mudança de planos e a resolução de explorar aquele rio, surgiu no Rio de Janeiro, muito depois de nossas rações haverem sido organizadas e despachadas.

O mate, que é o chá do Brasil e do Paraguái, artigo de consumo em muitos estados da América do Sul, não

deverá ser esquecido. É uma bebida de valor. Com o seu auxilio um natural do país consegue produzir quantidade assombrosa de trabalho, com parca alimentação. Para o viajor fatigado ela é de efeito reconfortante.

O Dr. PECKOLT, célebre químico do Rio de Janeiro, comparou as análises do mate, do chá preto e do café, obtendo os resultados seguintes:

[Em 1.000 partes de:	Chá Verde	Chá Preto	Café	Mate
Oleos naturais . . . . .	7,50	0,66	0,41	0,01
Clorofilla . . . . .	22,20	16,14	13,66	62,00
Resinas . . . . .	22,20	34,10	13,66	20,69
Tanino . . . . .	178,09	128,80	16,89	12,25
ALCALOIDES:				
Mateina } . . . . .	4,50	4,30	2,06	2,50
Cafeína }				
Substancias extrativas . . . . .	461,00	536,00	270,67	233,63
Celulose e fibras . . . . .	175,60	263,20	176,83	190,00
Cinzas . . . . .	65,60	25,61	25,61	36,11

**MODO DE PREPARAR:** O mate prepara-se do mesmo modo que o chá da India, isto é, deitando-se sobre ele agua fervendo, dez a quinze minutos antes de o beber. Para se obter uma boa infusão são suficientes cinco colheres de mate para um litro de agua.

Ultimamente têm sido feitas algumas experiencias de uso do mate no exército alemão, e provavelmente seria uma bebida valiosa para uso de nossos proprios soldados.

Deverão ser fornecidos a cada membro da comitiva dois pratos e uma vasilha para beber, faca, colher e garfo.

A aparelhagem de rancho do exército americano conviria admiravelmente. A de cada camarada seria marcada com o número de seu correspondente saco de lona.

Uma bateria de cozinha de alumínio seria preferível pelo pouco peso, ou a panela de apito holandesa, atrás referida, e mais tres ou quatro caldeirões acomodados dentro dela; e um bule para café e chá, seriam bastantes. As colheres e garfos grandes para a cozinha, uma pequena maquina de moer carne e meia duzia de facas de esfoliar poderão todos ser levados na mala de fibra. Essa aparelhagem é geralmente veadida com os pratos, vasilhas para beber, etc., para a mesa. Como já foi dito, cada membro da expedição deverá levar seus objetos individuais para tomar as refeições. Não deve esta aparelhagem ser transportada com o conjunto geral de objetos de cozinha. Separando-se os utensilios culinarios, fica simplificado um dos problemas de hygiene e limpeza.

### ARMAS E MUNIÇÕES

Não é aconselhavel a carabina pesada. Os únicos animais que podem ser perigosos são a onça pintada e o porco do trato de queixo branco; um calibre 30-30 ou o 44 é suficiente para tais caças. As carabinas Winchester ou Remington de calibre 44 são as armas usadas geralmente em toda a América do Sul, e as munições para a 44 são as únicas que se podem obter com certeza em viagem. Cada qual tem sua preferencia por uma arma ou por outra, mas não ha vantagem em conduzir uma que pese de 4 quilos a 4 quilos e meio, quando um clavinote do peso de 3 quilos e 50 a 3 quilos e 400 grs. serve para o que for necessario. Pessoalmente prefiro a carabina de calibre reduzido, que pode ser usada tambem para as aves. A espingarda de tres canos, combinando o duplo cano para

chumbo com o terceiro cano rajado, é uma arma excelente, particularmente útil para os colecionadores de espécimes para a Historia Natural.

Acaba de aparecer no mercado uma nova arma que talvez dê bom resultado na América do Sul, onde existe tão grande variedade de caça. É uma espingarda de quatro canos, pesando apenas quatro quilos. Tem dois canos para chumbo, um rajado de calibre 30 a 44 e a barra de separação dos canos para chumbo é perfurada para atirar com um cartucho de carabina de calibre 22. Este último é particularmente apropriado para as grandes aves destinadas à panela, as quais uma bala calibrosa poderia despedaçar. A munição para o calibre 22 é também muito leve, e seu cano longo de grande alcance. A menos que na prática venha a mostrar-se complicado demais, parece boa arma para todos os casos; o calibre 16 a 20 é suficiente para os canos de chumbo.

Nunca será demais insistirmos na necessidade de se estar sempre provido de boas armas.

Depois da perda de todo nosso armamento nas cor-deiras, conseguimos quatro carabinas enferrujadas, em mau estado, que se mostraram imprestáveis. Perdemos três veados, uma anta e outras caças, desistindo por fim de utilizar aquelas armas; era preferível confiarmos na linha e anzol. Uma pistola automática de calibre 25 ou 30, para alto poder explosivo, cano de seis a sete polegadas, seria utilíssima para se ter sempre à cinta. Poderia ser usada para a caça grossa, sem ser por demais calibrosa para caça grande de penas. É de lamentar que nada exista no mercado com esses característicos.

Tivemos nossa munição de carabinas embalada pela U. M. C. Co., em caixas de zinco de cem balas cada uma, sendo as duas metades da caixa separadas por uma fita metálica, com anel de puxar. Os cartuchos de chumbo,

calibre 16, foram embalados do mesmo modo, 25 em cada caixa.

O explorador deverá ter sempre consigo uma bússola, uma bolsa leve impermeável com fósforos, uma caixa impermeável com sal e linha fina e resistente de linho ou seda muito leve e varios anzóis, um facão e uma arma automática para a cintura, e mais varios pentes de bala para aquella arma no bolso. Assim preparado, se por acaso perder o rumo por varios dias no mato (coisa que acontece comumente aos caçadores de seringueiras no Brasil), terá a possibilidade de obter caça ou peixes, construir abrigo e fazer fogo à noite.

### PEIXES

Para os peixes pequenos como o pacú e a piranha, um anzol comum para carpas é suficiente. Quanto à piranha, de dentes navalhantes, o anzol deve ter um longo estôpro de fio de bronze fosforado, que é o melhor, assim como para os peixes de maior porte, nos rios. Um anzol para tarpon serve para pescar a maioria dos grandes peixes fluviaes. Na pesca do pacú uma vara leve com carretel de enrolar seria conveniente. Costumávamos pescar esta última especie nos remansos, ao redor da canoa, sempre guardando alguns peixes para isca dos grandes. Usávamos como isca do pacú um angú de farinha de mandioca com agua, tal como fazem os naturais da terra. Não me surpreenderia se com moscas bem escolhidas fosse possível apanhar alguns dos peixes que de quando em quando vêm subir à tona e levar para o fundo algum infeliz insecto.

## INDUMENTARIA

Até mesmo o viajante traquejado comete o crime de levar excesso de bagagem quando chega a novo campo de ação. Coisas que julgávamos indispensáveis para as jornadas, se tornam ali em tranbolhos que aborrecem os seus camaradas e matam as suas bestas de carga. Quem com menos bagagem viajar melhor êxito alcançará. Em materia de roupas, o costume leve de verão que usamos para tratar de negocios em Nova York é o mais adequado na maior parte da América do Sul, antes de chegarmos às zonas do sertão.

É claro que as regiões de altas montanhas fazem exceção a essa regra, pois nelas são indispensáveis agasalhos. Uma roupa de *lino branco* ou de sua *côr natural* é muito cômoda. Para muda em tempo chuvoso, convem um terno de sarja azul, leve, sem forro.

É estranha a circumstancia de os sul-americanos gostarem dos colarinhos duros. Mesmo em Corumbá, o lugar mais quente que até hoje tenho encontrado, os naturais da terra julgam que não estão vestidos decentemente se não tiverem em roda do pescoço uma dessas rijas abominações. Uma camisa sem goma e leve, com colarinho separado ou pregado, também mole, é muito preferível.

Nas regiões das fronteiras da vida civilizada e para viajar nos rios, o pijama parece ser o traje conveniente tanto para o dia como para a noite. Varios ternos deles, de fazenda leve, deverão ser levados — quanto mais enfeitados e de mais belas cores, tanto maior admiração suscitarão ao longo do percurso.

Uma capa de borracha, leve, convem para o caso de tempo chuvoso e noites frescas. Tal capa, não deve ter, porém, as costuras de borracha coladas, pois se abririam

pela ação do calor e umidade do clima. Uma roupa azul a marinho e um par de chinelos macios completam o necessário para viagem de vapor.

Para viagens, duas ou tres camisas de lã fina, côm caqui, bolsos ao alto, com pestana abotoada; dois pares de calças caqui, compridas, dois pares de calções de montar, dois pares de perneiras, um paletó de corte militar, com quatro bolsos fechados, dois pijamas, lenços, meias, etc. são o de que se precisa. O poncho deve chegar abaixo dos joelhos, com um capuz bastante grande para cobrir o capacete. Não deve ter partes coladas; o material recentemente adotado no exercito dos Estados Unidos parece ser o melhor. Como calçado, o viajante precisa de dois pares de sapatões para caça, resistentes, de cano alto, em forma de borzeguins. Deveni-se levar pregos de cabeça larga para as solas, afim de serem colocados, no caso de marcha sobre terreno pedregoso.

É aconselhavel tambem o uso de botas de couro leve, cano até debaixo dos joelhos, para o acampamento, porque protegem as pernas e tornozelos das mordidas e ferroadas de insetos. O excursionista que entrar na América tropical, deve proteger a cabeça com um chapéu mole de abas largas, de carneira ventilada, ou com o melhor capacete de medula vegetal que puder ser obtido, capaz de abrigar o rosto e a nuca. A ventilação da carneira, quanto mais franca, melhor será. Esses capacetes podem ser obtidos no Rio ou em Buenos Aires.

Véus para a cabeça, com máscara de crina para o rosto, constituem a melhor proteção contra a praga dos insetos miudos. Geralmente são fabricadas em modelos pequenos, devendo o comprador tratar de conseguir um bastante grande para cobrir-lhe o capacete e descer até o peito. Alguns pares de luvas folgadas, de preferencia com punho longo, são necessarias contra os mosquitos-pólvora, piúns, e borrachudos que sugam o sangue a cada

picada e são legiões em muitos lugares da América do Sul. Um parassol impermeavel com cabo articulado de cerca de dois metros de comprimento, terminando em ponta, seria de auxilio positivo para o cientista em trabalho de campo. Uma guarnição de filó de malha fina arranjada para se prender nas bordas do parassol, torná-lo-ia à prova de insetos. Quando fechado, seu volume seria reduzido e seu peso insignificante. Tal parassol poderia ser fixado, com presilhas especiais, nas beiradas da canoa, formando assim um abrigo contra o sol e a chuva.

Pequenas coisas ha que, tendo simples utilidade, se convertem em indispensaveis e necessarias. No meu caso pessoal, isso aconteceu com uma pequena lanterna eléctrica de bolso, que levei para o fim de ler o vernier do teodolito ou do sextante nas observações de estrelas. Eu a usava, todas as noites, para varios fins. Onde os insetos são muito numerosos, é necessario procurarmos o abrigo da rede e do mosquiteiro logo após o jantar. Nessas occasiões, foi que verifiquei a grande utilidade da lanterna electrica. Recostado na rede, mantinha-a sob o braço esquerdo, e, com o diario, sobre as pernas, escrevia as minhas notas de viagem daquelle dia. Algumas vezes, lia à sua claridade suave e firme. Uma carga de bateria durava quasi um mês, com surpresa para mim. Quando eramos forçados a procurar um local para acampar, no escuro da noite, caso que succede a todo o viajante na zona tropical na estação chuvosa — sua luz nos era de grande auxilio. Não podia ser apagada, quer pela chuva quer pelo vento, e seu feixe luminoso era dirigido para a direção que conviesse. As cargas de pilhas secas devem ser calculadas na base de tres semanas de duração para cada uma.

A lâmpada de acetileno para iluminar o acampamento é um progresso sobre o lampião de querosene. Está verificado que, em igualdade de pesos, o carbureto dá mais

luz que o querosene ou a vela. O carbureto deverá ser acondicionado em pequenas latas, pois cada vez que uma seja aberta, parte do conteúdo que não for imediatamente utilizá-lo se transforma em gás, ao contacto do ar úmido.

### UTENSÍLIOS

A caixa de ferramentas deve levar tres ou quatro bons machados, varias foices e uma boa machadinha com cabeça de martelo e dispositivo de arrancar pregos. Além disso cada homem deve levar uma faca de cinto e um facão com bainha. Os melhores facões são os Collins. Os machados desta fábrica são tambem excelentes. A foice será de muita utilidade para cortar arbustos finos, cipós e mato rasteiro. É uma maravilha a rapidez com que um foiceiro perito pode limpar o terreno com uma dessas ferramentas. Todos, machados e foices, devem ter cabos de cerne de nogueira americana de primeira qualidade; e varios cabos de sobressalentes devem acompanhar as ferramentas. A lista destas deverá ser completada com um pequeno estojo contendo alicates, limas, verrunas, etc. — cujo carater, é claro, dependerá da habilitade mecanica do viajante e dos instrumentos científicos que levar consigo e que possam necessitar de concertos.

### INSTRUMENTOS TOPOGRAFICOS

A escolha dos instrumentos dependerá muito da natureza da tarefa empreendida. Se um levantamento á bússola for sufficiente, nada será preferível á prancheta para esboços, usada para reconhecimento na cavalaria do exército dos Estados Unidos. Manejada por mãos habéis, atinge á grande precisão conseguida pelo metodo

com prancheta de agrimensor (plane-table). Presta-se particularmente ao levantamento de rios, e, uma vez que nos habituemos a seu manejo, este se torna muito simples.

Se for preferida a hùssola prismatica, não se deve usar menor de 63 milímetros de diâmetro, pois nos tipos menores o magnetismo não tem força suficiente para mover o disco com bastante rapidez e exatidão.

Varias bússolas de holso devem ser levadas todas com agulha de bom comprimento, com a ponta norte bem marcada e os graus inscritos no metal. Se for preferido o disco flutuante, deve ele ser de aluminio e nunca menor de 63 milímetros, pela mesma razão acima indicada para a bússola prismática.

Não se devem poupar despesas para se conseguirem bússolas de boa qualidade, se assim for necessario. Evitem-se mostradores de papelão e estojos de couro, que absorvem umidade. A caixa da bússola deverá ser desmontavel, para limpeza e secagem.

O cronômetro normal, de regulação completa, devido à delicadeza de seu mecanismo, fica fora de questão em viagens por terrenos invios e pelos rios. Tínhamos conosco um cronômetro de dimensões reduzidas com mecanismo de meia-regulação (half-chronometer), recentemente oferecido pela Companhia Wathan como um cronômetro para hiates. Dava indicações da hora com surpreendente precisão nas condições mais contrarias. Lamentei perdê-lo na corredeira do Papagaio, quando nossas canoas afundaram.

Os relógios devem ser à prova d'agua, com estojos resistentes, devendo-se possuir varios. Seria bom ter-se uma dúzia de relógios baratos, porém bons; e o mesmo número de bússolas para uso no campo e para presente ou negccio no decorrer da viagem. O dinheiro perde o valor depois que se deixam as zonas povoadas. Eu ficava surpreso por ver que muitos pesquisadores de serin-

gais não estavam munidos de bússola, e um americano contou-me que se perdeu nas profundezas da grande floresta, onde durante dias se alimentou de carne de macacos que matava com sua carabina, até que conseguiu acertar a direção do rio. Não tinha ele bússola e não podia conseguir uma. Lamentei não possuir nenhuma para dar-lhe, pois perdera a minha na corredeira.

Para a determinação da latitude e da longitude, nada melhor do que um pequeno teodolito de 10 a 13 centímetros, de peso até 6 kg,800. Deverá ser provido de ocular prismática, de modo a não ser necessário ao observador cansar o pescoço nas observações de altitudes elevadas. Durante dias viajamos na direção do movimento do sol, com altitudes variando de 88° a 90°. O sextante de horizonte artificial não podia ser utilizado para essas elevadas altitudes; com ele ficávamos na dependência das observações estelares, dependência cheia de incertezas, devido às numerosas noites toldadas de nuvens.

### BARÓMETROS

O aneróide de leitura direta Goldsmith é o mais seguro dos instrumentos portáteis, devendo, é claro, estar aferido por um barômetro mercurial padrão, na última estação meteorológica por onde se passar.

### TERMOMETROS

Devem ser levados um termômetro de parede, com bulbos secos e úmidos, para determinação do grau higrométrico do ar, e outro de máxima e mínima, do tipo usado no serviço de sinalização ou posto meteorológico, com estojos de couro para proteção de ambos. Uma trena com

escala métrica numa face e na outra uma de pés e polegadas, é de muito valor. Duas caixas pequenas, à prova d'água, devem ser obtidas para acomodar os instrumentos científicos, cadernetas e roupas, com peso não excedentes à capacidade de flutuação. Nas viagens com animais de carga, essas duas caixas juntas formariam a carga de uma besta apenas.

### FOTOGRAFIAS

Da experiência adquirida em vários campos de exploração, parece-me que o viajante se deve limitar a uma pequena máquina que pode ter sempre consigo, levando uma duplicata da mesma em lata soldada, na bagagem. Essa duplicata não precisaria da lente e obturador de alto preço que terá a de serviço diário;  $3\frac{1}{4} \times 4\frac{1}{4}$  é boa dimensão, nada maior de  $3\frac{1}{4}$  a  $5\frac{1}{2}$  é aconselhável. Nós leváramos uma Kodak 3 A especial, que verificamos ser leve, forte e excelente. Parece-me que a máquina ideal seria a que fosse provida de um quadro frontal com amplitude suficiente para receber um bocal de rosca no qual se pudessem adaptar tres objetivas. Para a  $3\frac{1}{4}$  por  $4\frac{1}{4}$ :

- Uma objetiva de distancia focal de 4 a  $4\frac{1}{2}$ .
- Uma " " " " " 6 a 7.
- Uma " " " " " 9 por 12.

A câmara fotográfica seria constituída de metal e provida de obturador de plano focal e de focalizador direto. O aparelho e as objetivas deveriam caber em um estojo único, com alça de couro para se carregar; um filme extra acompanharia o conjunto, de modo a se poder trocar a objetiva sem perda de tempo. As chapas, é claro que seriam preferíveis, porém seu peso e fragilidade, além da dificuldade de manipulação, põem-nas fora de cogitação. Os filmes em carretel são os melhores,

pois os pack-films se grudam uns aos outros e os fechos estufam com o calor e umidade. Os filmes devem ser de seis películas, e cada rolo numa latinha com a tampa protegida por esparadrapo. Cada lata soldada deve conter doze rolos. *Em lugares onde o ar é saturado de umidade não se deve conservar um filme na câmara fotografica por mais de vinte e quatro horas.*

A revelação em cubas é a mais conveniente no serviço de campo; as cubas fornecidas pela Cia. Kodak são também as melhores para a fixação. Uma coleção delas, uma dentro da outra, será o melhor, ficando sempre uma reservada para a fixação. *De acordo com o que sugerem as instruções da Kodak, na zona tropical, deve ser utilizada uma cuba de grande capacidade para conter a mistura refrigerante de hipossulfito. A mesma cuba serviria para o banho fixador, após a revelação. Na estação chuvosa, é difícil secar os filmes. A revelação no acampamento, com agua de lavagem a 26.º6 centígrados é uma operação que nos põe a paciencia em prova. Ocorreu-me a idéia de que uma pequena bomba de ar, com um suprimento, com agua de lavagem a 26.º 5 centígrados é uma solver, talvez, o problema da conservação dos filmes, nas regiões tropicais. A bomba e o cloreto não seriam tão pesados nem tão volumosos quanto as cubas e os pós necessários à revelação. Com o auxilio da bomba e do cloreto, os filmes poderiam ser fechados em tubos de folha de flandres livres de umidade, e assim conservados até à chegada a uma cidade onde o ar fosse assaz seco e dispusesse de agua fria para a lavagem.*

Embora plenamente eu concorde com muitas das opiniões supra do sr. Fiala, algumas ha de que discordo; por exemplo, chegamos à firme convicção, descendo o rio

da Dúvida, onde a questão de volume era de grande importância, de que os filmes deviam servir para dez ou doze fotografias. Também duvido de que a espingarda de quatro canos seja prática, porém isso é questão de gosto individual.

## APÊNDICE C

### MINHA CARTA DE 1.º DE MAIO AO GENERAL LAURO MÜLLER

A primeira narração da expedição, feita por mim logo que cheguei a Manáus, foi o que abaixo se segue, tendo sido publicada no Rio de Janeiro quando chegou ao seu destino:

1.º de maio de 1914.

Ao Excelentíssimo sr. Ministro do Exterior

RIO DE JANEIRO

Meu caro general Lauro Müller

Desejo, em primeiro lugar, exprimir-lhe, assim como aos demais membros do governo brasileiro, o meu profundo reconhecimento, pois somente a generosa gentileza de todos tornou possível a Expedição Científica Roosevelt-Rondon desempenhar sua missão. Desejo igualmente manifestar minha alta admiração e estima ao coronel Rondon e seus auxiliares, que foram meus companheiros nesse trabalho de exploração. Em terceiro lugar, quero frisar que a obra que acabamos de realizar, só pode ser levada a cabo graças à perigosa e árdua tarefa da Comissão Telegráfica Brasileira, nos sertões inexplorados do oeste de Mato Grosso, durante os últimos sete anos.

Tivemos uma viagem penosa e um tanto arriscada, porém coroada de bom êxito. Nada menos de seis semanas precisamos para romper com perigos e fadigas em nossa rota, descendo um rio que parecia literalmente uma infundavel sucessão de corredeiras e saltos. Não vimos seres humanos durante quarenta e oito dias. Na passagem dessas corredeiras perdemos cinco das seis canoas com que partimos e tivemos de lamentar a morte de um de nossos melhores homens. Em resultado da fadiga, um dos nossos homens se portou de modo péssimo, furtando alimentos de seus companheiros e recusando-se a prestar quaisquer serviços; e, quando punido pelo sargento, assassinou-o a sangue frio, fugindo para a floresta. Tendo o cão do coronel Rondon se adiantado a ele numa caçada, foi flechado e morto por dois índios; e sua morte salvou, com toda a probabilidade, a vida de seu dono.

Fixamos no mapa um rio com cerca de 1.500 quilômetros de extensão, que corre exatamente do sul para o norte, do 13.º até o 3.º grau de latitude sendo ele o mais caudaloso afluente do Madeira.

Até agora seu curso superior era inteiramente desconhecido de quem quer que fosse; e seu curso inferior, embora conhecido durante anos pelos seringueiros, era totalmente ignorado pelos cartógrafos. As nascentes ficam entre 12.º e o 13.º graus de latitude sul e entre o 59.º e 60.º de longitude oeste de Greenwich.

Nele embarcamos na altura de 12.º 12' de latitude sul e 60.º 18' de longitude oeste. Depois todo o percurso foi feito e entre 60º e 61º de longitude oeste, aproximando-nos mais deste último meridiano aos 8º 15' de latitude. As primeiras corredeiras estavam em Navaité a 11º 44', e depois se tornaram seguidas, muito difíceis e perigosas de passar, até as que foram designadas com o nome do Sargento Paixão ali assassinado, aos 11º e 12'.

Aos 11.<sup>o</sup> e 23' o rio recebe pela esquerda o rio Kermit. Aos 11<sup>o</sup> 22' o Marciano Ávila desemboca pela direita. Aos 11<sup>o</sup> 18' o rio Taunay entra pela esquerda. Aos 10<sup>o</sup> 58' o rio Cardoso chega pela direita.

O primeiro seringueiro apareceu aos 10<sup>o</sup> 24'. O rio Branco desemboca pela esquerda, aos 9<sup>o</sup> 38'.

Acampamos aproximadamente na linha divisória de Mato Grosso com o Amazonas, aos 8<sup>o</sup> 49'.

A confluência com o alto Aripuanã, que vem pela direita, fica aos 7<sup>o</sup> 34'. A foz deste no Madeira está a 5<sup>o</sup> 30'. A corrente que descemos é a que nasce a maior distancia da embocadura e a direção geral de seu curso é quasi rumo Norte.

Meu prezado senhor, agradeço-lhe do fundo do coração, pela oportunidade que me proporcionou de tomar parte nestes meritorios trabalhos de exploração.

Com alta consideração e respeito, creia na estinia muito sincera de

TEODORO ROOSEVELT

*\* Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em março de 1944.*



Mapa delineando a viagem de Coronel Roosevelt e membros de sua comitiva, através da America do Sul.

90° 80° 70° 60° 50° 40° 30° 20°





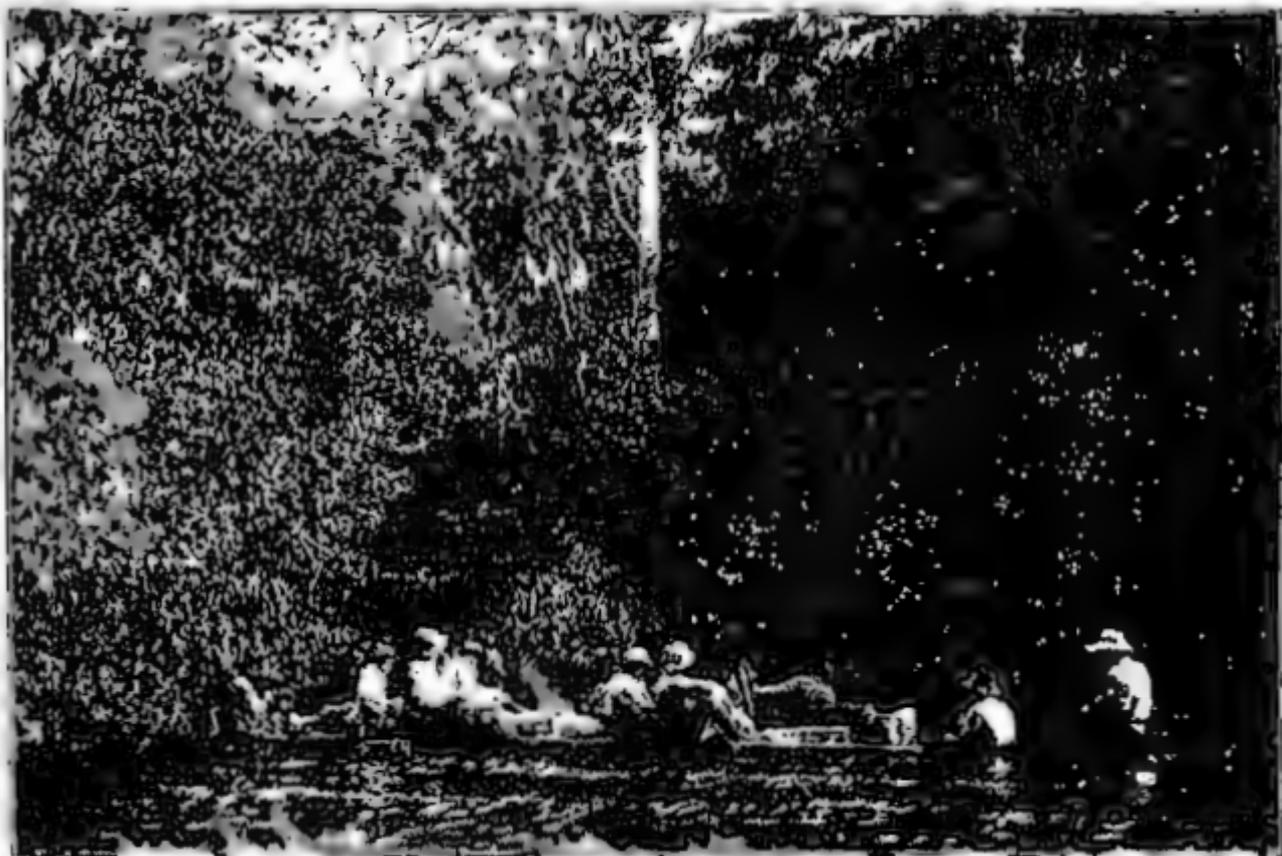
O Coronel Roosevelt, em companhia do Coronel London, junto a uma  
anta por ele caçada.



A Cachoeira do Uirapiti



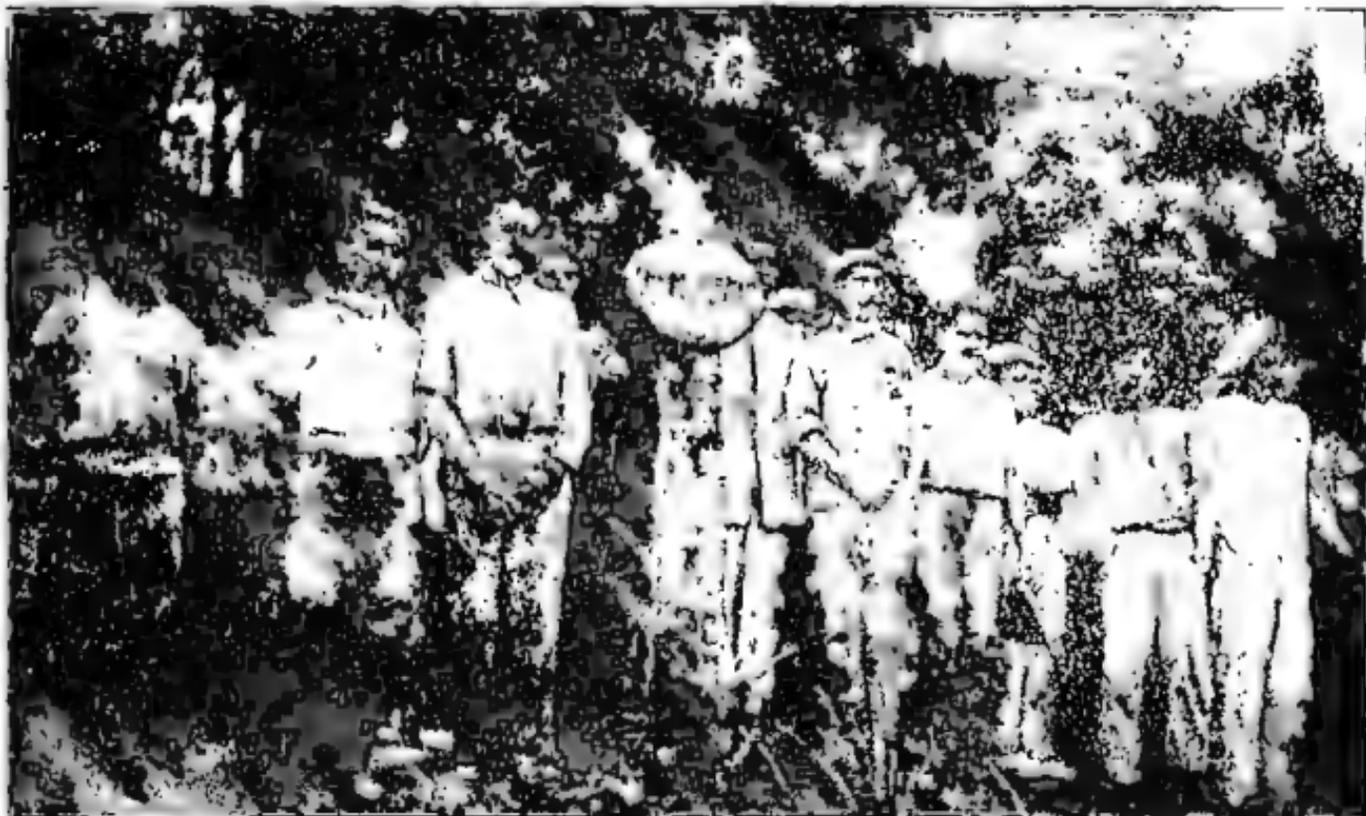
Um grupo de nambicurus, encontrados no Juruena, satisfeitos por tornarem a ver o Coronel Rondon, mostram-se muito dados e amistosos.



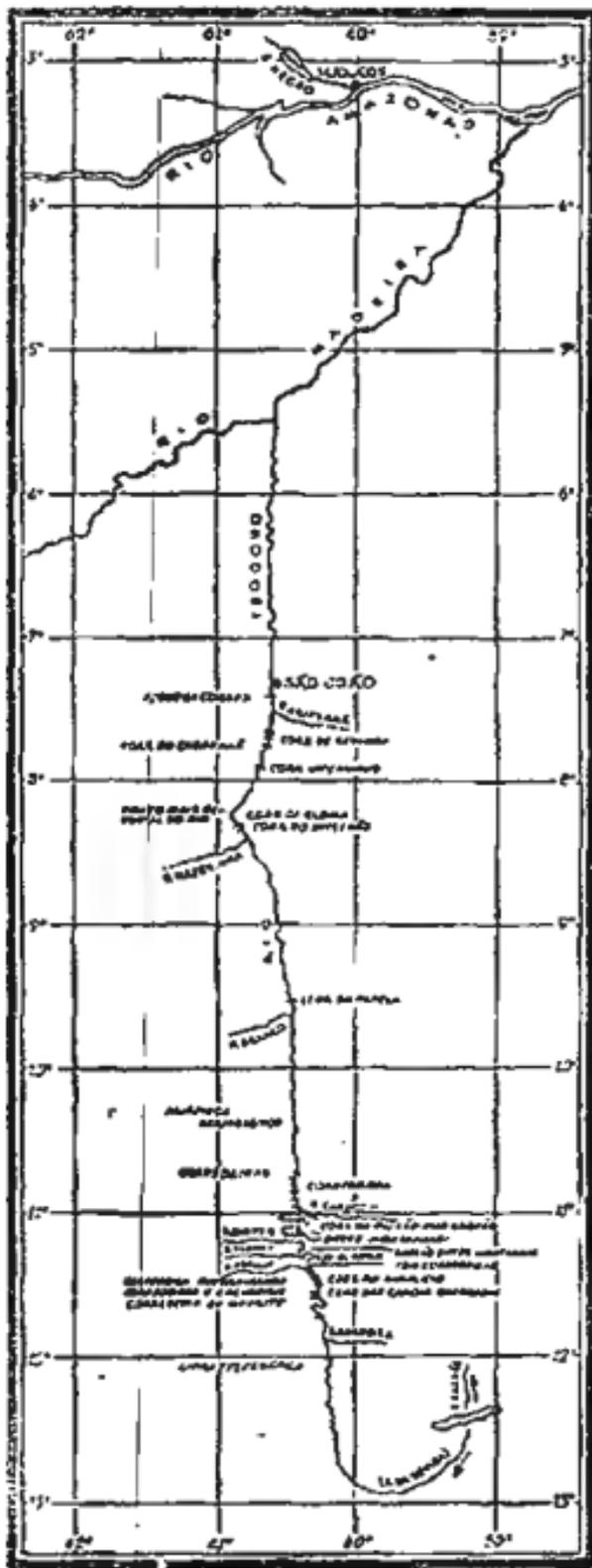
A canoa do Coronel Roosevelt e Coronel Rondon na desembocadura do Rio Bardeira.



Um leito de troncos de arvores deitados era improvisado, através da mata, para conduzir as canoas.



Os camaradas reunidos em torno do monumento erguido pelo Coronel Rondon.



Mapa do Rio da Duvida, denominado Roosevelt e subsequentemente Rio Teodoro por indicação do Governo Brasileiro.